



Plano de Gestão Florestal para Povoamentos de Eucalipto Clonais no Sul do País

Célia Patrícia de Brito Castro Barbosa

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em
Engenharia Florestal e dos Recursos Naturais

Orientador: Maria Margarida Branco de Brito Tavares Tomé

Coorientador: Susana Miguel Barreiro

Júri:

Presidente: Doutora Maria Helena Reis de Noronha Ribeiro de Almeida, Professora Associada do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa

Vogais: Doutora Maria Margarida Branco de Brito Tavares Tomé, Professora Catedrática do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa

Doutor Pedro César Ochôa de Carvalho, Professor Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa

RESUMO

Este relatório aborda o relato da experiência e atividade profissional do autor, desenvolvendo um conjunto de temas com uma profundidade técnica e científica relevantes na área científica do mestrado, comprovando as suas competências em áreas como a gestão da produção de eucalipto, gestão da biodiversidade, modelos de produção, entre outros.

O relatório diz respeito a um Plano de Gestão Florestal (PGF), para o património sob gestão da empresa EGLON – TIMBERS, S.A, com uma área de 2.598 hectares e localizado na sua totalidade no sul de Portugal (distritos de Beja e Faro), sendo que 83% da área diz respeito a espaços florestais ocupados por eucalipto, a grande maioria de origem clonal e em primeira rotação para produção de lenho para pasta celulósica.

Para além da informação exigida pelas normas técnicas de elaboração dos PGF, inclui-se neste relatório uma abordagem quantitativa de apoio à decisão através da utilização de modelos de produção (SOP e GLOBULUS 3.0) para projeção da produção futura e também um programa de gestão da biodiversidade que pretende cumprir com a norma FSC® de gestão florestal para Portugal, nomeadamente no que diz respeito aos requisitos específicos dos princípios de impacte ambiental e manutenção de Florestas de Alto Valor de Conservação.

Palavras-chave: PGF, eucalipto, modelos de produção, biodiversidade, FSC®

SUMMARY

This report addresses the record of the author's experience and professional activity, developing a set of topics with scientific relevance and technical depth corresponding to the requirements of the master's degree, and in so doing giving evidences of the author's skills in areas such as eucalyptus management, biodiversity management, growth models, among others.

The report stems from the Forest Management Plan (FMP) for EGLON – TIMBERS company, which manages an area of 2,598 hectares entirely located in the south of Portugal (Beja and Faro districts), 83% of which is occupied by eucalyptus, the vast majority of clonal origin in the first rotation for wood pulp production.

In addition to the information required by FMP technical standards, this report includes a quantitative approach for decision support by using growth models (SOP and GLOBULUS 3.0) to predict future production as well as a biodiversity program aligned with the FSC® standards for forest management in Portugal, with special focus on specific environmental impact requirements and High Value Conservation Forests principles.

Keywords: FMP, eucalyptus, growth models, biodiversity, FSC®

EXTENDED ABSTRACT

This report addresses the record of the author's experience and professional activity, developing a set of topics with scientific relevance and technical depth corresponding to the requirements of the master's degree, and in so doing giving evidences of the author's skills in areas such as eucalyptus management, biodiversity management, growth models, among others. The report stems from the Forest Management Plan (FMP) for EGLON – TIMBERS company, which manages an area of 2,598 hectares entirely located in the south of Portugal (Beja and Faro districts), 83% of which is occupied by eucalyptus, the vast majority of clonal origin in the first rotation.

The commercial use of eucalyptus for the pulp industry is EGLON's main activity; this means that most of the existing forest stands will be managed for production. However, besides this objective, the management of forest areas will cover more than pure forestry and will have a more broad management of forest resources, which also includes the existence of an active intervention for the conservation and protection of existing natural values.

Taking this into consideration, and including the social framework of land and the technical and legal constraints, the following objectives were addressed for the management of the forest areas: to promote the economic enhancement and the conservation and sustainable use of natural resources; to promote responsible forest management and certification of both forest management and products; to adapt forest management to habitats, fauna and flora conservation objectives; to protect and prevent the forest areas from the threats from forest fires, pests and diseases.

In addition to the information required by FMP technical standards, this report includes a quantitative approach for decision support by using growth models (SOP and GLOBULUS 3.0) to predict future production as well as a biodiversity program aligned with the FSC® standards for forest management in Portugal, with special focus on specific environmental impact requirements and High Value Conservation Forests principles.

The results obtained from the growth models indicate that the mean annual increment (MAI) of 10 years old eucalyptus may range from 8.8 to 10.5 m³/ha/year, with the highest MAI obtained via the SOP model for regions with high growth potential. Even though the stands are located in a low productivity region, the final harvesting plan in this report used the parameters of SOP for a high growth potential, since the volumes and historical growth of the same eucalypt clones are closer to the projections obtained with this scenario. The data obtained allowed for a harvesting plan where the areas and volumes to exploit over the years were standardized (about 214 hectares of eucalyptus/year and about 22,700 m³ of wood without bark/year).

The overall objectives for the protection and conservation areas basically consist of the recovery and protection of native riparian vegetation by removing exotic species and/or the reintroduction of native species, from the perspective of maintaining the ecological conditions and promoting infiltration and fire prevention.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
DOCUMENTO DE AVALIAÇÃO	2
1. Enquadramento Territorial.....	2
2. Caracterização biofísica da propriedade.....	4
2.1. Relevo e Altimetria	4
2.2. Hidrografia.....	7
2.3. Clima	10
2.4. Solos	11
2.5. Flora, Fauna e Habitats.....	13
2.5.1. Flora e Vegetação	14
2.5.1.1. Regiões biogeográficas	14
2.5.1.2. Classificação ecológica	15
2.5.1.3. Vegetação potencial.....	16
2.5.1.4. Listagem de espécies de flora existente	17
2.5.2. Fauna.....	19
2.5.3. Habitats.....	20
2.6. Pragas, doenças e infestantes.....	23
2.7. Incêndios florestais, cheias e outros riscos naturais	25
3. Regimes legais específicos	28
3.1. Restrições de utilidade pública	28
3.2. Instrumentos de planeamento florestal	30
3.2.1. Enquadramento no PROF	30
3.2.2. Enquadramento no PMDFCI	31
3.3. Instrumentos de gestão territorial	33
3.3.1. Enquadramento no PDM	33
3.3.2. Enquadramento nos Planos de Ordenamento de Áreas Protegidas	34
3.3.3. Outros ónus relevantes para a gestão	37
3.3.3.1. Programas de incentivos.....	37
3.3.3.2. Zonas de Caça	38
4. Caracterização dos recursos.....	39
4.1. Infraestruturas florestais.....	39
4.1.2. Faixas de Gestão de Combustível (FGC)	39
4.1.1. Rede viária florestal	41
4.1.3. Pontos de água.....	41
4.2. Caracterização socioeconómica das áreas sob gestão	43
4.2.1. Função de produção.....	44
4.2.2. Função de proteção.....	44
4.2.3. Função de conservação	45
4.2.4. Criação de emprego	46

MODELO DE EXPLORAÇÃO	47
1. Caracterização e objetivos da exploração	47
1.1. Caracterização dos recursos	47
1.1.1. Caracterização geral.....	47
1.1.2. Compartimentação das propriedades	48
1.1.3. Componente florestal.....	49
1.1.4. Componente silvopastoril	51
1.1.5. Componente apícola.....	51
1.2. Projeção da produção lenhosa futura de eucalipto	51
1.2.1. Modelo de produção GLOBULUS 3.0	51
1.2.1. Modelo de produção SOP	53
1.2.3. Plano geral de exploração florestal	53
1.3. Definição dos objetivos da exploração	54
2. Adequação ao PROF	54
3. Programas operacionais.....	55
3.1. Programa de gestão da biodiversidade	55
3.1.1. Identificação das Florestas de Alto Valor de Conservação.....	55
3.1.2. Orientações de gestão para os valores naturais – Áreas de conservação e proteção.....	61
3.1.3. Orientações de gestão para os valores naturais – Espécies faunísticas.....	65
3.1.4. Monitorização das áreas de conservação e proteção.....	66
3.1.5. Gestão preconizada para as áreas de conservação e proteção.....	67
3.1.6. Compatibilização das intervenções nos eucaliptais com conservação da biodiversidade	68
3.2. Programa de gestão da produção lenhosa.....	69
3.2.1. Modelo de silvicultura do eucalipto para produção de lenho para pasta celulósica	69
3.2.2. Modelo de silvicultura do pinheiro bravo para produção de lenho (perpetuidade)	76
3.3. Programa de gestão suberícola	76
3.4. Programa de infraestruturas	77
3.4.1. Rede viária florestal.....	77
3.4.2. Faixas de Gestão de Combustível (FGC)	79
3.5. Gestão florestal preconizada	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	82
ANEXO I – Mapa de localização das propriedades	85
ANEXO II – Organização da gestão e zonamento funcional	86
ANEXO III – Caracterização dos povoamentos atualmente existentes.....	90
ANEXO IV – Resultados das projeções de volume com modelos SOP e GLOBULUS 3.0	92
ANEXO V – Contribuição do PGF para os objetivos do PROF	96
ANEXO VI – Fichas de caracterização das áreas de conservação e de proteção.....	98
ANEXO VII – Fichas de caracterização das espécies faunísticas com estatuto “Ameaçado”	104
ANEXO VIII – Calendarização e especificação das operações nas áreas de conservação	109
ANEXO IX – Calendarização de todas as intervenções florestais.....	114

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Número de UG por classe de dimensão.	2
Figura 2. Mapa com distribuição da área da EGLON por região PROF.	2
Figura 3. Mapa com carta hipsométrica.	5
Figura 4. Distribuição da área da EGLON por classes de altitude.	5
Figura 5. Distribuição da área da EGLON por classes de declive.	6
Figura 6. Distribuição da área da EGLON por classes de exposição.	7
Figura 7. Distribuição da área da EGLON por Bacia hidrográfica	8
Figura 8. Bacias hidrográficas e rios principais.	8
Figura 9. Recursos hídricos.	9
Figura 10. Diagramas ombrotérmicos das áreas sob gestão.	10
Figura 11. Classificação de solos FAO.	12
Figura 12. Classificação ecológica das áreas sob gestão.	15
Figura 13. Algumas das espécies mais comuns nas propriedades da EGLON	17
Figura 14. Algumas espécies com interesse científico presentes nas propriedades da EGLON.	18
Figura 15. Mapa com localização das áreas sob gestão na Rede Natura 2000	20
Figura 16. Habitats presentes.	23
Figura 17. Algumas espécies exóticas presentes nas propriedades da EGLON	24
Figura 18. Extrato da Carta de Risco de Incêndio Florestal (CRIF, 2011)	25
Figura 19. Distribuição da área sob gestão pelas classes de risco de incêndio.	26
Figura 20. Total de área e n.º de UG ardidas no período de 1990 – 2013 (ICNF).	26
Figura 21. Mapa com Índice de Suscetibilidade à Desertificação.	27
Figura 22. Prospeção arqueológica na Torre da Atalaia na UG Vale da Torre.	30
Figura 23. Mapa da área sob gestão por região PROF e sub-região homogênea.	31
Figura 24. Mapa de localização das parcelas do projeto AGRO.	38
Figura 25. Charca em Balsinhas.	42
Figura 26. Distribuição das áreas sob gestão por função.	43
Figura 27. Volume de emprego expectável para o período de 2014 a 2027.	46
Figura 28. Distribuição da área de estudo por espécie.	48
Figura 29. Distribuição dos povoamentos de eucalipto por classe de idade e rotação.	48
Figura 30. Esquema de compartimentação das propriedades.	49
Figura 31. Apiários em Balsinhas.	51
Figura 32. Projeções do AMA dos povoamentos de eucalipto (GLOBULUS 3.0)	52
Figura 33. Projeções do AMA dos povoamentos de eucalipto para duas regiões distintas (SOP).	53
Figura 34. Produção de rolaria de eucalipto para o período de 2014 a 2027.	54
Figura 35. Delimitação de FAVC segundo a metodologia da PROFOREST.	56
Figura 36. Delimitação da FAVC da Torre da Atalaia.	58
Figura 37. Fotografia do ninho e da Águia de Bonelli em voo e delimitação da respetiva FAVC.	59
Figura 38. Fotografia da albufeira da Bravura e delimitação da respetiva FAVC.	60

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Identificação e inserção administrativa da exploração florestal.	3
Tabela 2. Recursos hidrológicos existentes na área de estudo.	9
Tabela 3. Caracterização climática de cada estação climatológica.	10
Tabela 4. Classificação fitoedafoclimática.	16
Tabela 5. Flora e recursos silvestres presentes em cada região PROF.	18
Tabela 6. Espécies de vertebrados potencialmente presentes nas áreas sob gestão.	19
Tabela 7. Habitats presentes nas áreas sob gestão.	22
Tabela 8. Identificação das infestantes nas áreas sob gestão.	23
Tabela 9. Restrições de utilidade pública identificadas para a área de estudo.	28
Tabela 10. Parcelas do projeto AGRO 3.1- n.º 2005.71.0016766.	38
Tabela 11. Zonas de Caça na área sob gestão.	39
Tabela 12. Rede de pontos de água identificada.	42
Tabela 13. Espaços florestais com função PRODUÇÃO.	44
Tabela 14. Espaços florestais com função PROTEÇÃO.	45
Tabela 15. Espaços florestais com função CONSERVAÇÃO.	46
Tabela 16. Uso atual do solo para as propriedades em análise.	47
Tabela 17. Espécies presentes nos espaços florestais das áreas sob gestão.	47
Tabela 18. Altos Valores de Conservação preconizados na metodologia PROFOREST	57
Tabela 19. Áreas de Conservação e Proteção da UGF.	62
Tabela 20. Caracterização das áreas de conservação e proteção identificadas.	64
Tabela 21. Vertebrados com o estatuto de conservação de “Ameaçado”	66
Tabela 22. Medidas de compatibilização nos eucaliptais com a conservação da biodiversidade.	69
Tabela 23. Modelo de silvicultura do eucalipto para produção de lenho para pasta celulósica.	70
Tabela 24. Critérios de apoio à decisão sobre a escolha do método de mobilização do solo	71
Tabela 25. Programa de gestão suberícola.	76
Tabela 26. Programa de gestão das faixas de gestão de combustível.	79

LISTA DE ABREVIATURAS

AAVC – Atributos do Alto Valor de Conservação
AVC – Alto Valor de Conservação
CDDR - Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional
CITES – Convenção Internacional do Comércio da Fauna e Flora em Perigo de Extinção
EP – Estradas de Portugal
FAO – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
FAVC – Floresta de Alto Valor de Conservação
FGC – Faixa de Gestão de Combustível
FSC® - Forest Stewardship Council®
ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas
IFN – Inventário Florestal Nacional
IGP – Instituto Geográfico Português
INMG – Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica
ITTA – Acordo Internacional sobre Madeiras Tropicais
MDT – Modelo Digital do Terreno
PANCD – Programa de Ação Nacional de Combate à Desertificação
PDM – Plano Diretor Municipal
PGF – Plano de Gestão Florestal
PMDFCI – Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios
POAB – Plano de Ordenamento da Albufeira de Bravura
PROF – Plano regional de Ordenamento Florestal
RAMSAR – Convenção das Zonas Húmidas com interesse internacional para as aves aquáticas
RAN – Reserva Agrícola Nacional
REN – Reserva Ecológica Nacional
RVF – Rede Viária Florestal
SIC – Sítio de Importância Comunitária
UG – Unidade de Gestão
ZPE – Zona de Proteção Especial

INTRODUÇÃO

O presente Plano de Gestão Florestal (PGF) diz respeito a um conjunto de propriedades situadas no sul do País, património da EGLON – TIMBERS, com uma área de 2.598 hectares, sendo a maior parte dos espaços florestais ocupados por eucalipto de origem clonal para produção de lenho para pasta celulósica.

O material vegetal existente nas plantações de eucalipto é procedente de plantas selecionadas no sul de Espanha, no âmbito do programa de melhoramento genético da ENCE. A utilização de combinações genotípicas desejáveis, de elevada adaptabilidade na região, aliada a uma gestão adequada, permitiu obter povoamentos com grande homogeneidade, maior produção de madeira e de melhor qualidade e redução da idade de exploração.

Este PGF procura regular no tempo e no espaço as intervenções de natureza cultural e/ou de exploração e visa a produção sustentada de bens ou serviços, determinada por condições de natureza económica, social e ecológica. Pretende igualmente cumprir com a norma FSC® de gestão florestal para Portugal, nomeadamente no que diz respeito aos requisitos específicos de identificação dos valores naturais existentes, de forma a adaptar a gestão florestal à sua presença e manter ou melhorar o estado de conservação dos seus atributos.

A necessidade deste instrumento de planeamento surge, não só enquadrada na missão e objetivos da EGLON, mas também porque:

- As características próprias dos espaços florestais sob gestão, juntamente com a assumida preocupação com os aspetos ambientais e de conservação da biodiversidade a eles associados, bem como as suas apetências para a multifuncionalidade, obrigam à existência de uma gestão planeada e que dê resposta às políticas e objetivos definidos;
- A gestão planeada dos espaços florestais é a melhor forma de garantir a sua conservação, exploração sustentável e continuidade;
- Ao nível da propriedade florestal, o instrumento de operacionalização, integrador de todas as orientações e condicionantes presentes nos inúmeros instrumentos de ordenamento do território, de âmbito nacional, sectorial e regional é o PGF.

Sendo um PGF uma ferramenta de orientação e de suporte à gestão e estando a atividade florestal sujeita à influência direta dos fatores bióticos e abióticos e variações de mercados dos produtos gerados, propõe-se a sua revisão com uma periodicidade trienal para actualização das operações realizadas, assim como a sua própria calendarização. As revisões do Plano de Gestão Florestal irão, pelo menos, incorporar:

- Alterações nas condições ambientais, sociais e económicas;
- Os resultados da monitorização do crescimento e da dinâmica da floresta;
- Informação científica ou técnica relevante.

DOCUMENTO DE AVALIAÇÃO

1. Enquadramento Territorial

O património florestal em análise localiza-se na sua totalidade no sul de Portugal (distritos de Beja e Faro) e é constituído por 40 Unidades de Gestão (UG) com uma área total de 2.598 hectares, distribuído pelos concelhos de Aljezur, Monchique, Odemira, Serpa, Almodôvar e Portimão. A propriedade com menor dimensão tem 6,14 hectares e a de maior dimensão tem 508,57 hectares (Figura 1).

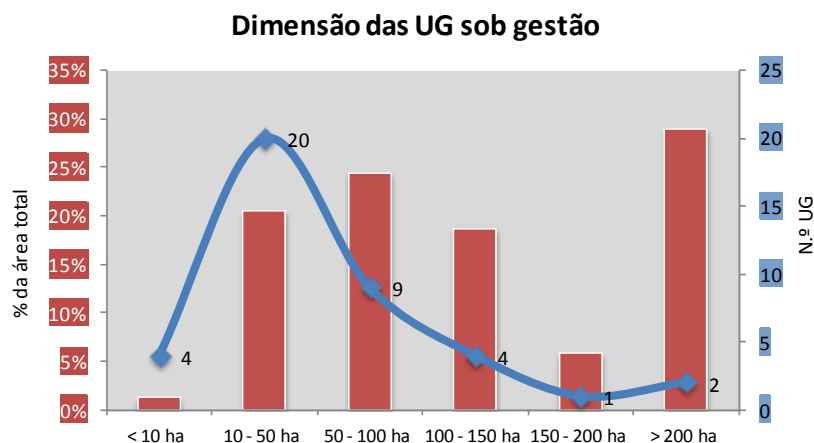


Figura 1. Número de UG por classe de dimensão.

O Plano Regional de Ordenamento Florestal (PROF) do Algarve estabelece as orientações para 27 UG da EGLON, representando 63% da área total sob gestão (Figura 2). Com cerca de 20% da área total (9 UG), temos a região do Alentejo Litoral, e com menos representação aparece a região PROF do Baixo Alentejo (17%, com 4 UG).



Figura 2. Mapa com distribuição da área da EGLON por região PROF.

A Tabela 1 apresenta a identificação e inserção administrativa de todos os 97 prédios rústicos abordados no presente PGF.

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIIS NO SUL DO PAÍS

Tabela 1. Identificação e inserção administrativa da exploração florestal.

UG	Nome Prédio	Distrito	Concelho	Freguesia	Artigo	Seção	Tipo	Área SIG (ha)	Área finanças (ha)
Balsinhas	Vale da Muda	Faro	Aljezur	Aljezur	106	BC	Rústico	58,10	58,38
Balsinhas	Poldra	Faro	Aljezur	Aljezur	27	BF	Rústico	4,77	4,73
Balsinhas	Seixo	Faro	Aljezur	Aljezur	24	BF	Rústico	7,19	7,33
Balsinhas	Vale da Muda	Faro	Aljezur	Aljezur	1	BD	Rústico	79,46	79,75
Balsinhas	Monte Novo da Serra	Faro	Aljezur	Aljezur	202	AU	Rústico	9,01	9,00
Balsinhas	Balsinha	Faro	Aljezur	Aljezur	11	BD	Rústico	23,05	23,15
Balsinhas	Balsinha	Faro	Aljezur	Aljezur	4	BD	Rústico	26,70	26,75
Balsinhas	Balsinha	Faro	Aljezur	Aljezur	3	BD	Rústico	21,30	21,65
Balsinhas	Balsinha	Faro	Aljezur	Aljezur	2	BD	Rústico	46,70	46,75
Balsinhas	Corpo da Umbria de Baixo	Faro	Aljezur	Aljezur	5	BD	Rústico	24,93	24,80
Balsinhas	Courela das Quelhinhas	Faro	Aljezur	Aljezur	6	BD	Rústico	53,99	54,89
Balsinhas	Seixo	Faro	Aljezur	Aljezur	23	BF	Rústico	2,41	2,30
Balsinhas	Formangola	Faro	Aljezur	Aljezur	45	BC	Rústico	4,69	4,40
Balsinhas	Formangola	Faro	Aljezur	Aljezur	46	BC	Rústico	8,23	7,75
Balsinhas	Vale da Muda	Faro	Aljezur	Aljezur	44	BC	Rústico	3,73	3,53
Balsinhas	Formangola	Faro	Aljezur	Aljezur	43	BC	Rústico	2,88	3,00
Balsinhas	Alcaria	Faro	Aljezur	Aljezur	114	BC	Rústico	22,65	23,09
Balsinhas	Formangola	Faro	Aljezur	Aljezur	26	BC	Rústico	26,69	26,97
Balsinhas	Cerro das Pedras	Faro	Aljezur	Aljezur	174	AU	Rústico	0,86	0,80
Balsinhas	Hortas da Ribeira	Faro	Aljezur	Aljezur	156	AU	Rústico	0,29	0,25
Balsinhas	Formangola	Faro	Aljezur	Aljezur	65	AV	Rústico	28,63	29,35
Balsinhas	Formangola	Faro	Aljezur	Aljezur	64	AV	Rústico	51,90	52,24
Balsinhas	Caroteiros	Faro	Aljezur	Aljezur	112	AU	Rústico	0,35	0,35
Balsinhas	Urbano	Faro	Aljezur	Aljezur	1749		Urbano	0,04	0,0354
Balsinhas	Urbano	Faro	Aljezur	Aljezur	4155		Urbano	0,02	0,0092
Herdade da Cascalheira	Cascalheira ou Giralvão	Faro	Aljezur	Aljezur	73	AF	Rústico	70,30	70,35
Mourão	Mourão	Faro	Aljezur	Aljezur	10	BD	Rústico	75,05	75,50
Nevoeira	Nevoeira	Faro	Aljezur	Aljezur	73	AV	Rústico	25,04	25,11
Barranco do Cão e da Galé	Barranco do Cão e da Galé	Faro	Aljezur	Odeceixe	45	T	Rústico	34,42	34,23
Barranco do Cão e da Galé	Barranco do Cão	Faro	Aljezur	Odeceixe	44	T	Rústico	37,48	37,84
Vale da Torre	Vale da Torre	Faro	Aljezur	Odeceixe	140	P	Rústico	49,54	51,59
Vale da Torre	Vale da Torre	Faro	Aljezur	Odeceixe	161	P	Rústico	33,79	32,11
Eira da Palha	Eira da Palha	Beja	Almodovar	S. Barnabé	2	M	Rústico	25,77	25,93
Pomar	Pomar	Beja	Almodovar	S. Barnabé	66	k	Rústico	74,77	76,25
Pomar do Varela Sul	Pomar do Varela Sul	Beja	Almodovar	S. Barnabé	17	L	Rústico	49,91	50,23
Pomar do Varela sul	Foz do Carvalho	Beja	Almodovar	S. Barnabé	222	N	Rústico	13,70	13,85
Pomar do Varela sul	Foz do Carvalho	Beja	Almodovar	S. Barnabé	224	N	Rústico	31,65	31,05
Barranco do Carvalho	Barranco do Carvalho	Faro	Monchique	Alferce	5	C	Rústico	10,41	10,26
Choça	Choça ou Montinho - Lageado	Faro	Monchique	Alferce	3	BM1-BM2	Rústico	95,20	96,03
Choça	Foz do Carvalho	Faro	Monchique	Alferce	2	BM1-BM2	Rústico	20,92	20,74
Fornalha	Fornalha	Faro	Monchique	Alferce	32	CH	Rústico	25,82	25,58
Fornalha	Ferrinhão	Faro	Monchique	Alferce	31	CH	Rústico	5,20	5,27
Barradas	Barradas	Faro	Monchique	Marmelete	13	BV	Rústico	25,12	25,00
Barradas	Três Figos	Faro	Monchique	Marmelete	12	BV	Rústico	23,07	22,93
Barradas	Horta das Nogueiras	Faro	Monchique	Marmelete	23	BV	Rústico	1,79	1,78
Barradas	Urbano	Faro	Monchique	Marmelete	694		Urbano	0,02	0,0196
Barranco da Madeira	Barranco da Madeira	Faro	Monchique	Marmelete	111	BS	Rústico	9,87	9,58
Besteiros	Relva Grande - Besteiro	Faro	Monchique	Marmelete	2	R	Rústico	26,99	27,40
Brejo Fundo	Brejo Fundo - Barranco da Madeira	Faro	Monchique	Marmelete	2	BS	Rústico	10,64	10,43
Cabanas	Cabanas	Faro	Monchique	Marmelete	5	CC	Rústico	13,31	13,05
Cotofo	Cotofo	Faro	Monchique	Marmelete	50	BU	Rústico	33,69	33,73
Guená	Guená	Faro	Monchique	Marmelete	26	BZ	Rústico	21,58	21,55
Marianes	Barranco do Homem Marianes	Faro	Monchique	Marmelete	103	AN	Rústico	64,63	65,33
Mariolia	Amieira	Faro	Monchique	Marmelete	41	AL1-AL2	Rústico	21,12	21,13
Mariolia	Mariolia de Cima - Amieira	Faro	Monchique	Marmelete	40	AL1-AL2	Rústico	21,03	21,04
Pedra Branca	Pedra Branca - Marias	Faro	Monchique	Marmelete	98	AO	Rústico	14,67	14,78
Poldreiras	Poldreiras	Faro	Monchique	Marmelete	37	BT	Rústico	7,93	8,00
Romeiras	Romeiras	Faro	Monchique	Marmelete	17	BT	Rústico	20,88	19,45
Vale Fontes	Vale Fontes	Faro	Monchique	Marmelete	20	BT	Rústico	129,92	129,78
Vale Fontes	Barranco do Mosqueiro	Faro	Monchique	Marmelete	12	BT	Rústico	23,00	23,05
Barranco do Castanheiro	Perna da Negra	Faro	Monchique	Monchique	2	D1-D2	Rústico	17,76	17,76
Botelhão	Botelhão	Faro	Monchique	Monchique	1	H1-H2	Rústico	66,40	65,89
Botelhão	Covão do Alqueve	Faro	Monchique	Monchique	5	H1-H2	Rústico	38,66	38,54
Estercadas	Estercadas Azevinho	Faro	Monchique	Monchique	8	G1-G2	Rústico	6,14	6,14
Foz do Zevinho	Foz do Zevinho	Faro	Monchique	Monchique	35	F	Rústico	9,33	9,14
Monte Novinho	Monte Novinho	Beja	Odemira	Luzianes - Gare	12	Q	Rústico	130,55	130,63
Monte Novinho	Urbano	Beja	Odemira	Luzianes - Gare	602		Urbano	0,03	0,0166
Romeiro e Desmoitadas	Urbano	Beja	Odemira	S. Teotónio	1037		Urbano	0,02	0,0146
Lameiro	Lameiro	Beja	Odemira	S. Teotónio	18	MMM	Rústico	38,01	38,20
Lameiro	Urbano	Beja	Odemira	S. Teotónio	1010		Urbano	0,01	0,0117
Macheirinha	Macheirinha	Beja	Odemira	S. Teotónio	4	JJJ	Rústico	13,70	14,40
Romeiro e Desmoitadas	Ladeiro do Cerro	Beja	Odemira	S. Teotónio	21	KKK	Rústico	7,32	7,40
Romeiro e Desmoitadas	Romeiro	Beja	Odemira	S. Teotónio	22	KKK	Rústico	66,81	49,60
Romeiro e Desmoitadas	Desmoitadas	Beja	Odemira	S. Teotónio	32	KKK	Rústico	61,44	78,93
Romeiro e Desmoitadas	Urbano	Beja	Odemira	S. Teotónio	1034		Urbano	0,02	0,013

Tabela 1. Identificação e inserção administrativa da exploração florestal (continuação).

UG	Nome Prédio	Distrito	Concelho	Freguesia	Artigo	Seção	Tipo	Área SIG (ha)	Área finanças (ha)
Três Malhões	Três Malhões	Beja	Odemira	S. Teotónio	38	JJJ	Rústico	50,02	50,35
Três Malhões	Urbano	Beja	Odemira	S. Teotónio	1024		Urbano	0,02	0,00997
Três Malhões	Urbano	Beja	Odemira	S. Teotónio	1025		Urbano	0,01	0,0056
Caeiro	Caeiro	Beja	Odemira	Sabóia	1	X	Rústico	12,20	11,63
Cerca Velha	Embarradouro	Beja	Odemira	Sabóia	90	T	Rústico	7,53	7,55
Cerca Velha	Embarradouro	Beja	Odemira	Sabóia	94	T	Rústico	19,12	19,13
Cerca Velha	Horta Velha	Beja	Odemira	Sabóia	93	T	Rústico	0,10	0,08
Cerca Velha	Horta Velha	Beja	Odemira	Sabóia	92	T	Rústico	0,06	0,05
Cerca Velha	Horta Velha	Beja	Odemira	Sabóia	91	T	Rústico	0,05	0,05
Cerca Velha	Embarradouro	Beja	Odemira	Sabóia	113	T	Rústico	4,70	4,90
Cerca Velha	Cerca Velha	Beja	Odemira	Sabóia	99	T	Rústico	3,35	3,35
Cerca Velha	Cerca Velha	Beja	Odemira	Sabóia	102	T	Rústico	2,61	2,58
Cerca Velha	Cerca Velha	Beja	Odemira	Sabóia	101	T	Rústico	0,21	0,23
Cerca Velha	Cerca Velha	Beja	Odemira	Sabóia	104	T	Rústico	3,69	3,60
Cerca Velha	Urbano	Beja	Odemira	Sabóia	252		Urbano	0,01	0,00426
Cerca Velha	Urbano	Beja	Odemira	Sabóia	251		Urbano	0,02	0,004316
Moitas	Moita	Beja	Odemira	Sabóia	4	S	Rústico	51,92	51,95
Parras	Parras	Beja	Odemira	Sabóia	72	S	Rústico	27,03	27,03
Parras	Parras	Beja	Odemira	Sabóia	71	S	Rústico	17,37	17,25
Parras	Parras	Beja	Odemira	Sabóia	33	S	Rústico	2,63	2,65
Parras	Parras	Beja	Odemira	Sabóia	35	S	Rústico	2,14	1,98
Embarradouro de Cima	Embarradouro de Cima	Faro	Portimão	Mexilhoeira Grande	1	A	Rústico	35,40	35,23
Pau e Corna	Pau e Corna	Beja	Serpa	Vila Nova de S. Bento	22	Z	Rústico	79,32	79,34
Pau e Corna	Garça	Beja	Serpa	Vila Nova de S. Bento	27	W	Rústico	17,57	18,09
Pau e Corna	Aldeia Velha	Beja	Serpa	Vila Nova de S. Bento	25	W	Rústico	9,38	9,73
Pau e Corna	Aldeia Velha	Beja	Serpa	Vila Nova de S. Bento	19	W	Rústico	1,73	1,95
Pau e Corna	Aldeia Velha	Beja	Serpa	Vila Nova de S. Bento	16	W	Rústico	16,92	17,08
Pau e Corna	Aldeia Velha	Beja	Serpa	Vila Nova de S. Bento	20	W	Rústico	4,97	4,90
Pau e Corna	Aldeia Velha	Beja	Serpa	Vila Nova de S. Bento	15	W	Rústico	15,15	15,00
Pau e Corna	Vale da Figueira	Beja	Serpa	Vila Nova de S. Bento	49	Z	Rústico	23,31	22,70
Pau e Corna	Pau e Corna	Beja	Serpa	Vila Nova de S. Bento	23	Z	Rústico	62,68	62,48
Pau e Corna	Aldeia Velha	Beja	Serpa	Vila Nova de S. Bento	39	Z	Rústico	4,69	4,25
Pau e Corna	Aldeia Velha	Beja	Serpa	Vila Nova de S. Bento	38	Z	Rústico	8,98	8,50

No ANEXO I apresenta-se o mapa com a localização das UG.

2. Caracterização biofísica da propriedade

Os fatores físicos mais relevantes para a caracterização dos povoamentos florestais e das suas potencialidades são a altitude, declive, exposição, a rede hidrográfica e o solo. Algumas UG apresentam classes hipsométricas e topografia que condicionam a gestão florestal, quer na escolha das espécies a introduzir, quer nas técnicas de condução dos povoamentos. O risco de deslizamento de terras e consequente erosão é um fator que se terá em conta na gestão florestal, bem como o risco elevado de incêndio devido ao relevo acidentado que dificulta a acessibilidade e propicia a propagação do fogo. A análise destes fatores foi feita com base na produção do Modelo Digital do Terreno (MDT), carta litológica e carta de solos da área de estudo.

2.1. Relevo e Altimetria

Na descrição dos fatores fisiográficos é de grande relevância o papel que a altitude desempenha na modelação do clima e consequentemente na composição e distribuição do coberto vegetal, influenciando inevitavelmente o tipo de intervenção e a condução dos povoamentos. O relevo para além de provocar a formação de microclimas e de ter uma grande influência nos regimes de ventos está frequentemente associada à distribuição dos combustíveis, existindo espécies que não se adaptam a determinadas altitudes. No fundo dos vales junto das linhas de água é frequente encontrar culturas agrícolas. Pela carta hipsométrica (Figura 3) verifica-se que a altitude das propriedades varia

entre os 50 m e os 498 m, sendo este o ponto mais elevado registado na propriedade Barranco do Carvalho.

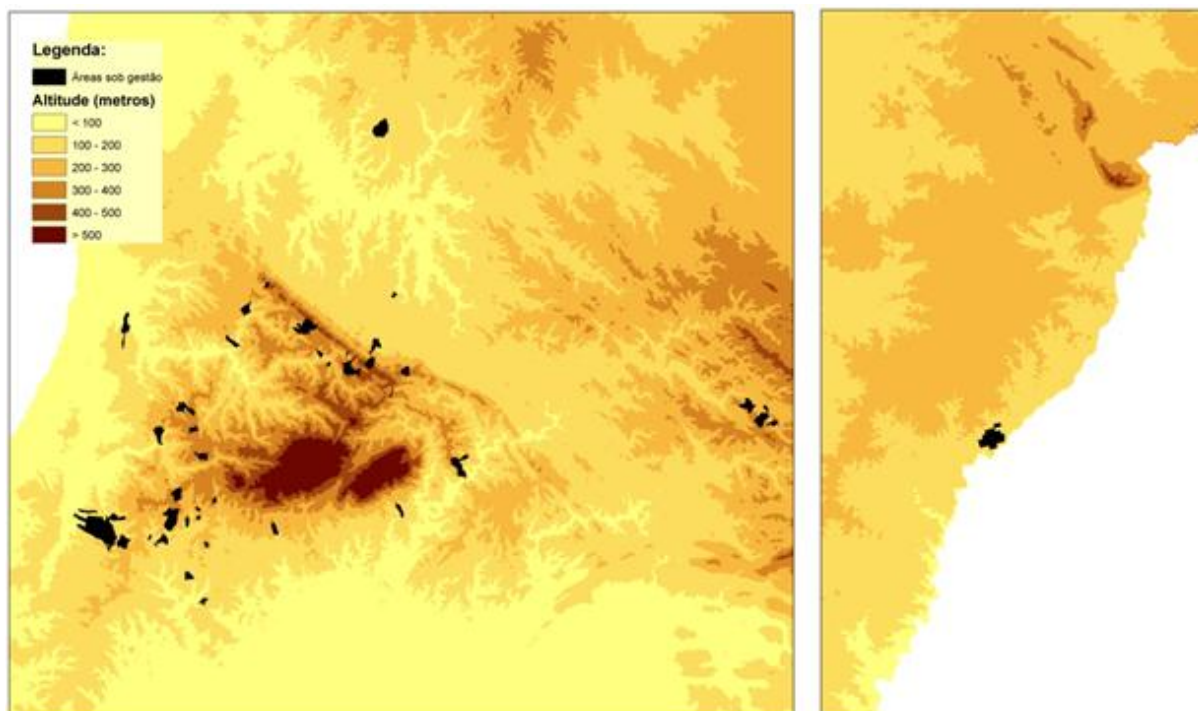


Figura 3. Mapa com carta hipsométrica.

A maior parte das propriedades da EGLON caracteriza-se por um relevo de nível basal (inferior a 400 m), sendo que a altitude média relativa das propriedades tende a aumentar na direção do maciço monchiquense, desde Balsinhas até às áreas situadas a N-NE no concelho de Monchique. As UG com maior altitude média são Barranco do Carvalho, Botelhão, Cerca Velha, Estercadas, Macheirinha, Mariolia, Parras e Romeiro e Desmoitadas. Relativamente à representação gráfica da distribuição por classes hipsométricas (Figura 4), cerca de 73% da área da EGLON encontra-se situada entre as cotas 100-300 m, sendo que apenas 2% da área se encontra situada em altitudes superiores a 400 metros.

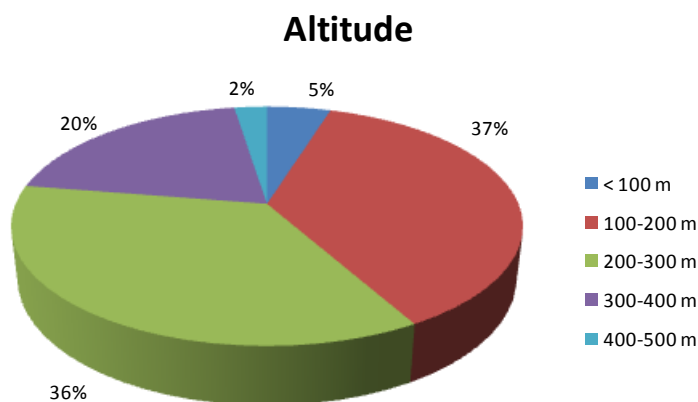


Figura 4. Distribuição da área da EGLON por classes de altitude.

O declive tem uma influência direta numa série de processos, nomeadamente no processo de erosão, na infiltração das águas e no ângulo de incidência dos raios solares. A inclinação do terreno

condiciona também o uso que se dá a uma determinada área, bem como a utilização de maquinaria no terreno.

Foi elaborada uma carta de declives, tendo sido agrupados em quatro intervalos, consoante as dificuldades que representam para a maquinaria a utilizar e como já vem sendo praticado na exploração. Em zonas com declives inferiores a 10% não existem limitações sendo possível operar com qualquer tipo de equipamento. Em zonas com declives entre 10% e 35% já é necessário um planeamento operacional pormenorizado, com definição das direções mais eficientes para a realização dos trabalhos de forma a não colocar em risco a integridade física dos operadores e do equipamento. Acima dos 35% de declive, a mecanização das operações é muito difícil e uma intervenção inadequada poderá ter reflexos muito negativos sobre o solo e sobre a segurança, pelo que sempre que for possível a intervenção, há que definir as estratégias adequadas de atuação. Naturalmente que o terraceamento existente na larga maioria da área de intervenção altera a fisiografia das propriedades.

Cerca de 87% da área apresenta declives que não impõem restrições relativamente à mecanização do solo, ou seja, valores inferiores a 35% (Figura 5). Estes valores são de certa forma subjetivos uma vez que não revelam a presença de afloramentos rochosos, nem a pedregosidade existente na camada superficial do solo. No entanto, analisando as UG individualmente, no Brejo Fundo, Botelhão, Cotofo, Esterçadas, Foz do Zevinho, Lameiro, Parras e Três Malhões poderão surgir algumas situações limitantes, no que diz respeito ao risco de erosão, uma vez que a maior parte da sua área apresenta declives acentuados (superiores a 35%). Cerca de 47% da área total apresenta declives entre 10 e 25%. Esta topografia traduz as facilidades de aplicação de técnicas de instalação e condução de povoamentos e de gestão de combustíveis utilizando equipamentos mecânicos. Por outro lado, 13% da área apresenta declives bastante mais acentuados (superiores a 35%). A gestão destas áreas mais declivosas terá que considerar este fator, na fase de instalação, manutenção e nas ações de prevenção e combate a incêndios florestais.

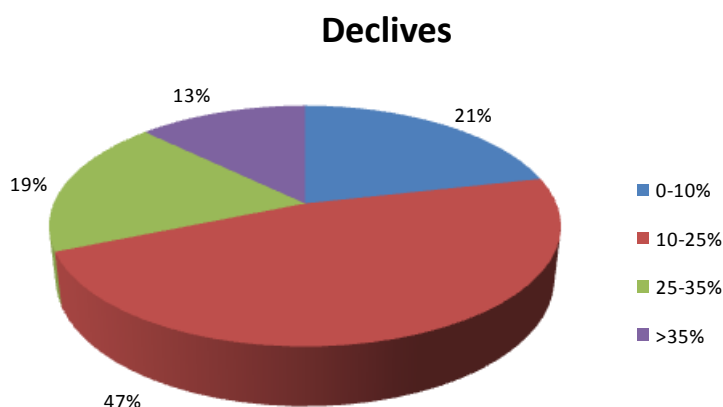


Figura 5. Distribuição da área da EGLON por classes de declive.

A exposição, tal como a altitude, são fatores determinantes na distribuição das comunidades vegetais. As encostas orientadas a Sul e a Nascente recebem mais cedo e ao longo da maior parte do dia a radiação solar. Enquanto as encostas orientadas a Norte e a Poente, só a partir do meio-dia

solar é que captam a energia do Sol. Numa perspetiva fitoclimática pode afirmar-se que as espécies vegetais heliófilas (esteva, tojo, rosmaninho etc.) distribuem-se preferencialmente nas encostas viradas a Sul e as espécies ciáfilas pelas encostas viradas a Norte. Outro aspeto importante relacionado com as exposições de encostas passa pela carga combustível e pelo seu teor em humidade. Zonas com exposição Oeste e Sul encontram-se geralmente mais quentes e secas do que as expostas a Norte e Este, apresentando, por isso, uma menor quantidade de combustível. No entanto, este combustível apresenta menos teor de humidade, logo maior propensão para a ignição. Foi elaborada uma carta de exposições para as áreas de gestão, verificando-se na sua generalidade a presença de todos os quadrantes em cada uma das referidas parcelas, como seria de esperar em face da diversidade orográfica ocorrente (Figura 6).



Figura 6. Distribuição da área da EGLON por classes de exposição.

De acordo com a análise da Figura 6 verificamos que as encostas viradas a Sudoeste e Nordeste são as que têm maior expressão, representando 31% da área total da área sob gestão. As zonas viradas a Norte, Sul, Sudeste e Este representam 50% da área total, sendo as encostas viradas a Oeste e Noroeste as menos representativas (19% da área total). Analisando individualmente cada UG verifica-se que as encostas viradas a Norte apresentam alguma relevância nas UG de Barranco do Castanheiro, Choça, Cotofo, Embarradouro de Cima, Fornalha, Lameiro, Moitas, Pedra Branca e Três Malhões, o que confere a estas áreas características tais como maior humidade, menor número de horas de sol, bem como grande predominância de ventos do Norte e elevado risco de geadas.

2.2. Hidrografia

Este parâmetro fisiográfico está diretamente relacionado com a circulação e o escoamento das águas superficiais. Cerca de 67% da área total da EGLON encontra-se inserida na bacia hidrográfica das Ribeiras do Algarve, distribuída por cinco concelhos: Monchique, Aljezur, Silves, Lagos e Portimão (Figuras 7 e 8). A restante área encontra-se distribuída pelas bacias hidrográficas dos rios Arade (15%), Guadiana (10%) e Mira (8%).

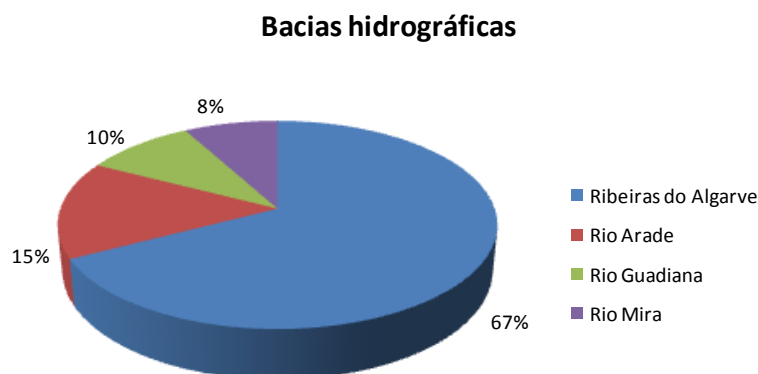


Figura 7. Distribuição da área da EGLON por Bacia hidrográfica

Relativamente à Bacia Hidrográfica das Ribeiras do Algarve, destaca-se a propriedade Guena pois encontra-se situada numa das margens da Barragem da Bravura da Ribeira de Odiáxere. Na bacia hidrográfica do Rio Mira destaca-se a propriedade Monte Novinho situada a cerca de 6800 m a noroeste da albufeira Santa Clara. As propriedades Pomar, Pomar do Varela Sul e Eira da Palha do concelho de Almodôvar situam-se na margem da Ribeira de Odelouca, Bacia Hidrográfica do Rio Arade. A propriedade mais afastada das restantes denomina-se Pau e Corna (em Serpa) e localiza-se na margem do Rio Chança, curso fronteiriço pertencente à bacia hidrográfica do Rio Guadiana e que dá o mesmo nome à região hidrográfica.

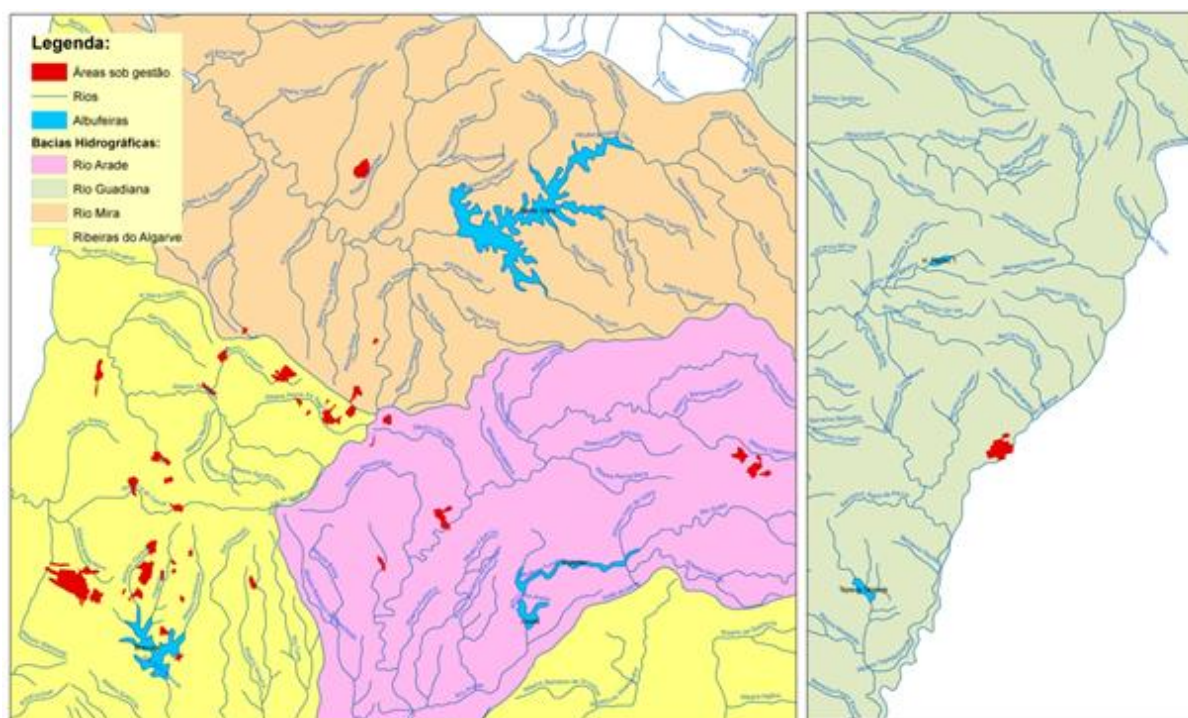


Figura 8. Bacias hidrográficas e rios principais.

A Tabela 2 quantifica o comprimento das linhas de água presentes na área sob gestão, classificando-as segundo o método de Horton, modificado por Strahler (1964). Esta é uma classificação que reflete o grau de ramificação ou bifurcação dentro de uma bacia hidrográfica, atribuindo-se um número de ordem a cada curso de água. São classificados como cursos de água de 1ª ordem aqueles que não apresentem afluentes.

Tabela 2. Recursos hidrológicos existentes na área de estudo.

UG	Área (ha)	Região Hidrográfica	Rio Principal	Linhas de água (quilómetros)					Nome principais linhas de água presentes
				1ª ordem	2ª ordem	3ª ordem	4ª ordem	5ª ordem	
Balsinhas	508,57	Algarve	Ribeiras do Algarve	21,8	15,2	10,7	1,3	0,3	Ribeira de Alfambras; Ribeira do Monte Novo; Barranco do Vale da Muda; Barranco do Ciceiro
Barradas	50,01	Algarve	Ribeiras do Algarve	1,7	1,6	0,1	0,3		Ribeiro Corcino; Barranco do Vale das Fontes
Barranco da M	9,87	Algarve	Ribeiras do Algarve	0,4					
Barranco do C	71,90	Algarve	Ribeiras do Algarve	0,9	0,7	1,5			Barranco da Galé
Barranco do C	10,41	Algarve	Rio Arade	0,3	0,1				Ribeira do Carvalho
Barranco do C	17,76	Algarve	Ribeiras do Algarve	0,2	0,6				Barranco do Castanheiro
Besteiros	26,99	Algarve	Ribeiras do Algarve	1,2	0,1	0,4			
Botelhão	105,06	Algarve	Ribeiras do Algarve	2,8	0,5	0,5			Barranco do Zevinho
Brejo Fundo	10,64	Algarve	Ribeiras do Algarve	0,2		0,5			Barranco da Madeira
Cabanas	13,31	Algarve	Ribeiras do Algarve	0,6		0,4			
Caeiro	12,20	Sado e Mira	Rio Mira	0,3			0,3		Barranco de Vale Francisco
Cerca Velha	41,46	Algarve	Rio Arade	1,0	0,7	0,2			Barranco do Embarradouro
Choça	116,13	Algarve	Rio Arade	1,8	1,8	0,5			Barranco das Tamafiqueiras
Cotofo	33,69	Algarve	Ribeiras do Algarve	1,1	1,1				Barranco do Cotofo
Eira da Palha	25,77	Algarve	Rio Arade	0,7					Barranco do Monte da Cruz
Embarradouro	35,40	Algarve	Ribeiras do Algarve	0,3	0,9				Ribeira do Farelo
Estercadas	6,14	Algarve	Ribeiras do Algarve			0,1			Barranco do Zevinho
Fornalha	31,01	Algarve	Rio Arade	0,7					Barranco da Corte Pequena
Foz do Zevinho	9,33	Algarve	Ribeiras do Algarve	0,2				0,2	Ribeira da Perna Negra
Gueda	21,58	Algarve	Ribeiras do Algarve	0,6					Ribeira de Odiáxere - Albufeira da Bravura
Herdade da Ca	70,30	Algarve	Ribeiras do Algarve	1,3	0,5	0,8	0,1		Barranco do Giralão
Lameiro	38,02	Algarve	Ribeiras do Algarve	0,7	0,9				Ribeira do Lameiro
Macheirinha	13,70	Sado e Mira	Rio Mira	0,2	0,3				
Marianes	64,63	Algarve	Ribeiras do Algarve	4,2	1,3	0,6			Barranco do Homem
Mariolia	42,15	Algarve	Ribeiras do Algarve	0,8	0,3				
Moitas	51,92	Sado e Mira	Rio Mira	1,1	0,8	0,4	0,2		Ribeira Vale Barrancos
Monte Novinho	130,58	Sado e Mira	Rio Mira	2,8	2,4	0,7			
Mourão	75,05	Algarve	Ribeiras do Algarve	3,6	1,5	0,5	1,5		Ribeira do Monte Novo
Nevoeira	25,04	Algarve	Ribeiras do Algarve	0,7	1,0				Ribeiras das Alfambras
Parras	49,17	Algarve	Ribeiras do Algarve	1,7	0,2	0,3			
Pau e Corna	244,69	Guadiana	Rio Guadiana	6,4	2,7	1,0			Barranco da Figueira; Rio Chança (na proximidade)
Pedra Branca	14,67	Algarve	Ribeiras do Algarve	0,8	0,6				
Poldreiras	7,93	Algarve	Ribeiras do Algarve	0,02		0,3			
Pomar	74,77	Algarve	Rio Arade	2,0	0,8	0,7			Ribeira de Odelouca
Pomar do Vare	95,27	Algarve	Rio Arade	1,6	1,2	0,5			Ribeira de Odelouca
Romeiras	20,88	Algarve	Ribeiras do Algarve	0,4	1,1				
Romeiro e Desi	135,61	Algarve	Ribeiras do Algarve	2,9	1,7	1,3			
Três Malhões	50,05	Algarve	Ribeiras do Algarve	1,0	0,1	0,8			
Vale da Torre	83,34	Algarve	Ribeiras do Algarve	2,1	0,2	1,1	0,8		Ribeira de Odeceixe (na proximidade)
Vale Fontes	152,92	Algarve	Ribeiras do Algarve	4,0	6,8	1,6			Barranco do Vale das Fontes
TOTAL	2597,91			75,1	47,7	25,4	4,4	0,4	

Do conjunto de recursos hidrológicos que compõem a rede hidrográfica da área sob gestão, destacam-se as que constam da Figura 9.

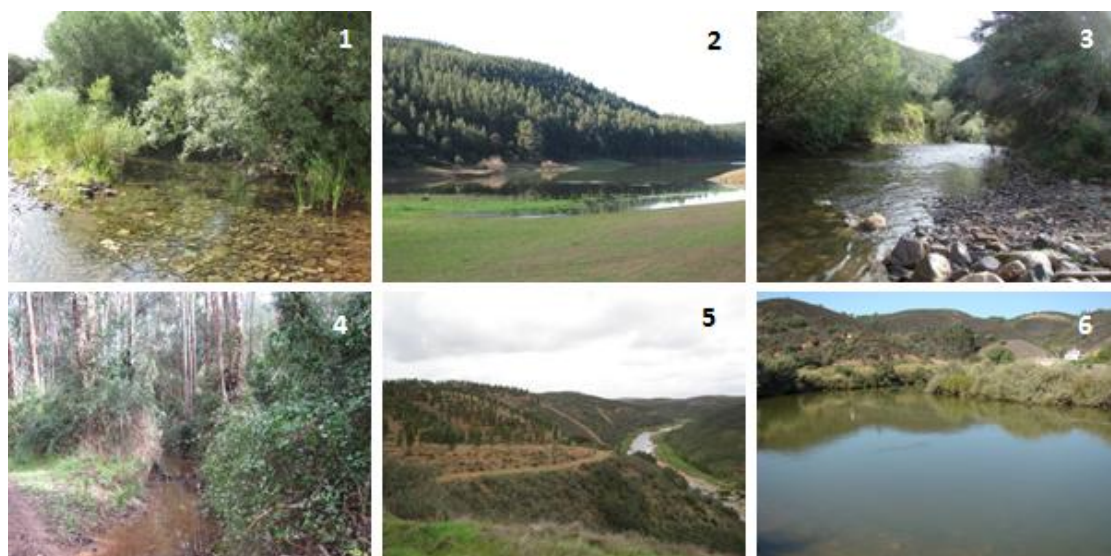


Figura 9. 1 - Ribeira de Odelouca (UG Pomar e Pomar do Varela Sul); 2 - Ribeira de Odiáxere – Barragem da Bravura (UG Guena); 3 - Ribeira de Alfambras (UG Balsinhas e Nevoeira); 4 - Ribeira do Corcino (UG Barradas); 5 - Rio Chança (na proximidade da UG Pau e Corna); 6 - Ribeira de Seixe (na proximidade da UG Vale Torre).

2.3. Clima

Os dados climáticos são de grande importância para o planeamento das intervenções de ordenamento florestal, particularmente ao permitirem determinar o leque de espécies possíveis, prever o risco de erosão e estabelecer medidas para a sua mitigação. Permite também planear e alertar os meios necessários para a prevenção dos incêndios, perceber o fluxo turístico, o tipo de uso do solo existente, que no seu conjunto permitam uma leitura geral da paisagem. A análise climática da área de estudo (Tabela 3) foi obtida com base nos dados das Normais Climatológicas publicados pelo extinto Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (INMG), atual Instituto de Meteorologia, calculadas para a série de 30 anos (1951 – 1980). Para a caracterização do clima, utilizaram-se os dados recolhidos na estação climatológica mais próxima e considerada a mais representativa de cada UG. Assim sendo, utilizaram-se os dados da estação climatológica de Mértola para a propriedade Pau e Corna (Serpa) e para as restantes UG utilizaram-se os dados da estação climatológica de Monchique.

Tabela 3. Caracterização climática de cada estação climatológica.

Estação meteorológica	Precipitação anual (mm)	Precip. meses Verão (mm)	Precip. meses Inverno (mm)	Evap. anual (mm)	Temp. média anual	Temp. média mês mais quente		Temp. média mês mais frio		Geadas (n.º dias/ano)	Orientação ventos dominantes
						Mês	°C	Mês	°C		
Monchique	1301	37	594	1216	15,2 °C	Ago	22,0 °C	Jan	10,0 °C	0	SW
Mértola	508	28	211	1883	16,4 °C	Jul	24,4 °C	Jan	9,5 °C	25,3	NW

Através dos valores da temperatura e da precipitação foi possível construir o diagrama ombrotérmico (Figura 10), onde é visível a duração e a importância do período seco (meses em que a quantidade de precipitação média, expressa em milímetros (mm), não ultrapassa o dobro da temperatura média em graus Celsius). Para todas as UG, o período seco, tal como na generalidade do território nacional e como característico dos climas mediterrânicos, decorre entre Junho e Setembro, o que resulta habitualmente em períodos durante os quais a disponibilidade hídrica atinge com facilidade o coeficiente de emurchecimento, modelando o coberto vegetal através da limitação ao desenvolvimento das espécies.

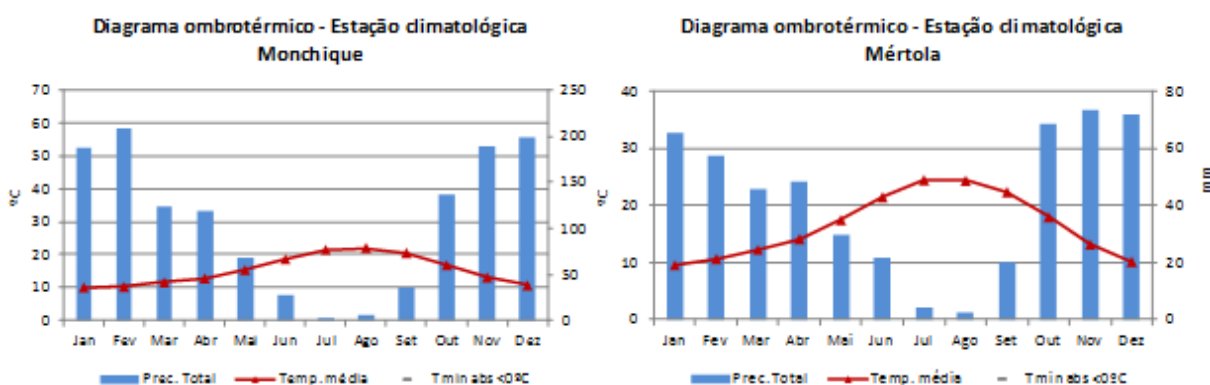


Figura 10. Diagramas ombrotérmicos das áreas sob gestão.

Relativamente à classificação climática segundo S. Daveau (1985), podemos distinguir as seguintes regiões climáticas:

- **Marítimo - Fachada atlântica** (55%) – Entre os climas francamente atlânticos distinguem-se os propriamente litorais, de amplitude térmica muito atenuada, com frequente nevoeiro de advecção

durante as manhãs de Verão e que só muito raramente são atingidos pelas vagas de calor continental. O resto da fachada atlântica regista já alguns dias de forte calor ou de frio sensível, que desaparecem em breve, pela penetração da brisa do mar no Verão ou pela chegada de uma massa de ar oceânico. Este tipo climático é relativamente chuvoso e caracterizado por forte e persistente nebulosidade.

- **Colinas** (28%) – O clima dos maciços de montanhas e colinas é significativamente diferente do das regiões circunvizinhas. A maior parte destes maciços tem papel fundamental na separação entre os grandes tipos climáticos e são, por isso, marcados por forte dissimetria climática. As partes mais elevadas apresentam ritmos climáticos afins dos registados nos diversos sopés, com cambiante em geral mais atlântica, enquanto os vales mais profundos e abrigados podem exacerbar os aspetos continentais, próprios da região onde se situa a serra.

- **Continental** (9%) – O Alentejo interior é uma vasta região de clima bastante continental, apesar da proximidade de duas fachadas marítimas, da altitude moderada e de fraca continuidade dos relevos costeiros circundantes. O aparente paradoxo explica-se, em parte, pela facilidade do alastramento para oeste das películas de ar continental, modificado pelo contacto prolongado com os planaltos da Meseta Sul. No Verão o ar muito quente é carregado de bruma seca (calina), provocada pela turbulência térmica; penetra principalmente em Portugal pela larga abertura do Guadiana, entre a Serra de São Mamede e os contrafortes ocidentais da Sierra Morena. Por outro lado, a fachada atlântica alentejana é climaticamente muito menos permeável às influências marítimas do que o litoral ao norte do Cabo da Roca. O abrigo das Serras de Sintra e da Arrábida e as reentrâncias associadas fazem com que as massas de ar fresco de NW sofram um desvio, que se traduz nas imagens de satélite por sumptuosas espirais de nuvens. Assim, o Alentejo aparece, quase à beira-mar, como uma planície de clima bastante continental, com forte amplitude diária da temperatura. É provável que os sulcos profundos do Guadiana e afluentes se diferenciem por amplitude térmica anual muito forte, resultante dos calores escaldantes do Verão.

- **Transição (Marítimo/Continental)** (6%) – Trata-se de espaços que continuam largamente abertos às massas de ar marítimo, mas já de maneira indireta. Nestes espaços os dias ou períodos francamente atlânticos alternam segundo um ritmo bastante caprichoso com os de matiz continental. As terras baixas são frequentemente invadidas por nevoeiro persistente.

- **Marítimo - Algarve** (2%) – A fachada algarvia é marcada por um clima original, ao mesmo tempo marítimo e abrigado das influências setentrionais, e que se traduz por uma vegetação tipicamente mediterrânica.

2.4. Solos

Os fatores edáficos são, após os agentes climáticos, os elementos mais importantes que influenciam direta ou indiretamente a sucessão das comunidades vegetais. Para toda a área efetuou-se uma análise da litologia e das unidades pedológicas existentes, com base na classificação da ISSS/ISRIC/FAO (1998) (Figura 11).

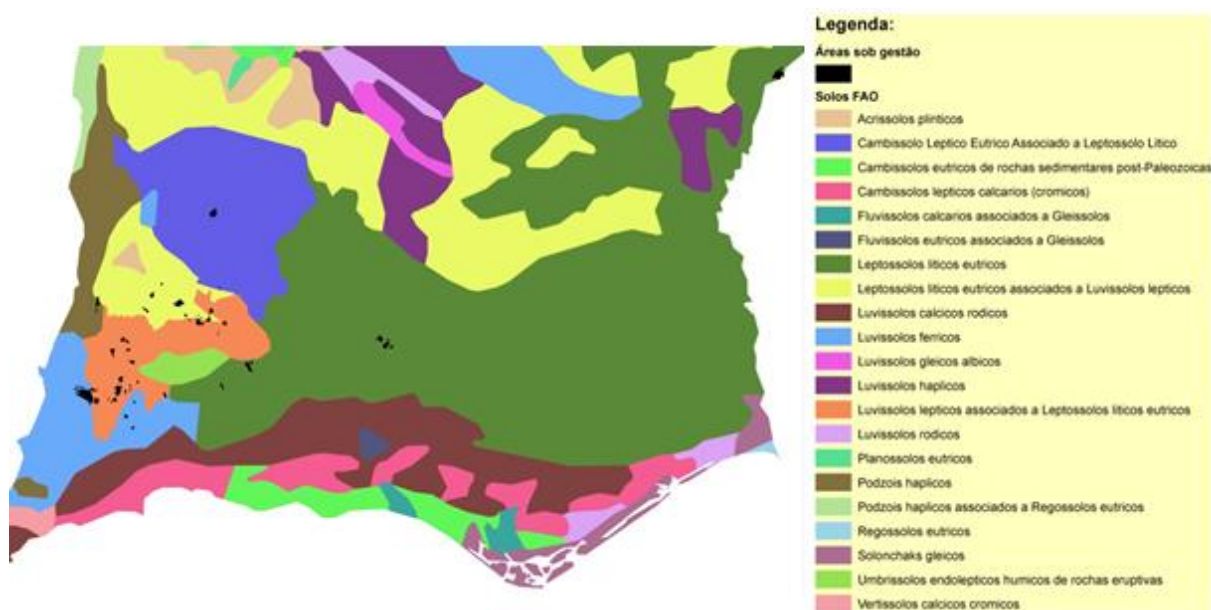


Figura 11. Classificação de solos FAO.

O complexo litológico dominante são as formações sedimentares e metamórficas. Mais de 97% da área apresenta como litologia dominante os xistos, sendo a restante área ocupada por areias e arenitos. Os solos mais representativos da área de estudo são os seguintes:

- **Luvisolos lépticos associados a Leptossolos líticos êutricos (37%)** - Os Luvisolos lépticos são solos bem desenvolvidos, com horizonte argílico com elevada capacidade de troca catiónica e elevada saturação de bases (superior a 50%) e com rocha dura contínua a uma profundidade entre 50 e 100 cm da superfície. A maior parte dos Luvisolos são solos férteis e adequados para uma ampla gama de usos agrícolas. Os Luvisolos com alto teor de limo e de humidade são altamente susceptíveis à deterioração da sua estrutura quando são lavrados ou preparados com maquinaria pesada.

- **Leptossolos líticos êutricos (22%)** – São solos pouco desenvolvidos, com rocha dura contínua a partir de 25 cm ou menos da superfície do solo, com elevado conteúdo de carbonato de cálcio, equivalente a mais de 40% ou menos de 10% (em peso) de terra fina e cujo complexo de troca apresenta uma saturação de bases superior a 50%. Os Leptossolos são solos com potencial para utilização florestal e para pastagens, cujo principal problema reside na erosão, principalmente nas regiões montanhosas das zonas temperadas. A excessiva drenagem interna e a superficialidade de muitos Leptossolos, pode levar ao *stress* hídrico mesmo em ambientes com maior precipitação.

- **Luvisolos férricos (20%)** - Os Luvisolos férricos são solos bem desenvolvidos, com horizonte argílico com elevada capacidade de troca catiónica e elevada saturação de bases (superior a 50%) e com um horizonte férrico – horizonte em que ocorreu acentuada segregação de ferro, levando à formação de grandes mosqueados e concreções, ficando a matriz inter-mosqueados e inter-concreções muito empobrecida em ferro. A maior parte dos Luvisolos são solos férteis e adequados para uma ampla gama de usos agrícolas. Os Luvisolos com alto teor de limo e de humidade são altamente susceptíveis à deterioração da sua estrutura quando são lavrados ou preparados com maquinaria pesada.

- **Leptossolos líticos êutricos associados a Luvisolos lépticos (12%)** – ver anteriores

- **Cambissolos lépticos êutricos associados a Leptosolos líticos (5%)** - São solos em fase inicial de formação com rocha dura contínua a uma profundidade entre 25 e 100 cm da superfície, cujo complexo de troca apresenta uma saturação de bases superior a 50%. Os Cambissolos são geralmente solos com capacidade para utilização agrícola e estão entre os solos mais produtivos do mundo. Os Cambissolos mais ácidos, embora menos férteis, são utilizados para a agricultura, pastagens e/ou floresta. A utilização florestal deste tipo de solos surge normalmente nas encostas mais íngremes e nas terras altas.

- **Podzóis háplicos (3%)** – Solos com horizonte espódico, dentro de 200 cm de profundidade, de cor escura formado pela iluviação de substâncias amorfas ricas em alumínio e matéria orgânica, com ou sem ferro, subjacente a horizonte albico (esbranquiçado), hístico (orgânico), úmbrico (horizonte mineral rico em matéria orgânica e baixa saturação de bases) ou ócrico (horizonte com aproximadamente 10 cm e pobre em matéria orgânica). Podzóis são solos que ocorrem em áreas húmidas nas zonas temperadas e boreais e localmente também nos trópicos. É um solo rico em matéria orgânica e óxidos de ferro.

A Serra de Monchique encontra-se localizada entre as serras do Espinhaço de Cão e do Caldeirão, separando o Alentejo do Algarve. Geomorfologicamente, o Maciço de Monchique mede 30 quilómetros de comprimento com uma área visível de cerca de 80 km², tem a orientação geral Oeste-Este e nele se encontram os pontos mais elevados da Serra de Monchique: Fóia (902 m) e Picota (774 m), cujos topos de considerável altitude, contrastam com vales de significativo grau de encaixamento. As inúmeras linhas de água e a profusão de nascentes naturais conferem ao território marcas originais no contexto regional. Situadas junto ao rio Chança as propriedades do concelho de Serpa, encontram-se inseridas numa geomorfologia de relevos ondulados, solos magros e xistosos, que se estende até ao rio Guadiana na chamada serra de Serpa. Nas proximidades ocorre um perfil geomorfológico de relevo residual formado por três cristas paralelas de calcário metamórfico, com orientação hiercínica NNW-SSE, que se estendem desde a fronteira, atingindo a altitude máxima de 518 metros na Serra de Ficalho. As áreas do concelho de Almodôvar fazem parte do maciço serrano-monchiquense localizado entre as serras do Espinhaço de Cão e do Caldeirão, separando o Alentejo do Algarve.

2.5. Flora, Fauna e Habitats

A EGLON assume a sua responsabilidade pela conservação, valorização e utilização sustentável dos recursos naturais que fazem parte do seu património, salvaguardando a sua biodiversidade. Na política de ordenamento e gestão do seu património natural, está subjacente o princípio da conservação da diversidade dos recursos florestais, através da construção ou manutenção de um mosaico florestal capaz de garantir a sua multifuncionalidade, manter as funções ecológicas e a sua integridade, destinada à conservação de espécies e habitats.

2.5.1. Flora e Vegetação

Abordam-se várias metodologias e fontes no sentido de caracterizar a flora e vegetação potencial e ocorrente nas áreas de estudo, nomeadamente através da fitossociologia das regiões biogeográficas, da carta ecológica de Manique e Albuquerque e de observações no local.

2.5.1.1. Regiões biogeográficas

Todas as propriedades com exceção de Pau e Corna, integram-se no superdistrito Serrano-Monchiquense da Sub-região Mediterrânica Ocidental, inserida na região Mediterrânica, de acordo com a classificação de Costa et al. (1998).

Região Mediterrânica

Sub-Região Mediterrânica Ocidental

Superprovíncia Mediterrânico-Iberoatlântica

Província Luso-Extremadurese

Sector Mariânico-Monchiquense

Subsector Baixo Alentejano - Monchiquense

Superdistrito Serrano-Monchiquense

O **Superdistrito Serrano-Monchiquense** é um território constituído pela Serra sienítica de Monchique e serras xistosas e graníticas, em geral de baixa ou média altitude. Encontra-se quase todo no andar termomediterrânico sub-húmido a húmido, excepto nas zonas mais elevadas em que o atinge o mesomediterrânico húmido. *Armeria beirana subsp. monchiquensis* e *Lavandula viridis* são espécies endémicas do superdistrito, sendo também características deste território, *Cheilanthes guanchica*, *Centaurea crocata*, *Euphorbia monchiquensis*, *Quercus canariensis*, *Quercus lusitanica*, *Rhododendrum ponticum*, *Senecio lopezii*, *Stauracanthus boivinii*, *Thymelaea villosa*, *Ulex argenteus*, *Ulex minor*. Possui algumas comunidades endémicas como o *Euphorbia monchiquensis* - *Quercetum canariensis*, *Sanguisorbo-Quercetum suberis quercetosumcanariensis*, *Phillyreo-Arbutetum rhododendrotosum baetici*, *Cisto-Ulicetum minoris*, *Cisto ladaniferi-Ulicetum argentei* e *Senecio lopezii Cheirolophetum sempervirentis*. Neste território os sobreirais constituem as etapas florestais potenciais dominantes nos andares termo e mesomediterrânicos respetivamente. Os matagais de carvalhiça do *Quercus lusitanicae Stauracanthetum boivinii*, e o esteval / urzal do *Erico australis-Cistetum populifolii* são associações vulgares desta unidade” Costa et al. (1998).

A propriedade Pau e Corna integra-se no mesmo subsector mas no superdistrito Baixo Alentejano.

Região Mediterrânica

Sub-Região Mediterrânica Ocidental.

Superprovíncia Mediterrânico-Iberoatlântica

Província Luso-Extremadurese

Sector Mariânico-Monchiquense

Subsector Baixo Alentejano - Monchiquense

Superdistrito Baixo Alentejano

O **Superdistrito Baixo Alentejano** é um território plano, menos chuvoso e mais continental que o anterior. Tem um ombroclima sub-húmido a seco e situa-se maioritariamente no andar termomediterrânico podendo atingir em alguns locais o andar mesomediterrânico. Os solos são xistosos na sua maioria, com a exceção dos chamados “barros de Beja” que são solos vérticos com origem em rochas máficas. A *Linaria ricardoi* e *Armeria neglecta* são dois endemismos do Superdistrito que se encontram em vias de extinção. Os montados que resultam do *Pyro bourgaeanae-Quercetum rotundifoliae* caracterizam a Região, bem como o esteval *Genisto hirsutae-Cistetum ladaniferi*. Contudo em alguns locais reconhece-se o azinhal termófilo *Myrto-Quercetum rotundifoliae*, os matagais de *Asparago albi-Rhamnetum oleoidis* e *Oleo-Pistacietum lentisci* sensu auct., o esteval *Phlomidio purpureo-Cistetum albidi* e o escoval *Genistetum polyanthi*. Os montados de sobre ocorrem esporadicamente em algumas situações climaticamente mais favoráveis. Nos solos hidromórficos com horizontes glei associados a freatismo e frequente observam-se os juncais do *Holoschoeno Juncetum acuti*, *Trifolio Holoschoenetum* e *Juncetum rugosiefusi*, bem como os prados *Gaudinio fragilis Agrostietum castellanae*, *Pulicario paludosae-Agrostietum pourretii*, *Trifolio resupinati-Caricetum chaetophyllae*, *Loto subbiflori Chaetopogonetum fasciculati* e *Hyperico humifusi-Chaetopogonetum fasciculati*. Os prados do *Poo bulbosae-Trifolietum subterranei* e do *Poo bulbosae-Astragalietum sesamei* também ocorrem esporadicamente.

2.5.1.2. Classificação ecológica

De acordo com Pina Manique e Albuquerque (1954), as áreas sob gestão localizam-se predominantemente nas Zonas Ecológicas Fitoclimáticas Atlante-mediterrânea x Submediterrânea (#AM.SM e AM.SM) (48%) e Subatlântica (SA) (25%) (Figura 12).

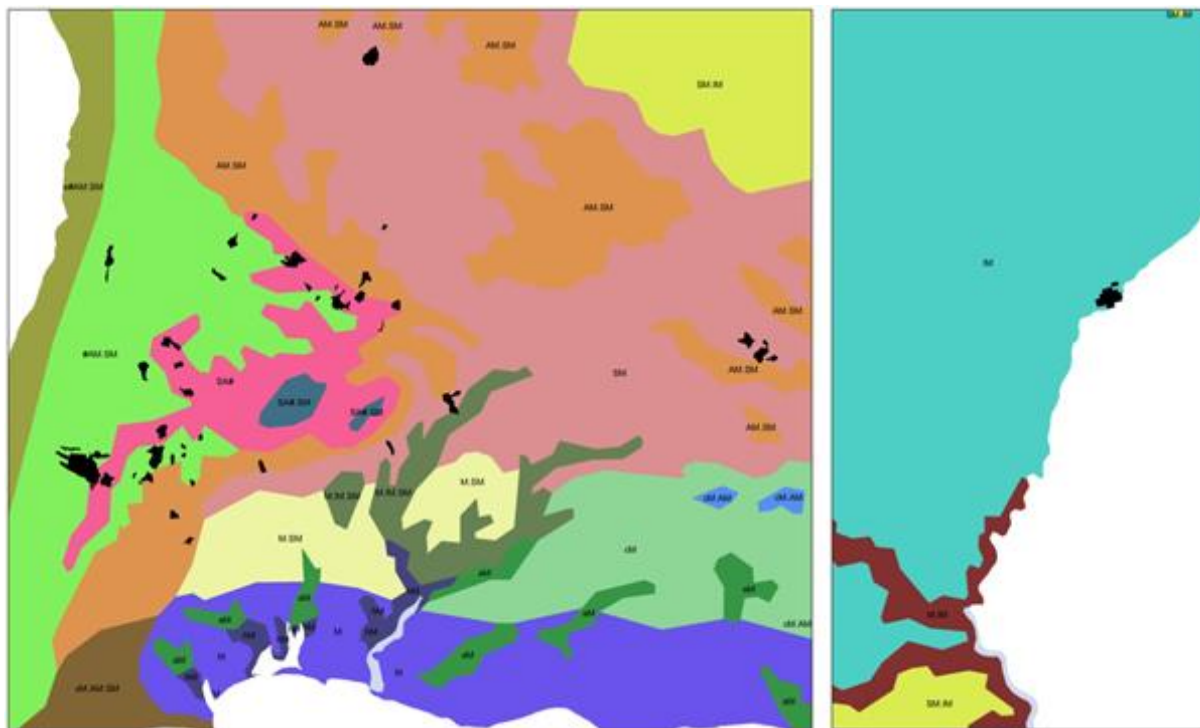


Figura 12. Classificação ecológica das áreas sob gestão.

Cada uma das zonas ecológicas pode ser caracterizada autofiticamente pela presença potencial das espécies identificadas na Tabela 4.

Tabela 4. Classificação fitoedafoclimática.

Zona Ecológica	Código	Andar	Espécies indicadoras	Área (ha)
Atlante-mediterrânea x Submediterrânea	#AM.SM	Basal (inferior a 400m)	<i>Castanea sativa</i> , <i>Juniperus oxycedrus</i> , <i>Myrica faya</i> , <i>Olea europaea sylvestris</i> , <i>Pinus pinaster atlantica</i> , <i>Pinus pinea</i> , <i>Quercus faginea</i> , <i>Quercus suber</i>	1005,41
Atlante-mediterrânea x Submediterrânea	AM.SM	Basal (inferior a 400m)	<i>Olea europaea sylvestris</i> , <i>Pinus pinaster atlantica</i> , <i>Pinus pinea</i> , <i>Quercus faginea</i> , <i>Quercus suber</i>	230,40
Ibero-mediterrânea	IM	Basal (inferior a 400m)	<i>Olea europaea sylvestris</i> , <i>Quercus rotundifolia</i>	224,96
Mediterrâneo x Ibero-mediterrânea x Submediterrânea	M.IM.SM	Basal (inferior a 400m)	<i>Olea europaea sylvestris</i> , <i>Prunus dulcis</i> , <i>Pinus pinea</i> , <i>Quercus rotundifolia</i> , <i>Quercus suber</i>	14,29
Subatlântica	#SA	Submontano (400 a 700m)	<i>Castanea sativa</i> , <i>Myrica faya</i> , <i>Pinus pinaster atlantica</i> , <i>Quercus canariensis</i> , <i>Quercus faginea</i> , <i>Rhododendron ponticum</i>	655,44
Submediterrânea	SM	Basal (inferior a 400m)	<i>Olea europaea sylvestris</i> , <i>Pinus pinaster atlantica</i> , <i>Pinus pinea</i> , <i>Quercus faginea</i> , <i>Quercus suber</i>	447,20

2.5.1.3. Vegetação potencial

Vegetação das encostas

Myrto communis - *Querceto suberis* Sigmetum: **Série climatófila** serrano-monchiquense, termomediterrânea sub-húmida a húmida, silicícola, do sobreiro (*Quercus suber*). Nesta serie de vegetação, o estado *clímax* corresponde a um sobreiral de *Myrto communis*-*Quercetum suberis*, que consiste em formações boscosas de *Quercus suber* e onde ocorrem plantas como o carvalho cerquinho (*Quercus faginea* subsp. *broteroi*), salsaparrilha (*Smilax aspera*), espargo bravo (*Asparagus aphyllus*), agarra-saias (*Rubia longifolia*), *Deschampsia stricta* e hera (*Hedera hélix* subsp. *canariensis*) segundo Pinto Gomes & Ferreira (2005) cit. Carapeto et al. (2005). Segundo Costa et al., (1998), na sua orla e também como **primeira etapa de substituição** ocorre o medronhal *Phillyreo angustifoliae*-*Arbutetum unedonis* com medronheiro (*Arbutus unedo*), lentisco bastardo (*Phillyrea angustifolia*), folhado (*Viburnum tinus*), e urzes (*Erica arborea*, *Erica scoparia*). Na serra de Monchique, a presença de adelfeira (*Rhododendrum ponticum* subsp. *baeticum*), permite diferenciar a subassociação *Rhododendretosumbaetici*. Também como orla destes sobreirais pode surgir a comunidade de *Senecio lopezi*-*Cheirolophoretum sempervirentis*, assinalando-se a presença da raríssima *Senecio lopezii*. **Outra etapa de substituição** por destruição dos bosques e dos medronhais surge a comunidade *Centaureo crocatae*-*Quercetum lusitanicae*. Este mato é substituído nas áreas húmidas/hiperhúmidas, pela formação *Querco lusitanicae*-*Stauracanthetum boivinii*, com carvalhiça (*Quercus lusitanica*), tojo-gatum (*Stauracanthus boivinii*), trovisco (*Daphne gnidium*), urze (*Erica scoparia*), murta (*Myrtus communis*) e nas sub-húmidas por *Cisto ladaniferi*-*Ulicetum argentei*, com esteva (*Cistus ladanifer*) e tojo (*Ulex argenteus*). **Como etapas mais afastadas do climax**, ocorrem um arrelvado vivaz colonizador e um arrelvado anual da *Helianthemion guttati* (com *Evax ramosissima*, *Tolpis barbata*, *Tuberaria guttata*, *Briza maxima*, *Aira caryophyllea* e *Paronychia cymosa*).

Linhas de água

Ainda segundo Pinto Gomes & Ferreira (2005), nas linhas de água desta área, ocorre a: *Scrophulario scorodoniae-Alneto glutinosae Sigmetum*; **série edafohigrofila** de margens fluviais, mediterrânea, iberoatlântica e mesomediterrânea do amieiro (*Alnus glutinosa*). Esta série ocorre em áreas com cursos de água permanentes ou intermitentes com nível freático à superfície, com águas de pH ácido a neutro, sobre solos profundos. A etapa *clímax* desta série é constituída por um amial de *Scrophulario scorodoniae-Alno glutinosae*, com amieiro (*Alnus glutinosa*), trolha (*Scrophularia scorodonia*), feto-real (*Osmunda regalis*), e campainhas (*Campanula primulifolia*). Face às suas grandes necessidades hídricas, constituem a galeria arbórea mais próxima dos cursos de água. Como etapas de substituição, surgem os silvados de *Lonicero- Rubetum ulmifolii*, com silva (*Rubus ulmifolius*), madressilva (*Lonicera periclymenum* subsp. *hispanica*), roseira-brava (*Rosa canina* e *Rosa pouzinii*) e o juncal de *Hyperico undulati- Juncetum acutiflori* e *Trifolio resupinati-Holoschoenetum* (em mosaico com a comunidade *Cisto psilocephali-Ericetum lusitanicae*). As etapas herbáceas são constituídas pelos arrelvados de *Gaudinio fragilis-Agrostietum castellanae* e *Festuco amplae-Agrostietum castellanae* Carapeto et al. (2005).

2.5.1.4. Listagem de espécies de flora existente

As comunidades florísticas exibem vários graus de degradação, podendo observar-se quer nas encostas quer nas linhas de água a existência de etapas diferentes de substituição. Dos fatores de degradação ressalta o ciclo do fogo e erosão com períodos de recorrência muito curtos os quais impedem o restabelecimento dos grupos mais sensíveis ou exigentes. A presença duradoura dos eucaliptais impede igualmente o desenvolvimento das sucessões dentro das parcelas de cultivo. A Tabela 6 não esgota a ocorrência de espécies vegetais nas propriedades da EGLON, contudo pretende listar por um lado as espécies mais frequentes e por outro, aquelas que merecem especial interesse científico ou de proteção (Figuras 13 e 14). A listagem de espécies de flora existente foi agrupada por região PROF.



Figura 13. Algumas das espécies mais comuns nas propriedades da EGLON, da esquerda para a direita, *Arbutus unedo*, *Cistus ladanifer* e *Quercus lusitanica*.



Figura 14. Algumas espécies com interesse científico presentes nas propriedades da EGLON, da esquerda para a direita, *Erica ciliaris*, *Campanula primulifolia* e *Drosophyllum lusitanicum*.

Tabela 5. Flora e recursos silvestres presentes em cada região PROF.

Nome comum	Nome científico	Estatuto	Algarve		Alentejo Litoral		Baixo Alentejo		Observações
			Comuns	Raras	Comuns	Raras	Comuns	Raras	
Sobreiro	<i>Quercus suber</i>	DL n.º 155/204	X		X		X		
Azinheira	<i>Quercus rotundifolia</i>		X		X		X		
Carvalho cerquinho	<i>Quercus faginea</i>		X		X		X		
Carvalho português	<i>Quercus lusitanica</i>		X		X		X		
Carvalho de monchique	<i>Quercus canariensis</i>		X		X				Cerca Velha (plantado), Botelhão, Barranco do Carvalho (plantado)
Carrasco	<i>Quercus coccifera</i>		X		X		X		
Castanheiro	<i>Castanea sativa</i>		X						Botelhão e Barranco do Carvalho
Zambujeiro	<i>Olea europaea</i> var. <i>sylvestris</i>		X		X		X		
Medronheiro	<i>Arbutus unedo</i>		X		X		X		
Alfarrobeira	<i>Ceratonia siliqua</i>		X		X		X		
Esteva	<i>Cistus ladanifera</i>		X		X		X		
Estevão	<i>Cistus populifolius</i>		X		X		X		
Sargaço	<i>Cistus salvifolius</i>		X		X		X		
Carqueja	<i>Pterospartum tridentatum</i>		X		X		X		
Tojo gatum	<i>Stauracanthus boivinii</i>		X		X		X		
Urze	<i>Calluna vulgaris</i>		X		X		X		
Urze	<i>Erica ciliaris</i>			X		X		X	
Rosmaninho	<i>Lavandula luisieri</i> e <i>L. stoechas</i>		X		X		X		
Lentisco	<i>Phillyrea angustifolia</i>		X		X		X		
Salgueiro	<i>Salix salvifolia</i> subsp. <i>Australis</i>	Diretiva 92/43/CEE		X		X		X	Caeiro, Três Malhões, Pomar e Pomar do Varela Sul
Gilbardeira	<i>Ruscus aculeatus</i>			X		X		X	Caeiro
Cantaureia	<i>Centaurea</i> sp. (<i>vicentina</i>)	Diretiva 92/43/CEE		X		X			Caeiro, Parras, Romeiro e Desmoitadas
Campainhas	<i>Campanula primulifolia</i>			X		X		X	Parras, Romeiro e Desmoitadas
Rodendro, adelfeira	<i>Rhododendron ponticum</i> subsp. <i>Baeticum</i>			X		X			Parras, Romeiro e Desmoitadas, Três Malhões
Joinas	<i>Helichrysum stoechas</i>			X		X		X	
Senecia	<i>Senecio lopezii</i>			X		X		X	
Samouco	<i>Myrica faya</i>			X		X		X	
Tomilho	<i>Thymus villosus</i>			X		X		X	Romeiro e Desmoitadas
Feto-real	<i>Osmunda regalis</i>			X		X		X	
Táveda	<i>Dittrichia viscosa</i> subsp. <i>Revoluta</i>			X		X		X	
Baba de lobo	<i>Drosophyllum lusitanicum</i>			X		X		X	Parras
Folhado	<i>Viburnum tinus</i>		X		X		X		
Silvas	<i>Rubus ulmifolius</i>		X		X		X		
Rosas silvestres	<i>Rosa canina</i>		X		X		X		
Aroeira	<i>Pistacia lentiscus</i>		X		X		X		
Madressilva	<i>Lanigera periclymenum</i> subsp. <i>Hispanica</i>		X		X		X		

2.5.2. Fauna

Apresentam-se listagens de espécies de fauna por região PROF, com distribuição apontada para a área de estudo, distinguindo-se as cinegéticas daquelas que possuem estatuto de proteção (Tabela 6).

Tabela 6. Espécies de vertebrados potencialmente presentes nas áreas sob gestão.

Nome comum	Nome científico	Categoria	Tipo de ocorrência	Directiva Habitats/Aves	CITES	Espécie cinegética	Algarve	Alentejo Litoral	Baixo Alentejo
MAMÍFEROS									
Coelho	<i>Oryctolagus caniculus</i>	Quase Ameaçado	Residente			Sim	X	X	X
Gato-bravo	<i>Felis silvestris</i>	Vulnerável	Residente	B-IV	Sim		X	X	X
Javali	<i>Sus scrofa</i>	Pouco Preocupante	Residente			Sim	X	X	X
Lebre	<i>Lepus granatensis</i>	Pouco Preocupante	Residente			Sim	X	X	X
Lince-ibérico*	<i>Lynx pardinus</i>	Criticamente em perigo	Residente/Endemismo ibérico	B-II, B-IV	Sim		X	X	X
Lontra	<i>Lutra lutra</i>	Pouco Preocupante	Residente	B-II, B-IV			X	X	X
Morcego-de peluche	<i>Miniopterus schreibersi</i>	Vulnerável	Residente	B-II, B-IV			X	X	
Morcego-de-água	<i>Myotis daubentonii</i>	Pouco Preocupante	Residente	B-IV					X
Morcego-de-ferradura-grande	<i>Rhinolophus ferrumequinum</i>	Vulnerável	Residente	B-II, B-IV			X	X	
Morcego-de-ferradura-pequeno	<i>Rhinolophus hipposideros</i>	Vulnerável	Residente	B-II, B-IV			X	X	
Morcego-rato-pequeno	<i>Myotis blythii</i>	Criticamente Ameaçado	Residente	B-II, B-IV			X	X	
Raposa	<i>Vulpes vulpes</i>	Pouco Preocupante	Residente			Sim	X	X	X
Rato da cabreira	<i>Microtus cabrerai</i>	Vulnerável	Residente/Endemismo ibérico	B-II, B-IV			X	X	
Sacarrabos	<i>Herpestes ichneumon</i>	Pouco Preocupante	Residente	B-V		Sim	X	X	X
Veado	<i>Cervus elaphus</i>	Pouco Preocupante	Residente		Sim	Sim	X	X	X
AVES									
Águia calçada	<i>Hieraaetus pennatus</i>	Quase Ameaçado	Migrador Reprodutor	A-I	Sim		X	X	X
Águia cobreira	<i>Circus gallicus</i>	Quase Ameaçado	Migrador Reprodutor	A-I	Sim		X	X	X
Águia de Bonelli	<i>Hieraaetus fasciatus</i>	Em perigo	Residente	A-I	Sim		X	X	X
Águia-real	<i>Aquila chrysaetos</i>	Em perigo	Residente	A-I	Sim		X	X	X
Bufo real	<i>Bufo bufo</i>	Quase Ameaçado	Residente	A-I	Sim		X	X	X
Calhandrinha	<i>Calandrella brachydactyla</i>	Pouco Preocupante	Residente	A-I			X	X	X
Cegonha	<i>Ciconia ciconia</i>	Pouco Preocupante	Migrador Reprodutor	A-I					X
Codorniz	<i>Coturnix coturnix</i>	Pouco Preocupante	Migrador Reprodutor			Sim	X	X	X
Cotovia dos bosques	<i>Lullula arborea</i>	Pouco Preocupante	Residente	A-I			X	X	X
Cotovia escura	<i>Galerida theklae</i>	Pouco Preocupante	Residente	A-I			X	X	X
Estorninho-malhado	<i>Sturnus vulgaris</i>	Pouco Preocupante	Visitante			Sim	X	X	X
Gaio	<i>Garrulus glandarius</i>	Pouco Preocupante	Residente			Sim	X	X	X
Galinholha	<i>Scolopax rusticola</i>	Informação Insuficiente	Visitante			Sim	X	X	X
Gralha preta	<i>Corvus corone</i>	Pouco Preocupante	Residente			Sim	X	X	X
Guarda-rios	<i>Alcedo atthis</i>	Pouco Preocupante	Residente	A-I			X	X	X
Mihafre preto	<i>Milvus migrans</i>	Pouco Preocupante	Migrador Reprodutor	A-I	Sim		X	X	X
Narceja-comum	<i>Gallinago gallinago</i>	Criticamente em perigo	Nidificante			Sim	X	X	X
Narceja-galega	<i>Lymnocyptes minimus</i>	Informação Insuficiente	Visitante			Sim	X	X	X
Pega-rabuda	<i>Pica pica</i>	Pouco Preocupante	Residente			Sim	X	X	X
Peneireiro cinzento	<i>Elanus caeruleus</i>	Quase Ameaçado	Residente	A-I	Sim		X	X	X
Perdiz vermelha	<i>Alectoris rufa</i>	Pouco Preocupante	Residente			Sim	X	X	X
Pombo-bravo	<i>Columba oenas</i>	Informação Insuficiente	Residente			Sim	X	X	X
Pombo-das-rochas	<i>Columba livia</i>	Informação Insuficiente	Residente			Sim	X	X	X
Pombo-torcaz	<i>Columba palumbus</i>	Pouco Preocupante	Residente			Sim	X	X	X
Rola-comum	<i>Streptopelia turtur</i>	Pouco Preocupante	Migrador Reprodutor			Sim	X	X	X
Tordeia	<i>Turdus viscivorus</i>	Pouco Preocupante	Residente			Sim	X	X	X
Tordo-comum	<i>Turdus philomelos</i>	Pouco Preocupante	Visitante			Sim	X	X	X
Tordo-ruivo	<i>Turdus iliacus</i>	Pouco Preocupante	Visitante			Sim	X	X	X
Tordo-zornal	<i>Turdus pilaris</i>	Informação Insuficiente	Visitante			Sim	X	X	X
Toutinegra do mato	<i>Sylvia undata</i>	Pouco Preocupante	Residente	A-I			X	X	X
ANFÍBIOS									
Rã-de-focinho-pontiagudo	<i>Discoglossus galganoi</i>	Quase Ameaçado	Residente/Endemismo ibérico	B-II, B-IV			X	X	X
Rã-verde	<i>Rana perezi</i>	Pouco Preocupante	Residente	B-V			X	X	
Reia-meridional	<i>Hyla meridionalis</i>	Pouco Preocupante	Residente	B-IV			X	X	
Sapo-corredor	<i>Bufo calamita</i>	Pouco Preocupante	Residente	B-IV			X	X	
Sapo-parteiro-ibérico	<i>Alytes cisternasii</i>	Pouco Preocupante	Residente/Endemismo ibérico	B-IV			X	X	
Tritão-marmorado	<i>Triturus marmoratus</i>	Pouco Preocupante	Residente	B-IV			X	X	
REPTÍLIOS									
Cágado	<i>Mauremys leprosa</i>	Pouco Preocupante	Residente	B-II, B-IV			X	X	X
Cágado-de-carapaça-estriada	<i>Emys orbicularis</i>	Em perigo	Residente	B-II, B-IV			X	X	
Cobra-de-ferradura	<i>Coluber hippocrepis</i>	Pouco Preocupante	Residente	B-IV			X	X	
Cobra-de-pernas-pentadactila	<i>Chalcides bedriagai</i>	Pouco Preocupante	Residente	B-IV			X	X	
Lagarto-de-água	<i>Lacerta schreiberi</i>	Pouco Preocupante	Residente/Endemismo ibérico	B-II, B-IV			X	X	
PÉIXES									
Boga-de-boca-arqueada	<i>Rutilus lemmingii</i>	Em perigo	Residente/Endemismo ibérico	B-II					X
Boga-portuguesa	<i>Chondrostoma lusitanicum</i>	Criticamente em perigo	Residente	B-II			X	X	X
Bordalo	<i>Rutilus alburnoides</i>	Vulnerável	Residente/Endemismo ibérico	B-II					X
Saramugo	<i>Anaecypris hispanica</i>	Criticamente em perigo	Residente	B-II, B-IV					X

Na tabela identificaram-se a laranja as espécies de vertebrados presentes e/ou potencialmente presentes nas UG que têm estatuto de conservação “Ameaçado” de acordo com o Livro Vermelho de Vertebrados de Portugal (Cabral et al., 2005). Uma nota final relativa às Convenções Internacionais: na análise feita às convenções na área de biodiversidade, verificou-se que as convenções RAMSAR, ITTA não têm aplicação na área sob gestão. A tabela identifica também as espécies listadas na

convenção **CITES** sobre o Comércio Internacional das Espécies da Fauna e da Flora Selvagens Ameaçadas de Extinção cujo objetivo é garantir que nenhuma espécie da fauna ou da flora selvagem corre risco ou continua a ser alvo de uma exploração insustentável devido ao comércio internacional.

A vegetação ripícola, ao longo das linhas de água, desempenha também um importante papel no funcionamento dos ecossistemas associados, proporcionando habitats de alimentação, abrigo e reprodução para um grande número de espécies terrestres, aquáticas e anfíbias, muitas delas com estatuto de conservação. A sua remoção ou artificialização conduz a uma perda de capacidade de suporte para a generalidade das espécies que dela dependem, para além dos impactos negativos ao nível das funções de estabilização e proteção das margens, à filtração da poluição difusa, ao controlo das cheias, entre outros. As intervenções nestas áreas têm em consideração a proteção destes biótopos.

2.5.3. Habitats

A Rede Natura 2000 é uma rede ecológica para o espaço comunitário da União Europeia resultante da aplicação da Diretiva 79/409/CEE do Conselho, de 2 de abril de 1979 (Diretiva Aves) - revogada pela Diretiva 2009/147/CE, de 30 de Novembro - e da Diretiva 92/43/CEE (Diretiva Habitats) que tem como finalidade assegurar a conservação a longo prazo das espécies e dos habitats mais ameaçados da Europa, contribuindo para parar a perda de biodiversidade. Constitui o principal instrumento para a conservação da natureza na União Europeia.

Nestas áreas de importância comunitária para a conservação de determinados habitats e espécies, as atividades humanas deverão ser compatíveis com a preservação destes valores, visando uma gestão sustentável do ponto de vista ecológico, económico e social.

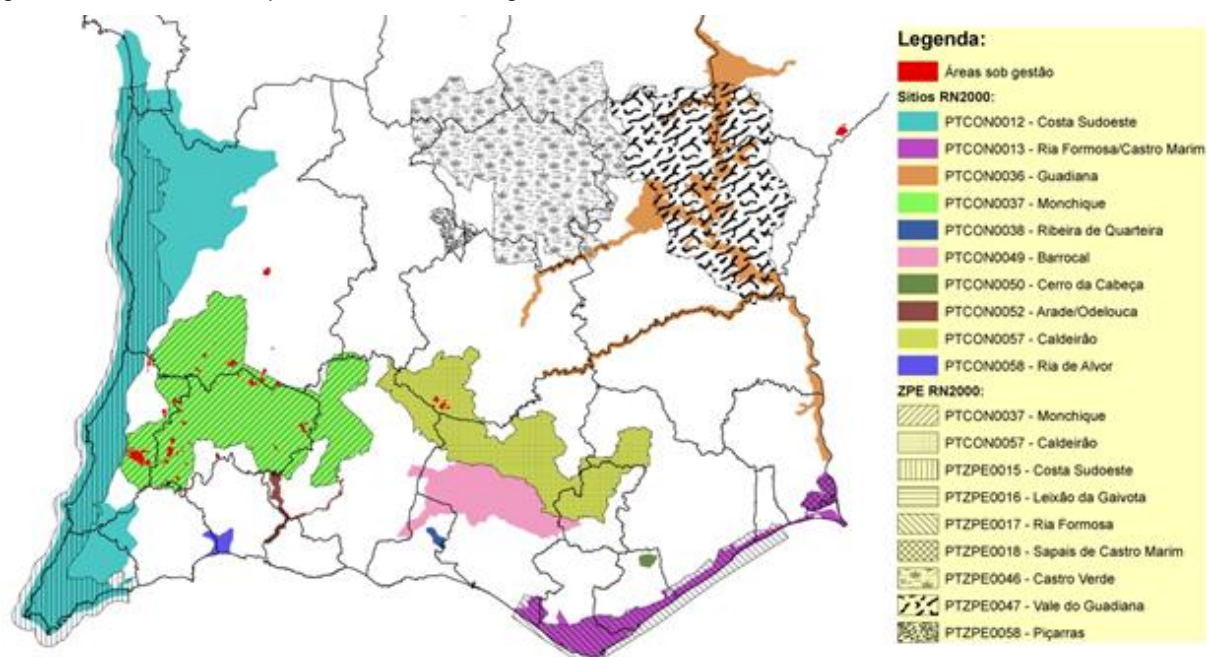


Figura 15. Mapa com localização das áreas sob gestão na Rede Natura 2000.

Conforme é visível na Figura 15, grande parte da área sob gestão da EGLON encontra-se inserida em áreas da Rede Natura 2000 (75%), sendo que a maior parte das propriedades (67%) estão sujeitas ao estatuto jurídico especial de proteção e gestão da ZPE (Zona de Proteção Especial) e SIC (Sítio de Importância Comunitária) de Monchique (PTCON0037). De realçar também as propriedades situadas no concelho de Almodôvar que se encontram inseridas na ZPE e SIC do Caldeirão (PTCON0057), num total de 8% da área sob gestão. A conservação e a valorização do património natural nas áreas protegidas, nos sítios e nas zonas de proteção especial são asseguradas, de certa forma, pelo cumprimento da legislação e dos planos especiais de ordenamento do território aplicáveis, o que permite garantir uma gestão respeitadora dos objetivos de cada área, por forma a salvaguardar os valores ambientais em presença.

O Sítio de Interesse Comunitário de **MONCHIQUE (PTCON0037)** foi criado pela Resolução de Conselho de Ministros n.º 142/97 de 28 de Agosto. Para este sítio identificaram-se os seguintes habitats naturais e semi-naturais constantes do anexo B-I do Dec. Lei nº49/2005:

- 3150 Lagos eutróficos naturais com vegetação da *Magnopotamion* ou da *Hydrocharition*
- 3170* Charcos temporários mediterrânicos
- 3260 Cursos de água dos pisos basal a montano com vegetação da *Ranunculion fluitantis* e da *Callitricho- Batrachion*
- 3280 Cursos de água mediterrânicos permanentes da *Paspalo-Agrostidion* com cortinas arbóreas ribeirinhas de *Salix* e *Populus alba*
- 3290 Cursos de água mediterrânicos intermitentes da *Paspalo-Agrostidion*
- 4020* Charnecas húmidas atlânticas temperadas de *Erica ciliaris* e *Erica tetralix*
- 4030 Charnecas secas europeias
- 5210 Matagais arborescentes de *Juniperus spp*
- 5230* Matagais arborescentes de *Laurus nobilis*
- 5330 Matos termomediterrânicos pré-desérticos
- 6220* Subestepes de gramíneas e anuais da *Thero-Brachypodietea*
- 6310 Montados de *Quercus spp.* de folha perene
- 6420 Pradarias húmidas mediterrânicas de ervas altas da *Molinio-Holoschoenion*
- 8220 Vertentes rochosas siliciosas com vegetação casmofítica
- 91E0*Florestas aluviais de *Alnus glutinosa* e *Fraxinus excelsior* (*Alno-Padion*, *Alnion incanae*, *Salicionalbae*)
- 9240 Carvalhais ibéricos de *Quercus faginea* e *Quercus canariensis*
- 9260 Florestas de *Castanea sativa*
- 92A0 Florestas-galerias de *Salix alba* e *Populus alba*
- 92B0 Florestas-galerias junto aos cursos de água intermitentes mediterrânicos com *Rhododendron ponticum*, *Salix* e outras espécies
- 92D0 Galerias e matos ribeirinhos meridionais (*Nerio-Tamaricetea* e *Securinegion tinctoriae*)
- 9330 Florestas de *Quercus suber*
- 9340 Florestas de *Quercus ilex* e *Quercus rotundifolia*

O Sítio de Interesse Comunitário do **CALDEIRÃO (PTCON0057)** foi criado pela Resolução de Conselho de Ministros n.º 76/00 de 5 de Julho. Para este sítio identificaram-se os seguintes habitats naturais e semi-naturais constantes do anexo B-I do Dec. Lei nº49/2005:

- 3170* Charcos temporários mediterrânicos
- 3290 Cursos de água mediterrânicos intermitentes da *Paspalo-Agrostidion*
- 6220* Subestepes de gramíneas e anuais da *Thero-Brachypodietea*
- 6310 Montados de *Quercus spp.* de folha perene
- 6420 Pradarias húmidas mediterrânicas de ervas altas da *Molinio-Holoschoenion*
- 8310 Grutas não exploradas pelo turismo
- 9330 Florestas de *Quercus suber*
- 92A0 Florestas-galerias de *Salix alba* e *Populus alba*
- 92D0 Galerias e matos ribeirinhos meridionais (*Nerio-Tamaricetea* e *Securinegion tinctoriae*)

Desta listagem merece destaque aqueles que se encontram nas propriedades da EGLON no âmbito do presente PGF e que se identificam na Tabela 7 e Figura 16.

Tabela 7. Habitats presentes nas áreas sob gestão.

UG	4030pt5 Urzaís, urzaís- esteveais e tojaís- esteveais	5330pt3 Medronhais	6310 Montados de <i>Quercus spp.</i> de folha perene	9240 Carvalhais ibéricos de <i>Quercus faginea</i> e <i>Quercus</i> <i>canariensis</i>	9330 Florestas de <i>Quercus</i> <i>suber</i>	92A0pt5 Salgueirais arbustivos de <i>Salix salviifolia</i> <i>subs. australis</i>	92B0 Florestas- galerias com <i>Rhododendron</i> <i>ponticum</i> , <i>Salix</i> e outras espécies
Balsinhas	X		X	X	X	X	
Barradas	X		X		X	X	
Barranco da Madeira							
Barranco do Cão e da Galé	X			X	X	X	
Barranco do Carvalho	X		X		X	X	
Barranco do Castanheiro							
Besteiros	X				X		
Botelhão	X				X		
Brejo Fundo	X			X	X		X
Cabanas	X						
Caeiro	X		X		X		X
Cerca Velha	X		X		X		
Choça	X				X		
Cotofo							
Eira da Palha					X		X
Embarradouro de Cima	X				X		
Estercadas	X				X		
Fornalha	X				X		X
Foz do Zevinho	X				X	X	
Guena							
Herdade da Cascalheira	X		X				X
Lameiro	X			X	X		X
Macheirinha	X		X				
Marianes	X		X	X			X
Mariolia	X						
Moitas	X		X				X
Monte Novinho	X		X		X		
Mourão	X				X	X	
Parras	X			X	X		X
Pau e Corna			X				
Pedra Branca	X		X		X		
Poldreiras							
Pomar						X	
Pomar do Varela Sul					X	X	
Romeiras							
Romeiro e Desmoitadas	X			X	X		X
Três Malhões	X				X		
Vale da Torre	X	X	X				X
Vale Fontes	X				X		



Figura 16. (1) 9240 Carvalhais ibéricos de *Q. faginea* e *Q. canariensis*; (2) 4030pt5 Urzais, urzais-estevais e tojais estevais; (3) 5330pt3 Medronhais; (4) 6310 Montados de *Quercus* spp. de folha perene; (5) 9330 Florestas de *Quercus suber*; (6) 92A0 Florestas-galerias de *Salix alba* e *Populus alba*; (7) 92B0 Florestas-galerias junto aos cursos de água intermitentes mediterrânicos com *Rhododendron ponticum*, *Salix* sp.

2.6. Pragas, doenças e infestantes

A maior ou menor intensidade, bem como o seu grau de dispersão, do ataque de pragas em árvores isoladas ou povoamentos depende essencialmente do vigor com que estas se encontram, da qualidade da estação, de como foi efetuada a sua plantação e das condições climáticas a que se encontram sujeitas. Para além dos aspetos já referidos, outros existem que podem ser determinantes na suscetibilidade ou resistência das árvores aos diferentes agentes e por conseguinte na forma como evolui o estado fitossanitário da floresta, tais como operações de silvicultura essenciais à correta gestão, mas que se não forem executadas corretamente detêm um carácter negativo. No património gerido pela EGLON surgem espécies invasoras que podem constituir uma ameaça quer às comunidades naturais quer à própria produtividade do sistema florestal. Algumas dessas invasoras com distribuição na região encontram-se listadas na Tabela 8 e Figura 17.

Tabela 8. Identificação das infestantes nas áreas sob gestão.

Nome comum	Nome científico
Mimosa	<i>Acacia dealbata</i>
Acácia	<i>Acacia pycnantha</i>
Acácia	<i>Acacia retinoides</i>
Háquia	<i>Hakea salicifolia</i>
Cana verde	<i>Arundo donax</i>
Sumaúma bastarda	<i>Gomphocarpus fruticosus</i>



Figura 17. Algumas espécies exóticas presentes nas propriedades da EGLON, da esquerda para a direita, *Acacia pycnantha* (acácia), *Acacia retinoides* (acácia) e *Gomphocarpus fruticosus* (sumaúma-bastarda).

Desta listagem destacam-se as acácias, especialmente a mimosa, que costumam invadir inicialmente os territórios com boas condições como as linhas de água. Nessa circunstância a colonização dá-se de montante a jusante com enorme capacidade invasiva. Neste caso a gestão do problema inicia-se pela monitorização da progressão e pela remoção contínua e ativa de todos os órgãos reprodutivos enquanto os núcleos e ocorrências são restritos.

Apesar de não se terem verificado sinais de pragas e doenças nas áreas florestais da EGLON, a **monitorização das pragas, doenças e infestantes deve ter uma periodicidade anual**, devendo-se em cada ano proceder à determinação dos níveis económicos de ataque e proceder à avaliação de impactes. Em virtude dos resultados deve-se ponderar as alterações das medidas de gestão ou a sua introdução, no sentido de minimizar o seu e, em último caso, elaborar planos de intervenção para controlo dos agentes bióticos em causa.

As medidas de gestão a implementar poderão passar, em último caso, pela utilização de produtos fitofarmacêuticos, nomeadamente:

- Fungicidas – Controle dos fungos que atacam as plantas;
- Herbicidas – Controle de ervas classificadas como infestantes;
- Inseticidas – Controle de insetos;

Mesmo tendo em consideração o avanço científico que induz à utilização de produtos cada vez menos tóxicos, mais específicos para o problema a combater e com menor impacto ambiental, a EGLON adotará uma estratégia de **redução progressiva na utilização de fitofármacos** nas suas áreas. A utilização racional de produtos fitofármacos tem como objetivos:

- Redução do risco e dos impactes na saúde humana e no ambiente;
- Recurso a modos de produção sustentáveis, incluindo meios alternativos não químicos;
- Reduzir a dependência relativamente à luta química.

2.7. Incêndios florestais, cheias e outros riscos naturais

A Carta de Risco de Incêndio Florestal (CRIF2011) tem por objetivo apoiar o planeamento de medidas de prevenção aos fogos florestais, assim como a otimização dos recursos e infra-estruturas disponíveis para a defesa e combate aos fogos florestais. A carta foi produzida recorrendo a um modelo de variáveis fisiográficas que podem explicar de forma mais relevante a variabilidade espacial do risco de incêndio florestal.

A cartografia de ocupação do solo utilizada na elaboração da CRIF2011 foi a COS2007 do IGP - Carta de Uso e Ocupação do Solo de Portugal Continental para 2007 (Figura 18). A COS2007 foi atualizada nas áreas ardidas posteriores a 2007, inclusive, utilizando para esse efeito a série de áreas ardidas de 2007, 2008, 2009 e 2010 da AFN. A atribuição do grau de risco a cada tipo de ocupação foi feita, por um lado, tendo em conta os diferentes graus de inflamabilidade e combustibilidade de cada espécie e, por outro, a análise estatística das áreas ardidas de 1990 a 2006 por tipo de ocupação de solo.

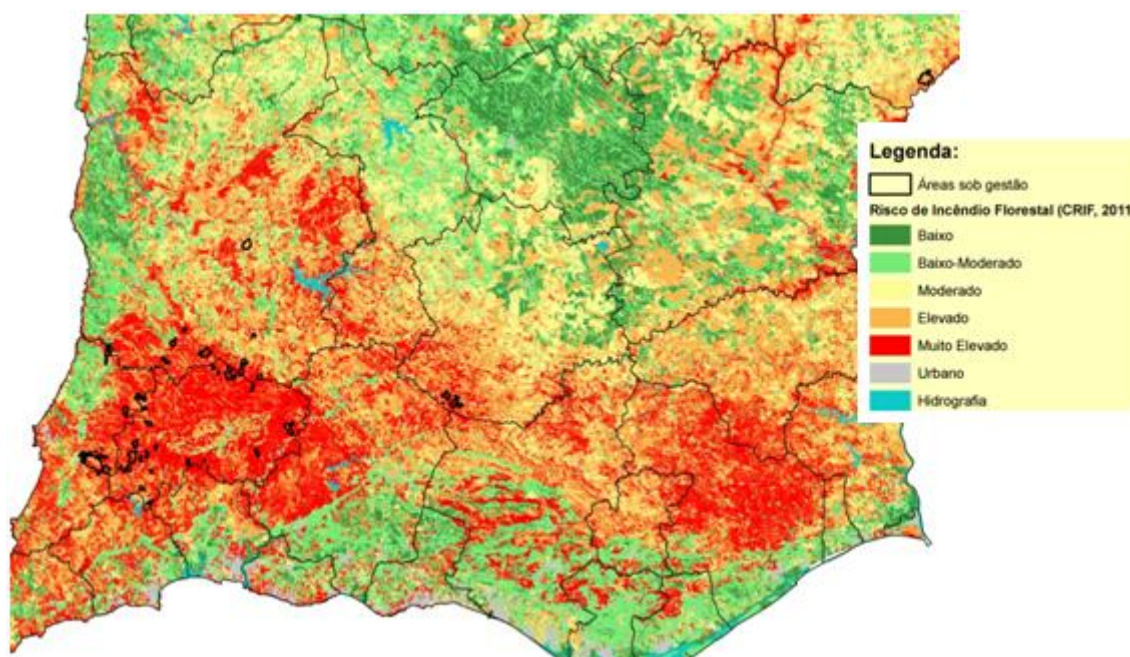


Figura 18. Extrato da Carta de Risco de Incêndio Florestal (CRIF, 2011).

Verifica-se que a maioria das propriedades apresenta risco de incêndio elevado a potencialmente muito elevado. Deste modo a existência de uma silvicultura cuidada, rede de Faixas de Gestão de Combustível (FGC) e mosaicos de baixa combustibilidade, boas acessibilidades e pontos de água assumem uma particular importância na gestão deste património.

Salienta-se o facto de que este mapa foi elaborado com a informação da ocupação do solo de 2007, pelo que atualmente se encontra desatualizada, uma vez que entretanto foram realizadas novas plantações. Assim sendo, optou-se por realizar nova carta adaptada de risco de incêndio para cada UG, utilizando não só a probabilidade anual de incêndio mas também os mapas de declive e uso de solo atualizado.

O mapa resultante de risco de incêndio associa as áreas de maior declive e com cobertura florestal às áreas de maior risco de incêndio, não refletindo o comportamento do fogo nem a dificuldade de supressão do fogo. Esta informação deve ser analisada como base para identificação das áreas que, caso não haja gestão da vegetação existente, têm maior sensibilidade ao risco de destruição pelo fogo. Devido ao efeito da cobertura do solo (sobretudo plantações de eucalipto que são muito sensíveis) a maior parte das UG estão classificadas como tendo um risco de incêndio de moderado a muito elevado (muito elevado – 36%; elevado – 21%; moderado – 28%), conforme se pode verificar na Figura 19.

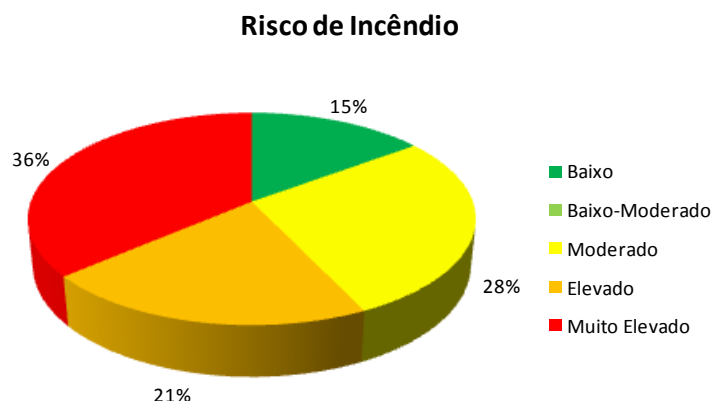


Figura 19. Distribuição da área sob gestão pelas classes de risco de incêndio.

De acordo com os dados divulgados pelo ICNF, no período 1990 a 2013 contabilizaram-se alguns incêndios nas áreas atualmente sob gestão do EGLON, com particular importância nos anos de 1995 e 2003 (Figura 20). O ano de 2003 foi particularmente danoso, com incêndios que varreram 32 propriedades da EGLON, num total de 1575 hectares.

A presença de manchas florestais contínuas e extensas que se verificam na região de Monchique, favorece a ocorrência de incêndios grandes e severos, sendo que as espécies mais vulneráveis ao fogo são as coníferas e os eucaliptos, neste último caso o core *business* da empresa.

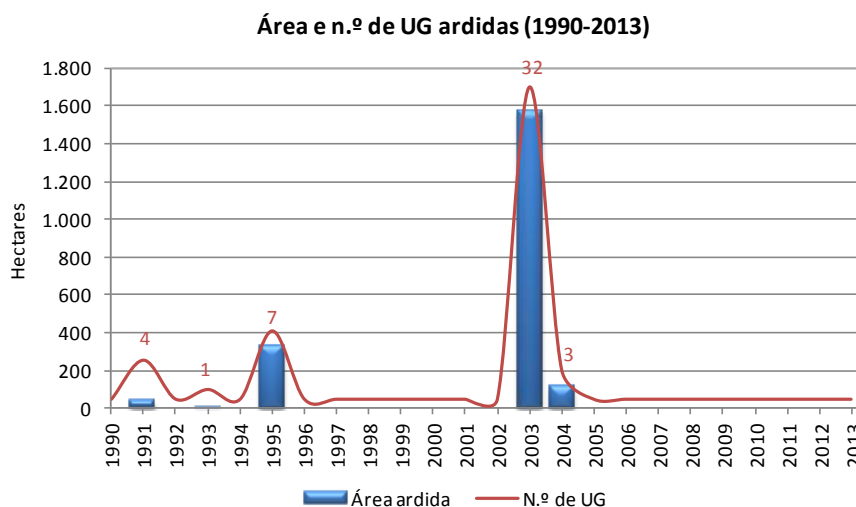


Figura 20. Total de área e n.º de UG ardidas no período de 1990 – 2013 (ICNF).

Para além dos incêndios florestais, a erosão do solo é um dos principais riscos naturais que poderá resultar em prejuízos materiais e económicos avultados incluindo a perda de fertilidade dos solos devido a remoção das camadas superficiais finas ricas em nutrientes, perturbação de ecossistemas sensíveis, diminuição da capacidade de retenção de água dos solos reduzindo assim a disponibilidade para as culturas, aumento do risco de cheias, pela deposição de materiais nas linhas de água, entre os principais.

De acordo com a Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação, a desertificação corresponde à degradação da terra, nas zonas áridas, semiáridas e sub-húmidas secas, em resultado da influência de vários fatores, incluindo as variações climáticas e as atividades humanas. No âmbito do Programa de Ação Nacional de Combate à Desertificação PANCD foram definidos três índices (Índice climático, Índice de perda de solo, Índice de seca) de modo a elaborar um índice de susceptibilidade à desertificação, que foi aplicado ao território nacional, permitindo averiguar a distribuição do fenómeno no país (Figura 21).

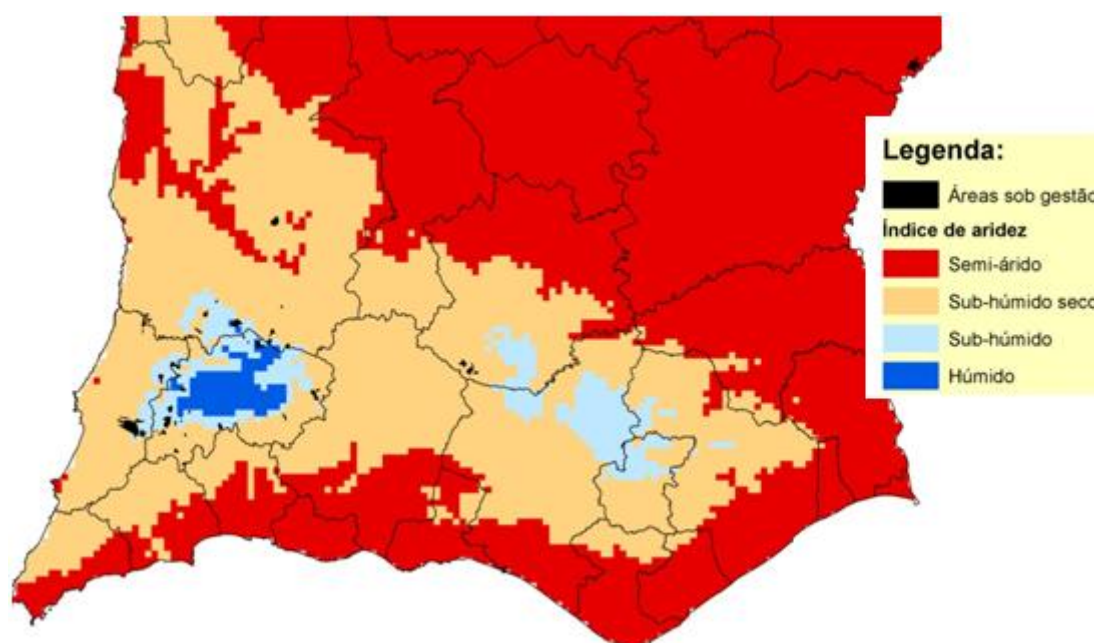


Figura 21. Mapa com Índice de Suscetibilidade à Desertificação.

Cerca de 66% da área da EGLON apresenta clima semi-árido e sub-húmido seco, ou seja em risco de destruição do potencial produtivo da terra. Estas áreas correspondem às UG mais afastadas do maciço serrano-monchiquense e às UG localizadas em Almodôvar e Serpa.

Para a EGLON, o principal impacto sobre o solo é proveniente da erosão hídrica, que é mais relevante no solo mobilizado das novas plantações. Para prevenir esta situação a EGLON procurará monitorizar as áreas recém-plantadas, através do registo do tipo de erosão e dos locais de ocorrência, permitindo avaliar as opções tomadas na altura da execução do projeto e se necessário recomendar novas medidas para travar o avanço da erosão.

3. Regimes legais específicos

3.1. Restrições de utilidade pública

Relativamente ao uso e fruição das propriedades, foram identificadas as restrições de utilidade pública que de seguida se descrevem (Tabela 9).

Tabela 9. Restrições de utilidade pública identificadas para a área de estudo.

UG	REN		RAN		Rede Natura 2000				Património arqueológico	Linhas elétricas		Marcos geodésicos Elevação (m)
	ha	%	ha	%	Tipo	Designação	ha	%		Tipo	km	
Balsinhas	257,57	51%	6,40	1%	SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	503,53	99%				
Barradas	50,01	100%			SIC	PTCON0012 Costa Sudoeste	5,02	1%				
Barranco da Madeira	9,87	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	50,01	100%				
Barranco do Cão e da Galé	71,90	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	9,87	100%		Média Tensão	0,32	
Barranco do Carvalho	10,41	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	71,90	100%				
Barranco do Castanheiro	17,76	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	10,41	100%				
Besteiros	26,99	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	17,76	100%				
Botelhão	104,99	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	26,99	100%				
Brejo Fundo	10,64	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	105,05	100%				
Cabanas	13,31	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	10,64	100%				
Caeiro	11,66	96%					13,31	100%				
Cerca Velha	41,64	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique						
Choça	116,13	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	39,81	96%		Alta Tensão	0,81	447
Cotofo	29,67	88%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	116,12	100%				393
Eira da Palha	25,77	100%			SIC e ZPE	PTCON0057 - Caldeirão	33,69	100%				
Embarradouro de Cima	35,40	100%					25,77	100%				
Estrecadas	6,14	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique						
Fornalha	31,01	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	6,14	100%				
Foz do Zevinho	9,14	98%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	31,01	100%		Alta Tensão	0,23	
Gueua	7,21	33%					9,14	98%				
Herdade da Cascalheira	70,30	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique						
Lameiro	38,02	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	1,93	3%				
Macheirinha	13,70	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	38,02	100%				
Marianes	64,40	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	13,70	100%				
Mariolia	42,15	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	64,40	100%		Média Tensão	0,66	367
Moitas	40,74	78%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	42,15	100%				
Monte Novinho	84,62	65%					7,05	14%				
Mourão	34,16	46%	0,30	0,4%	SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique						
Nevoeira	7,31	29%	0,29	1%	SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	75,05	100%				
Parras	49,18	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	25,04	100%				
Pau e Corna	164,29	67%					49,17	100%				217
Pedra Branca	14,67	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique						
Poldreiras	7,93	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	14,67	100%				
Pomar	66,44	89%			SIC e ZPE	PTCON0057 - Caldeirão	7,93	100%				
Pomar do Varela Sul	95,27	100%			SIC e ZPE	PTCON0057 - Caldeirão	74,77	100%				
Romeiras	20,88	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	95,26	100%				
Romeiro e Desmoitadas	135,61	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	20,88	100%				
Três Malhões	41,32	83%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique	135,60	100%				
Vale da Torre	57,51	69%	2,29	3%			50,04	100%				
Vale Fontes	152,85	100%			SIC e ZPE	PTCON0037 Monchique			Torre da Atalaia	Alta Tensão	1,64	
							152,85	100%				

✓ REN – Reserva Ecológica Nacional

O regime jurídico da Reserva Ecológica Nacional (REN) encontra-se previsto no DL n.º 166/2008 de 22 de Agosto. De acordo com a Planta de Condicionantes dos PDM consultados, a área sob gestão apresenta 2.089 hectares (80% da área) de solos afetos ao regime jurídico da REN, que se caracterizam por serem áreas de elevado valor paisagístico e ambiental, nas quais se privilegia a salvaguarda das suas características essenciais. A REN identificada integra áreas relevantes para a sustentabilidade do ciclo hidrológico terrestre e também áreas de prevenção de riscos naturais (áreas de elevado risco de erosão hídrica do solo e áreas de instabilidade de vertentes). Estas áreas são indispensáveis à estabilidade ecológica do meio e à utilização racional dos recursos naturais. Nestes solos são assim proibidas todas as ações que diminuam ou destruam as suas funções e potencialidades, nomeadamente operações de loteamento, obras de urbanização, obras de

construção ou ampliação, vias de comunicação, escavações e aterros e destruição do revestimento vegetal para fins não agrícolas nem florestais (art.º 20º n.º 1 do DL n.º 166/2008). Todas as ações a implementar nas áreas sob o regime REN, nomeadamente as operações de florestação e reflorestação, a abertura de caminhos de apoio ao sector agrícola e florestal e as ações de controlo e combate a agentes bióticos não colocam em causa as funções desempenhadas pela respetiva área e serão devidamente sujeitas a comunicação e/ou autorização da Comissão de Coordenação de Desenvolvimento Regional (CCDR).

✓ **RAN – Reserva Agrícola Nacional**

O regime jurídico da Reserva Agrícola Nacional (RAN) encontra-se previsto no DL n.º 73/2009 de 31 de Março. Este regime destina-se a defender as áreas de maiores potencialidades agrícolas, ou aquelas que foram objeto de importantes investimentos destinados a aumentar a sua capacidade produtiva. Os solos da RAN devem ser exclusivamente afetos à agricultura, sendo proibidos todas as ações que diminuam ou destruam as suas potencialidades agrícolas. A Planta de Condicionantes dos PDM (Plano Diretor Municipal) consultados identifica 9 hectares (0,4%) de solos afetos ao regime jurídico da RAN. Todas as concessões, aprovações, autorizações administrativas, licenças ou comunicações prévias relativas a utilizações não agrícolas de solos integrados na RAN, carecem de parecer prévio vinculativo da respetiva entidade regional da RAN.

✓ **Rede Natura 2000**

A Rede Natura 2000 é uma rede ecológica europeia que resulta da aplicação de duas diretivas comunitárias distintas – a Diretiva Aves e a Diretiva Habitats – transpostas para o direito interno pelo DL n.º 140/99 de 24 de Abril. A RN2000 engloba as áreas classificadas como Sítios de Importância Comunitária (SIC) e as áreas classificadas como Zonas de Proteção Especial (ZPE). Cerca de 1.955 hectares (75%) da área sob gestão encontra-se sujeita aos instrumentos de gestão territorial estabelecidos para a Rede Natura 2000. Nas áreas abrangidas pela RN2000 devem ser tidas em consideração as indicações ao nível da gestão presentes no Plano Sectorial da Rede Natura 2000 e qualquer intervenção prevista não dispensa parecer do ICNB.

✓ **Servidões de Passagem às Linhas de Média e Alta Tensão**

A constituição de servidões administrativas respeitantes a infraestruturas de produção, transporte e distribuição de energia elétrica segue o regime previsto no DL n.º 29/2006 de 15 de Fevereiro. Os proprietários dos terrenos onde se encontrem instaladas linhas consideradas de utilidade pública, bem como os proprietários dos terrenos confinantes às referidas linhas, não podem instalar neles plantações que possam prejudicar a exploração das linhas. Por outro lado, no espaços florestais definidos nos PMDFCI (DL n.º 17/2009) é obrigatório que a entidade responsável pelas linhas de transporte e distribuição de energia elétrica em alta ou média tensão providencie a gestão do combustível numa faixa correspondente à projeção vertical dos cabos condutores exteriores acrescidos de uma faixa de largura não inferior a 7 metros (no caso de média tensão) ou 10 metros (no caso de alta tensão) para cada um dos lados.

✓ **Marcos geodésicos**

Os marcos geodésicos ou de triangulação cadastral têm zonas de proteção que abrangem uma área em redor do sinal, com o raio mínimo de 15m, estando aí condicionada a plantação de árvores.

✓ **Património arqueológico**

A **Torre da Atalaia** na UG Vale da Torre foi localizada pelos investigadores da prospeção arqueológica de 1988, havendo referências que será do Período Islâmico dos séculos XII e XIII. Situada em Odeceixe (Figura 22). Trabalhos arqueológicos realizados no local puseram a descoberto alguns troços de muralha, compartimentos interiores, uma segunda torre junto à primeira e objetos cerâmicos. Pensa-se que esta torre atalaia estaria ligada visualmente a outras estruturas semelhantes que comunicariam entre si através de fogo e de fumo, de modo a avisar a cidade de Silves de possíveis incursões cristãs ou outras que pusessem em risco o poder islâmico da altura. Após a primeira campanha de escavações arqueológicas no verão de 2007 e de nova intervenção em 2008, restaram os vestígios da grossa circular construída em xisto, pertencente à torre propriamente dita. O facto mais interessante desta estrutura gira em torno da torre central, onde existe um recinto no interior do qual se situavam alguns aposentos de dimensões bem pequenas, deveriam servir de abrigo aos militares que a ocupariam. Para além de ter sido ocupada pelos mouros, julga-se que terá servido como portagem na altura da Idade Média, como indicam os restos de telhas de fabrico cristão encontrados nas escavações. Sabe-se que desde então a torre foi abandonada e onde se sucederam séculos de ruína e esquecimento. Todos os anos, desde o início desta descoberta, na altura do verão, as escavações continuam em busca de novas descobertas. A EGLON reconhece o direito de acesso das comunidades locais a este património arqueológico pois trata-se de um local crítico para a sua identidade cultural tradicional.



Figura 22. Prospeção arqueológica na Torre da Atalaia na UG Vale da Torre.

3.2. Instrumentos de planeamento florestal

3.2.1. Enquadramento no PROF

Tendo em consideração o enquadramento técnico e institucional apropriado para minimização dos conflitos relacionados com categorias de usos do solo e modelos silvícolas concorrentes para o mesmo território, agruparam-se as UG em regiões sujeitas ao mesmo PROF. Estes planos desenham um modelo florestal a longo prazo, que cumpre os objetivos estabelecidos na Lei de Bases da Política Florestal, na Estratégia Nacional para as Florestas e na Estratégia Europeia para as Florestas, e se ajusta aos recursos disponíveis.

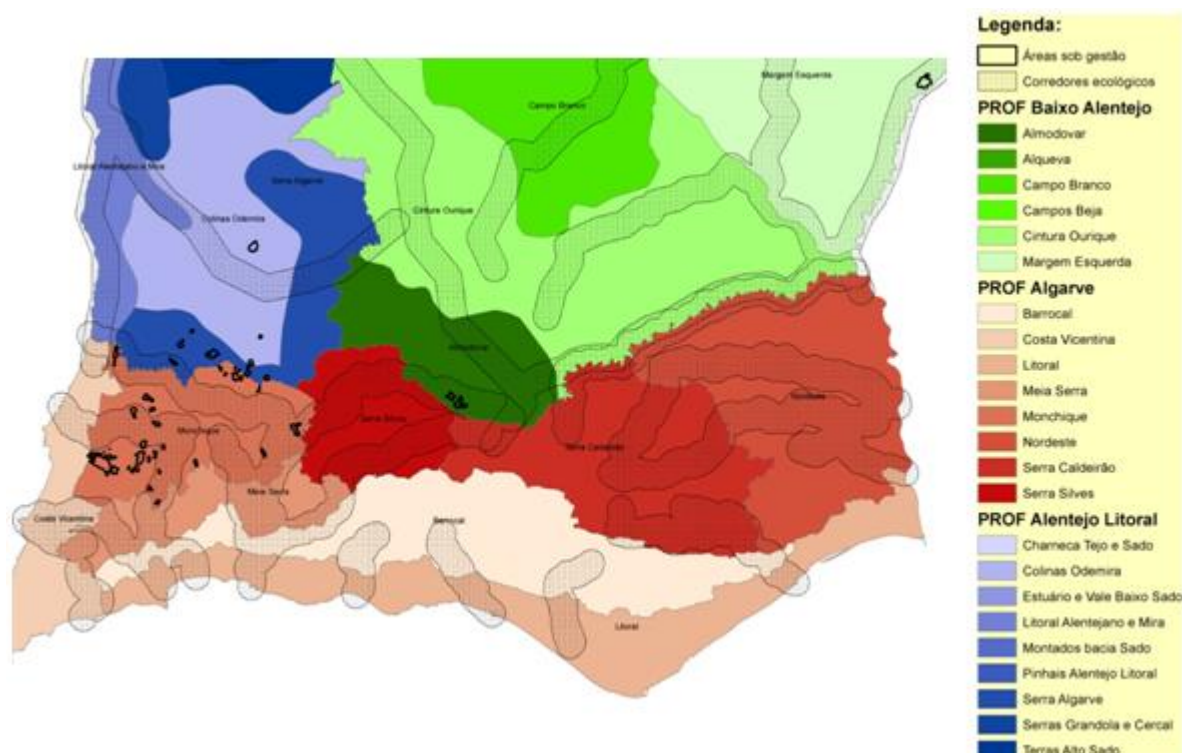


Figura 23. Mapa da área sob gestão por região PROF e sub-região homogénea.

A região PROF Algarve estabelece as orientações para a maioria das UG representando 63% da área total sob gestão (Figura 23). Com cerca de 20% da área total, está a região PROF Alentejo Litoral, e com menos representação aparece a região PROF Baixo Alentejo 17%. A sub-região homogénea de Monchique (PROF Algarve) abrange cerca de 1595 hectares, ou seja cerca de 60% da área sob gestão. Cerca de 958 hectares (37%) da área sob gestão encontra-se abrangida por corredores ecológicos, onde os espaços de refúgio são extremamente importantes tanto para os mamíferos como para as aves, algumas delas em sérios riscos de extinção. Devem assim ser tomadas as seguintes medidas de manutenção e fomento destas áreas:

- Conservar as manchas florestais naturais, nomeadamente as que constituem importantes locais de abrigo da fauna;
- Manter a tranquilidade dos locais de nidificação ou alimentação das espécies;
- Proteger e promover sempre que possível a regeneração natural de espécies autóctones;
- Proteger e manter as galerias ripícolas pouco intervencionadas;
- Adotar práticas silvícolas específicas de modo minimizar os impactos no habitat das espécies.

3.2.2. Enquadramento no PMDFCI

Os Planos Municipais de Defesa da Floresta Contra Incêndios (PMDFCI) contêm as ações necessárias à defesa da floresta contra incêndios e, para além das ações de prevenção, incluem a previsão e a programação integrada das intervenções das diferentes entidades envolvidas perante a eventual ocorrência de incêndios. O PMDFCI, que vigora durante cinco anos, pretende dotar as entidades intervenientes, não só de uma importante ferramenta de diagnóstico, mas também de uma base de trabalho que possa servir para uma intervenção positiva na floresta, prevenindo e

protegendo, tendo também em conta a defesa das pessoas e dos seus bens. No que diz respeito às FGC, foram identificadas as faixas com a seguinte descrição:

- **Edificações** – faixa de proteção de 50 m à volta das edificações integradas em espaços rurais. A execução destas faixas é da responsabilidade dos proprietários que detenham os terrenos. As edificações identificadas nos PMDFCI para as áreas sob gestão, são propriedade da EGLON mas encontram-se em ruínas e portanto sem qualquer valor patrimonial, pelo que não se preconizam operações silvícolas mínimas para a gestão de combustível nas respetivas faixas de proteção;

- **Rede elétrica** – faixa correspondente à projeção vertical dos cabos condutores exteriores das linhas de transporte e distribuição de energia, acrescidos de uma faixa de largura não inferior a 10 m (no caso de alta tensão) e a 7 m (no caso de média tensão) para cada um dos lados. A execução destas faixas é da responsabilidade da entidade responsável pelas linhas de transporte e distribuição de energia elétrica em alta ou média tensão;

- **Rede viária florestal** – faixa lateral de terreno confinante à rede viária florestal numa largura não inferior a 10 m. A execução destas faixas é da responsabilidade dos proprietários que detenham os terrenos. A Estradas de Portugal (EP) é responsável pela execução da FGC das Estrada Municipais e Nacionais identificadas;

- **Rede primária** – redes primárias de faixas de gestão de combustível, de interesse regional. A execução destas faixas é da responsabilidade dos proprietários que detenham os terrenos. No entanto alguns municípios têm-se responsabilizado pela gestão de combustíveis destas faixas. Cerca de 80 hectares das propriedades da EGLON estão inseridas na rede primária de faixas de gestão de combustível. A periodicidade e o tipo de intervenção nestas áreas podem ser consultados no capítulo das operações silvícolas mínimas. Nestas faixas deve ser promovida a criação ou manutenção da descontinuidade horizontal e vertical da carga de combustível, através ou da remoção parcial do combustível de superfície, da supressão da parte inferior das copas e da abertura dos povoamentos ou ainda da remoção total do combustível.

As **parcelas de gestão de combustível** identificadas correspondem maioritariamente a terrenos agrícolas. Estas parcelas foram estrategicamente localizadas com o objetivo primordial de defesa da floresta contra incêndios onde através de medidas de silvicultura preventiva se procede à gestão dos vários estratos de combustível e à diversificação da estrutura e composição das formações vegetais.

Para a **rede viária florestal** identificada deverá assegurar-se a beneficiação e a sua manutenção através da regularização do piso e alargamento se necessário, pois deverá ter-se em conta que estas vias deverão ter largura suficiente para permitirem a passagem de auto-tanque.

Relativamente à **rede de pontos de água** foram identificadas apenas 2 estruturas de armazenamento de água nas propriedades em análise. Outros pontos de água existentes nos núcleos não apresentam dimensão e/ou características que lhes permitisse a classificação no âmbito do PMDFCI.

3.3. Instrumentos de gestão territorial

3.3.1. Enquadramento no PDM

O PDM estabelece o modelo de estrutura espacial do território municipal, constituindo uma síntese da estratégia de desenvolvimento e ordenamento local, integrando as opções de âmbito nacional e regional com incidência na respetiva área de intervenção. O modelo de estrutura espacial assenta na classificação e na qualificação do solo. O PDM define também as condicionantes/servidões e restrições de utilidade pública. Entende-se por servidão administrativa o ónus ou encargo imposto por uma disposição legal sobre uma propriedade, limitando o exercício do direito da propriedade, por razões de utilidade pública.

Os PDM consultados foram os seguintes:

- **PDM de Odemira** – Aviso n.º 26665/2010 de 20/12/2010. Tal como referido anteriormente, as UG integram-se quase na sua totalidade em áreas de REN, designadas “Espaços de Protecção e Valorização Ambiental 1, 2, 3 ou 4”. No local onde as UG se inserem, encontram-se servidões rodoviárias, que condicionam a edificação numa faixa variável, dependente do tipo de estrada, não condicionando contudo as operações florestais a realizar no âmbito deste PGF. Pela carta de ordenamento constata-se que uma fração das propriedades no seu conjunto pouco significativa surgem assinaladas como “Espaços Agro-Silvo-Pastoris II” e que de acordo com o artigo 18º do PDM: “(...) são áreas de baixa a muito baixa fertilidade do solo sem especiais problemas de erosão e destinam -se principalmente à exploração de sistemas arvenses, arbóreo-arbustivos de sequeiro ou a usos silvo-pastoris.”. Em contrapartida, na sua larga maioria, as áreas das propriedades surgem com a vocação prioritária a “produção” a qual constitui a principal função da exploração, expressa sobretudo pelas capacidades de produção de rolaria de eucalipto;

- **PDM de Aljezur** – Resolução do Conselho de Ministros n.º 142/95 de 21/11/1992. Relativamente à Planta de Ordenamento do PDM de Aljezur importa referir que a “Fortificação da Pedra da Atalaia” na UG Vale da Torre consta da listagem das áreas de salvaguarda do património cultural do anexo I da Resolução do Conselho de Ministros n.º 142/95. Os imóveis classificados têm automaticamente uma zona de protecção com 50 m de raio à volta do elemento classificado, caso não exista publicada no Diário da República uma zona especial de protecção, sendo o seu regime de uso e alteração do solo o disposto para as zonas de protecção aos imóveis de interesse público;

- **PDM de Monchique** – Resolução do Conselho de Ministros n.º 106/99 de 22/09/1999. A UG Guena encontra-se integrada na “Área de protecção à Barragem” (Albufeira de Odiáxere-Bravura), espaços naturais de grau II. Esta área de protecção corresponde à área da faixa de 500 m contados a partir do NPA (Nível Pleno de Armazenamento). As áreas de protecção são objeto de plano de ordenamento (Resolução do Conselho de Ministros n.º 71/2004). Estas áreas de protecção pela sua essência, deverão ser salvaguardadas quanto à ocupação, uso e transformação do solo. Nesta categoria de espaços são interditas as seguintes instalações e atividades: a) Pecuária; b) Exploração de inertes; c) Parques de sucata, lixeiras e depósito de materiais de construção; d) Novas construções quando não se trate de construção, alteração ou ampliação de edifícios de habitação. Na

zona reservada correspondente à faixa de 50 m contados a partir do NPA: a) São interditas alterações ao carácter fisiográfico das margens da albufeira, com exceção de obras de consolidação; b) É interdito o acesso e o estacionamento automóvel, à exceção de veículos de emergência; c) Altura máxima das construções dos equipamentos de apoio e infraestruturas – 4 m;

- **PDM de Portimão** – Resolução do Conselho de Ministros n.º 53/95 de 07/06/1995. Uma vez analisada a Carta de Condicionantes do concelho conclui-se o seguinte: a UG Embarradouro de Cima faz parte integrante da REN e está classificada na respetiva carta de condicionantes do concelho como “Áreas ardidas 1984-1994”;

- **PDM de Almodôvar** – Resolução do Conselho de Ministros n.º 13/98 de 27/01/1998. As áreas Pomar, Pomar do Varela Sul e Eira da Palha encontram-se classificadas no PDM de Almodôvar como “Áreas verdes”. No artigo 25.º do regulamento do PDM, refere-se que nestes espaços devem cumprir-se as seguintes orientações no ordenamento das atividades económicas: Nestas áreas, sem prejuízo da continuidade da exploração agrícola, ficam especialmente proibidos: a) O loteamento urbano; b) A execução de quaisquer construções, exceto as que se destinem ao apoio da sua conservação e manutenção; c) A destruição do solo vivo e do coberto vegetal; d) A alteração da topografia do solo; e) O derrube de quaisquer árvores; f) A descarga de entulhos de qualquer tipo e o depósito de quaisquer materiais. As condicionantes à REN presentes nas áreas de gestão em Almodôvar compreendem quase na totalidade “áreas de elevado risco de erosão hídrica do solo”;

- **PDM de Serpa** – Resolução do Conselho de Ministros n.º 178/95 de 26/12/1995. A UG de Pau encontra-se classificada na carta de ordenamento do município de Serpa como: Área Florestal e Estrutura Biofísica Principal (integrada nos espaços culturais e naturais). Nas áreas da estrutura biofísica fundamental, devem ser excluídas as ações que ponham em risco a biodiversidade e o equilíbrio ecológico e implementadas ações de revalorização e reequilíbrio do coberto vegetal. Nestas áreas as atividades agro -silvo-pastoris devem desenvolver-se de forma extensiva, com o fim de manter ou reforçar o equilíbrio ecológico, evitando a destruição das estruturas naturais que assegurem a continuidade dos processos ecológicos, com realce para o coberto vegetal das zonas rupícolas e ripícolas.

3.3.2. Enquadramento nos Planos de Ordenamento de Áreas Protegidas

A Rede Natura 2000, é a rede ecológica da União europeia, a qual compreende os Sítios de Importância Comunitária (SIC ou futuras Zonas Especiais de Conservação ZEC), regulado pela Diretiva “Habitats” e as Zonas de Protecção Especial (ZPE), regulada pela Diretiva “Aves”. A Diretiva “Habitats” (Diretiva 92/43/CEE de 21 de Maio), relativa à preservação dos habitats naturais e da fauna e flora selvagens pretende tomar em atenção a contínua degradação da generalidade desses espaços naturais na Europa e as ameaças que pesam sobre certos habitats e espécies. A Diretiva “Aves” (Diretiva 79/409/CEE, de 2 de Abril), é relativa à conservação das aves que vivem naturalmente em estado selvagem no território Europeu e aplica-se às aves, ovos, ninhos e seus habitats.

Para este efeito, os instrumentos de gestão territorial devem conter as medidas de conservação que satisfaçam as exigências ecológicas dos tipos de habitats naturais e sejam adequadas para evitar a poluição ou a deterioração dos habitats e para evitar as perturbações que afetem as aves para as quais as ZEC e as ZPE foram classificadas. Para as áreas da Rede Natura 2000 identificadas foram consultados os seguintes Planos Sectoriais da Rede Natura 2000:

- **SIC Monchique (PTCON0037)** – Classificado pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 142/97 de 28 de Agosto. As orientações de gestão no Sítio Monchique deverão ser definidas em função da conservação dos habitats mais relevantes na área, como os matagais mediterrânicos, vegetação ripícola e manchas de floresta autóctone, habitats que são igualmente importantes para a conservação de várias espécies da fauna. Neste sentido, as orientações de gestão são dirigidas prioritariamente para a reconversão de povoamentos florestais de espécies exóticas, de modo a restabelecer povoamentos de folhosas autóctones ou povoamentos mistos, mais favoráveis à conservação dos valores que estão em causa. Deverão ser adotadas técnicas silvícolas específicas na gestão dos povoamentos florestais, devendo ser contemplada a manutenção de faixas de matos, medida a compatibilizar com as ações necessárias à prevenção de incêndios florestais. Deve ainda ser assegurada a regeneração natural da floresta e contrariadas as intervenções segundo as linhas de maior declive como forma de salvaguarda da erosão. Deverá ser também assegurada a manutenção do mosaico silvopastoril e a utilização de boas práticas agrícolas, o que contribuirá para o aumento das populações de espécies-presa. De grande importância ainda são as medidas tendentes a incrementar a sustentabilidade económica de atividades com interesse para a conservação. A conservação das linhas de água afigura-se como um eixo de atuação fundamental, sendo necessário manter a integridade do leito e margem das linhas de água, e conservar /recuperar a galeria ripícola e florestas aluviais, assegurando assim a preservação dos adelfeirais e das espécies da fauna associadas a ecossistemas ribeirinhos. Neste contexto, é igualmente essencial apostar na melhoria da qualidade da água, através do controlo das fontes de poluição. Importa igualmente ordenar a atividade cinegética, tendo em conta a preservação de áreas mais sensíveis.

- **SIC Caldeirão (PTCON0057)** – Classificado pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 76/00 de 5 de Julho. As orientações de gestão no Sítio Caldeirão deverão ser dirigidas prioritariamente para a conservação dos montados e recuperação de áreas de matagal mediterrânico, habitats que são igualmente importantes para a conservação de várias espécies da fauna. Neste sentido, importa acompanhar as ações de ordenamento e gestão florestal, nomeadamente através de: definição e implementação de modelos de uso múltiplo do montado, baseado em sistemas extensivos; conservação das manchas florestais naturais mais desenvolvidas - azinhais, sobreirais e medronhais (condicionar cortes); controlo da instalação de novos povoamentos florestais, no que respeita a localização (preservando montado e azinhais), dimensão, composição e infraestruturas de apoio (rede viária, corta-fogos, etc.), assim como a sua gestão futura; promoção da regeneração natural nos montados e bosques de sobro e azinho; manutenção de faixas de matos, medida a compatibilizar com as ações necessárias à prevenção de incêndios florestais. Deverá ser também assegurada a manutenção do mosaico silvopastoril e a utilização de boas práticas agrícolas, o que contribuirá para o aumento das populações de espécies-presa. Importa igualmente ordenar a

atividade cinegética, tendo em conta a preservação de áreas mais sensíveis. Assim, têm grande importância as medidas tendentes a incrementar a sustentabilidade económica de atividades com interesse para a conservação.

- **ZPE Monchique (PTCON0037)** – Classificado pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 142/97 de 28 de Agosto. No sul de Portugal, esta é uma das principais áreas de ocorrência de aves de rapina diurnas e noturnas, típicas de bosques mediterrânicos - de quercíneas e matagais. A Águia de Bonelli *Hieraaetus fasciatus* mantém neste local um dos núcleos populacionais mais importantes à escala nacional (é o núcleo principal da segunda população mais significativa da espécie em Portugal (sudoeste Serrano). Adicionalmente, as populações do sul de Portugal apresentam a particularidade única na Europa de ocupar habitats florestais, nidificando em árvores de grande porte. Este local reúne ainda habitats apropriados à nidificação de águia-cobreira *Circaetus gallicus* e de bufo-real *Bubo bubo*, e à ocorrência ocasional de peneireiro-cinzento *Elanus caeruleus* e de milhafre-preto *Milvus migrans*. A área ocidental deste sítio pode constituir zona de passagem de algumas espécies planadoras e de passeriformes migradores transarianos durante os períodos de migração. As orientações de gestão para a ZPE de Monchique são dirigidas prioritariamente para a conservação dos matagais mediterrânicos, vegetação ripícola e manchas de floresta autóctone, habitats que suportam uma importante comunidade avifaunística. Deverão ser adotadas técnicas silvícolas específicas na gestão dos povoamentos florestais, devendo ser contemplada a manutenção de faixas de matos, medida a compatibilizar com as ações necessárias à prevenção de incêndios florestais. Deve ainda ser assegurada a regeneração natural da floresta e a substituição dos povoamentos florestais de espécies exóticas por povoamentos com espécies autóctones, e contrariadas as intervenções segundo as linhas de maior declive como forma de salvaguarda da erosão. Deverá ser também assegurada a manutenção do mosaico silvopastoril e a utilização de boas práticas agrícolas, o que contribuirá para o aumento das populações de espécies presa. Nesse sentido, a viabilização e disponibilização de mecanismos que promovam um desenvolvimento rural assente em práticas agrícolas e florestais, assegurando a conservação dos valores da ZPE e a competitividade económica e social das atividades que a sustentam, constitui um passo importante na garantia da concretização destes objetivos.

- **ZPE Caldeirão (PTCON0057)** – Classificado pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 76/00 de 5 de Julho. Trata-se de uma zona identificada como importante para a conservação de aves de presa, destacando-se a ocorrência de um importante núcleo populacional de águia de Bonelli *Hieraaetus fasciatus*, e de núcleos de águia-cobreira *Circaetus gallicus* e de bufo-real *Bubo bubo* e ainda relevante para a conservação de uma diversa comunidade de passeriformes. As orientações de gestão para a ZPE do Caldeirão são dirigidas prioritariamente para a conservação dos montados e recuperação de áreas de matagal mediterrânico, habitats que suportam uma importante comunidade avifaunística. Complementarmente, deverá ser assegurada a manutenção do mosaico silvopastoril e a utilização de boas práticas agrícolas, o que contribuirá para o aumento das populações de espécies-presa. Neste âmbito deverá ser encarada como fundamental a definição e implementação de modelos de uso múltiplo do montado, baseado em sistemas extensivos; conservação das manchas florestais naturais mais desenvolvidas - azinhais, sobreirais e medronhais (condicionar

cortes); controlo da instalação de novos povoamentos florestais, no que respeita a localização (preservando montado e azinhais), dimensão, composição e infraestruturas de apoio (rede viária, corta-fogos, etc.), assim como a sua gestão futura; promoção da regeneração natural nos montados e bosques de sobreiro e azinho; manutenção de faixas de matos, medida a compatibilizar com as ações necessárias à prevenção de incêndios florestais. Nesse sentido, deverão ser viabilizados e disponibilizados mecanismos que promovam um desenvolvimento rural assente em práticas agrícolas e florestais extensivas, assegurando a conservação dos valores da ZPE e a competitividade económica e social das atividades que a sustentam.

3.3.3. Outros ónus relevantes para a gestão

3.3.3.1. Programas de incentivos

De seguida descrevem-se os programas de incentivos em vigor para as áreas sob gestão:

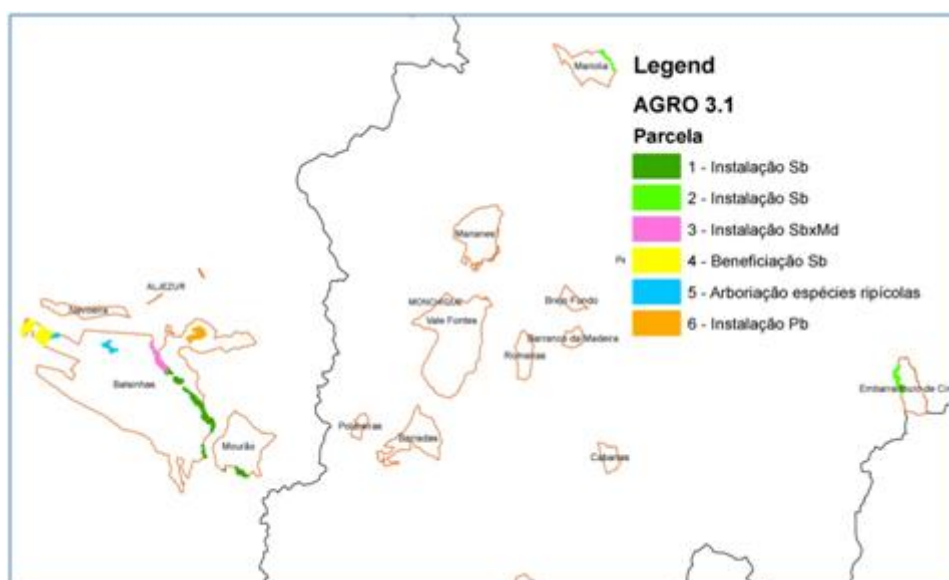
AGRO 3.1- n.º 2005.71.0016766 - Com o presente projeto pretende-se beneficiar a área florestal já existente composta, principalmente, por sobreiros, medronheiros e carvalhos e proceder-se à instalação de novos povoamentos com as mesmas espécies, por forma a garantir o seu interesse económico e reduzir os riscos de incêndio e erosão. A área total deste projeto é de 99 ha, no entanto a EGLON apenas herdou 26 ha distribuídos pelas UG identificadas na Tabela 10 e Figura 24.

- **Parcela 1 – Instalação de sobreiro** – Operações realizadas em 2008: limpeza de matos, preparação do terreno, plantação a um compasso de 5 x 3, colocação de protetores individuais.
- **Parcela 2 – Instalação de sobreiro em terraços existentes** – Operações realizadas em 2008 e 2009: limpeza de matos, preparação do terreno, plantação a um compasso de 5 x 3, colocação de protetores individuais.
- **Parcela 3 – Instalação de sobreiro x medronheiro** – Operações realizadas em 2008: limpeza de matos, preparação do terreno, plantação a um compasso de 5 x 3, colocação de protetores individuais.
- **Parcela 4 – Beneficiação de sobreiro** – Operações realizadas em 2008: limpeza de matos, preparação do terreno, adensamento das clareiras (em 30% da área) a um compasso de 5 x 4, colocação de protetores individuais.
- **Parcela 5 – Arborização com espécies ripícolas** – Operações realizadas em 2008: limpeza de matos, corte das acácias junto às linhas de água, plantação a um compasso de 5 x 4 (sobreiros, medronheiros, carvalhos portugueses, freixos e plátanos bastardos), colocação de protetores individuais.
- **Parcela 6 – Arborização com pinheiro bravo em terraços existentes** – Operações realizadas em 2008: limpeza de matos, preparação do terreno, plantação a um compasso de 3 x 2,5.

Tabela 10. Parcelas do projeto AGRO 3.1- n.º 2005.71.0016766.

Parcela AGRO	UG	Talhao	Ocupacao	Area (ha)
1	Balsinhas	BALSIT09	Quercus suber	5,98
1	Mourão	MOURAT03	Quercus suber	0,95
2	Embarradouro de Cima	EMBART03	Quercus suber	1,54
2	Mariolia	MARIOT04	Quercus suber	0,75
3	Balsinhas	BALSIT10	Quercus suber	2,79
4	Balsinhas	BALSIT10	Quercus suber	9,19
5	Balsinhas	BALSIT10	Quercus suber	0,42
5	Balsinhas	BALSIT12	Galeria ripícola	0,86
6	Balsinhas	BALSIT11	Pinus pinaster	3,82
Total Geral				26,31

As ações de Consolidação da Instalação têm como objetivo superar as condições ecológicas adversas, mas também apoiar procedimentos culturais adequados à espécie. Assim, prevê-se que seja necessário proceder à limpeza de vegetação espontânea, fazer uma retanchar e sacha e amontoa de 15% das plantas.

**Figura 24. Mapa de localização das parcelas do projeto AGRO.**

3.3.3.2. Zonas de Caça

A gestão das zonas de caça é fundamental ao sucesso da atividade cinegética, cujas ações de manejo de habitat são uma prioridade, quer pela realização de zonas de semeada, incrementadoras de um regime alimentar diversificado e abundante, que atrai e mantém as espécies faunísticas num dado habitat, quer pela manutenção de bosquetes com espécies ripícolas (orlas), fomentadoras da presença de avifauna, desta forma podemos concluir que as zonas de caça potenciam o aumento da biodiversidade na floresta e favorecem a defesa da mesma relativamente aos incêndios, na medida em que originam áreas de descontinuidade, fundamentais na prevenção e combate a incêndios florestais. Interessa referir que a responsabilidade de implementação das medidas de ordenamento e exploração cinegética não é efetuada pela EGLON, estando estas a cargo das respetivas entidades gestoras, conforme a Tabela 11.

Tabela 11. Zonas de Caça na área sob gestão.

UG	Zona de Caça	Portaria	N.º processo	Concessionário	Ano Início	Ano Fim
Balsinhas	ZCM de Aljezur	339/08	2809	Clube de Caça e Pesca do Concelho de Aljezur	2008	2014
Barradas	ZCM da Freguesia de Marmeleite	D 568/11	4191	Clube de Caçadores de Marmeleite	2011	2017
Barranco da Madeira	ZCM da Freguesia de Marmeleite	D 568/11	4191	Clube de Caçadores de Marmeleite	2011	2017
Barranco do Cão e da Galé	ZCM de Aljezur	339/08	2809	Clube de Caça e Pesca do Concelho de Aljezur	2008	2014
Barranco do Carvalho	ZCM da Picota	D 271/12	4178	Clube de Caça e Pesca de Monchique	2012	2018
Besteiros	ZCM da Freguesia de Marmeleite	D 568/11	4191	Clube de Caçadores de Marmeleite	2011	2017
Brejo Fundo	ZCM da Freguesia de Marmeleite	D 568/11	4191	Clube de Caçadores de Marmeleite	2011	2017
Cabanas	ZCM da Freguesia de Marmeleite	D 568/11	4191	Clube de Caçadores de Marmeleite	2011	2017
Choça	ZCM de Alferce	343/06	4180	Associação de Caça e Pesca de Alferce	2006	2012
Cotofo	ZCA da Torre de Guena	1148/2007	1243	Clube de Caça e Pesca da Torre de Guena	2007	2013
Eira da Palha	ZCA de Barnabé	1478/2008	5105	Associação de Caçadores Fico da Serra do Mú	2008	2020
Fornalha	ZCM da Picota	D 271/12	4178	Clube de Caça e Pesca de Monchique	2012	2018
Foz do Zevinho	ZCM da Fôia	D 528/11	4179	Associação de Caça e Pesca "Os Monchiqueiros"	2012	2018
Guena	ZCM da Freguesia de Marmeleite	D 568/11	4191	Clube de Caçadores de Marmeleite	2011	2017
Herdade da Cascalheira	ZCM de Aljezur	339/08	2809	Clube de Caça e Pesca do Concelho de Aljezur	2008	2014
Lameiro	ZCM de São Teotónio	1310/2010	5636	Clube de Caça e Pesca Asas de Chumbo	2010	2016
Macheirinha	ZCM de São Teotónio	1310/2010	5636	Clube de Caça e Pesca Asas de Chumbo	2010	2016
Marianes	ZCM da Freguesia de Marmeleite	D 568/11	4191	Clube de Caçadores de Marmeleite	2011	2017
Mariolia	ZCM da Freguesia de Marmeleite	D 568/11	4191	Clube de Caçadores de Marmeleite	2011	2017
Moitas	ZCM de São Teotónio	1310/2010	5636	Clube de Caça e Pesca Asas de Chumbo	2010	2016
Monte Novinho	ZCM de Luzianes-Gare	D 34/11	4000	Associação de Caçadores da Freguesia de Luzianes-Gare	2011	2021
Mourão	ZCM de Aljezur	339/08	2809	Clube de Caça e Pesca do Concelho de Aljezur	2008	2014
Nevoeira	ZCM de Aljezur	339/08	2809	Clube de Caça e Pesca do Concelho de Aljezur	2008	2014
Parras	ZCM de São Teotónio	1310/2010	5636	Clube de Caça e Pesca Asas de Chumbo	2010	2016
Pau e Corna	ZCT de Pau e Corna	508/2009	5195	Sociedade Agro-turística de Pau e Corna	2009	2021
Pedra Branca	ZCM da Freguesia de Marmeleite	D 568/11	4191	Clube de Caçadores de Marmeleite	2011	2017
Poldreiras	ZCM da Freguesia de Marmeleite	D 568/11	4191	Clube de Caçadores de Marmeleite	2011	2017
Pomar	ZCA de Barnabé	1478/2008	5105	Associação de Caçadores Fico da Serra do Mú	2008	2020
Pomar do Varela Sul	ZCA de Barnabé	1478/2008	5105	Associação de Caçadores Fico da Serra do Mú	2008	2020
Romeiras	ZCM da Freguesia de Marmeleite	D 568/11	4191	Clube de Caçadores de Marmeleite	2011	2017
Romeiro e Desmoitadas	ZCM de São Teotónio	1310/2010	5636	Clube de Caça e Pesca Asas de Chumbo	2010	2016
Três Malhões	ZCM de São Teotónio	1310/2010	5636	Clube de Caça e Pesca Asas de Chumbo	2010	2016
Vale da Torre	ZCM de Aljezur	339/08	2809	Clube de Caça e Pesca do Concelho de Aljezur	2008	2014
Vale Fontes	ZCM da Freguesia de Marmeleite	D 568/11	4191	Clube de Caçadores de Marmeleite	2011	2017

4. Caracterização dos recursos

4.1. Infraestruturas florestais

As infraestruturas florestais (pontos de água, rede viária e divisional), como elementos fundamentais de toda a organização do espaço florestal, prendem-se com a necessidade de providenciar o acesso aos povoamentos florestais de todos os equipamentos, maquinaria e pessoal, com o objetivo de facilitar as intervenções culturais a implementar nos povoamentos, a exploração florestal e auxiliar na prevenção, deteção e combate a incêndios florestais.

4.1.2. Faixas de Gestão de Combustível (FGC)

A legislação específica em vigor relativamente à defesa da floresta contra incêndios, o DL n.º 124/2006, de 28 de Junho, com as alterações introduzidas pelo DL n.º 17/2009 de 14 de Janeiro, considera como estruturas de gestão de combustíveis os mosaicos de parcelas de gestão de combustíveis e a rede de faixas de gestão de combustíveis. No trabalho de planeamento desenvolvido pela empresa GIFF SA, foram também planeadas outras FGC em que a sua forma depende essencialmente do relevo, da tipologia e intensidade de fogos esperados, da dimensão da área a proteger e da eficiência que se pretende. Para o planeamento das FGC foram tidos em consideração os seguintes aspetos:

- Localização relativamente à topografia, considerando fundamentalmente o seu efeito na circulação dos ventos e na transmissão de calor e portanto no comportamento do fogo;

- Localização relativamente aos ventos predominantes em situações de incêndios florestais e sua relação com a topografia e com as possibilidades de combate;
- Localização de um dos limites da zona a tratar coincidente com via de acesso e circulação;
- Localização relativamente a áreas limítrofes e a outros usos do solo que possam aumentar a probabilidade de ocorrências;
- Localização relativamente ao potencial edafoclimático de cada UG;
- Relação entre produtividade, eficiência e custos dos tratamentos;
- Ocupação atual;
- Possibilidade, sempre que possível e desejável, de manutenção de objetivos de produção das áreas consideradas;
- Potenciais possibilidades técnicas de gestão de combustíveis a utilizar no futuro;
- Periodicidade estimada das intervenções;
- Minimização de custos de intervenção.

As FGC para as UG com área inferior a 50 hectares correspondem à área total de eucalipto das propriedades. Para as restantes propriedades (áreas > 50 hectares), a gestão estratégica de combustível baseou-se no tratamento isolado da vegetação e dos pontos críticos situados no interior de cada uma das propriedades. O risco de incêndio é superior no exterior das propriedades, e a gestão preconizada pretende isolar as UG desse risco. Contudo, alguns pontos críticos dentro das UG foram identificados, pois correspondem a áreas com uma significativa influência na modificação do comportamento do fogo. Os tratamentos propostos no presente plano têm o principal objetivo de reduzir a carga de combustível existente, de quebrar a continuidade horizontal e vertical da vegetação e de modificar a estrutura dos estratos de combustível por forma a reduzir a intensidade potencial de um fogo.

Algumas FGC apresentadas desempenham funções de rede primária, tendo sido planeadas atendendo apenas a objetivos de eficácia nas ações de supressão e não como objetivo de responder às definições regulamentares dessas faixas de gestão de combustíveis, pelo que podem não coincidir com estas (e portanto não as substituir). A rede secundária de faixas de gestão de combustível, cuja responsabilidade da gestão de combustíveis recai sobre a entidade gestora dessas infraestruturas (rede viária pública, rede ferroviária, linhas de transporte de energia elétrica, parques de campismo, infraestruturas e equipamentos florestais de recreio, parques e polígonos industriais, plataformas de logística e aterros sanitários inseridos ou confinantes com espaços florestais) não foi considerada neste capítulo, uma vez que já se encontram referidas ou no capítulo das restrições de utilidade pública ou no capítulo com as orientações dos PMDFCI.

Cerca de 92% destas FGC foram identificadas para os povoamentos de eucalipto existente, sendo que a restante área coincide com as áreas de conservação e proteção. As medidas de gestão para estas áreas estão definidas nos capítulos seguintes.

4.1.1. Rede viária florestal

A RVF (Rede Viária Florestal) é composta por um conjunto de vias de comunicação que atravessam ou dão acesso aos espaços florestais e que cumprem funções que permitem o acesso, exploração e defesa desses espaços em especial no que respeita a atividades de DFCI. As vias de acesso identificadas foram classificadas em 2 grandes grupos:

- **Caminhos florestais** – Os caminhos florestais constituem a “espinha dorsal” da rede viária. Estes caminhos têm em geral 5 a 6 metros de largura, permitindo a circulação de veículos sem tração durante todo o ano. Pretende-se que estes caminhos sejam mantidos e beneficiados.
- **Trilhos** – Servem de suporte à atividade florestal. Alguns destes trilhos serviram apenas de apoio às operações de exploração no passado pelo que não se pretende a sua manutenção.

A seleção dos caminhos florestais a manter em cada UG seguiu os seguintes critérios:

- Caminhos florestais em zonas menos declivosas de forma a reduzir o escoamento da água na superfície e o deslizamento de terras;
- Caminhos florestais que não impliquem, preferencialmente, o atravessamento das linhas de água de forma a reduzir a compactação e alteração das condições hidrológicas dos cursos de água principais (muitos dos caminhos seguem justamente o percurso e o leito das linhas de água, pelo que em alguns casos optou-se por classificá-los como trilhos);
- Caminhos florestais que constituam uma localização privilegiada em termos de acessibilidade, escoamento de matérias-primas e vigilância e combate a incêndios florestais.

O levantamento de toda a rede viária existente nas áreas sob gestão, permitiu identificar uma rede de caminhos florestais com uma extensão total aproximada de 277 km, sendo que cerca de 14 km (5%) correspondem a caminhos públicos. Deste modo, a densidade total de caminhos nas propriedades é de aproximadamente 107 m/ha, sendo a UG Poldreiras a que tem maior densidade de rede viária (205 m/ha). O estado de conservação dos caminhos florestais é na sua generalidade bom. Considera-se que a rede de caminhos é suficiente e permite satisfazer todos os objetivos de gestão no que diz respeito ao escoamento das matérias-primas, acessibilidade, vigilância e combate a incêndios florestais. A abertura de novos caminhos florestais será efetuada à medida que forem alterados os usos dos solos e consequentemente os limites dos talhões e sempre que forem identificadas necessidades especiais de vigilância e combate a incêndios florestais. A beneficiação da rede viária florestal será feita anualmente em todas as UG, incidindo as operações de regularização do piso, abertura de quebra-mares e limpeza de valetas e manilhas nos caminhos em pior estado de conservação.

4.1.3. Pontos de água

Com as constantes alterações climáticas e um eventual cenário de seca, torna-se cada vez mais importante para a estrutura de combate aos incêndios florestais uma caracterização detalhada dos pontos de água. Os pontos de água têm de estar em condições de poder garantir o reabastecimento

dos equipamentos de combate (Figura 25). A sua distribuição tem de ser a mais homogênea possível, estando facilmente acessível por parte dos meios envolvidos no cenário de operações.



Figura 25. Charca em Balsinhas.

Na Tabela 12 estão identificadas todas as estruturas de armazenamento de água que fazem parte do património em análise. Algumas destas estruturas, quer pela sua dimensão quer pelas suas características (não são acessíveis nem por meios terrestres nem por meios aéreos), não foram digitalizadas em polígonos e por essa razão não apresentam talhão. Foi feita uma estimativa do volume dos pontos de água de maior dimensão.

Tabela 12. Rede de pontos de água identificada.

UG	Tipo	Talhão	Estado de Conservação	Acessibilidade	Coordenada X	Coordenada Y	Volume estimado (m ³)	PMDFCI
Balsinhas	Charca	BALSIT14	Mau	Meios terrestres	144119	35181	1867	Não
Balsinhas	Charca	BALSIT14	Médio	Meios terrestres	143321	33667	3461	Não
Balsinhas	Charca	BALSIT14	Médio	Meios terrestres	143073	33373	1752	Não
Balsinhas	Charca	BALSIT14	Médio	Meios terrestres	143674	34202	1218	Sim
Balsinhas	Manilha		Médio	Não acessível	143440	34775		Não
Balsinhas	Manilha		Médio	Não acessível	143691	35082		Não
Barranco do Cão e da Galé	Nascente		Médio	Não acessível	149270	44026		Não
Cerca Velha	Mina		Médio	Não acessível	167363	46937		Não
Cerca Velha	Nascente		Médio	Não acessível	167439	46982		Não
Choça	Charca		Médio	Meios terrestres	171304	39580		Não
Cotofo	Charca	COTOFT04	Médio	Meios terrestres e aéreos	149800	30707	1397	Sim
Monte Novinho	Poço		Médio	Não acessível	164739	66250		Não
Mourão	Charca		Médio	Meios terrestres	144907	32875		Não
Mourão	Charca		Médio	Meios terrestres	144377	33425		Não
Parras	Charca		Médio	Meios terrestres	164476	47674		Não
Pau e Corna	Charca	PAUCOT07	Médio	Meios terrestres	265036	91788	4658	Não
Pau e Corna	Charca	PAUCOT07	Médio	Meios terrestres	264832	90034	223	Não
Pau e Corna	Charca	PAUCOT07	Médio	Meios terrestres	264446	91136	860	Não
Pau e Corna	Charca	PAUCOT07	Médio	Meios terrestres	264409	90709	564	Não
Pau e Corna	Charca	PAUCOT07	Médio	Meios terrestres	264302	91043	130	Não
Pau e Corna	Charca	PAUCOT07	Médio	Meios terrestres	264180	90484	1608	Não
Pau e Corna	Charca	PAUCOT07	Médio	Meios terrestres	264077	90654	1152	Não
Romeiro e Desmoitadas	Nascente		Médio	Não acessível	159252	50243		Não
Vale da Torre	Poço		Médio	Não acessível	144628	49005		Não
Vale da Torre	Poço		Médio	Não acessível	144821	51281		Não
Vale Fontes	Charca		Médio	Meios terrestres	148795	35229		Não

Sistema de Coordenadas: ETRS89 TM06-Portugal

4.2. Caracterização socioeconómica das áreas sob gestão

O conjunto de intervenções que dizem respeito à condução dos povoamentos florestais que fazem parte do património em análise tem, geralmente, como objetivo a produção. No entanto, a EGLON também pretende que a gestão dos espaços florestais abranja mais do que a silvicultura de produção e tenha um carácter mais abrangente de gestão florestal, onde se pressupõe também a existência de uma intervenção ativa para outros fins que não os produtivos, como a conservação e a proteção dos valores naturais. Tendo em conta esta preocupação, procurou-se desenvolver uma análise relativa aos bens e serviços proporcionados pelos espaços florestais, de acordo com a classificação funcional estabelecida nos PROF. Constatou-se que a maior parte da área sob gestão (78%) tem como função a produção (Figura 26). Os espaços florestais com função de proteção e conservação representam no seu conjunto cerca de 21%.

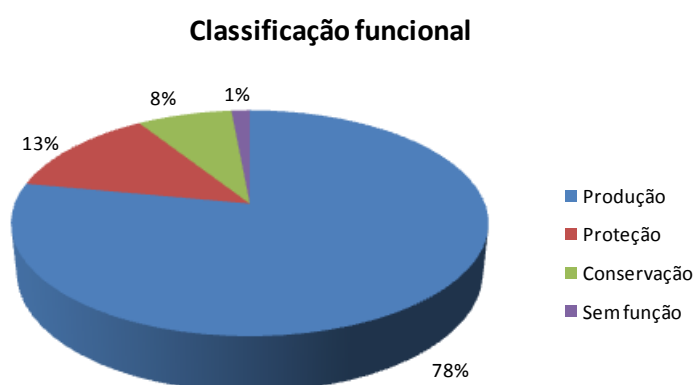


Figura 26. Distribuição das áreas sob gestão por função.

A norma de gestão florestal Forest Stewardship Council - FSC exige a definição de áreas de conservação e zonas de proteção, sem que sejam dadas orientações sobre as características que diferenciam estes conceitos. No entanto, a norma exige que se estabeleça áreas mínimas de conservação e proteção: *As zonas de conservação e áreas de proteção devem ser selecionadas de forma a maximizar o seu contributo para a conservação da biodiversidade. No seu conjunto, estas áreas devem ser suficientes para garantir a presença continuada das espécies raras, ameaçadas ou em perigo de extinção identificadas; proteger exemplos de ecossistemas em estado natural, e ocupar uma área igual ou superior a 10% da área total da UGF. Pelo menos 5% da área da UGF deve ser gerida de forma a manter ou restaurar à condição do ecossistema natural adequado às condições locais da UGF.* Assim, neste PGF usa-se o conceito de áreas de conservação para áreas estabelecidas para proteger espécies ameaçadas, habitats prioritários, solos sensíveis, linhas de água ou outros valores de conservação identificados, e que podem ou não carecer da implementação de medidas de gestão em benefício destes valores. **As áreas de conservação neste contexto representam 21% da totalidade da área sob gestão** (correspondem à função conservação e proteção). Usa-se o conceito de áreas de proteção como um tipo especial de áreas de conservação, (i.e., que são sempre simultaneamente de conservação) e que carecem de proteção da interferência/perturbação humana, e cuja gestão é orientada para o restauro. **As áreas de proteção representam 13% da totalidade da área sob gestão.**

4.2.1. Função de produção

Tal como referido anteriormente a produção de madeira corresponde a 78% (ou seja 2026 hectares) do total de funções atribuídas aos espaços florestais sob gestão da EGLON, dos quais 99% correspondem à produção de rolaria de eucalipto (cuja espécie dominante é o *Eucalyptus globulus*) para produção de pasta e papel (Tabela 13). Somente 12 hectares de pinho serão conduzidos para a produção de madeira para trituração.

Tabela 13. Espaços florestais com função PRODUÇÃO.

	Área (ha)
Produção de madeira	2025,91
<i>Eucalyptus globulus</i>	2012,34
<i>Eucalyptus dunnii</i>	1,12
<i>Pinus pinaster</i>	12,44
Total Geral	2025,91

O *core business* da EGLON é naturalmente a condução de povoamentos de eucalipto para a produção de celulose, procurando sempre maximizar a produção e consequente retorno económico dos investimentos realizados. Para garantir este objetivo final, o planeamento dos cortes consistiu na uniformização dos volumes e áreas de eucalipto a explorar em cada ano, respeitando sempre a idade de corte de maior benefício económico.

4.2.2. Função de proteção

A proteção das margens e a manutenção da qualidade da água depende grandemente da galeria ripícola envolvente. A vegetação lenhosa ribeirinha está bem adaptada à alternância das condições hídricas do solo e é fundamental na consolidação das margens dos cursos de água (graças às raízes bem desenvolvidas) e na retenção de sedimentos transportados pelo escoamento superficial da bacia de alimentação, podendo contribuir para minimizar as características catastróficas das cheias. Na área total de estudo foram identificadas 190 hectares de galerias ripícolas que desempenham desta forma um importante papel de proteção da rede hidrográfica (Tabela 14). A maioria destas galerias encontra-se fragmentada, pouco desenvolvida e muitas vezes dominada por espécies invasoras. Observa-se igualmente que, fruto da política dos anteriores proprietários, cerca de 143 hectares de eucalipto foram sendo progressivamente e descontroladamente plantados nas linhas de água. A maior parte destes eucaliptais já se encontra em 4ª rotação. O objetivo da EGLON para estas áreas passa pela manutenção e restauro das funções hidrológicas das galerias ripícolas, procurando evitar a perda da elevada biodiversidade que lhes está associada e ajudar a preservar a água das ribeiras em termos quer de quantidade quer de qualidade, uma vez que a vegetação ripícola tem uma importante função na infiltração da água pluvial e na retenção de nutrientes. Além disso, as galerias ripícolas têm a importante função de evitar cheias e erosão. Assim, é importante por um lado restabelecer caudais mais naturais e, por outro lado, promover e requalificação ou manutenção da vegetação. Para tal, a EGLON irá apostar na reintrodução de espécies autóctones. De referir também que os povoamentos de eucalipto junto à barragem da Bravura (UG Guena) serão mantidos para proteção à barragem, garantindo a não perturbação da zona com as operações de abate e evitando uma subida de temperatura devido a uma redução da sombra.

Tabela 14. Espaços florestais com função PROTEÇÃO.

	Área (ha)
Proteção da rede hidrográfica	335,93
Galeria ripícola	189,62
E. globulus (linha água)	143,39
E. globulus (proteção)	2,92
Total Geral	335,93

4.2.3. Função de conservação

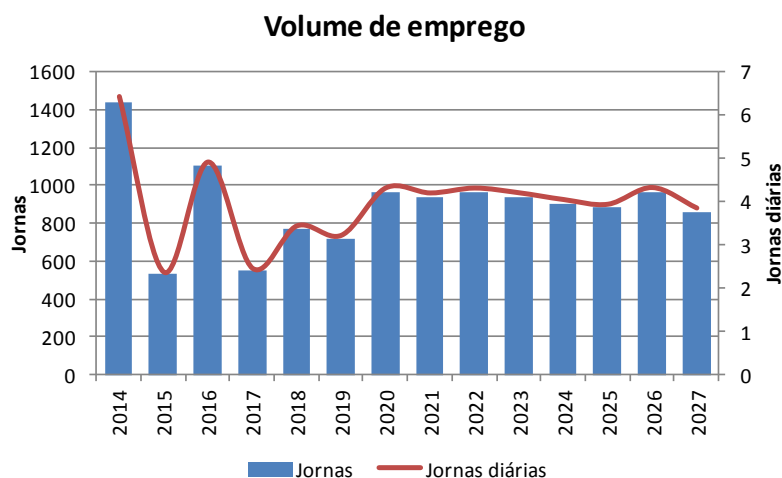
A conservação de valores naturais associados aos espaços florestais pode ser entendida segundo a perspetiva de conservação de habitats e espécies, tal implicando que não se efetuem quaisquer intervenções, deixando a sucessão ecológica determinar a evolução das comunidades. Todavia, o conceito de conservação tem acompanhado a integração do conceito de sustentabilidade ecológica na gestão dos espaços florestais, o que tem determinado que se aceitem e estabeleçam formas de gestão compatíveis com a manutenção dos valores naturais. Desta forma a EGLON pretende gerir os espaços florestais de forma a incrementar os valores naturais que estão na origem da classificação dos habitats protegidos e que poderão encontrar-se em níveis que colocam em perigo a sua "manutenção num estado favorável de conservação" (Tabela 15). Nestes casos, fará sentido que se faça intervenção ativa nos recursos naturais que se pretende conservar. A diversidade genética constitui uma componente chave da diversidade biológica, na medida em que contribui de forma decisiva para a adaptabilidade das populações, particularmente em cenários de alteração ambiental. Para esta subfunção contribuem as áreas plantadas com sobreiro, castanheiro, carvalho de Monchique e alfarrobeira que serão geridas com intuito de manutenção da diversidade genética dos povoamentos florestais onde se encontram, privilegiando a sua regeneração natural e utilizar no caso de repovoamento florestal plantas oriundas de semente certificada e com origem identificada, recolhida de acordo com normas adequadas à manutenção da diversidade genética. O valor dos espaços florestais para a conservação de espécies protegidas da fauna depende das suas características enquanto habitat dessas espécies, ou seja, da sua capacidade para assegurar a existência sustentada dos nichos ecológicos ocupados por tais espécies. A condução e a exploração dos povoamentos, bem como o próprio ordenamento florestal, em áreas onde ocorram espécies protegidas, devem submeter-se ao objetivo prioritário de manter os nichos ecológicos adequados à conservação dessas espécies. Nas imediações da UG Barrada foi identificado um ninho da Águia de Bonelli *Hieraaetus fasciatus*, pelo que foi delimitada uma zona de conservação de eucalipto a não abater, garantindo uma zona do povoamento livre de perturbação, a fim de respeitar as necessidades em tranquilidade dos animais e permitindo igualmente o crescimento de árvores de grande porte que futuramente poderão favorecer a nidificação das aves que habitualmente as selecionam para esse efeito. Relativamente a área de conservação do vestígio arqueológico Torre da Atalaia (UG Vale da Torre), procurar-se-á criar uma clareira de proteção livre de quaisquer intervenções que possam eventualmente criar danos e perturbar o ambiente tranquilo que se pretende preservar no acesso às comunidades locais.

Tabela 15. Espaços florestais com função CONSERVAÇÃO.

	Área (ha)
Conservação de habitats classificados	151,72
<i>Quercus suber</i>	125,65
Mato mediterrânico	23,34
<i>Quercus rotundifolia</i>	0,38
<i>Arbutus unedo</i>	2,34
Conservação de recursos genéticos	44,08
<i>Quercus suber</i>	36,77
<i>Quercus canariensis</i>	5,92
<i>Castanea sativa</i>	0,92
<i>Ceratonia siliqua</i>	0,47
Conservação de espécies de fauna protegida	1,46
E. globulus (conservação)	1,46
Conservação de património arqueológico	0,04
Vestígio arqueológico	0,04
Total Geral	197,29

4.2.4. Criação de emprego

A atividade agrícola e florestal foi, durante muito tempo, a principal atividade das zonas rurais, ocupando grande parte da mão-de-obra e sendo a principal fonte de rendimento da população. As mudanças ocorridas nas últimas décadas alteraram significativamente esta realidade, conduzindo à diminuição e acentuado envelhecimento da população rural, à terciarização da sua população ativa e a uma grande dependência das famílias residentes, das transferências sociais públicas. A evolução recente da estrutura socioeconómica, na região de inserção das áreas sob gestão, apresenta condições favoráveis à continuação e desenvolvimento de interações entre a EGLON e a comunidade local, particularmente ao nível da utilização de mão-de-obra local diretamente e através de empresas terceirizadas. A Figura 27 apresenta o volume de emprego expectável para o período de 2014 a 2027 em função da totalidade de operações florestais previstas. Verifica-se que até 2020 haverá oscilações no volume de emprego criado, mas que a partir de 2020 a EGLON poderá contribuir para a criação de 4 postos de emprego florestal permanentes através da contratação de prestadores de serviços locais.

**Figura 27. Volume de emprego expectável para o período de 2014 a 2027.**

MODELO DE EXPLORAÇÃO**1. Caracterização e objetivos da exploração****1.1. Caracterização dos recursos****1.1.1. Caracterização geral**

A Tabela 16 classifica, de uma forma genérica e sucinta, os principais usos atuais do solo das áreas sob gestão, de acordo com os critérios do Inventário Florestal Nacional (IFN).

Tabela 16. Uso atual do solo para as propriedades em análise.

	Área (ha)	%
Floresta	2535,76	97,6%
Matos e pastagens espontâneas	42,14	1,6%
Improdutivos	17,08	0,7%
Águas interiores	1,89	0,1%
Áreas sociais	0,34	0,0%
Agricultura	0,22	0,0%
Total Geral	2597,42	100%

As propriedades encontram-se essencialmente ocupadas por 98% de espaços florestais (2.536 hectares) e 1,6% de matos e pastagens espontâneas (42 hectares). Na Tabela 17 e Figura 28 podemos observar as principais espécies que fazem parte dos espaços florestais em análise. Os espaços florestais das propriedades são ocupados por 2.161 hectares de eucalipto (85%), 190 hectares de galerias ripícolas (7,5%), 162 hectares de sobreiro (6%) e a restante área encontra-se ocupada por pinheiro bravo, carvalho de Monchique, medronheiro, castanheiro, alfarrobeira e azinheira.

Tabela 17. Espécies presentes nos espaços florestais das áreas sob gestão

	Área (ha)	%
Eucalipto	2161,24	85,2%
Galeria ripícola	189,62	7,5%
Sobreiro	162,42	6,4%
Pinheiro bravo	12,44	0,5%
Carvalho de Monchique	5,92	0,0%
Medronheiro	2,34	0,2%
Castanheiro	0,92	0,1%
Alfarrobeira	0,47	0,0%
Azinheira	0,38	0,0%
Total Geral	2535,76	100%

A introdução de espécies não indígenas é considerada uma das principais causas de perda de biodiversidade, contrariando o equívoco generalizado de que a um maior número de espécies na natureza corresponde uma maior diversidade biológica. Por outro lado, a introdução de algumas espécies não indígenas e a sua exploração revelam-se como fatores importantes para o desenvolvimento da economia nacional. Tendo em conta esta dicotomia, foi publicado o decreto-Lei n.º 565/99 que pretende condicionar a introdução na natureza de espécies não indígenas, visando-se

assim promover também o recurso a espécies autóctones aptas para os mesmos fins. Esta regulamentação vem atender aos compromissos internacionalmente assumidos por Portugal, ao ratificar as Convenções Internacionais de Berna, de Bona e a Convenção sobre a Diversidade Biológica. O diploma legal referido inclui, no Anexo I, as espécies da flora e da fauna não indígenas já introduzidas, indicando, quando apropriado, as espécies invasoras. O *Eucalyptus globulus* faz parte deste anexo. No entanto, dado o enquadramento da paisagem florestal na região, considera-se que o eucalipto instalado não apresenta um risco ecológico, ou seja um impacto negativo potencial, susceptível de causar uma modificação significativa nos ecossistemas.

Distribuição da área florestal por espécie

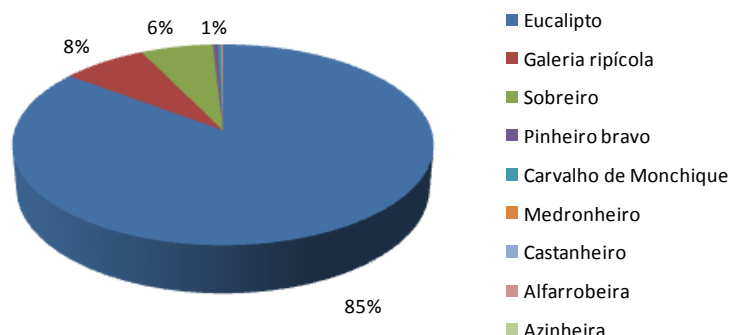


Figura 28. Distribuição da área de estudo por espécie.

A grande maioria dos povoamentos de eucalipto é de origem clonal e encontra-se na primeira rotação (97%). Apenas 9% dos povoamentos apresenta idade inferior a 5 anos, sendo que 64,5% corresponde a eucaliptais com idade compreendida entre os 5 e os 8 anos. Aproximadamente 26,5% dos povoamentos tem 9 ou mais anos de idade (Figura 29).

Distribuição dos povoamentos de eucalipto por idade e rotação (Janeiro/2014)

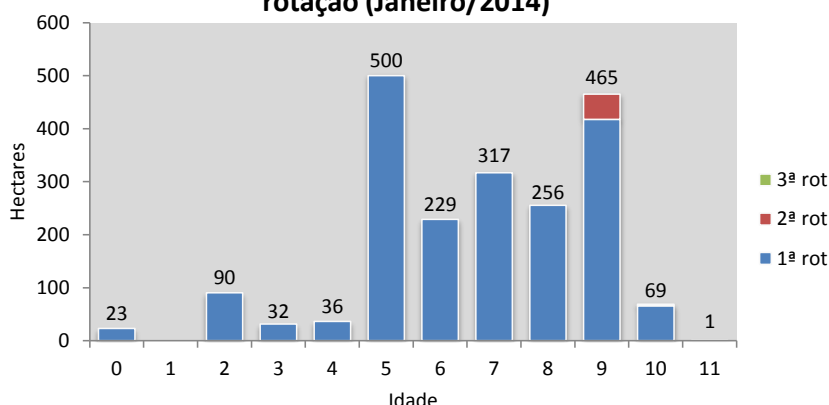


Figura 29. Distribuição dos povoamentos de eucalipto por classe de idade e rotação.

1.1.2. Compartimentação das propriedades

A compartimentação das propriedades foi efetuada de acordo com os níveis de localização, esquematizados na Figura 30.

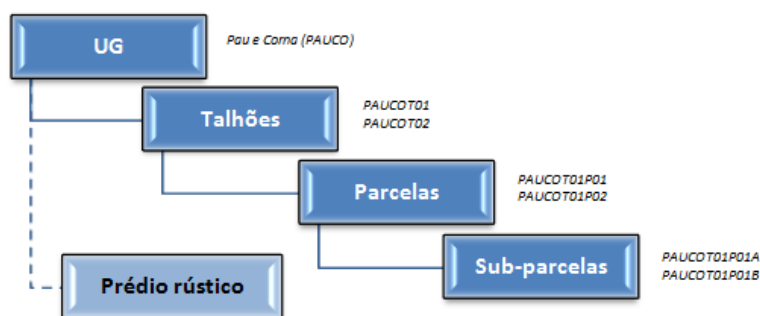


Figura 30. Esquema de compartimentação das propriedades.

- **Unidade de Gestão (UG)** – Unidade territorial delimitada de forma contínua, constituída maioritariamente por espaços florestais, composta por vários talhões, e localizada sobre uma região relativamente restrita do ponto de vista edafoclimático e ecológico.
- **Talhão** – Unidade ideal de exploração, delimitada de forma contínua ou não, constituída por uma ou mais parcelas, que apresenta uma composição florística, ecológica e estrutural homogénea (ocupação, ciclo e rotação) e está sujeita a um mesmo conjunto de práticas de gestão, de aplicação uniforme na respetiva área.
- **Parcela** – Unidade territorial delimitada de forma contínua dentro do mesmo talhão, constituída por uma ou mais sub-parcelas e que não excede uma área máxima de 50 hectares. Esta característica das parcelas permite cumprir com o estipulado para as ações de arborização e rearborização de povoamentos monoespecíficos e equíenios do Decreto-Lei n.º 17/2009 de 14/01.
- **Sub-parcela** - Unidade territorial delimitada de forma contínua dentro da mesma parcela e que permite distinguir o tipo de material vegetal utilizado e/ou o tipo de preparação de solo realizada.
- **Prédio rústico** – Espaço coincidente com o cadastro predial ou das finanças.

1.1.3. Componente florestal

Em termos operacionais, a gestão será feita ao nível do talhão. O ANEXO II identifica todos os talhões que fazem parte da área sob gestão, bem como a ocupação atual, a área, o ano de instalação, as funções e subfunções principais de cada talhão e o modelo de silvicultura a aplicar.

Para a caracterização geral das UG, procedeu-se à recolha de dados de campo de inventário florestal e estratificação da propriedade. Os dados são apresentados no ANEXO III.

EUCALIPTO

No caso do eucalipto existe um inventário contínuo com medição de parcelas permanentes e temporárias. O último inventário realizado foi em 2013 tendo consistido numa amostragem sistemática com uma densidade de 1 parcela de 350 m² por cada 6,35 ha, tendo-se medido um total de 264 parcelas para o conjunto de propriedades da EGLON.

Tendo em consideração os resultados dos inventários florestais, nomeadamente o volume lenhoso existente e a expectativa de produção futura, as taxas de exploração para cada povoamento não excederão a capacidade de renovação dos povoamentos, ou seja a intensidade de exploração será compatível com a capacidade da floresta de se renovar, adequando o ciclo de corte com o tempo de restabelecimento do volume de produto extraído da floresta. Para além disso, será, sempre que viável, garantida a promoção da regeneração natural da floresta através da adoção de um sistema silvícola e de exploração adequado. As técnicas de exploração de baixo impacto serão sempre utilizadas e estudadas no sentido de diminuir esses danos, em função da gestão florestal sustentável. Essas práticas consistirão numa atividade planeada, usando técnicas que causam baixo impacto, aumentando o rendimento das operações de exploração florestal. A utilização de equipamentos mais modernos (forwarders equipados com cabeças processadoras) permite ter tempos de operação menores com menores impactos no solo e habitats.

PINHEIRO BRAVO

Procedeu-se ainda à medição de parcelas de pinheiro bravo, embora a sua expressão seja reduzida ocupando menos de 1% do total. A área de pinheiro bravo em Balsinhas (BALSIT10) apresenta uma densidade de 91 árvores/ha e distribui-se de forma irregular. Compreende espaços degradados pelo fogo com algumas árvores isoladas que resistiram à sua passagem, matos desenvolvidos em forte competição com a regeneração natural de pinheiro bravo e quercíneas. Por sua vez, no talhão VALETT06 em Vale da Torre coexistem bosquetes mistos de pinheiro bravo e pinheiro manso e bosquetes puros de pinheiro bravo. As densidades registadas em pinheiro bravo puro de 2460 árvores/ha indicam uma forte competição pela luz, sendo conveniente proceder a um desbaste pelo baixo que remova árvores dominadas, mal conformadas e algumas subdominantes em cerca de 20-40% do total das árvores em pé e privilegie os estratos codominantes.

SOBREIRO

No caso do sobreiro que é caracterizado por crescimentos lentos, existe um menor esforço de inventário quer em intensidade quer em periodicidade. No que respeita à periodicidade procedeu-se a um inventário de base quinquenal. O inventário florestal realizado visa a determinação de parâmetros quantitativos, dendrométricos e de inventário, bem como de parâmetros qualitativos que no seu conjunto permitiram caracterizar a exploração e serviram de suporte à decisão ao planeamento de gestão das propriedades. A nomenclatura e terminologia usada procedem do Manual de Campo IFN 2005-2006 da Direção de Unidade de Gestão Florestal da AFN – Autoridade Florestal Nacional. O método de amostragem utilizado no inventário é a Amostragem Sistemática Estratificada Marques et al. (2006-2007). Com a presente metodologia foi possível selecionar as árvores modelo para diversos parâmetros quantitativos, estimar a disponibilidade de cortiça e lenho de resinosas, efetuar uma avaliação sanitária do povoamento e caracterizar a estrutura vertical do sob-coberto.

As outras espécies não se encontram em povoamentos e por isso não são objeto de um inventário florestal, mas apenas de caracterização sumária.

1.1.4. Componente silvopastoril

A atividade pastorícia na região é do tipo extensivo, com um pequeno encabeçamento por hectare, principalmente de ovinos. A presença de rebanhos nas propriedades da EGLON deverá ocorrer apenas durante as suas deslocações, uma vez que no sob-coberto do eucaliptal existem poucas pastagens. O pastoreio que ocorra será sempre de dimensão residual.

1.1.5. Componente apícola



Figura 31. Apiários em Balsinhas.

A apicultura é uma atividade com grande tradição na serra Algarvia, produzindo-se aqui um mel de elevada qualidade, devido à abundância de plantas melíferas como o rosmaninho (*Lavandula sp.*), a carqueja (*Chamaespartium tridentatum*) e os tojos (*Ulex sp.* e *Genista sp.*). Apenas foi detetada esta atividade na UG Balsinhas, apesar de não ser uma atividade explorada pela EGLON (Figura 31).

1.2. Projeção da produção lenhosa futura de eucalipto

Sendo o eucalipto uma espécie de rápido crescimento e sendo também aquele em que mais se investe em investigação, é certamente nesta espécie onde os modelos de produção mais rapidamente sofrem alterações. Desde os anos 90, que diversos modelos empíricos foram desenvolvidos para simular o crescimento do *E. globulus* em Portugal (Amaro 1998, Amaro 2003, Tomé et al. 2001a, Tomé et al. 2001b, Soares e Tomé 2003, Barreiro e Tomé 2004, Tomé et al. 2006). No âmbito do presente documento, as avaliações globais dos volumes de corte consistiram na comparação das projeções a longo prazo, obtidas com os modelos de crescimento GLOBULUS 3.0 (Tomé et al 2006) e SOP (Amaro 1998). Os dados obtidos com estas simulações são apresentados no ANEXO IV.

1.2.1. Modelo de produção GLOBULUS 3.0

O GLOBULUS 3.0 é um modelo empírico de crescimento e produção ao nível do povoamento desenvolvido para eucaliptais portugueses para os quais se podem associar um conjunto de variáveis climáticas que expressam as diferenças no crescimento. Tem por base da sua aplicação a ideia de que o país se pode classificar em zonas relativamente homogéneas do ponto de vista edafoclimático ou climático (8 regiões) e que, com base nestas, se podem parametrizar as componentes do modelo em função da localização dos povoamentos. Nas equações que constituem o modelo GLOBULUS 3.0 foram selecionadas as seguintes variáveis: altimetria, dias de geada, temperatura média do ar, precipitação total e dias de precipitação com valores superiores a 0.1 mm.

A maior parte das componentes do modelo GLOBULUS 3.0 já estavam disponíveis no modelo GLOBULUS 2.1. No entanto, o modelo GLOBULUS 3.0 difere das versões anteriores (Tomé et al., 2001) ao considerar algumas das funções de crescimento função de variáveis climáticas e ao apresentar valores de produção, para povoamentos em talhadia, anteriores à operação de seleção de varas que se realiza normalmente aos 3 anos. O modelo GLOBULUS 3.0 é um modelo de povoamento que considera as seguintes variáveis de estado: altura dominante, área basal, volume total sem casca, volume da casca e volume mercantil para limites de despona entre 5 e 10 cm (com e sem casca), número de árvores por ha, número de varas por hectare após a monda e biomassa total e por componentes. O modelo estima também o total de carbono acumulado em cada componente. O índice de qualidade da estação, o número de árvores por ha à plantação ou o número de varas por ha após seleção de varas (em talhadia), a rotação (alto fuste versus talhadia) e os valores das variáveis climáticas são as variáveis de controlo. A rotação foi definida com base numa variável indicatriz da talhadia.

As projeções com base no GLOBULUS 3.0 foram realizadas por Tomé, M. e Barreiro, S. em 2013. Com base nas parcelas de amostragem do último inventário foram efetuadas simulações com um time step de 0.1 anos de idade até à 4ª rotação assumindo cortes finais a diferentes idades (10, 12, 14 e 16 anos de idade) que se manteriam constantes ao longo da revolução. Para tal construíram-se prescrições que definem a idade de corte para cada *plot* consoante a *plot* no início da simulação se encontrava em primeira rotação ou em segunda rotação. No output da simulação sempre que se regista uma operação silvícola (monda de varas ou corte final) apresenta-se os valores simulados referentes aos momentos antes das operações terem sido realizadas e após a realização das operações. Considerou-se que aquando da monda se deixariam em média por *plot* 1.6 varas em cada touça. As corridas foram feitas assumindo que as *plot* se encontravam na região 7. Os valores das variáveis de povoamento obtidas para cada idade de corte foram associadas a cada UG e talhão (ver ANEXO IV) e as médias ponderadas da totalidade dos povoamentos avaliados indicam um acréscimo médio anual de 8,9 a 9,7 m³/ha/ano consoante a idade de corte do povoamento (Figura 32).

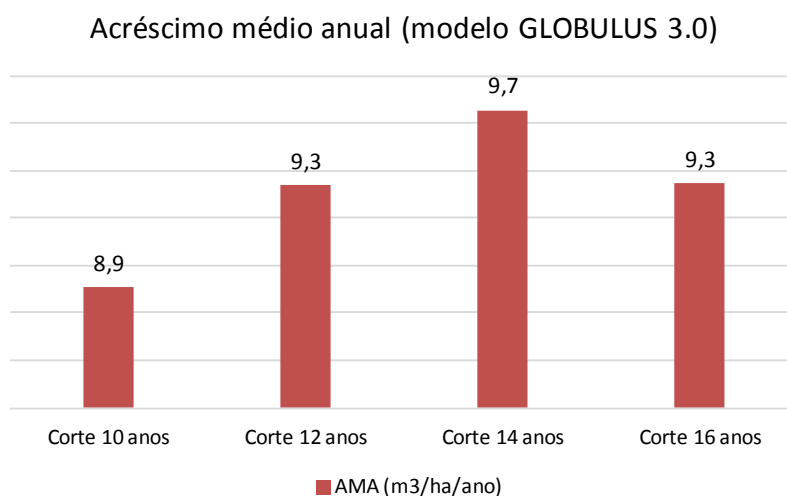


Figura 32. Projeções do AMA dos povoamentos de eucalipto (GLOBULUS 3.0)

1.2.1. Modelo de produção SOP

O modelo SOP foi desenvolvido em 1998 com base num conjunto de dados provenientes de parcelas de inventário florestal contínuo, pertencentes à empresa SOPORCEL. Os dados consistem em variáveis de povoamento como a idade, número de árvores por hectare, altura dominante e área basal. Por forma a reduzir a variação, os dados foram estratificados em duas diferentes regiões de produtividade: uma região de menor produtividade para povoamentos localizados em estações com menor disponibilidade de água e maior risco de geada e outra região de maior produtividade.

Com base nos dados de inventário foram realizadas 8 simulações resultantes das diferentes combinações entre as regiões de potencial produtivo distinto e para idades de corte distintas: 10, 12, 14 e 16 anos (Figura 33). No ANEXO IV apenas são apresentadas as duas simulações obtidas para a idade de corte de 10 anos.

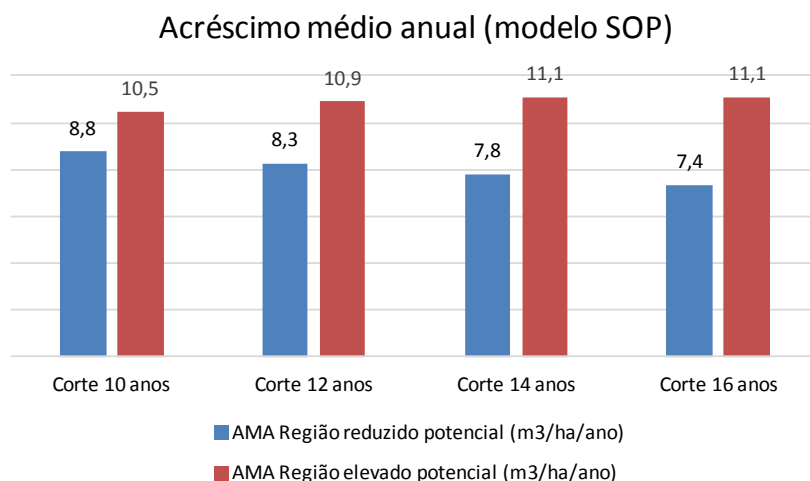


Figura 33. Projeções do AMA dos povoamentos de eucalipto para duas regiões distintas (SOP).

1.2.3. Plano geral de exploração florestal

Com a introdução de novas técnicas silviculturais, especialmente a utilização de plantas clonais e a adubação, as curvas de crescimento destes povoamentos têm vindo progressivamente a ser alteradas, sendo mesmo muito distintas de ambiente para ambiente. Por esta razão, nas projeções a longo prazo com o modelo SOP, apesar dos povoamentos se localizarem numa região de menor produtividade, optou-se pela utilização dos parâmetros correspondentes a um elevado potencial de crescimento, uma vez que os volumes e curvas de crescimento históricos obtidos nos povoamentos de eucalipto com os mesmos clones se aproximam mais das projeções obtidas com este cenário (Figura 34). Os dados obtidos indicaram uma produtividade média de 10,5 m³ sem casca/ha/ano e permitiram construir um plano de cortes onde se procurou uniformizar os volumes a explorar ao longo dos anos (cerca de 214 hectares de eucalipto/ano e um volume de cerca de 22.700 m³ de madeira sem casca/ano).

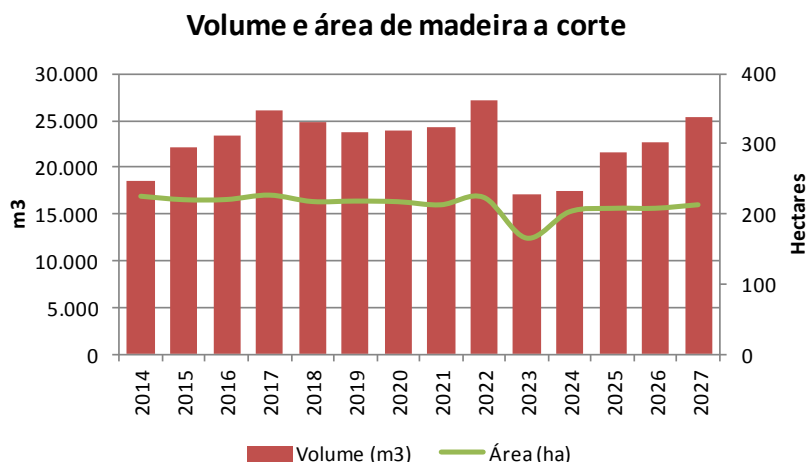


Figura 34. Produção de rolaria de eucalipto para o período de 2014 a 2027.

1.3. Definição dos objetivos da exploração

Tendo em consideração a valorização dos produtos florestais, o enquadramento social do uso da terra e as restrições de ordem técnica e legal, definiram-se os seguintes objetivos gerais para a gestão das áreas florestais que fazem parte do património da EGLON:

1. Garantir a valorização económica, a conservação e a utilização sustentável dos recursos naturais que fazem parte das áreas sob gestão, salvaguardando a sua biodiversidade;
2. Promover a gestão florestal responsável e a certificação tanto da gestão florestal como dos produtos florestais;
3. Adequar a gestão dos espaços florestais aos objetivos de conservação dos habitats, de fauna e da flora classificados;
4. Defender e prevenir as áreas florestais sob gestão das ameaças que constituem os fogos florestais, as pragas, as doenças e as invasoras lenhosas.

2. Adequação ao PROF

Tendo em consideração a identificação já realizada das funções e objetivos principais dos espaços florestais e também dos modelos de silvicultura adequados, pretende-se enquadrar o património sob gestão da EGLON nos objetivos dos respetivos PROF e também nos objetivos específicos das sub-regiões homogéneas. Atendendo à especificidade dos objetivos, apresenta-se no ANEXO V a caracterização da contribuição do PGF para as metas do PROF e respetivas sub-regiões homogéneas. Verifica-se que o presente PGF encontra-se alinhado com a maior parte dos objetivos apontados para as regiões PROF, uma vez que se preconiza a promoção do potencial produtivo dos povoamentos e a conservação e proteção dos valores naturais em presença.

3. Programas operacionais

3.1. Programa de gestão da biodiversidade

O presente Programa de gestão da Biodiversidade pretende cumprir com a norma FSC® de Gestão Florestal para Portugal (FSC-STD-PRT-01-2012), nomeadamente no que diz respeito aos requisitos específicos dos princípios 6 – Impacte Ambiental e 9 – Manutenção de Florestas de Alto Valor de Conservação. Os resultados da identificação dos valores naturais presentes na área sob gestão da EGLON já foram anteriormente apresentados, nomeadamente:

- Espécies de fauna potencialmente presentes (Capítulo 2.5.2 do Documento de Avaliação);
- Habitats da Rede Natura 2000 presentes (Capítulo 2.5.3. do Documento de Avaliação);
- Áreas de conservação e proteção (Capítulo 4.2 do Documento de Avaliação e Capítulo 1.1.3.

do Modelo de Exploração).

Igualmente já foram apresentadas, no Capítulo 3.3.2 do Documento de Avaliação, as principais orientações de gestão do Plano Sectorial da Rede Natura 2000 para a preservação dos habitats, flora e fauna identificados. Assim sendo, pretende-se neste plano:

- Identificar as Florestas de Alto Valor de Conservação (FAVC);
- Apresentar medidas de gestão para as áreas de conservação e proteção, incluindo as FAVC identificadas. Estas medidas de gestão serão compatibilizadas com os habitats da Rede Natura 2000 observados;
- Apresentar medidas de gestão para as espécies faunísticas potencialmente presentes e com estatuto “ameaçado”.

3.1.1. Identificação das Florestas de Alto Valor de Conservação

O conceito de Floresta de Alto Valor de Conservação (FAVC) é baseado na ideia de que quando uma área florestal possui um valor de carácter excecional ou de importância crítica, devem existir salvaguardas adicionais para garantir que o valor não seja degradado ou afetado negativamente pela gestão. A designação de uma floresta (ou parte de uma floresta) como FAVC não impede automaticamente operações de gestão, como a exploração florestal. Porém significa que as atividades de gestão devem ser planeadas e implementadas de uma maneira que garanta que os valores sejam mantidos ou aumentados. A chave para o conceito de FAVC é a identificação dos Atributos de Alto Valor de Conservação (AAVC), pois é a presença de AVC que determinam se uma área florestal é ou não identificada como FAVC. O princípio 9 (Manutenção de Florestas de Alto Valor de Conservação) do referencial FSC, define as FAVC como aquelas que possuem um ou mais dos seguintes atributos:

- a. áreas florestais significativas ao nível global, regional ou nacional no que respeita a: concentrações de valores de biodiversidade e/ou; grandes florestas ao nível de paisagem, contidas no, ou contendo a unidade de gestão, onde existem populações viáveis de espécies que, em grande parte, se não todas, são de ocorrência natural em padrões naturais de distribuição e abundância
- b. áreas florestais contidas em ou contendo ecossistemas raros, ameaçados ou em risco

c. áreas florestais que proporcionam funções naturais básicas em situações críticas (por ex. proteção de bacias hidrográficas, controlo de erosão)

d. áreas florestais fundamentais para satisfazer necessidades básicas de comunidades locais (por ex. sustento, saúde) e/ou críticas para identidades tradicionais e culturais de comunidades locais (áreas com significado cultural, ecológico, económico ou religioso, identificadas em cooperação com estas comunidades locais).

Na identificação de cada um dos AVC recorreu-se à árvore de decisão sugerida pela PROFOREST (Jennings et. al, 2003) (Figura 35).

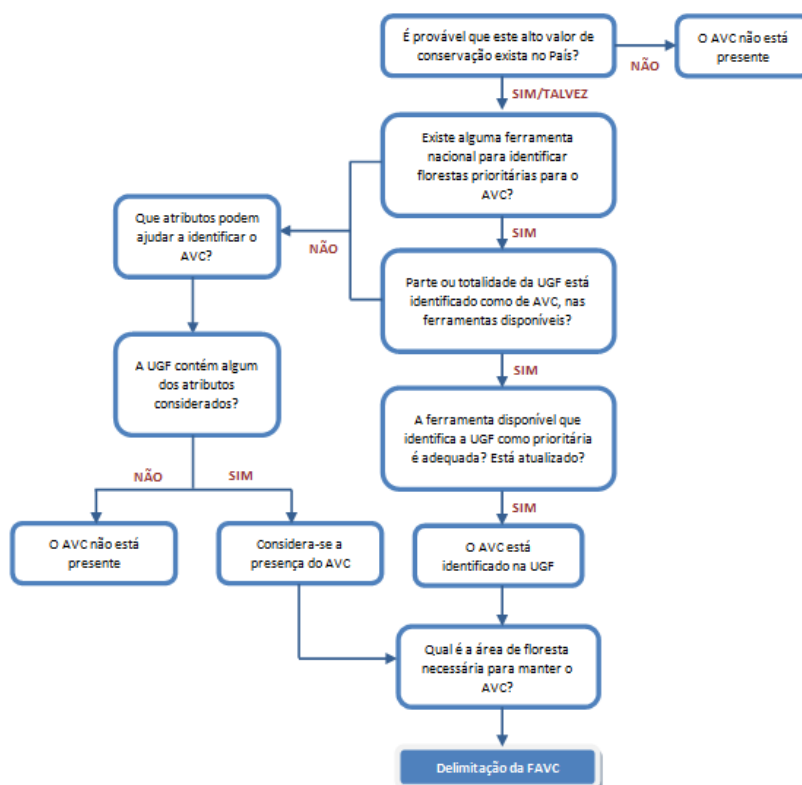


Figura 35. Delimitação de FAVC segundo a metodologia da PROFOREST.

A identificação de florestas de alto valor de conservação (FAVC) é feita de acordo com os seguintes atributos (AAVC):

- **AAVC1** - Áreas nas quais se encontra uma concentração significativa de valores de biodiversidade global, regional ou nacional (p.e. endemismos, espécies ameaçadas, áreas protegidas)
- **AAVC2** - Áreas florestais extensas, ao nível da paisagem, com relevância global, regional ou nacional, onde ocorrem, em padrões naturais de distribuição e abundância, populações viáveis da maioria, ou de todas as espécies (p.e. áreas de montado com presença de aves rapina e outras espécies características) que ocorreriam naturalmente
- **AAVC3** - Áreas incluídas ou que contêm ecossistemas raros, ameaçados ou em perigo de extinção (p.e. castiçais da Serra de Monchique, charcos mediterrânicos temporários)
- **AAVC4** - Áreas que fornecem serviços ambientais básicos em situações críticas (p.e. proteção de bacias hidrográficas, controlo de erosão e conservação do solo)

- **AAVC5** - Áreas essenciais para suprir as necessidades básicas de comunidades locais (p.e. subsistência, saúde)
- **AAVC6** - Áreas críticas para a identidade cultural tradicional de comunidades locais (áreas de importância cultural, ecológica, económica ou religiosa, identificadas em conjunto com estas comunidades).

No processo de identificação de Atributos de Alto Valor de Conservação (Tabela 18) foram consultadas partes interessadas locais com conhecimentos ou experiência relevante, nomeadamente os técnicos de campo responsáveis pela gestão das áreas da EGLON. Desta forma consegue-se:

- Assegurar que quaisquer valores críticos presentes na floresta são identificados;
- Assegurar a consulta das partes interessadas relativamente às opções para manutenção dos atributos identificados nas FAVC;
- Especificar os objetivos principais de gestão nas FAVC, assegurando a informação das partes interessadas;
- Empreender ações de monitorização, por forma a assegurar que as opções de gestão efetivamente mantêm os atributos.

Tabela 18. Altos Valores de Conservação preconizados na metodologia PROFOREST e sua aplicabilidade à UGF.

AVC (ou elemento de AVC)	Aplicabilidade	Justificação da não aplicabilidade/ Atributo do AVC
AVC 1 Concentrações de biodiversidade significativas a nível global, regional ou nacional		
AVC 1.1. Áreas classificadas	Aplicável	Há património abrangido pela Rede Natura 2000, no entanto os habitats identificados não constituem uma parte crítica da paisagem florestal, dada a sua muito reduzida dimensão e por isso optou-se por não as classificar como FAVC.
AVC 1.2 Espécies ameaçadas	Aplicável	Há ocorrência de espécies de vertebrados com categoria "Vulnerável", "Críticamente em perigo" ou "Em perigo". Identificou-se uma área de nidificação/alimentação/refúgio com importância indiscutível para a conservação da Águia Bonelli na UG Barrada e por isso, passível de ser classificada como FAVC.
AVC 1.3 Grandes florestas à escala da paisagem, significativas a nível global, regional / nacional	Não Aplicável	Em Portugal há poucas florestas cuja escala seja significativa a nível global, regional ou nacional; além disso na UGF não está incluída nenhuma floresta deste tipo.
AVC 2 Áreas florestais incluídas ou que incluem ecossistemas raros ou ameaçados		
	Não Aplicável	Não ocorrem habitats de interesse comunitário prioritários
AVC 3 Florestas críticas para bacias hidrográficas ou controlo de erosão		
AVC 3.1 Florestas críticas para bacias hidrográficas	Aplicável	Uma floresta que cobre parte significativa da bacia dum rio que tem elevado risco de provocar inundações destrutivas pode ser crítica para a prevenção de inundações e por isso ser considerada uma FAVC. Considera-se que a permanência da floresta de eucalipto junto à barragem da Bravura é importante e crítica para a estabilidade hidrológica da Barragem da Bravura.
AVC 3.2 Florestas críticas para controlo de erosão	Não Aplicável	Todas as áreas podem potencialmente sofrer alguma erosão, mas frequentemente a extensão ou risco são muito baixas e as consequências são pouco importantes. Nalguns casos, porém, as florestas previnem a erosão, deslizamentos de terra ou avalanches em áreas onde as consequências, em termos de perda de área produtiva, danos a ecossistemas ou perda de vidas humanas são severas. Não é o caso da UGF.
AVC 4 Áreas florestais fundamentais para satisfazer necessidades básicas de comunidades locais ou críticas para a identidade cultural tradicional das comunidades		
AVC 4.1 Áreas florestais fundamentais para satisfazer necessidades básicas de comunidades locais	Não Aplicável	Este valor visa proteger a subsistência e segurança básicas de comunidades locais dependentes da floresta, que retiram desta quantidades substanciais e insubstituíveis de rendimento, alimento ou outros benefícios. Aplica-se apenas a necessidades básicas: uma floresta onde as pessoas caçam essencialmente para fins recreativos mas que não dependem da caça para comer não constitui uma FAVC segundo este critério. Em Portugal não existem comunidades locais dependentes da floresta para satisfazer necessidades básicas.
AVC 4.2 Áreas florestais críticas para a identidade cultural tradicional das comunidades	Aplicável	Estas áreas incluem locais religiosos ou sagrados, áreas com vestígios históricos, onde há uso frequente de produtos florestais para fins artísticos ou tradicionais, locais com associações históricas, e áreas com elevado valor estético ou recreativo. Nas áreas sob gestão foi identificada a Torre da Atalaia (na UG Vale da Torre) como património arqueológico e cultural relevante.

Assim sendo, foram classificadas como FAVC, as seguintes áreas:

1. ÁREA DE PROTEÇÃO DA TORRE DA ATALAIA

A FAVC delimitada corresponde à zona de proteção de 50 metros de raio à volta da escavação da Torre da Atalaia na UG Vale da Torre (Figura 36). Esta área delimitada abrange parcelas de matos/incultos, sobreiro e eucalipto. A delimitação desta área seguiu as orientações propostas pelo PDM de Aljezur, procurando criar uma clareira de proteção livre de quaisquer intervenções que possam eventualmente criar danos e perturbar o ambiente tranquilo que se pretende preservar no acesso às comunidades locais e de eventuais novas escavações.



Figura 36. Delimitação da FAVC da Torre da Atalaia.

2. ÁREA DE PROTEÇÃO DA ÁGUIA DE BONELLI

Na UG Barradas em Monchique, foi observado um casal de Águia de Bonelli e respetivo ninho situado num eucalipto de grande porte na margem exterior da linha de água que passa na propriedade. Este casal já teria sido confirmado no âmbito de um projeto LIFE (CEAI de Évora) em 2006. A Águia de Bonelli (*Hieraaetus fasciatus*) é uma ave de rapina rara, característica de ecossistemas mediterrânicos, considerada “Em perigo” pelo Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal (ICNB, 2006). É também uma espécie de conservação prioritária segundo o Anexo I da Diretiva Comunitária 79/409/CEE, transposta pela legislação nacional através do Decreto-Lei n.º 140/99 de 24 de Abril, com a redação que lhe foi dada pelo Decreto-Lei n.º 49/2005 de 24 de Fevereiro. A zona de proteção do ninho corresponde ao limite da Área de Proteção Prioritária (APP) delimitada com vista à minimização ou eliminação dos impactos associados às operações florestais e de acordo com o Manual de Conservação da Águia de Bonelli (CEAI, 2011) (Figura 37). As APP deverão ser de raio indicativo de 250 m em redor do ninho ocupado ou alternativamente deverão constituir polígonos ajustados à orografia do terreno, de forma a seguirem limites topográficos naturais ou outros. Na prática, não deverão constituir círculos de raio fixo, podendo este ser inferior ao raio indicativo na direção em que a orografia obstruir a visibilidade direta sobre o ninho, ou superior na direção em que o ninho for visível a maior distância, como ao longo dos vales. É função

primária da APP a criação de condições favoráveis à conservação e estabilidade dos locais de nidificação, através da preservação das árvores-ninho e das árvores e sub-bosque envolvente, redução de acessos e exclusão da perturbação humana. As orientações de gestão para estas áreas são discutidas no capítulo seguinte.

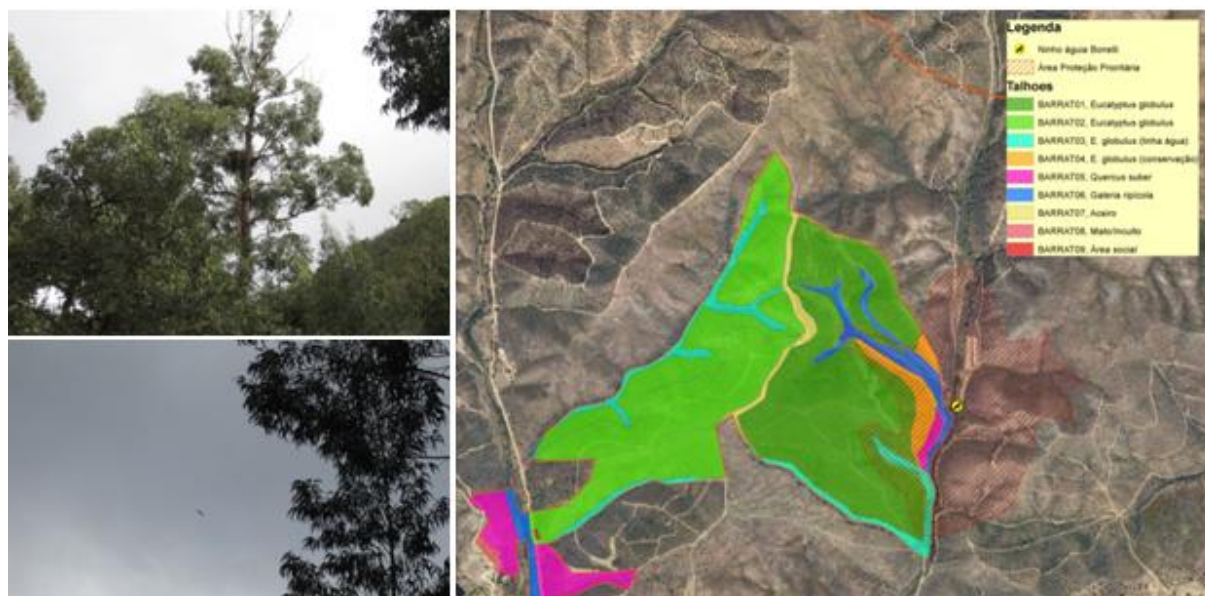


Figura 37. Fotografia do ninho e da Águia de Bonelli em voo e delimitação da respetiva FAVC.

3. ÁREA DE PROTEÇÃO DA BARRAGEM DA BRAVURA

A albufeira da Bravura pertence à bacia hidrográfica das ribeiras do Barlavento Algarvio, englobando parte da bacia hidrográfica da ribeira de Odiáxere. A albufeira tem um comprimento máximo de 5,5 km e uma profundidade média de cerca de 12,3 m, estendendo-se por três braços principais: o da margem direita, associado à ribeira de Odiáxere, e os braços de Corsino e Vagarosa, na margem esquerda. Atualmente é um empreendimento explorado pela Associação de Regantes do Alvor, sendo contudo também utilizado para abastecimento de água ao município de Portimão. A albufeira da Bravura encontra-se classificada como albufeira de águas públicas protegida, conforme o disposto pelo Decreto Regulamentar nº 2/88, de 20 de Janeiro. De acordo com o nº 2 do artigo 1º do referido diploma, albufeiras protegidas são «aquelas cuja água é ou se prevê que venha a ser utilizada para abastecimento de populações e aquelas cuja proteção é ditada por razões de defesa ecológica». O Plano de Ordenamento da Albufeira da Bravura (POAB) incide sobre o plano de água e respetiva zona de proteção, com uma largura de 500 m, contada a partir do nível de pleno armazenamento (cota 84,1 m) e medida na horizontal, integrando os municípios de Lagos, Monchique e Portimão. Na zona de proteção da albufeira são proibidas as seguintes atividades:

- O estabelecimento de indústrias que produzam ou usem produtos químicos tóxicos ou com elevados teores de fósforo ou de azoto;
- A instalação de explorações pecuárias intensivas, incluindo as avícolas;
- O armazenamento de pesticidas e de adubos orgânicos ou químicos, com exceção dos destinados a consumo na exploração, desde que sob coberto e em piso impermeabilizado;

d. O emprego de pesticidas, excetuando-se a utilização de produtos fitofarmacêuticos homologados para as respetivas culturas e desde que aplicados segundo as orientações constantes nos respetivos rótulos, e os casos em que se conceda uma autorização especial, a título excecional, desde que justificados e condicionados quanto às zonas a tratar e quanto à natureza, características e doses dos produtos a usar;

e. O emprego de adubos orgânicos e químicos azotados e fosfatados, nos casos de provada contaminação da água, através de monitorização, excetuando-se as aplicações que sigam as recomendações do Código de Boas Práticas Agrícolas;

f. O lançamento de excedentes de pesticidas ou de caldas pesticidas e de águas de lavagem com uso de detergentes;

g. A descarga ou infiltração no terreno de esgotos de qualquer natureza, devendo a descarga ser feita para órgão ou sistema de tratamento que não implique infiltração;

h. A instalação de depósitos de qualquer natureza;

i. O campismo selvagem;

j. A caça nas seguintes situações: i) Nos terrenos situados entre a linha de água das albufeiras e a linha de nível de máxima cheia; ii) Numa faixa de 250 m em redor de instalações turísticas, parques de campismo e povoados, de acordo com o disposto no Decreto-Lei nº 227-B/2000, de 15 de Setembro; iii) Numa faixa de 250 m em redor dos espaços de infraestruturas e equipamento de apoio à utilização do plano de água;

k. A circulação de veículos motorizados fora dos trilhos e acessos já existentes.

O condicionamento das atividades descritas anteriormente será realizado em toda a UG Guena, uma vez que toda ela se encontra dentro da zona de proteção de 500 metros. No entanto, para a delimitação da área de proteção do AVC identificado (Barragem da Bravura) na UG Guena, definiu-se uma faixa com cerca de 60 metros de largura contados a partir da cota de pleno armazenamento da albufeira, ocupada por um povoamento de eucalipto em segunda rotação com cerca de 10 anos de idade e uma área de 2,92 hectares (Figura 38).

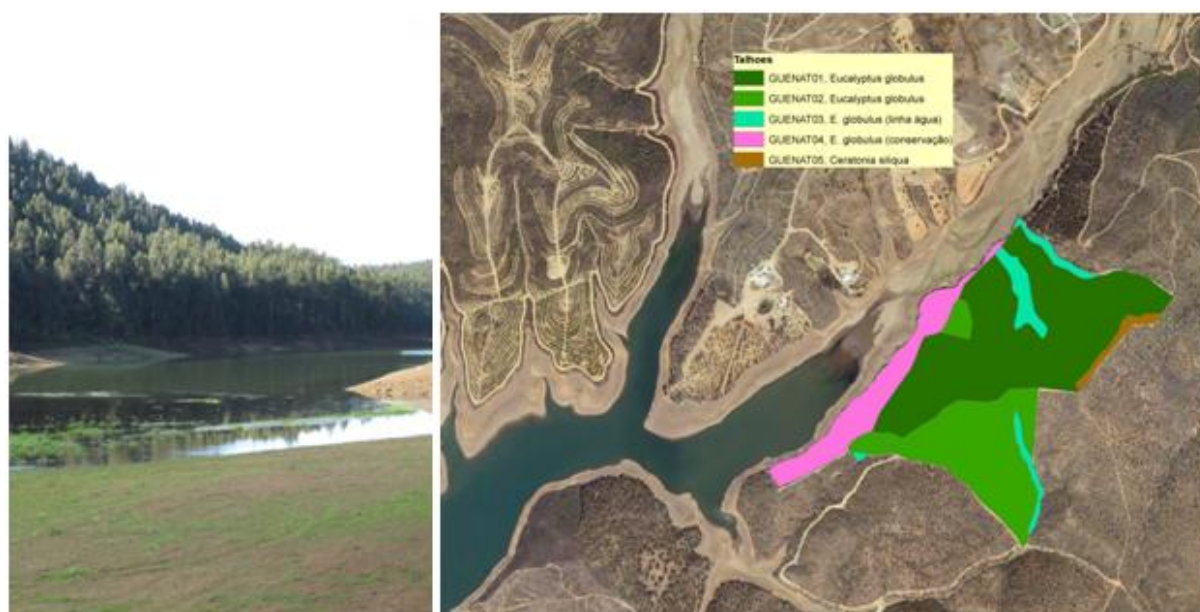


Figura 38. Fotografia da albufeira da Bravura e delimitação da respetiva FAVC.

3.1.2. Orientações de gestão para os valores naturais – Áreas de conservação e proteção

Apresenta-se de seguida um resumo de todas as áreas de conservação e proteção identificadas anteriormente. Para cada valor natural identificam-se não só os habitats presentes mas também os elementos de conectividade, de acordo com a seguinte classificação:

- **Stepping stones** – áreas isoladas de habitats, como um pequeno bosque ou mancha de mato.
- **Habitats de grande dimensão** – blocos de habitats mistos, com mais de 1 km².
- **Corredores ecológicos primários** – estrutura linear de maior dimensão, como por exemplo as galerias ripícolas dos rios principais.
- **Corredores ecológicos secundários** – estrutura linear de pequena dimensão, como uma sebe.

A existência destes elementos promove a imigração, o aumento da diversidade genética, permite a colonização de manchas e dá refúgio a determinadas espécies. Estes elementos assumem particular importância se proporcionarem (McKenzie, 1995):

- A um elevado número de animais a possibilidade de se deslocarem, migrarem e encontrarem parceiros;
- A propagação de plantas;
- A promoção do intercâmbio genético;
- Às populações a possibilidade de deslocação em resposta a desastres naturais ou alterações ambientais;
- A recolonização de habitats por indivíduos cujas populações desapareceram localmente.

A estratégia seguida na identificação dos habitats não foi baseada em critérios fitossociológicos estritos; isto significa, por exemplo, que as áreas identificadas como sendo de montado (6310) podem na verdade nem cumprir todos os critérios de elegibilidade deste habitat, os quais incluem o pastoreio com ovinos. Embora esta estratégia possa não ser correta do ponto de vista fitossociológico, consideramo-la útil para efeitos de gestão, ao identificar os elementos com mais valor natural (atual ou potencial) e fornecer elementos para a tomada de decisão.

Os habitats presentes são classificados tomando em consideração a pontuação obtida em cada categoria, de modo a decidir qual a função a atribuir a cada zona. No entanto, a classificação dos habitats não resultou numa simples soma de pontuação obtida, pois seria demasiado redutora; a classificação foi apoiada nesta informação, e ainda na otimização da sustentabilidade económica deste património, proposta por técnicos qualificados na área, e aprovada pela gestão de topo. Com efeito, pretendeu-se cumprir os limites de 10% e 5% estabelecidos na norma de referência para as áreas de conservação e proteção, e simultaneamente conservar os valores naturais presentes.

Assumimos as FAVC como um tipo específico de área de conservação. Tal como mencionado anteriormente, para a totalidade da UGF foram classificadas as seguintes áreas (Tabela 19):

- Áreas de Conservação – 533,23 ha (21% da totalidade da área sob gestão)
- Áreas de Proteção – 335,93 ha (13% da totalidade da área sob gestão)

Tabela 19. Áreas de Conservação e Proteção da UGF (legenda: C = Conservação; P = Proteção)

UG	Talhão	Ocupação	Habitats	Características	FAVC	Tipo	Área (ha)
Balsinhas	BALSIT08	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	21,33
Balsinhas	BALSIT09	<i>Quercus suber</i>	4030, 6310, 9330	Stepping stones		C	19,02
Balsinhas	BALSIT10	<i>Quercus suber</i>		Stepping stones		C	13,41
Balsinhas	BALSIT12	Galeria ripícola	4030, 92A0, 9330, 9240	Corredor ecológico primário		C+P	46,71
Barradas	BARRAT03	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	3,63
Barradas	BARRAT04	<i>E. globulus</i> (conservação)		Stepping stones	AP Água Bonelli	C	1,46
Barradas	BARRAT05	<i>Quercus suber</i>	4030, 6310, 9330	Stepping stones		C	3,14
Barradas	BARRAT06	Galeria ripícola	4030, 92A0	Corredor ecológico primário		C+P	2,78
Barranco da Madeira	BAMADT03	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	1,12
Barranco do Carvalho	BACART02	<i>Quercus suber</i>	4030, 6310, 9330	Stepping stones		C	0,39
Barranco do Carvalho	BACART03	<i>Quercus canariensis</i>		Stepping stones		C	0,24
Barranco do Carvalho	BACART04	<i>Castanea sativa</i>		Stepping stones		C	0,30
Barranco do Carvalho	BACART05	Galeria ripícola	4030, 92A0	Corredor ecológico primário		C+P	0,40
Barranco do Castanheiro	BACAST02	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	6,16
Barranco do Castanheiro	BACAST03	<i>Quercus canariensis</i>		Stepping stones		C	0,22
Barranco do Cão e da Galé	BACAO203	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	6,48
Barranco do Cão e da Galé	BACAO202	<i>Quercus suber</i>	4030, 9330	Stepping stones		C	0,52
Barranco do Cão e da Galé	BACAO204	Mato mediterrânico	4030, 9240	Stepping stones		C	9,73
Barranco do Cão e da Galé	BACAO205	Galeria ripícola	4030, 92A0	Corredor ecológico secundário		C+P	4,09
Besteiros	BESTT02	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	2,80
Besteiros	BESTT03	<i>Quercus suber</i>	4030, 6310, 9330	Stepping stones		C	0,20
Besteiros	BESTT04	<i>Quercus suber</i>	4030, 9330	Stepping stones		C	0,74
Botelhão	BOTELT02	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	11,99
Botelhão	BOTELT03	<i>Quercus suber</i>	4030, 9330	Stepping stones		C	12,50
Botelhão	BOTELT04	<i>Quercus suber</i>	4030, 9330	Stepping stones		C	0,78
Botelhão	BOTELT05	<i>Quercus canariensis</i>		Stepping stones		C	3,88
Botelhão	BOTELT06	<i>Castanea sativa</i>		Stepping stones		C	0,62
Brejo Fundo	BREJOT02	Mato mediterrânico	4030, 9330, 9240	Stepping stones		C	2,30
Brejo Fundo	BREJOT03	Galeria ripícola	4030, 92B0	Corredor ecológico secundário		C+P	1,43
Cabanas	CABANT02	Galeria ripícola	4030	Corredor ecológico primário		C+P	1,25
Caeiro	CAEIRT02	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	0,44
Caeiro	CAEIRT03	<i>Quercus suber</i>	4030, 6310, 9330	Stepping stones		C	1,22
Caeiro	CAEIRT04	Galeria ripícola	4030, 92B0	Corredor ecológico primário		C+P	1,60
Cerca Velha	CERCAT02	<i>Quercus suber</i>	4030, 6310, 9330	Stepping stones		C	9,76
Cerca Velha	CERCAT03	<i>Quercus canariensis</i>		Stepping stones		C	1,40
Cerca Velha	CERCAT04	Mato mediterrânico	4030	Stepping stones		C	0,20
Choça	CHOCAT04	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	5,34
Choça	CHOCAT05	<i>Quercus suber</i>	4030, 9330	Stepping stones		C	0,35
Choça	CHOCAT06	Galeria ripícola	4030	Corredor ecológico secundário		C+P	20,77
Cotofo	COTOFT02	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	4,37
Eira da Palha	EIRAPT02	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	0,61
Eira da Palha	EIRAPT03	<i>Quercus suber</i>	9330	Stepping stones		C	0,35
Eira da Palha	EIRAPT04	Galeria ripícola	92B0	Corredor ecológico primário		C+P	2,14
Embarradouro de Cima	EMBART02	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	5,11
Embarradouro de Cima	EMBART03	<i>Quercus suber</i>	4030, 9330	Stepping stones		C	1,55
Estrecadas	ESTRET02	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	0,51
Estrecadas	ESTRET03	<i>Quercus suber</i>	4030, 9330	Stepping stones		C	1,86
Estrecadas	ESTRET04	<i>Quercus canariensis</i>		Stepping stones		C	0,17
Fornalha	FORNAT03	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	2,10
Fornalha	FORNAT04	<i>Quercus suber</i>	4030, 9330	Stepping stones		C	0,52
Fornalha	FORNAT05	Galeria ripícola	4030, 92B0	Corredor ecológico primário		C+P	3,66
Foz do Zevinho	FOZZET02	<i>Quercus suber</i>		Stepping stones		C	2,11
Foz do Zevinho	FOZZET03	Galeria ripícola	4030, 92A0	Corredor ecológico primário		C+P	0,61
Guená	GUENAT03	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	1,38
Guená	GUENAT04	<i>E. globulus</i> (proteção)		Stepping stones	AP Barragem Bravura	C+P	2,92
Guená	GUENAT05	<i>Ceratonia siliqua</i>		Stepping stones		C	0,39
Herdade da Cascalheira	HERCAT02	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	5,63
Herdade da Cascalheira	HERCAT03	<i>Quercus suber</i>	4030, 6310	Stepping stones		C	1,25
Herdade da Cascalheira	HERCAT04	<i>Quercus suber</i>		Stepping stones		C	0,85
Herdade da Cascalheira	HERCAT05	Galeria ripícola	4030, 92B0	Corredor ecológico secundário		C+P	6,90
Lameiro	LAMEIT02	Mato mediterrânico	4030, 9240, 9330	Stepping stones		C	5,83
Lameiro	LAMEIT03	Galeria ripícola	4030, 92B0	Corredor ecológico primário		C+P	4,57
Macheirinha	MACHET02	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	0,34
Macheirinha	MACHET03	<i>Quercus suber</i>	4030, 6310	Stepping stones		C	1,15
Macheirinha	MACHET04	Galeria ripícola	4030	Corredor ecológico secundário		C+P	0,65
Marianes	MARIAT02	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	4,83
Marianes	MARIAT03	<i>Quercus suber</i>	4030, 6310, 9240	Stepping stones		C	0,97

Tabela 19. Áreas de Conservação e Proteção da UGF (legenda: C = Conservação; P = Proteção) (continuação).

UG	Talhão	Ocupação	Habitats	Características	FAVC	Tipo	Área (ha)
Marianes	MARIAT04	<i>Quercus suber</i>		Stepping stones		C	3,51
Marianes	MARIAT05	Galeria ripícola	4030, 92B0	Corredor ecológico secundário		C+P	2,13
Mariolia	MARIOT03	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	1,67
Mariolia	MARIOT04	<i>Quercus suber</i>	4030, 9330	Stepping stones		C	0,80
Mariolia	MARIOT05	Mato mediterrânico	4030	Stepping stones		C	3,44
Mariolia	MARIOT06	Galeria ripícola	4030	Corredor ecológico secundário		C+P	0,41
Moitas	MOITAT02	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	5,29
Moitas	MOITAT03	<i>Quercus suber</i>	4030, 6310	Stepping stones		C	0,99
Moitas	MOITAT04	Galeria ripícola	4030, 92B0	Corredor ecológico primário		C+P	1,14
Monte Novinho	MNTNV03	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	13,79
Monte Novinho	MNTNV04	<i>Quercus suber</i>	4030, 6310, 9330	Stepping stones		C	13,51
Monte Novinho	MNTNV05	Galeria ripícola	4030	Corredor ecológico secundário		C+P	4,89
Mourão	MOURAT02	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	6,00
Mourão	MOURAT03	<i>Quercus suber</i>	4030, 9330	Stepping stones		C	1,37
Mourão	MOURAT04	Galeria ripícola	4030, 92A0	Corredor ecológico primário		C+P	5,03
Nevoeira	NEVOET02	<i>Arbutus unedo</i>	4030, 5330	Stepping stones		C	1,91
Parras	PARRAT03	<i>Quercus suber</i>	4030, 9330, 9240	Stepping stones		C	4,96
Parras	PARRAT04	<i>Quercus suber</i>	4030, 9330	Stepping stones		C	0,30
Parras	PARRAT05	Galeria ripícola	4030, 92B0	Corredor ecológico secundário		C+P	1,48
Pau e Corna	PAUCOT03	<i>Quercus rotundifolia</i>	6310	Stepping stones		C	0,38
Pau e Corna	PAUCOT04	<i>Quercus suber</i>		Stepping stones		C	11,29
Pau e Corna	PAUCOT06	Galeria ripícola		Corredor ecológico primário		C+P	47,10
Pedra Branca	PEDRAT02	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	0,61
Pedra Branca	PEDRAT03	Galeria ripícola	4030, 6310, 9330	Corredor ecológico secundário		C+P	1,84
Poldreiras	POLDRT02	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	0,53
Pomar	POMART03	Galeria ripícola	92A0	Corredor ecológico primário		C+P	3,73
Pomar do Varela Sul	POMVST04	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	1,51
Pomar do Varela Sul	POMVST05	Mato mediterrânico	9330	Stepping stones		C	1,86
Pomar do Varela Sul	POMVST06	Galeria ripícola	92A0	Corredor ecológico primário		C+P	4,70
Romeiras	ROMEIT02	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	2,47
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET05	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	6,39
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET06	<i>Quercus suber</i>	4030, 9240, 9330	Stepping stones		C	26,51
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET07	Galeria ripícola	4030, 92B0	Corredor ecológico secundário		C+P	8,48
Três Malhões	TRESMT02	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	1,18
Três Malhões	TRESMT03	<i>Quercus suber</i>	4030, 9330	Stepping stones		C	16,18
Três Malhões	TRESMT04	<i>Ceratonia siliqua</i>		Stepping stones		C	0,08
Três Malhões	TRESMT05	Galeria ripícola	4030	Corredor ecológico secundário		C+P	4,00
Vale da Torre	VALETT04	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	0,44
Vale da Torre	VALETT05	<i>Quercus suber</i>	4030, 6310	Stepping stones		C	9,56
Vale da Torre	VALETT07	Galeria ripícola	4030, 92B0	Corredor ecológico primário		C+P	7,14
Vale da Torre	VALETT08	<i>Arbutus unedo</i>	4030, 5330	Stepping stones		C	0,44
Vale da Torre	VALETT11	Vestígio arqueológico		Stepping stones	AP Torre da Atalaia	C	0,04
Vale Fontes	VALETT03	<i>E. globulus</i> (linha água)		Corredor ecológico secundário		C+P	19,36
Vale Fontes	VALETT04	<i>Quercus suber</i>	4030, 9330	Stepping stones		C	0,80
TOTAL							533,23

Os valores naturais identificados foram classificados de acordo com os seguintes critérios (Tabela 20):

A. Avaliação da ocorrência de espécies ameaçadas: avaliação da potencial presença de espécies de vertebrados – que sejam residentes, estivais nidificantes ou invernantes – com categoria “Críticamente em Perigo” (CR), “Em perigo” (EN) ou “Vulnerável” (VU):

- 1 – Ausência de espécies CR, EN e VU;
- 2 – Presença de espécies VU;
- 3 – Presença de espécies CR ou EN.

B. Ocorrência de habitats naturais e semi-naturais de interesse comunitário:

- 1 – Ausência de habitats naturais e semi-naturais de interesse comunitário;
- 2 – Presença de habitats incluídos no Anexo B-I, ou seja, habitats naturais de interesse comunitário cuja conservação exige a designação de zonas especiais de conservação;
- 3 – Presença de habitats incluídos no Anexo B-I*, ou seja, habitats naturais prioritários de interesse

comunitário cuja conservação exige a designação de zonas especiais de conservação por estarem ameaçados de extinção.

C. Conectividade da mancha, por meio de corredores ecológicos atuais ou potenciais, como seja o facto de estar localizada sobre uma linha de água ou integrar uma rede de habitats abertos, e assim existirem condições adequadas para a colonização e migração para habitats adjacentes:

- 1 – A comunidade tem conectividade fraca ou nula e não tem localização interessante;
- 2 – Níveis intermédios entre a classificação 1 e 3;
- 3 – A comunidade tem elevada conectividade e/ou localização muito interessante, porque ocupa declives elevados, é coincidente com outras comunidades

D. Grau de naturalidade da comunidade:

- 1 – A comunidade está muito alterada e é marcada pela forte presença de espécies exóticas, ou áreas afetadas por fogo em anos recentes (<10 anos);
- 2 – Níveis intermédios;
- 3 – A composição da comunidade é equivalente à existente se não houvesse presença humana durante várias décadas.

E. Objetivos do Plano Sectorial Rede Natura 2000:

- 1 – Nenhum;
- 2 – Melhorar estado de conservação;
- 3 – Aumentar áreas ocupação;

Tabela 20. Caracterização das áreas de conservação e proteção identificadas.

Habitats	Área (ha)	UG	Espécies			Habitats			Conectividade			Naturalidade			Objectivos PSRN			
			1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	NA
Montado de azinho	0,38	Pau e Corna	X			X			X			X					X	
Florestas e/ou montados de sobreiro	162,42	Balsinhas; Barradas; Barranco do Cão e da Galé; Barranco do Carvalho; Besteiros; Botelhão; Caeiro; Cerca Velha; Choça; Eira da Palha; Embarradouro de Cima; Estrecada; Fornalha; Foz do Zevinho; Herdade da Cascalheira; Machelrinha; Marianes; Mariolia; Moitas; Monte Novinho; Mourão; Parras; Pau e Corna; Romeiro e Desmoitadas; Três Malhões; Vale da Torre; Vale Fontes	X			X			X			X					X	
Medronhal	2,34	Nevoeira; Vale da Torre	X			X			X			X			X			
Bosque de castanheiro	0,92	Barranco do Carvalho; Botelhão	X			X			X			X						X
Bosque de alfarrobeira	0,47	Guena; Três Malhões	X			X			X			X						X
Floresta de eucalipto	4,38	Barradas; Guena	X			X			X			X						X
Bosque de carvalho de monchique	5,92	Barranco do Carvalho; Barranco do Castanheiro; Botelhão; Cerca Velha; Estrecada	X			X			X			X						X
Matos mediterrânicos	23,34	Barranco do Cão e da Galé; Brejo Fundo; Cerca Velha; Lamelro; Mariolia; Pomar do Varela Sul	X			X			X			X			X			
E. globulus (linha água)	143,39	Balsinhas; Barradas; Barranco da Madeira; Barranco do Cão e da Galé; Barranco do Castanheiro; Besteiros; Botelhão; Caeiro; Choça; Cotofo; Eira da Palha; Embarradouro de Cima; Estrecada; Fornalha; Guena; Herdade da Cascalheira; Machelrinha; Marianes; Mariolia; Moitas; Monte Novinho; Mourão; Poldreira; Pomar do Varela Sul; Romeiras; Romeiro e Desmoitadas; Três Malhões; Vale da Torre; Vale Fontes	X			X			X			X	X					X
Galeria ripícola	189,62	Balsinhas; Barradas; Barranco do Cão e da Galé; Barranco do Carvalho; Brejo Fundo; Cabanas; Caeiro; Choça; Eira da Palha; Fornalha; Foz do Zevinho; Herdade da Cascalheira; Lamelro; Machelrinha; Marianes; Mariolia; Moitas; Monte Novinho; Mourão; Parras; Pau e Corna; Pedra Branca; Pomar; Pomar do Varela Sul; Romeiro e Desmoitadas; Três Malhões; Vale da Torre	X			X			X			X			X		X	

A gestão dos valores de conservação presentes no património da EGLON obedece aos princípios constantes da Estratégia Nacional da Conservação da Natureza e da Biodiversidade:

- **Princípio do nível de proteção elevado**, visando uma efetiva salvaguarda dos valores mais significativos presentes no património;
- **Princípio da utilização sustentável dos recursos biológicos**, promovendo a compatibilização entre o desenvolvimento socioeconómico e a conservação da Natureza e da diversidade biológica, ao serviço da qualidade de vida das populações e das gerações futuras;
- **Princípio da precaução**, aplicando à conservação da Natureza e da diversidade biológica o princípio *in dubio pro ambiente*;
- **Princípio da prevenção**, impondo uma intervenção antecipativa ou cautelar ante os riscos de degradação do património natural e privilegiando a ação sobre as respetivas causas;
- **Princípio da recuperação**, determinando a limitação ou eliminação dos processos degradativos nas áreas relevantes para a conservação da natureza e a adoção de medidas de salvaguarda e requalificação dessas áreas.

Esta gestão é adaptada aos valores presentes, sendo produzidas fichas com recomendações de gestão para cada área de conservação. As fichas foram baseadas na bibliografia disponível sobre o assunto, tal como o Relatório Nacional de Implementação da Diretiva Habitats (ICNB, 2008). As fichas contêm apenas orientações, sendo que a gestão efetiva poderá ser diferente da preconizada nas mesmas, inclusivamente pela necessidade de integrar a gestão de valores naturais à escala da UGF, e não apenas da mancha de cada área de conservação em particular. Por exemplo, no caso de áreas de conservação definidas para manchas de montado, onde o Relatório Nacional de Implementação da Diretiva Habitats (ICNB, 2008) recomenda que 30% do montado em Portugal seja “abandonado” e como tal evolua para sobreiral, poderá não fazer sentido assumir esta recomendação, se houver áreas de conservação com outras ocupações onde seja mais interessante estabelecer zonas de proteção direcionadas para o restauro.

Para cada tipo de habitat que tenha sido classificado como área de conservação, foi elaborada uma Ficha de Caracterização que descreve o tipo de área, a dimensão, os atributos, as ameaças e as orientações de gestão (ANEXO VI).

3.1.3. Orientações de gestão para os valores naturais – Espécies faunísticas

Com base numa visita de campo, bem como na consulta de bibliografia identificaram-se as espécies de vertebrados presentes e/ou potencialmente presentes na área sob gestão (Capítulo 2.5.2 do Documento de Avaliação), e as que têm estatuto de conservação “Ameaçado” (Tabela 21) de acordo com o Livro Vermelho de Vertebrados de Portugal (Cabral et al., 2005). Para cada uma destas espécies foi elaborada uma ficha, com a fenologia, estatuto de conservação nacional, habitat utilizado, distribuição local, ameaças identificadas e orientações de gestão adaptadas à UGF. A informação constante nessas fichas teve como base o Livro Vermelho de Vertebrados de Portugal (Cabral et al., 2005), o Relatório do Plano Sectorial da Rede Natura 2000 (ICN, 2006), o Relatório

Nacional de Implementação da Diretiva Habitats (ICNB, 2008) e a Carta Piscícola Nacional (Ribeiro et al., 2007). A adequada identificação de outras espécies ameaçadas pertencentes, por exemplo, aos Quirópteros, grupo extremamente associado aos meios florestais e com inúmeras espécies ameaçadas, obrigava a um maior esforço de prospeção que não foi possível de realizar.

Tabela 21. Vertebrados com o estatuto de conservação de “Ameaçado” de acordo com o Livro Vermelho de Vertebrados de Portugal, tipo de ocorrência e a sua presença nos anexos da Diretiva Habitats ou Aves

Nome comum	Nome científico	Categoria	Tipo de ocorrência	Directiva Habitats/Aves
MAMÍFEROS				
Gato-bravo	<i>Felis silvestris</i>	Vulnerável	Residente	B-IV
Lince-ibérico*	<i>Lynx pardinus</i>	Criticamente em perigo	Residente/Endemismo ibérico	B-II; B-IV
Morcego de peluche	<i>Miniopterus schreibersi</i>	Vulnerável	Residente	B-II; B-IV
Morcego-de-ferradura-grande	<i>Rhinolophus ferrumequinum</i>	Vulnerável	Residente	B-II; B-IV
Morcego-de-ferradura-pequeno	<i>Rhinolophus hipposideros</i>	Vulnerável	Residente	B-II; B-IV
Morcego-rato-pequeno	<i>Myotis blythii</i>	Criticamente Ameaçado	Residente	B-II; B-IV
Rato da cabreira	<i>Microtus cabrerai</i>	Vulnerável	Residente/Endemismo ibérico	B-II; B-IV
AVES				
Águia de Bonelli	<i>Hieraetus fasciatus</i>	Em perigo	Residente	A-I
Águia-real	<i>Aquila chrysaetos</i>	Em perigo	Residente	A-I
Narceja-comum	<i>Gallinago gallinago</i>	Criticamente em perigo	Nidificante	
RÉPTEIS				
Cágado-de-carapaça-estriada	<i>Emys orbicularis</i>	Em perigo	Residente	B-II; B-IV
PEIXES				
Boga-de-boca-arqueada	<i>Rutilus lemmingii</i>	Em perigo	Residente/Endemismo ibérico	B-II
Boga-portuguesa	<i>Chondrostoma lusitanicum</i>	Criticamente em perigo	Residente	B-II
Bordalo	<i>Rutilus alburnoides</i>	Vulnerável	Residente	B-II
Saramugo	<i>Anaecypris hispanica</i>	Criticamente em perigo	Residente	B-II; B-IV

Apresenta-se no ANEXO VII as fichas de caracterização de cada uma das espécies com estatuto de “Ameaçado”:

3.1.4. Monitorização das áreas de conservação e proteção

A monitorização das áreas de conservação visa estabelecer se estas áreas e os valores de conservação identificados estão a ser mantidos, melhorados ou em degradação. Assim, através da monitorização verifica-se se a gestão definida está a funcionar e, se não está, sinaliza-se o que deve mudar. A monitorização dos atributos dos valores faunísticos e florísticos identificados faz-se, geralmente, por meio de indicadores da extensão, estrutura e composição do habitat dos valores em questão, por serem geralmente uma forma eficiente de detetar alterações. Assim, a monitorização dos habitats foi adaptada a partir do documento produzido pela *Joint Nature Conservation Committee* (2004) “*Common Standards Monitoring Guidance for Woodland Habitats*”.

Monitorizam-se três atributos segundo descrito por Williams (2006):

- **Extensão** – inclui a extensão e, quando adequado, a distribuição dos habitats no espaço. A perda de 0,5% da sua área deverá ser considerada uma perda significativa. A monitorização deste atributo é efetuada através de levantamento no campo e/ou fotografia aérea. Registar se a área de

ocupação aumentou (+), diminui (-) ou estabilizou (=) em relação ao período anterior, na coluna correspondente ao estado de conservação.

- **Estrutura** – inclui o balanço entre o estrato arbóreo e o estrato arbustivo; a importância de árvores longevas e clareiras; a quantidade de árvores mortas presente. Os requisitos ecológicos das espécies que fazem parte da área de conservação em questão, bem como os requisitos mínimos que façam com que este tipo de habitat cumpra a sua funcionalidade ecológica são fundamentais na avaliação deste atributo. A monitorização deste atributo é efetuada através de levantamento no campo com avaliação visual. Registrar se as alterações na estrutura (idade das árvores e arbustos presentes) foram positivas (+), negativas (-) ou se mantiveram (=).

- **Composição (estrato arbóreo, arbustivo e herbáceo)** – este atributo avalia a composição do estrato arbóreo, arbustivo e herbáceo e qualquer alteração que ocorra. A classificação de favorável aplicar-se-á na ausência de espécies não-indígenas e na ausência de quaisquer sinais de perda acelerada (>10% num período de cinco anos) de espécies do estrato arbóreo e arbustivo. A monitorização deste atributo é efetuada através de levantamento no campo com avaliação visual. Registrar se as alterações na composição (diferentes espécies presentes nos estratos arbóreo, arbustivo e herbáceo) foram positivas (+), negativas (-) ou se mantiveram (=).

As áreas de conservação deverão ser monitorizadas a cada cinco anos. Este período poderá ser variável caso ocorra algum acontecimento que possa colocar em causa a funcionalidade e estrutura deste habitat, como por exemplo, a presença de uma patologia ou um incêndio, e seja necessária uma avaliação rápida dos impactes negativos e a determinação de medidas de mitigação, ou no caso de ter sido efetuada uma intervenção para melhorar o valor de conservação da área, e ser necessário avaliar a eficácia da medida.

3.1.5. Gestão preconizada para as áreas de conservação e proteção

De uma forma geral os objetivos gerais preconizados para as áreas de conservação e proteção identificadas resumem-se nos seguintes:

1. Nas galerias ripícolas (333 ha), apostar na recuperação/proteção da vegetação ripícola autóctone pela eliminação de espécies exóticas e/ou pela reintrodução de espécies autóctones, na perspetiva da manutenção das condições ecológicas, da promoção da infiltração e da prevenção de incêndios, devendo estas últimas preocupações estender-se a toda a área de drenagem. Para estas áreas preconizam-se dois modelos de gestão distintos:

- a. Galerias ripícolas dominadas por eucalipto (143,39 ha) – Num período de 10 anos prevê-se: A eliminação dos eucaliptos por meio de abate manual; Aplicação de um herbicida de ação sistémica por meio de pincelagem no cepo ou por pulverização na rebentação; Plantação de espécies ripícolas autóctones e típicas das margens dos cursos de água em pequenas manchas ou bolsas sem vegetação e com solo favorável para o estabelecimento e crescimento das plantas.

- b. Restantes galerias ripícolas (189,62 ha) – Para o mesmo período de 10 anos prevê-se igualmente a plantação de espécies ripícolas autóctones e típicas das margens dos cursos de água em pequenas manchas ou bolsas sem vegetação e com solo favorável para o estabelecimento e crescimento das plantas.
2. Na UG Guena, conduzir à perpetuidade o povoamento de eucalipto junto à barragem da Bravura (2,92 ha), garantindo a não perturbação da zona com as operações de abate e evitando uma subida de temperatura devido a uma eventual redução da sombra, criando também condições para usufruto como área de lazer durante a época de estio;
3. Na UG Barrada, conduzir à perpetuidade o povoamento de eucalipto localizado na zona de conservação do ninho da Águia de Bonelli *Hieraaetus fasciatus* (1,46 ha), garantindo uma zona do povoamento livre de perturbação, a fim de respeitar as necessidades em tranquilidade dos animais e permitindo igualmente o crescimento de árvores de grande porte que futuramente poderão favorecer a nidificação das aves que habitualmente as selecionam para esse efeito;
4. Na UG Vale da Torre, criar uma clareira de proteção livre de quaisquer intervenções (1,20 ha) que possam eventualmente criar danos e perturbar o ambiente tranquilo que se pretende preservar no acesso das comunidades locais e de eventuais estudiosos ao vestígio arqueológico Torre da Atalaia.
5. Os montados adultos e plantações recentes de sobreiro e azinho totalizam uma área de 162,80 ha. Estas áreas serão conduzidas igualmente com o objetivo de conservação, promovendo principalmente uma gestão de matos compatível com a proteção da regeneração natural e dos valores faunísticos. Para os montados de sobreiro adultos também se preconiza a realização de podas de manutenção e/ou sanitárias e a extração de cortiça.

Nos termos do artigo 62º da Lei n.º 58/2005 de 29 de Dezembro (Lei da água), estão sujeitas a título de utilização de recursos hídricos, as atividades que alterem o estado das massas de água ou coloquem esse estado em perigo. Assim sendo, para todas as intervenções previstas para as linhas de água e respetivas galerias ripícolas foram comunicadas à APA-ARH Alentejo e APA-ARH Algarve, tendo esta última emitido parecer favorável, uma vez que as ações que se propõem garantem a estabilidade das áreas afetas à rede hidrográfica.

No ANEXO VIII apresenta-se a calendarização das operações a realizar nas áreas de conservação e proteção da EGLON, especificando quais as medidas a implementar para que os atributos destas áreas sejam mantidos ou favorecidos.

3.1.6. Compatibilização das intervenções nos eucaliptais com a conservação da biodiversidade

Relativamente à compatibilização das intervenções nos povoamentos de eucalipto não só com as orientações para os valores naturais identificados bem como com os objetivos de conservação de biodiversidade para as áreas abrangidas pela Rede Natura 2000, serão tomadas as medidas listadas na Tabela 22.

Tabela 22. Medidas de compatibilização nos eucaliptais com a conservação da biodiversidade.

Valor natural a proteger	UG	Operações	Medidas	Objetivos
FAVC - AP da Água de Bonelli	Barradas	Operações mecanizadas Exploração florestal	Condicionar as intervenções nos povoamentos de eucalipto de Novembro a Junho	Evitar perturbação e respeitar tranquilidade das águas no período crítico da reprodução
FAVC - AP Barragem da Bravura	Guena	Adubações	Aplicar adubos orgânicos e químicos azotados e fosfatados de acordo com as recomendações do código de boas práticas agrícolas	Evitar contaminações da água da albufeira
FAVC - AP Vestígio arqueológico	Vale da Torre	Operações mecanizadas Exploração florestal	Marcar previamente no terreno por meio de fita sinalizadora o limite da AP confinante com a área a intervir. Evitar intervenções durante os períodos de eventuais escavações	Evitar danos e perturbações ao ambiente tranquilo que se pretende preservar no acesso às comunidades locais e a eventuais escavações
Galerias ripícolas	Todas	Operações mecanizadas Exploração florestal Fertilizações Plantações	Deixar uma faixa de 10 metros paralela às linhas de água livre de intervenção	Criação de condições ecológicas para a deslocação e abrigo da fauna terrestre e preservação da vegetação endémica
Matos mediterrânicos	Barranco do Cão e da Galé Brejo Fundo Cerca Velha Mariolia Pomar do Varela Sul	Operações mecanizadas Exploração florestal	Marcar previamente no terreno por meio de fita sinalizadora o limite da área de conservação confinante com a área a intervir	Criar locais de refúgio da fauna. Minimizar impacto sobre o valor de conservação a manter
Bosquetes de sobreiro, azinheira e carvalho incluídos nas plantações (não identificados na cartografia)	---	Operações mecanizadas Exploração florestal	Marcar previamente no terreno por meio de fita sinalizadora o limite dos bosquetes confinante com a área a intervir. Esta proteção deverá incluir árvores secas em pé ou caídas (snags e logs).	Minimizar impacto sobre o valor de conservação a manter

3.2. Programa de gestão da produção lenhosa

A produção de madeira de eucalipto para rolaria constitui praticamente a única produção lenhosa programada e o objetivo principal da EGLON. Neste capítulo também se inclui o modelo de silvicultura para dois povoamentos de pinheiro bravo (12,44 ha) que serão conduzidos à perpetuidade para produção de madeira a retirar durante os desbastes.

3.2.1. Modelo de silvicultura do eucalipto para produção de lenho para pasta celulósica

O modelo de produção usado pela EGLON para o eucalipto é o modelo do povoamento puro de eucalipto para produção de lenho para pasta celulósica (Tabela 23). Os povoamentos de eucalipto já foram instalados com as seguintes características:

- Densidade de instalação: 700 a 1150 pl/ha, conforme o tipo de preparação de terreno;
- Modo de condução: Alto-fuste até ao primeiro corte de realização e depois talhadas;
- Rotações: Três rotações de 10 a 12 anos conforme os resultados medidos no povoamento em pé;
- Volumes a atingir: em média 105 m³ sem casca/ha aos 10 anos conforme a qualidade da estação.

Tabela 23. Modelo de silvicultura do eucalipto para produção de lenho para pasta celulósica.

1ª Rotação	Ano										
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Preparação de terreno	X										
Plantação	X										
Adubação à instalação	X										
Podas			X								
Adubação de manutenção		X		X		X					
Controlo de vegetação espontânea					X			X			
Exploração florestal											X
2ª e 3ª Rotações	Ano										
	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21
Seleção de varas	X	X									
Adubação de manutenção		X		X		X					
Controlo de vegetação espontânea	X			X			X				
Exploração florestal										X	

Preparação de terreno

Na reconversão ou rearborização de povoamentos de eucalipto, a rebentação de toijas constitui um problema para a instalação e desenvolvimento da nova plantação. A sua eliminação ou controlo facilita a operacionalização das práticas silviculturais subsequentes, mecânicas ou manuais, e elimina ou reduz a competição por luz, água e nutrientes entre as antigas toijas e a nova plantação. Consoante a especificidade da área em termos de ocupação anterior, volume de resíduos deixados sobre o solo e tipo de vegetação espontânea, e de acordo com a disponibilidade de máquinas e implementos florestais e respetivos custos em cada caso concreto, existem as seguintes possibilidades operacionais:

- Destroçamento de cepos, alinhando a nova plantação ao longo das linhas originais do antigo povoamento. Os resíduos florestais e a vegetação espontânea podem ser destroçados e incorporados no solo, ou somente destroçados, permanecendo espalhados na superfície do terreno.
- Desvitalização química de cepos, com novo alinhamento da plantação. A vegetação espontânea pode ser destroçada mecanicamente, com ou sem incorporação no solo.
- Remoção localizada de cepos para utilização bioenergética, com novo alinhamento da plantação (caso necessário). A vegetação espontânea pode ser destroçada mecanicamente, com ou sem incorporação no solo.
- Remoção localizada de cepos e sua posterior colocação em curva de nível para proteger o solo contra a erosão. A vegetação espontânea pode ser destroçada mecanicamente, com ou sem incorporação no solo.
- Apenas o corte mecânico da vegetação espontânea, com ou sem incorporação no solo, quando não houver cepos nem resíduos florestais

Para além do tipo e densidade da vegetação espontânea e da presença de resíduos florestais na área, num caso concreto, na escolha do método de mobilização do solo a ser adotado na preparação do terreno, devem ter-se em consideração quando aplicáveis mais seis variáveis: Declive do terreno; Textura do solo; Pedregosidade; Grau de compactação (ou adensamento) e sua localização no perfil do solo; Ocorrência de hidromorfismo; Existência ou não de terraços. Da análise destas variáveis,

deve resultar uma solução de mobilização do solo que integre os aspetos relacionados ao grau de descompactação (intensidade de mobilização), a profundidade de mobilização, a necessidade de escoamento ou retenção de água e a proteção do solo contra a erosão (Tabela 24).

Tabela 24. Critérios de apoio à decisão sobre a escolha do método de mobilização do solo a adotar.

Declive	Adensamento	Localização do adensamento	Hidromorfismo	Atributos a modificar				Método de mobilização
				Intensidade de mobilização	Profundidade (cm)	Água	Existência de terraços	
< 35%	Ausente a fraco	Qualquer	Sim	Localizada	40	Escoamento	Não aplicável	Ripagem com 1 dente + balizagem
			Não	Localizada	40	Retenção	Não aplicável	Ripagem com 1 dente + balizagem
	Moderado a forte	Superficial	Sim	Faixa	40 – 50	Escoamento	Não aplicável	Gradagem + Ripagem com 2 ou 3 dentes
			Não	Faixa	40 – 50	Retenção	Não aplicável	Gradagem + Ripagem com 2 ou 3 dentes
		Subsuperficial	Sim	Faixa	60 – 70	Escoamento	Não aplicável	Gradagem + Subsolagem
			Não	Faixa	60 – 70	Retenção	Não aplicável	Gradagem + Subsolagem
> 35%	Ausente a fraco	Qualquer	Não	Localizada	40	Retenção	Não	Coveamento mecânico ou manual
				Faixa	40	Retenção	Sim	Alargamento do terraço + Ripagem
							Não	Construção de terraços ou Ripagem
		Superficial	Não	Faixa	40 – 50	Retenção	Sim	Alargamento do terraço + Ripagem
							Não	Construção de terraços ou Subsolagem
	Moderado a forte	Subsuperficial	Não	Faixa	60 – 70	Retenção	Sim	Alargamento do terraço + Ripagem
							Não	Construção de terraços + Subsolagem

As técnicas de mobilização do solo a adotar poderão ser:

- **Coveamento mecânico ou manual** – técnica de mobilização localizada que faz apenas a abertura da cova de plantação, mecanicamente com broca coveadora acoplada a trator florestal, ou manualmente com enxada.
- **Gradagem** – técnica mecânica de mobilização do solo, incorporação de resíduos e controlo de infestantes, normalmente efetuada com grade de discos até à profundidade máxima de 40 cm. Esta operação deve ser efetuada em curva de nível sempre que possível.
- **Ripagem** – técnica mecânica de mobilização que descompacta o solo através de um corte vertical no terreno com ripper de um, dois ou três dentes, normalmente até à profundidade de 40 cm. Esta operação deve ser efetuada em curva de nível quando o terreno apresentar risco de erosão. Ainda, quando o terreno apresentar riscos de hidromorfismo (alagamento), esta prática deve ter em consideração a necessidade de escoamento (drenagem) do excesso de água do terreno.
- **Subsolagem** – técnica mecânica que permite descompactar o solo ao longo do perfil ou romper camadas subsuperficiais adensadas (ou compactadas). Normalmente, o corte pode ser efetuado com um, dois ou três dentes até à profundidade de 60 a 80 cm, em curva de nível.
- **Alargamento de terraços** – técnica realizada em áreas com terraços já existentes, que permite aumentar a largura da plataforma do terraço para cerca de 3,5 metros, por meio de lâmina frontal acoplada a um trator de lagartas.
- **Construção de terraços** – técnica de mobilização e armação do terreno que faz a preparação da área para plantação em patamares em curva de nível, sendo a distância entre os patamares a correspondente ao espaçamento entre as linhas de plantação. Na sua preparação,

deixar faixas de terreno não mobilizadas e com vegetação natural. As faixas devem ter uma largura entre 5 e 10 m e uma equidistância de 30 a 50 m, consoante os declives e os riscos de erosão do solo. O terraço deve ter a largura necessária à estabilidade da máquina (3,5 m). Não construir terraços em terrenos encharcados ou pouco consolidados.

Plantação

A operação de plantação engloba a escolha da planta e do compasso mais adequado, além da plantação propriamente dita, ou seja, o ato de pôr as jovens plantas no terreno. Esta operação requer cuidados especiais, uma vez que o sucesso da atividade de instalação depende em grande parte da escolha correta do clone (ou material seminal, quando for o caso), da qualidade da planta e do modo como a plantação é efetuada. Todas as plantações existentes são clonais, sendo que os clones foram selecionados de acordo com zonagem e respetiva alocação clonal da UG. A densidade de plantação ou compasso de plantação deverá seguir as seguintes regras:

- Plantar entre 1000 e 1400 plantas/ha, em áreas com declive de até 35%;
- Plantar entre 1000 e 1250 plantas/ha, em áreas com declives superiores a 35%, nomeadamente em terrenos preparados com terraços;
- O espaçamento na linha de plantação não deve ser inferior a 2,0 metros e nas entrelinhas não deve ser superior a 4 m (exceto nos terraços, em que se recomenda um compasso entre 4,5x2,0 m e 6,0x1,5 m).

A plantação deverá ser realizada sempre com o solo húmido, no Outono (após as primeiras chuvas), ou no final do Inverno/Primavera. É aconselhável a época outonal, para as regiões mais secas, e final do Inverno até meados da Primavera, para as regiões mais chuvosas e/ou com maior probabilidade de ocorrência de geadas. Efetuar a plantação no sulco central da faixa mobilizada, quando a mobilização do solo é feita com ripagem ou subsolagem, sendo a planta colocada no fundo do sulco. Nas zonas baixas (com risco de encharcamento), a planta deve ser colocada no terço superior do sulco. O substrato que envolve o sistema radicular deve ser bem humedecido, antes de proceder à instalação da planta no terreno. A distribuição das plantas deve ser efetuada de forma simultânea com a plantação ao longo do terreno de acordo com o plano de plantação, evitando a sua exposição ao sol por tempo prolongado, bem como evitar quaisquer outros danos provocados às raízes, caule e ápice da planta. Terminada a plantação, dever-se-á proceder à recolha e devolução do material de suporte das plantas (tubetes, estruturas, etc.) ao viveiro de origem. A retancha deve ocorrer o mais cedo possível (no máximo 6 meses após a plantação). O modo de plantação deve ser idêntico ao da plantação inicial. Nas plantações outonais, a retancha deve ser efetuada até Fevereiro/Março do ano seguinte. Nas plantações de final de Inverno/início do Primavera devem ocorrer ainda durante a Primavera (privilegiando sempre os períodos chuvosos).

Adubação à instalação

O eucalipto apresenta grandes respostas à adubação à instalação, constituindo muitas vezes o mais importante fator de sucesso da plantação. Esta expressiva resposta das plantas de eucalipto à fertilização, principalmente a fosfatada, está associada, por um lado, à sua elevada exigência

metabólica em fósforo na fase inicial de crescimento e, por outro lado, ao volume restrito de solo explorado pelas raízes nesta fase, combinados frequentemente com níveis de fósforo muito baixos nos solos florestais. O suprimento controlado de pequenas quantidades de N, P e K durante o primeiro ano é também importante para assegurar a adequada nutrição das plantas nesta fase de crescimento. Para as áreas em reconversão ou rearborização, portanto já submetidas a ciclos de exploração florestal pretéritos, o fornecimento balanceado de nutrientes exerce ainda a função de repor ou manter a fertilidade do solo em nível adequado. De modo a evitar exceder a capacidade de absorção das plantas, na fase inicial de crescimento, não se devem aplicar doses excessivas de fertilizante (100- 200 g/planta).

Poda

Algumas plantas das plantações clonais têm tendência a bifurcarem ou ramificarem na base, impedindo o estabelecimento de um fuste único e direito, pelo que será pontualmente necessário uma poda corretiva, 2 anos após a plantação.

Adubação de manutenção

Uma fertilização adequada pode melhorar consideravelmente a capacidade produtiva de um solo, proporcionando ganhos significativos de produtividade florestal. De um modo geral, a magnitude da resposta à adubação dependerá, por um lado, da fertilidade natural do solo e do seu historial de uso, e, por outro lado, da produtividade esperada. Assim, para definir a fertilização correta a efetuar, é fundamental avaliar a fertilidade do solo e conhecer a produtividade potencial do local, de modo a estabelecer, em cada caso concreto, a dose de fertilizante que é necessária. Ainda, para que a fertilização seja eficiente em termos técnico, operacional e económico, é essencial que se estabeleçam as formulações de fertilizantes mais adequadas, a fase do ciclo e época do ano mais propícias e o método de aplicação a ser adotado, em cada caso. A quantidade de cada nutriente a ser aplicada no solo dependerá, por um lado, da necessidade da planta para o seu crescimento ótimo e, por outro lado, da quantidade de nutrientes que o solo pode fornecer. Deste modo, pode dizer-se que a quantidade de fertilizante a ser aplicada é a diferença entre a necessidade da planta e aquilo que o solo pode fornecer – o que tem sido denominado “balanço nutricional”. A quantidade de nutrientes que um solo pode fornecer às plantas depende da sua fertilidade natural, profundidade efetiva, pedregosidade e densidade aparente, bem como do seu historial de uso. A adubação de manutenção, isto é, aquela que normalmente é feita entre um e os seis anos de idade do eucaliptal, tem a função de suprir as deficiências nutricionais nesta fase de crescimento, de modo a maximizar a produção de biomassa, principalmente a formação da copa. Nesta fase, há maior dependência da fertilidade do solo, pois, além de o sistema radicular ser ainda reduzido, a reciclagem bioquímica (no interior da árvore) e biogeoquímica (no sistema solo/manta morta – árvore) é ainda irrisória, relativamente às exigências da planta. Ao mesmo tempo, esta adubação contribui para a manutenção da capacidade produtiva do solo e, assim, para a sustentabilidade da produtividade florestal. A adubação de manutenção (N, P, K e B) deverá ser realizada na Primavera e atendendo à quantidade de nutrientes recomendada e às necessidades da planta, é necessário parcelar a adubação em três aplicações:

Primeira rotação

- 1ª intervenção: entre 1 e 2 anos de idade do povoamento;
- 2ª intervenção: entre 3 e 4 anos de idade do povoamento;
- 3ª intervenção: entre 5 e 6 anos de idade do povoamento.

Na segunda ou mais rotações

- 1ª intervenção: na Primavera seguinte à seleção de varas;
- 2ª intervenção: 2 anos depois da primeira;
- 3ª intervenção: 2 anos depois da segunda.

Quando as plantas são jovens (entre 1 e 2 anos de idade) a adubação de manutenção deverá ser realizada manualmente, na área de projeção da copa. As restantes adubações poderão ser realizadas por um dos seguintes métodos:

- Por via aérea, ou por via mecanizada com trator, em faixas de 2 metros ao longo da linha de plantação (1 metro para cada lado);
- Manualmente, em faixas com 2 metros de largura, ao longo das linhas de plantação ou num círculo à volta da planta/cepo (raio de 1 a 1,5 metros).

Controlo de vegetação espontânea

De entre os fatores que afetam a produtividade florestal, a competição entre o eucalipto e plantas infestantes talvez seja o fator mais importante. Assim, haverá quase sempre a necessidade de se proceder ao controlo da vegetação espontânea para minimizar a competição por luz, água e nutrientes e, ao mesmo tempo, reduzir o risco de incêndio e facilitar as restantes operações de manutenção dos povoamentos, como por exemplo a adubação e a seleção de varas. Os métodos utilizados para controlo de vegetação espontânea poderão ser os seguintes:

- **Controlo com motorroçadora** – técnica motomanual de controlo da vegetação. Não mobiliza o solo, afetando apenas a componente aérea da vegetação. Por norma, utiliza-se em situações de acentuado declive, afloramentos rochosos, existência de regeneração de espécies arbóreas a proteger ou áreas de reduzida dimensão em que o custo da deslocação de meios mecânicos não se justifica ou não é operacionalmente viável. Destroçar uma faixa de vegetação ao longo da entrelinhas de plantação, mantendo uma distância mínima de segurança das plantas.

- **Controlo com corta-matos** – técnica mecânica de controlo de vegetação, que não mobiliza o solo, afetando apenas a componente aérea da vegetação. Para atuar sobre vegetação arbustiva pouco ou medianamente desenvolvida, utilizam-se corta-matos de eixo vertical (equipados com lâminas, discos, facas ou correntes) e, para atuar sobre vegetação arbustiva muito desenvolvida, utilizam-se corta-matos de eixo horizontal (também designados de destroçadores de mato). Destroçar a vegetação ao longo das entrelinhas de plantação, mantendo uma distância mínima de segurança das plantas de eucalipto.

- **Controlo com gradagem** – técnica mecânica de controlo de vegetação, que mobiliza o solo afetando as componentes aéreas e radicular da vegetação. Normalmente, a gradagem é feita com grade de discos que corta e enterra parcialmente a vegetação, não devendo ultrapassar a

profundidade de 5 a 10 cm. Cortar e incorporar no solo a vegetação ao longo das entrelinhas de plantação (em curva de nível), mantendo uma distância mínima de segurança de 25 cm das plantas de eucalipto. Esta prática de controlo de infestantes não é recomendada para povoamentos de eucalipto com idades superiores a três anos, pelo dano que poderá provocar às raízes das plantas. Entretanto, poderá ser efetuada como faixas de contenção para evitar a propagação do fogo no eucalipto.

Seleção de varas

Embora a decisão sobre a viabilidade económica da silvicultura de segunda rotação dependa de variáveis estratégicas, financeiras, técnicas e operacionais, a talhadia pode representar uma excelente oportunidade de redução do custo de produção de madeira, além de constituir um sistema silvicultural ecologicamente mais vantajoso, comparativamente a uma rearborização ou reconversão. Neste sentido, de entre o conjunto de práticas silviculturais a ser adotado, a seleção de varas – abrangendo o número de fustes por hectare, a idade e época de seleção de varas, o controlo da rebentação lateral e os métodos de desbaste – é talvez o fator mais determinante da produtividade florestal no regime de talhadia para produção de madeira de eucalipto para pasta e papel. Deixar uma vara por cepo, quando não houver falhas em toijas contíguas. Quando houver, deixar duas varas nos cepos com maiores diâmetros ($\varnothing \geq 15-20$ cm), de modo a compensar ou as falhas existentes ou as toijas dominadas. Efetuar a seleção de varas até 1 ano após o corte do povoamento, durante o Outono/Inverno. Efetuar a segunda seleção de varas (controlo da rebentação lateral) cerca de 1 anos após a primeira seleção. O método de seleção de varas deverá ser o seguinte:

- Selecionar uma ou duas varas mais vigorosas e bem inseridas na toija;
- No caso de duas varas, sempre que possível, deixá-las em posição oposta;
- Eliminar os rebentos indesejáveis o mais próximo possível do ponto de inserção no cepo e de forma ligeiramente inclinada (corte em bisel);
- Na seleção de varas, recorrer à motosserra ou motorroçadora, enquanto que na eliminação da rebentação lateral utilizar motosserra ou motorroçadora;
- Aquando do corte de rebentos fazê-lo do exterior para o interior da toija, de modo a não afetar as varas selecionadas.

Exploração florestal

A exploração florestal envolve um conjunto de operações desde o corte da madeira na floresta até à sua colocação num parque industrial, para o seu posterior processamento. O **corte final** consiste num conjunto de operações florestais, em que se inclui o abate das árvores, a desrama, a toragem, o descasque (quando efetuado na mata) e o empilhamento de corte. A **recheia** consiste na recolha e transferência da madeira cortada desde o local de abate até ao carregadouro. Entende-se por carregadouro: local na mata onde se concentra a madeira recheada para posterior transporte por camião. Na grande maioria das situações os carregadouros ficam localizados lateralmente aos caminhos, não havendo necessidade de movimentação de terras. O **transporte** consiste na carga da madeira na mata (carregadouro) e no seu transporte até à fábrica, parque exterior ou outros. Deve-se privilegiar o camião mais adequado ao transporte da madeira, considerando o declive, largura e tipo

de revestimento dos caminhos, o raio das curvas e as condições climáticas. Os camiões, reboques e semi-reboques devem ter fueiros metálicos, de preferência de secção quadrada.

3.2.2. Modelo de silvicultura do pinheiro bravo para produção de lenho (perpetuidade)

Para os povoamentos de pinheiro bravo existentes preconiza-se a sua condução à perpetuidade com realização de desbastes sempre que as árvores atinjam diâmetros de explorabilidade. O objetivo será conduzir povoamentos irregulares de pinheiro bravo que permitam a obtenção de receitas regulares. Os primeiros **desbastes** deverão ser pelo baixo, sendo que a partir do terceiro desbaste se deverá efetuar pelo alto misto, com a preocupação de não prejudicar a regeneração natural. Realizar a operação quando houver contacto entre as copas das árvores. Desta forma garantiremos a presença no povoamento de árvores de qualidade produtoras de sementes que só serão cortadas quando a regeneração estiver garantida. O **controlo da vegetação espontânea** tem como objetivo reduzir o risco de incêndio e deverá ser realizada quando o estrato arbustivo entra em contacto com a parte inferior da copa. Realizar mecânica ou manualmente nas entrelinhas.

3.3. Programa de gestão suberícola

A gestão das áreas com sobreiro e azinheira será efetuada de acordo com as disposições do Decreto-Lei n.º 169/2001 que define o regime de proteção do sobreiro e da azinheira, nomeadamente no que diz respeito aos pedidos de autorização e declarações obrigatórias e às restrições para as operações de desbóia, descortiçamento, extração da cortiça, podas, mobilizações de solo e corte ou arranque (Tabela 25). Todas as áreas ocupadas com sobreiro ou azinheira foram classificadas como áreas de conservação, pelo que a especificação das intervenções a realizar poderão ser consultadas no plano de gestão da biodiversidade.

Tabela 25. Programa de gestão suberícola.

Ocupação	Operação	UG	Talhão	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027
<i>Quercus rotundifolia</i>	Poda de manutenção	Pau e Corna	PAUCOT03		X										X		
<i>Quercus suber</i>	Extração de cortiça	Balsinhas	BALSIT09							X							
		Barradas	BARRAT05							X							
		Botelhão	BOTELT03									X					
		Caeiro	CAEIRT03						X								
		Cerca Velha	CERCAT02							X							
		Eira da Palha	EIRAPT03			X									X		
		Estrecadas	ESTRET03									X					
		Foz do Zevinho	FOZZET02							X							
		Macheirinha	MACHET03							X							
		Marianes	MARIAT03							X							
		Moitas	MOITAT03			X			X						X		
		Monte Novinho	MNTNVT04		X				X					X			
		Mourão	MOURAT03							X							
		Parras	PARRAT03			X				X					X		
		Romeiro e Desmoitadas	ROMDET06			X				X					X		
		Três Malhões	TRESMT03							X							
		Vale da Torre	VALETT05									X					

Tabela 25. Programa de gestão suberícola (continuação).

Ocupação	Operação	UG	Talhão	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027
<i>Quercus suber</i>	Gestão manual de combustível	Balsinhas	BALSIT09	X					X					X			X
			BALSIT10	X					X					X			X
		Barranco do Carvalho	BACART02			X					X			X			X
		Embarradouro de Cima	EMBART03					X			X				X		
		Estrecadas	ESTRET03			X			X					X			X
		Fornalha	FORNAT04						X			X			X		
		Herdade da Cascalheira	HERCAT03			X						X			X		
			HERCAT04			X						X			X		
		Marianes	MARIAT04			X							X			X	
		Mariolia	MARIOT04				X			X			X				X
		Moitas	MOITAT03					X			X			X			
		Parras	PARRAT04					X			X			X			
		Pau e Corna	PAUCOT04			X							X			X	
		Romeiro e Desmoitadas	ROMDET06				X			X			X				X
<i>Quercus suber</i>	Poda de manutenção	Vale da Torre	VALETT05			X					X			X			X
		Vale Fontes	VALEFT04						X			X			X		
		Balsinhas	BALSIT09				X									X	
			BALSIT10			X										X	
		Barradas	BARRAT05				X									X	
		Barranco do Cão e da Galé	BACAOT03			X										X	
		Barranco do Carvalho	BACART02			X									X		
		Besteiros	BESTT03				X										X
			BESTT04				X										X
		Botelhão	BOTELT03						X								
			BOTELT04				X										X
		Caeiro	CAEIRT03			X									X		
		Cerca Velha	CERCAT02				X									X	
		Choça	CHOCAT05								X						
		Eira da Palha	EIRAPT03									X					
		Embarradouro de Cima	EMBART03								X						
		Estrecadas	ESTRET03						X								
		Fornalha	FORNAT04								X						
		Foz do Zevinho	FOZZET02				X									X	
		Herdade da Cascalheira	HERCAT03					X									
			HERCAT04								X						
		Macheirinha	MACHET03				X									X	
		Marianes	MARIAT03				X									X	
			MARIAT04								X						
		Mariolia	MARIOT04							X							
		Moitas	MOITAT03									X					
		Monte Novinho	MNTNVT04		X				X								
		Mourão	MOURAT03				X									X	
		Parras	PARRAT03			X				X							
			PARRAT04			X										X	
		Pau e Corna	PAUCOT04								X						
		Romeiro e Desmoitadas	ROMDET06							X					X		
		Três Malhões	TRESMT03				X									X	
		Vale da Torre	VALETT05						X								
		Vale Fontes	VALEFT04						X								

3.4. Programa de infraestruturas

3.4.1. Rede viária florestal

A construção e a manutenção dos caminhos florestais é fundamental para o sucesso do empreendimento florestal como um todo, uma vez que é uma atividade transversal às restantes atividades de instalação, manutenção e exploração de povoamentos florestais e transporte de pessoal e produtos. Por ser uma atividade normalmente de custo elevado e com potenciais efeitos nocivos para o ambiente, particularmente em termos de erosão do solo, assoreamentos e redução da

qualidade da água, há a necessidade de planejar e executar as diversas operações com o máximo de rigor técnico e o mínimo custo possível. Para tanto, recomendam-se que sejam observados os seguintes princípios gerais:

- Durante as fases de planeamento das atividades de instalação, manutenção ou exploração florestal, aproveitar a oportunidade para identificar as necessidades de obras de construção e/ou manutenção da rede viária florestal e de pontos de água;
- Ter especial atenção com o escoamento da água dos caminhos, procurando simultaneamente as soluções que maximizem a retenção da água no interior dos talhões e minimize os riscos de erosão do solo. Assim, em cada caso concreto, planejar a remoção do excesso de água das estradas através de dispositivos de saídas de água que permitam o seu direcionamento para o interior dos talhões em superfícies convexas divergentes ou para a rede de drenagem natural de maneira segura, com baixa velocidade e com o mínimo possível de sedimentos;
- Identificar criteriosamente os pontos de atravessamento de linhas de água;
- Não construir caminhos nas áreas de proteção das linhas de água permanentes e temporárias, que devem ser de dimensões superiores a 25 e 10 m, respetivamente, medidos a partir da margem do leito normal;

Relativamente a toda a rede viária florestal identificada, apenas os caminhos florestais serão sujeitas a um processo de manutenção, por forma a evitar a sua degradação e problemas de erosão, para que os veículos possam circular com toda a segurança, evitando assim, não só a sua deterioração mas também possíveis acidentes aquando da sua utilização. A manutenção dos caminhos florestais deve garantir a funcionalidade do sistema de drenagem, por forma a minimizar os impactos no ambiente e assegurar a transitabilidade dos caminhos. A manutenção depende da qualidade dos materiais utilizados, da qualidade técnica da sua construção, da eficiência e manutenção do sistema de drenagem, do volume e tipo de veículos que circulam nessas vias e da intensidade da chuva. Será mantido um programa de manutenção destas vias que preveja uma avaliação regular e uma atuação imediata quando necessário:

- O sistema de drenagem deve ser mantido desobstruído para que a água possa circular livremente;
- Todos os locais de cruzamento com as linhas de água devem ser inspecionados periodicamente;
- Durante o período de Inverno devem fazer-se inspeções regulares para identificar as áreas com problemas;
- Após um período de chuva excessiva, os caminhos devem ser interditos à circulação de veículos;
- Todo o material lenhoso que caia nos caminhos deve ser retirado;
- A vegetação da berma dos caminhos deve ser controlada, tendo em consideração a melhoria da visibilidade, a proteção contra incêndios florestais e a redução da humidade dos caminhos;
- Deve ser observada a manutenção do abaulamento da pista de rolamento ou o desnível interior, prevendo-se inclinação aproximada de 3%, objetivando a retirada das águas pluviais da

plataforma, conduzindo-as para as valas laterais de drenagem ou diretamente para o interior dos talhões através das lombas (ou linhas corta-águas).

A beneficiação dos caminhos florestais existentes ocorrerá anualmente e onde se verifique necessário. Esta verificação será realizada em campo de preferência após o período de exploração florestal. **Estima-se que anualmente serão beneficiados cerca de 50% da totalidade dos caminhos florestais, ou seja cerca de 138 km/ano.** As operações de beneficiação dos caminhos florestais consistirão principalmente em:

- Regularização do piso - suprimir as irregularidades da superfície de circulação;
- Abertura de quebra mares – instalação de estruturas de drenagem, que consistem numa abertura estreita no piso do caminho florestal;
- Correções de curva – correção do traçado dos caminhos florestais, nomeadamente na correção dos raios das curvas mal concebidas no projeto inicial de construção destas infraestruturas;
- Limpeza de valetas e manilhas – manutenção das estruturas destinadas a assegurar as condições de escoamento das águas dos caminhos florestais.

3.4.2. Faixas de Gestão de Combustível (FGC)

A gestão estratégica de combustível será realizada unicamente nas FGC identificadas, sendo que a maior parte destas faixas coincide com a área total das UG. Estas operações são coincidentes com as operações de controlo da vegetação espontânea identificadas no modelo de silvicultura do eucalipto. O tipo e periodicidade das operações de gestão de combustíveis a realizar nas FGC previstas encontra-se detalhada na Tabela 26.

Tabela 26. Programa de gestão das faixas de gestão de combustível.

UG	Talhão	Área (ha)	Ocupação	Operação	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027
Balsinhas	BALSIT01	5,43	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível				X			X			X				X
	BALSIT02	6,88	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível		X			X			X				X		
	BALSIT03	89,37	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível			X			X			X					X
	BALSIT04	1,56	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível					X			X			X			
	BALSIT05	46,71	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível		X					X			X				X
	BALSIT06	6,35	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível		X						X			X			X
	BALSIT07	5,93	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível			X						X			X		
	BALSIT08	3,78	E. globulus (linha água)	Gestão manual de combustível	X					X					X			X
	BALSIT09	2,45	Quercus suber	Gestão manual de combustível	X					X					X			X
	BALSIT10	13,36	Quercus suber	Gestão manual de combustível	X					X					X			X
	BALSIT12	6,21	Galeria ripícola	Gestão manual de combustível	X					X					X			X
	BALSIT13	1,54	Matos	Gestão mecânica de combustível	X					X					X			X
	BALSIT14	0,12	Ponto de água	Gestão mecânica de combustível	X					X					X			X
Barradas	BARRAT01	19,05	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível					X			X			X			
	BARRAT02	18,55	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível							X			X				X
	BARRAT04	1,45	E. globulus (conservação)	Gestão manual de combustível		X					X			X				X
Barranco da Madeira	BAMADT01	0,56	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível			X			X			X					X
	BAMADT02	7,74	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível		X					X			X				X
Barranco do Cão e da Galé	BACAO01	50,30	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível	X				X			X			X			
Barranco do Carvalho	BACART01	8,71	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível			X					X			X			X
	BACART02	0,12	Quercus suber	Gestão manual de combustível			X					X			X			X
	BACART03	0,24	Quercus canariensis	Gestão manual de combustível			X					X			X			X
	BACART04	0,29	Castanea sativa	Gestão manual de combustível			X					X			X			X
	BACART06	0,14	Matos	Gestão mecânica de combustível			X					X			X			X
Barranco do Castanheiro	BACAST01	11,36	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível			X			X					X			X
	BACAST02	4,49	E. globulus (linha água)	Gestão manual de combustível			X			X			X					X
Besteiros	BESTT01	21,83	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível		X						X			X			X
Botelhão	BOTELT01	71,50	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível			X			X					X			X
	BOTELT02	0,85	E. globulus (linha água)	Gestão manual de combustível			X			X			X		X			X

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIS NO SUL DO PAÍS

Tabela 26. Programa de gestão das faixas de gestão de combustível (continuação).

UG	Talhão	Área (ha)	Ocupação	Operação	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027
Brejo Fundo	BREJOT01	6,31	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível		X				X				X			X	
Cabanas	CABANT01	12,04	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível			X					X			X			X
Caeiro	CAEIRT01	8,91	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível					X			X			X			
Cerca Velha	CERCAT01	30,03	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível	X			X						X			X	
	CERCAT03	1,30	Quercus canariensis	Gestão manual de combustível				X						X			X	
Choça	CHOCAT01	35,78	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível						X			X			X		
	CHOCAT02	35,45	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível							X			X			X	
	CHOCAT03	18,30	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível		X						X			X			X
Cotofo	COTOFT01	28,60	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível				X			X			X				X
Eira da Palha	EIRAPT01	22,63	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível		X					X			X			X	
Embaraldouro de Cima	EMBART01	28,47	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível		X			X			X				X		
	EMBART03	1,55	Quercus suber	Gestão manual de combustível					X			X				X		
Estrecadas	ESTRET01	3,59	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível			X			X					X			X
	ESTRET03	0,20	Quercus suber	Gestão manual de combustível			X			X					X			X
	ESTRET04	0,16	Quercus canariensis	Gestão manual de combustível			X			X					X			X
Fornalha	FORNAT01	18,45	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível						X			X			X		
	FORNAT02	4,06	Eucalyptus globulus	Gestão manual de combustível									X					
	FORNAT03	0,52	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível			X									X		
	FORNAT04	0,52	Quercus suber	Gestão manual de combustível						X			X			X		
Foz do Zevinho	FZZET01	6,39	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível				X					X			X		
	GUENAT01	11,02	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível		X			X			X				X		
Guená	GUENAT02	5,47	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível					X			X			X			
	GUENAT03	2,91	E. globulus (conservação)	Gestão manual de combustível		X			X			X				X		
	GUENAT04	2,91	E. globulus (conservação)	Gestão manual de combustível		X			X			X				X		
Herdade da Cascalheira	HERCAT01	28,41	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível			X						X			X		
	HERCAT02	2,46	E. globulus (linha água)	Gestão manual de combustível			X			X			X			X		
	HERCAT03	1,25	Quercus suber	Gestão manual de combustível			X						X			X		
	HERCAT04	0,84	Quercus suber	Gestão manual de combustível			X						X			X		
	HERCAT05	2,06	Galeria ripícola	Gestão manual de combustível			X						X			X		
Lameiro	LAMEIT01	27,55	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível						X			X			X		
	LAMEIT02	0,95	Matos	Gestão manual de combustível						X			X			X		
Macheirinha	MACHEIT01	11,30	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível						X			X			X		
Marianes	MARIAT01	23,23	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível	X		X							X			X	
	MARIAT04	2,29	Quercus suber	Gestão manual de combustível			X							X			X	
	MARIAT05	0,90	Galeria ripícola	Gestão manual de combustível			X							X			X	
Mariolia	MARIOT01	18,03	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível				X			X			X			X	
	MARIOT02	17,76	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível		X					X			X			X	
	MARIOT04	0,79	Quercus suber	Gestão manual de combustível				X			X			X			X	
Moitas	MOITAT01	44,41	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível					X			X			X			
	MOITAT03	0,99	Quercus suber	Gestão manual de combustível					X			X			X			
Monte Novinho	MNTNVT01	17,93	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível			X					X			X			X
	MNTNVT02	29,20	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível			X						X			X		
	MNTNVT03	0,71	E. globulus (linha água)	Gestão manual de combustível			X		X				X			X		
	MNTNVT05	0,78	Galeria ripícola	Gestão manual de combustível			X						X			X		
Mourão	MOURAT01	61,72	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível				X			X			X				X
Nevoeira	NEVOET01	23,07	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível					X			X			X			X
Parras	PARRAT01	20,81	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível					X			X			X			
	PARRAT02	20,15	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível		X			X			X				X		
	PARRAT04	0,21	Quercus suber	Gestão manual de combustível					X			X			X			
	PARRAT07	0,42	Matos	Gestão mecânica de combustível					X			X			X			
Pau e Corna	PAUCOT01	16,77	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível			X						X			X		
	PAUCOT02	87,45	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível			X							X			X	
	PAUCOT04	11,28	Quercus suber	Gestão manual de combustível			X							X			X	
	PAUCOT05	4,63	Aceiro	Gestão mecânica de combustível			X							X			X	
	PAUCOT06	8,10	Galeria ripícola	Gestão manual de combustível			X							X			X	
Pedra Branca	PEDRAT01	11,77	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível		X					X			X			X	
Poldreiras	POLDRT01	7,34	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível							X			X			X	
Pomar	POMART01	16,19	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível			X			X			X					
	POMART02	18,96	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível		X			X			X				X		
	POMART03	3,68	Galeria ripícola	Gestão manual de combustível			X			X			X					
	POMART04	0,22	Olea europea	Gestão mecânica de combustível			X			X			X					
Pomar do Varela Sul	POMVST01	18,10	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível		X			X			X						
	POMVST02	15,65	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível				X			X			X				X
	POMVST03	16,77	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível		X			X						X		X	
	POMVST04	0,66	E. globulus (linha água)	Gestão manual de combustível		X			X		X				X		X	
	POMVST07	0,42	Matos	Gestão mecânica de combustível		X			X						X		X	
Romeiras	ROMEIT01	15,66	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível			X								X			X
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET01	3,60	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível			X			X			X				X	
	ROMDET02	11,08	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível		X			X			X				X		
	ROMDET03	24,17	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível				X			X			X				X
	ROMDET04	6,40	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível					X			X			X			
	ROMDET06	13,42	Quercus suber	Gestão manual de combustível				X			X			X				X
	ROMDET07	3,09	Galeria ripícola	Gestão manual de combustível				X			X				X			X
	ROMDET08	0,87	Matos	Gestão mecânica de combustível				X			X			X				X
Três Malhões	TRESMT01	26,52	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível					X			X			X			

Tabela 26. Programa de gestão das faixas de gestão de combustível (continuação).

UG	Talhão	Área (ha)	Ocupação	Operação	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027
Vale da Torre	VALETT01	24,74	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível			X					X			X			X
	VALETT02	7,85	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível		X			X						X			X
	VALETT03	1,12	Eucalyptus dunnei	Gestão mecânica de combustível		X			X						X			X
	VALETT04	0,31	E. globulus (linha água)	Gestão manual de combustível			X					X			X			X
	VALETT05	2,72	Quercus suber	Gestão manual de combustível			X					X			X			X
	VALETT06	1,38	Pinus pinaster	Gestão mecânica de combustível			X					X			X			X
	VALETT07	1,50	Galeria ripícola	Gestão manual de combustível			X					X			X			X
	VALETT09	3,40	Matos	Gestão mecânica de combustível			X					X			X			X
Vale Fontes	VALETT01	20,22	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível					X			X			X			
	VALETT02	44,41	Eucalyptus globulus	Gestão mecânica de combustível						X			X				X	
	VALETT03	3,00	E. globulus (linha água)	Gestão manual de combustível					X			X			X			
	VALETT04	0,39	Quercus suber	Gestão manual de combustível						X			X				X	
	VALETT05	0,71	Matos	Gestão mecânica de combustível						X			X				X	

3.5. Gestão florestal preconizada

A gestão florestal preconizada para a totalidade do património da EGLON apresenta-se no ANEXO IX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFN (2009). Normas técnicas de elaboração dos Planos de Gestão Florestal.
- AFN (2012). Guia técnico: Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios (PMDFCI).
- Albuquerque, J. de Pina Manique (1954). Carta ecológica de Portugal. Ministério da Economia, Repartição de Estudos, Informação e Propaganda. Serviço Editorial Portugal.
- Amaro A., Reed D., Themido I., Tomé, M. (1997). Stand growth modeling for first rotation Eucalyptus globules Labill in Portugal.
- Cabral M. J., Almeida J., Almeida P. R., Dellinger T., Ferrand de Almeida N., Oliveira M. E., Palmeirim J. M., Queiroz A. I., Rogado L., Santos-Reis M. (2005). Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.
- Carapeto A., Maio P. (2005). Relatório de estágio de empresa: Contribuição para o processo de certificação ambiental da empresa Iberflorestal.
- CEAI (2011). Conservação da Águia de Bonelli. Manual de boas práticas florestais e cinegéticas. Projeto LIFE.
- Costa J. C., Aguiar C., Capelo J., Lousã M., Neto C. (1998). Biogeografia de Portugal Continental. Quercetea.
- Daveau S. (1985). Mapas Climáticos de Portugal. Contrastes térmicos (com vários colaboradores). Memórias do Centro de Estudos Geográficos, 7, Lisboa.
- FSC (2012). Norma FSC de Gestão Florestal para Plantações e Florestas Naturais de Portugal <http://pt.fsc.org/download.fsc-std-prt-01-2012-portugal-plantations-and-natural-pt.a-283.pdf>
- Grupo Portucel Soporcel (2005). Normas técnicas de instalação, manutenção e exploração dos povoamentos de eucalipto.
- ICNB (2008). Relatório Nacional de Implementação da Diretiva Habitats (2001-2006). <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/rn2000/resource/relnacdirhab/relexecut>
- ISSS/ISRIC/FAO (1998). World Reference Base for Soil Resources. World Soil Resources Reports 84. FAO. Roma.
- Jennings S., Nussbaum R., Judd N., Evans T. (2003). The High Conservation Value Forest Toolkit. Edition 1. ProForest. <http://www.proforest.net/objects/publications/HCVF/hcvf-toolkit-part-1-final-updated.pdf>
- Joint Nature Conservation Committee (2004). Common Standards Monitoring Guidance for Woodland. JNCC, Peterborough. http://www.jncc.defra.gov.uk/pdf/CSM_woodland.pdf
- Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas (1997). Código de boas práticas agrícolas para a proteção da água contra a poluição com nitratos de origem agrícola. Lisboa. <http://www.dgadr.mamaot.pt/rec-hid/diretiva-nitratos/codigo-boas-praticas-agricolas>
- Pinto-Gomes C., Paiva-Ferreira R. (2005). Flora e Vegetação do Barrocal Algarvio (Tavira-Portimão). Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve.
- Ribeiro F., Beldade R., Dix M., Bochechas, J. (2007). Carta Piscícola Nacional. Direção-Geral dos Recursos Florestais - Fluviatilis, Lda. Publicação Eletrónica (versão 01/2007).
- Strahler A. N. (1964). Quantitative geomorphology of drainage basins and channel networks. Handbook of Applied Hydrology, McGraw Hill Book Company, Nova Iorque.

Tomé M., Oliveira T., Soares P. (2006). O modelo GLOBULUS 3.0 dados e equações. Universidade Técnica de Lisboa - Instituto Superior de Agronomia - Departamento de Engenharia Florestal. Publicações GIMREF – RC2/2006

Williams J. M. (2006). Common Standards Monitoring for Designated Sites: First Six Year Report. Peterborough, Joint Nature Conservancy Council.

LEGISLAÇÃO CONSULTADA:

Aviso n.º 26665/2010. PDM de Odemira. <https://dre.pt/application/file/2343350>

Decreto Regulamentar n.º 2/88 de 20 de Janeiro. Classifica albufeiras de águas públicas de serviço público. <https://dre.pt/application/file/283416>

Decreto-Lei n.º 124/2006 de 28 de Junho. Medidas e ações a desenvolver no âmbito do Sistema Nacional de Defesa da Floresta contra Incêndios. <https://dre.pt/application/file/358462>

Decreto-Lei n.º 166/2008 de 22 de Agosto. Regime jurídico da Reserva Ecológica Nacional (REN). <https://dre.pt/application/file/453366>

Decreto-Lei n.º 17/2009 de 14 de Janeiro. Medidas e ações a desenvolver no âmbito do Sistema de Defesa da Floresta contra Incêndios. <https://dre.pt/application/file/397418>

Decreto-Lei n.º 29/2006 de 15 de Fevereiro. Bases gerais da organização e funcionamento do sistema elétrico nacional. <https://dre.pt/application/file/683951>

Decreto-Lei n.º 49/2005 de 24 de Fevereiro. Transposição para a ordem jurídica interna da diretiva aves e da diretiva habitats. <https://dre.pt/application/file/608095>

Decreto-Lei n.º 73/2009 de 31 de Março. Regime jurídico da Reserva Agrícola Nacional (RAN). <https://dre.pt/application/file/603129>

Decreto-Lei n.º 169/2001 de 25 de Maio. Estabelece medidas de proteção ao sobreiro e à azinheira. <https://dre.pt/application/file/332827>

Decreto-Lei n.º 565/99 de 21 de Dezembro. Regula a introdução na natureza de espécies não indígenas da flora e da fauna. <https://dre.pt/application/file/661869>

Diretiva 2009/147/CE - Diretiva Aves. <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2010:020:0007:0025:PT:PDF>

Diretiva 92/45/CEE - Diretiva Habitats. <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/rn2000/resource/docs/diret-habit>

Lei n.º 58/2005 de 29 de Dezembro. Lei da Água. <https://dre.pt/application/file/469114>

Resolução de Conselho de Ministros n.º 142/97 de 28 de Agosto. SIC e ZPE de Monchique (PTCON0037). <https://dre.pt/application/file/194685>

Resolução de Conselho de Ministros n.º 76/00 de 5 de Julho. SIC e ZPE de Caldeirão (PTCON0057). <https://dre.pt/application/file/301341>

Resolução do Conselho de Ministros n.º 106/99 de 22 de Setembro. PDM de Monchique. <https://dre.pt/application/file/558957>

Resolução do Conselho de Ministros n.º 13/98 de 27 de Janeiro. PDM de Almodôvar. <https://dre.pt/application/file/222930>

Resolução do Conselho de Ministros n.º 142/95 de 21 de Novembro. PDM de Aljezur. <https://dre.pt/application/file/690742>

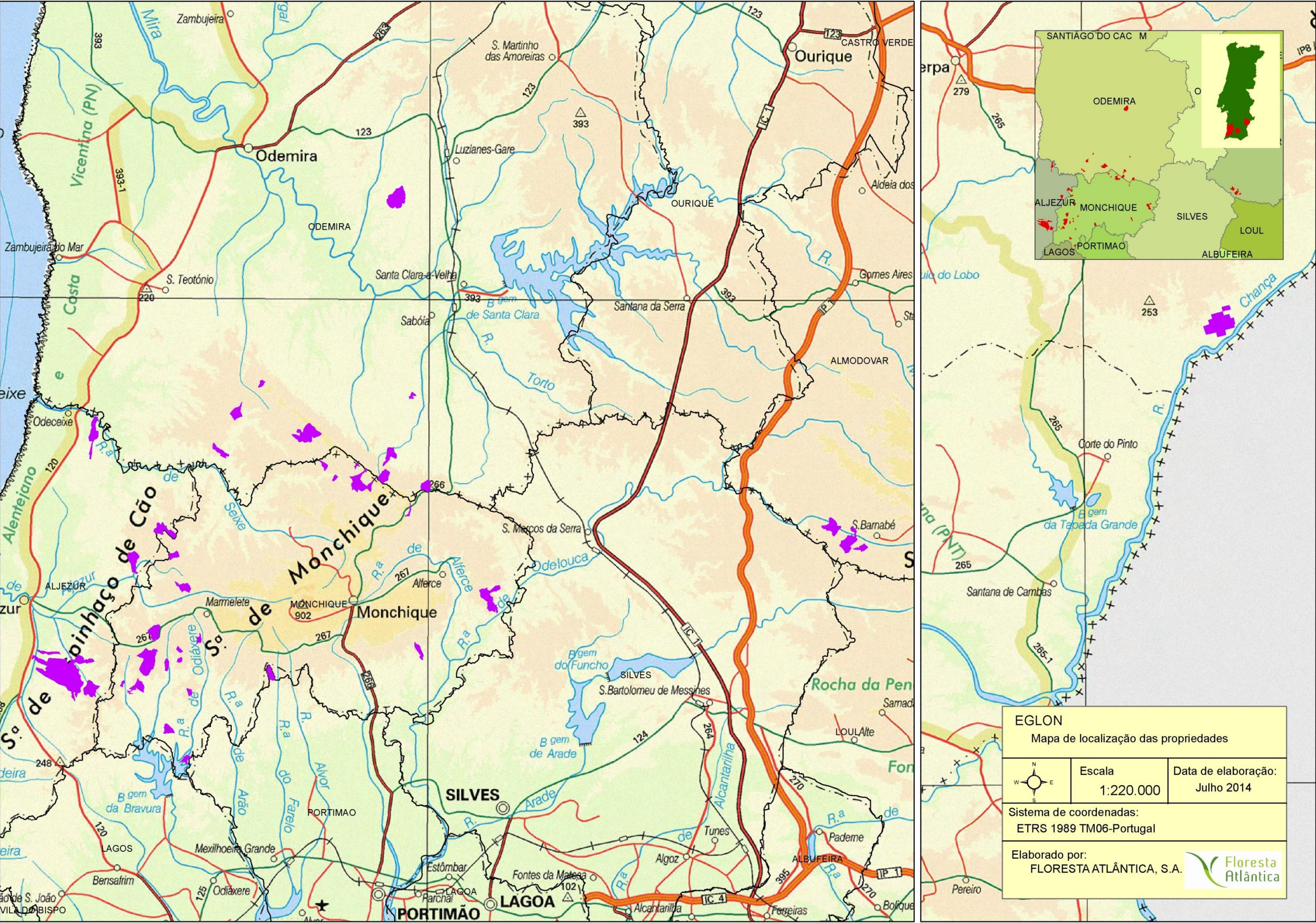
Resolução do Conselho de Ministros n.º 178/95 de 26 de Dezembro. PDM de Serpa. <https://dre.pt/application/file/642822>

Resolução do Conselho de Ministros n.º 53/95 de 7 de Junho. PDM de Portimão. <https://dre.pt/application/file/520758>

Resolução do Conselho de Ministros n.º 71/2004. Plano de Ordenamento da Albufeira da Bravura (POAB). <https://dre.pt/application/file/286451>

Resolução do Conselho de Ministros n.º 78/2014 de 24 de Dezembro. Plano Ação Nacional de Combate à Desertificação – PANCD. <https://dre.pt/application/file/65985917>

ANEXO I – Mapa de localização das propriedades



PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIS NO SUL DO PAÍS

ANEXO II – Organização da gestão e zonamento funcional

UG	Talhão	Ocupação	Área (ha)	Rotação	Ano plantação	Data plantação/ último corte	Tipo de povoamento	Uso do solo	Função	Sub-função	Modelo de silvicultura
Balsinhas	BALSIT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	16,08	1ª	2005	01-11-2005	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Balsinhas	BALSIT02	<i>Eucalyptus globulus</i>	42,93	1ª	2005	01-02-2005	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Balsinhas	BALSIT03	<i>Eucalyptus globulus</i>	176,25	1ª	2005	01-10-2005	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Balsinhas	BALSIT04	<i>Eucalyptus globulus</i>	10,61	1ª	2006	01-04-2006	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Balsinhas	BALSIT05	<i>Eucalyptus globulus</i>	78,24	1ª	2008	01-12-2008	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Balsinhas	BALSIT06	<i>Eucalyptus globulus</i>	43,33	1ª	2008	01-12-2008	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Balsinhas	BALSIT07	<i>Eucalyptus globulus</i>	31,54	1ª	2009	01-11-2009	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Balsinhas	BALSIT08	<i>E. globulus</i> (linha água)	21,33	4ª	1960	01-01-2008	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Balsinhas	BALSIT09	<i>Quercus suber</i>	19,02		1960	01-01-1960	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Balsinhas	BALSIT10	<i>Quercus suber</i>	13,41		2008	01-01-2008	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Balsinhas	BALSIT11	<i>Pinus pinaster</i>	3,88		2008	01-02-2008	Reg. natural	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Pinheiro bravo
Balsinhas	BALSIT12	<i>Galeria ripícola</i>	46,71				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Balsinhas	BALSIT13	Mato/Inculto	3,96					Matos e pastagens espontâneas	Sem função		
Balsinhas	BALSIT14	Pontos de água	0,83					Águas interiores	Sem função		
Balsinhas	BALSIT15	Afloramento rochoso	0,38					Improdutivos	Sem função		
Balsinhas	BALSIT16	Área social	0,07					Áreas sociais	Sem função		
Barradas	BARRAT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	19,09	1ª	2006	01-10-2006	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Barradas	BARRAT02	<i>Eucalyptus globulus</i>	18,69	1ª	2007	01-12-2007	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Barradas	BARRAT03	<i>E. globulus</i> (linha água)	3,63	4ª	1960	01-01-2006	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Barradas	BARRAT04	<i>E. globulus</i> (conservação)	1,46	1ª	2006	01-10-2006	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de espécies de fauna protegida	Pano de gestão da biodiversidade
Barradas	BARRAT05	<i>Quercus suber</i>	3,14		1960	01-01-1960	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Barradas	BARRAT06	<i>Galeria ripícola</i>	2,78				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Barradas	BARRAT07	Aceiro	1,01					Improdutivos	Sem função		
Barradas	BARRAT08	Mato/Inculto	0,18					Matos e pastagens espontâneas	Sem função		
Barradas	BARRAT09	Área social	0,02					Áreas sociais	Sem função		
Barranco da Madeira	BAMADT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	0,56	3ª	1960	01-01-2003	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 2ª/3ª rotação
Barranco da Madeira	BAMADT02	<i>Eucalyptus globulus</i>	7,77	1ª	2008	01-12-2008	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Barranco da Madeira	BAMADT03	<i>E. globulus</i> (linha água)	1,12	4ª	1960	01-01-2008	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Barranco da Madeira	BAMADT04	Mato/Inculto	0,43					Matos e pastagens espontâneas	Sem função		
Barranco do Carvalho	BACART01	<i>Eucalyptus globulus</i>	8,73	1ª	2009	01-12-2009	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Barranco do Carvalho	BACART02	<i>Quercus suber</i>	0,39		1960	01-01-1960	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Barranco do Carvalho	BACART03	<i>Quercus canariensis</i>	0,24		2009	01-12-2009	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Barranco do Carvalho	BACART04	<i>Castanea sativa</i>	0,30		2009	01-12-2009	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Barranco do Carvalho	BACART05	<i>Galeria ripícola</i>	0,40				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Barranco do Carvalho	BACART06	Mato/Inculto	0,35					Matos e pastagens espontâneas	Sem função		
Barranco do Castanheiro	BACAST01	<i>Eucalyptus globulus</i>	11,38	1ª	2012	01-10-2012	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Barranco do Castanheiro	BACAST02	<i>E. globulus</i> (linha água)	6,16	4ª	1960	01-01-2012	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Barranco do Castanheiro	BACAST03	<i>Quercus canariensis</i>	0,22		2013	01-01-2013	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Barranco do Cão e da Galé	BACAO01	<i>Eucalyptus globulus</i>	50,43	1ª	2007	01-04-2007	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Barranco do Cão e da Galé	BACAO02	<i>E. globulus</i> (linha água)	6,48	4ª	1960	01-01-2007	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Barranco do Cão e da Galé	BACAO03	<i>Quercus suber</i>	0,52		2007	01-04-2007	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Barranco do Cão e da Galé	BACAO04	Mato mediterrânico	9,73					Matos e pastagens espontâneas	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Barranco do Cão e da Galé	BACAO05	<i>Galeria ripícola</i>	4,09				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Barranco do Cão e da Galé	BACAO06	Aceiro	0,65					Improdutivos	Sem função		
Besteiros	BESTT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	22,11	1ª	2008	01-12-2008	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Besteiros	BESTT02	<i>E. globulus</i> (linha água)	2,80	4ª	1960	01-01-2008	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Besteiros	BESTT03	<i>Quercus suber</i>	0,20		1960	01-01-1960	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Besteiros	BESTT04	<i>Quercus suber</i>	0,74		2009	01-01-2009	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Besteiros	BESTT05	Aceiro	1,15					Improdutivos	Sem função		
Botelhão	BOTELT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	75,28	1ª	2012	01-10-2012	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Botelhão	BOTELT02	<i>E. globulus</i> (linha água)	11,99	4ª	1960	01-01-2012	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Botelhão	BOTELT03	<i>Quercus suber</i>	12,50		1960	01-01-1960	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIS NO SUL DO PAÍS

UG	Talhão	Ocupação	Área (ha)	Rotação	Ano plantação	Data plantação/ último corte	Tipo de povoamento	Uso do solo	Função	Sub-função	Modelo de silvicultura
Botelho	BOTELT04	<i>Quercus suber</i>	0,78		2013	01-01-2013	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Botelho	BOTELT05	<i>Quercus canariensis</i>	3,88		2013	01-01-2013	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Botelho	BOTELT06	<i>Castanea sativa</i>	0,62		2013	01-01-2013	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Brejo Fundo	BREJOT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	6,33	1ª	2008	01-11-2008	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Brejo Fundo	BREJOT02	Mato mediterrânico	2,30					Matos e pastagens espontâneas	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Brejo Fundo	BREJOT03	Galeria ripícola	1,43				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Brejo Fundo	BREJOT04	Mato/Inculto	0,59					Matos e pastagens espontâneas	Sem função		
Cabanas	CABANT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	12,06	1ª	2009	01-03-2009	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Cabanas	CABANT02	Galeria ripícola	1,25				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Caeiro	CAEIRT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	8,93	1ª	2006	01-11-2006	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Caeiro	CAEIRT02	<i>E. globulus</i> (linha água)	0,44	4ª	1960	01-01-2006	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Caeiro	CAEIRT03	<i>Quercus suber</i>	1,22		1960	01-01-1960	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Caeiro	CAEIRT04	Galeria ripícola	1,60				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Cerca Velha	CERCAT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	30,07	1ª	2010	01-11-2010	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Cerca Velha	CERCAT02	<i>Quercus suber</i>	9,76		1960	01-01-1960	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Cerca Velha	CERCAT03	<i>Quercus canariensis</i>	1,40		2011	01-11-2011	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Cerca Velha	CERCAT04	Mato mediterrânico	0,20					Matos e pastagens espontâneas	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Cerca Velha	CERCAT05	Área social	0,02					Áreas sociais	Sem função		
Choça	CHOCAT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	35,84	1ª	2007	01-03-2007	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Choça	CHOCAT02	<i>Eucalyptus globulus</i>	35,51	1ª	2007	01-10-2007	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Choça	CHOCAT03	<i>Eucalyptus globulus</i>	18,32	1ª	2008	01-11-2008	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Choça	CHOCAT04	<i>E. globulus</i> (linha água)	5,34	4ª	1960	01-01-2007	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Choça	CHOCAT05	<i>Quercus suber</i>	0,35		2008	01-11-2008	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Choça	CHOCAT06	Galeria ripícola	20,77				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Cotofo	COTOF01	<i>Eucalyptus globulus</i>	28,67	1ª	2006	01-04-2006	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Cotofo	COTOF02	<i>E. globulus</i> (linha água)	4,37	4ª	1960	01-01-2006	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Cotofo	COTOF03	Aceiro	0,51					Improdutivos	Sem função		
Cotofo	COTOF04	Pontos de água	0,14					Águas interiores	Sem função		
Eira da Palha	EIRAPT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	22,68	1ª	2008	01-01-2008	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Eira da Palha	EIRAPT02	<i>E. globulus</i> (linha água)	0,61	4ª	1960	01-01-2008	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Eira da Palha	EIRAPT03	<i>Quercus suber</i>	0,35		1960	01-01-1960	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Eira da Palha	EIRAPT04	Galeria ripícola	2,14				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Embarradouro de Cima	EMBART01	<i>Eucalyptus globulus</i>	28,74	1ª	2005	01-11-2005	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Embarradouro de Cima	EMBART02	<i>E. globulus</i> (linha água)	5,11	4ª	1960	01-01-2005	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Embarradouro de Cima	EMBART03	<i>Quercus suber</i>	1,55		2008	01-01-2008	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Estrecadas	ESTRET01	<i>Eucalyptus globulus</i>	3,61	1ª	2012	01-10-2012	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Estrecadas	ESTRET02	<i>E. globulus</i> (linha água)	0,51	4ª	1960	01-01-2012	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Estrecadas	ESTRET03	<i>Quercus suber</i>	1,86		1960	01-01-1960	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Estrecadas	ESTRET04	<i>Quercus canariensis</i>	0,17		2013	01-01-2013	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Fornalha	FORNAT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	18,85	1ª	2007	01-10-2007	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Fornalha	FORNAT02	<i>Eucalyptus globulus</i>	4,08	1ª	2009	01-01-2009	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Fornalha	FORNAT03	<i>E. globulus</i> (linha água)	2,10	4ª	1960	01-01-2007	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Fornalha	FORNAT04	<i>Quercus suber</i>	0,52		2009	01-01-2009	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Fornalha	FORNAT05	Galeria ripícola	3,66				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Fornalha	FORNAT06	Aceiro	1,81					Improdutivos	Sem função		
Foz do Zevinho	FOZZET01	<i>Eucalyptus globulus</i>	6,41	1ª	2010	01-04-2010	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Foz do Zevinho	FOZZET02	<i>Quercus suber</i>	2,11		1960	01-01-1960	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Foz do Zevinho	FOZZET03	Galeria ripícola	0,61				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Guena	GUENAT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	11,05	1ª	2005	01-03-2005	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Guena	GUENAT02	<i>Eucalyptus globulus</i>	5,84	1ª	2006	01-03-2006	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Guena	GUENAT03	<i>E. globulus</i> (linha água)	1,38	4ª	1960	01-01-2004	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Guena	GUENAT04	<i>E. globulus</i> (protecção)	2,92	3ª	1970	01-01-2004	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Guena	GUENAT05	<i>Ceratonia siliqua</i>	0,39		2007	01-01-2007	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Herdade da Cascalheira	HERCAT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	55,44	1ª	2009	01-10-2009	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Herdade da Cascalheira	HERCAT02	<i>E. globulus</i> (linha água)	5,63	4ª	1960	01-01-2009	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIS NO SUL DO PAÍS

UG	Talhão	Ocupação	Área (ha)	Rotação	Ano plantação	Data plantação/ último corte	Tipo de povoamento	Uso do solo	Função	Sub-função	Modelo de silvicultura
Herdade da Cascalheira	HERCAT03	<i>Quercus suber</i>	1,25		1960	01-01-1960	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Herdade da Cascalheira	HERCAT04	<i>Quercus suber</i>	0,85		2009	01-10-2009	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Herdade da Cascalheira	HERCAT05	Galeria ripícola	6,90				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Herdade da Cascalheira	HERCAT06	Mato/Inculto	0,24					Matos e pastagens espontâneas	Sem função		
Lameiro	LAMEIT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	27,60	1ª	2007	01-11-2007	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Lameiro	LAMEIT02	Mato mediterrânico	5,83					Matos e pastagens espontâneas	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Lameiro	LAMEIT03	Galeria ripícola	4,57				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Lameiro	LAMEIT04	Área social	0,02					Áreas sociais	Sem função		
Macheirinha	MACHET01	<i>Eucalyptus globulus</i>	11,31	1ª	2007	01-04-2007	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Macheirinha	MACHET02	<i>E. globulus</i> (linha água)	0,34	4ª	1960	01-01-2007	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Macheirinha	MACHET03	<i>Quercus suber</i>	1,15		1960	01-01-1960	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Macheirinha	MACHET04	Galeria ripícola	0,65				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Macheirinha	MACHET05	Afloramento rochoso	0,24					Improdutivos	Sem função		
Marianes	MARIAT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	52,96	1ª	2009	01-02-2009	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Marianes	MARIAT02	<i>E. globulus</i> (linha água)	4,83	4ª	1960	01-01-2009	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Marianes	MARIAT03	<i>Quercus suber</i>	0,97		1960	01-01-1960	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Marianes	MARIAT04	<i>Quercus suber</i>	3,51		2009	01-01-2009	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Marianes	MARIAT05	Galeria ripícola	2,13				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Mariolia	MARIOT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	18,06	1ª	2005	01-11-2005	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Mariolia	MARIOT02	<i>Eucalyptus globulus</i>	17,78	1ª	2008	01-12-2008	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Mariolia	MARIOT03	<i>E. globulus</i> (linha água)	1,67	4ª	1960	01-01-2005	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Mariolia	MARIOT04	<i>Quercus suber</i>	0,80		2008	01-01-2008	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Mariolia	MARIOT05	Mato mediterrânico	3,44					Matos e pastagens espontâneas	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Mariolia	MARIOT06	Galeria ripícola	0,41				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Moitas	MOITAT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	44,50	1ª	2006	01-11-2006	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Moitas	MOITAT02	<i>E. globulus</i> (linha água)	5,29	4ª	1960	01-01-2006	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Moitas	MOITAT03	<i>Quercus suber</i>	0,99		1960	01-01-1960	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Moitas	MOITAT04	Galeria ripícola	1,14				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Monte Novinho	MNTNVT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	45,16	1ª	2009	01-03-2009	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Monte Novinho	MNTNVT02	<i>Eucalyptus globulus</i>	52,34	1ª	2009	01-10-2009	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Monte Novinho	MNTNVT03	<i>E. globulus</i> (linha água)	13,79	4ª	1960	01-01-1960	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Monte Novinho	MNTNVT04	<i>Quercus suber</i>	13,51		1960	01-01-1960	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Monte Novinho	MNTNVT05	Galeria ripícola	4,89				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Monte Novinho	MNTNVT06	Mato/Inculto	0,85					Matos e pastagens espontâneas	Sem função		
Monte Novinho	MNTNVT07	Área social	0,05					Áreas sociais	Sem função		
Mourão	MOURAT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	61,83	1ª	2006	01-10-2006	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Mourão	MOURAT02	<i>E. globulus</i> (linha água)	6,00	4ª	1960	01-01-2006	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Mourão	MOURAT03	<i>Quercus suber</i>	1,37		2008	01-02-2008	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Mourão	MOURAT04	Galeria ripícola	5,03				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Mourão	MOURAT05	Mato/Inculto	0,83					Matos e pastagens espontâneas	Sem função		
Nevoeira	NEVOET01	<i>Eucalyptus globulus</i>	23,13	1ª	2014	01-12-2014	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Nevoeira	NEVOET02	<i>Arbutus unedo</i>	1,91				Reg. natural	Floresta	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Parras	PARRAT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	20,84	1ª	2006	01-04-2006	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Parras	PARRAT02	<i>Eucalyptus globulus</i>	20,18	1ª	2004	01-12-2004	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Parras	PARRAT03	<i>Quercus suber</i>	4,96		1960	01-01-1960	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Parras	PARRAT04	<i>Quercus suber</i>	0,30		2006	01-04-2006	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Parras	PARRAT05	Galeria ripícola	1,48				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Parras	PARRAT06	Aceiro	0,94					Improdutivos	Sem função		
Parras	PARRAT07	Mato/Inculto	0,46					Matos e pastagens espontâneas	Sem função		
Pau e Corna	PAUCOT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	51,92	1ª	2009	01-11-2009	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Pau e Corna	PAUCOT02	<i>Eucalyptus globulus</i>	128,42	1ª	2009	01-11-2009	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Pau e Corna	PAUCOT03	<i>Quercus rotundifolia</i>	0,38		1960	01-01-1960	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Pau e Corna	PAUCOT04	<i>Quercus suber</i>	11,29		2008	01-01-2008	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Pau e Corna	PAUCOT05	Aceiro	4,66					Improdutivos	Sem função		
Pau e Corna	PAUCOT06	Galeria ripícola	47,10				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIS NO SUL DO PAÍS

UG	Talhão	Ocupação	Área (ha)	Rotação	Ano plantação	Data plantaço/ último corte	Tipo de povoamento	Uso do solo	Função	Sub-função	Modelo de silvicultura
Pau e Corna	PAUCOT07	Pontos de água	0,92					Águas interiores	Sem função		
Pedra Branca	PEDRAT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	12,22	1ª	2008	01-10-2008	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Pedra Branca	PEDRAT02	<i>E. globulus</i> (linha água)	0,61	4ª	1960	01-01-2008	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Pedra Branca	PEDRAT03	Galeria ripícola	1,84				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Poldreiras	POLDRT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	7,40	1ª	2007	01-04-2007	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Poldreiras	POLDRT02	<i>E. globulus</i> (linha água)	0,53	4ª	1960	01-01-1960	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Pomar	POMART01	<i>Eucalyptus globulus</i>	28,61	2ª	1993	01-01-2005	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 2ª/3ª rotação
Pomar	POMART02	<i>Eucalyptus globulus</i>	42,21	1ª	2004	01-04-2004	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Pomar	POMART03	Galeria ripícola	3,73				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Pomar	POMART04	<i>Olea europaea</i>	0,22		1960	01-01-1960	Plantação	Agricultura	Sem função		
Pomar do Varela Sul	POMVST01	<i>Eucalyptus globulus</i>	18,98	2ª	1993	01-01-2005	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 2ª/3ª rotação
Pomar do Varela Sul	POMVST02	<i>Eucalyptus globulus</i>	43,40	1ª	2005	01-10-2005	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Pomar do Varela Sul	POMVST03	<i>Eucalyptus globulus</i>	22,58	1ª	2011	01-11-2011	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Pomar do Varela Sul	POMVST04	<i>E. globulus</i> (linha água)	1,51	4ª	1960	01-01-2011	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Pomar do Varela Sul	POMVST05	Mato mediterrânico	1,86					Matos e pastagens espontâneas	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Pomar do Varela Sul	POMVST06	Galeria ripícola	4,70				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Pomar do Varela Sul	POMVST07	Mato/Inculto	2,25					Matos e pastagens espontâneas	Sem função		
Romeiras	ROMEIT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	15,69	1ª	2009	01-01-2009	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Romeiras	ROMEIT02	<i>E. globulus</i> (linha água)	2,47	4ª	1960	01-01-2009	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Romeiras	ROMEIT03	Aceiro	2,72					Improdutivos	Sem função		
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET01	<i>Eucalyptus globulus</i>	3,64	1ª	2004	01-12-2004	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET02	<i>Eucalyptus globulus</i>	40,03	1ª	2005	01-02-2005	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET03	<i>Eucalyptus globulus</i>	41,12	1ª	2005	01-11-2005	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET04	<i>Eucalyptus globulus</i>	6,41	1ª	2006	01-02-2006	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET05	<i>E. globulus</i> (linha água)	6,39	4ª	1960	01-01-2005	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET06	<i>Quercus suber</i>	26,51		1960	01-01-1960	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET07	Galeria ripícola	8,48				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET08	Mato/Inculto	1,09					Matos e pastagens espontâneas	Sem função		
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET09	Afloramento rochoso	1,90					Improdutivos	Sem função		
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET10	Área social	0,04					Áreas sociais	Sem função		
Três Malhões	TRESMT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	27,30	1ª	2006	01-11-2006	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Três Malhões	TRESMT02	<i>E. globulus</i> (linha água)	1,18	4ª	1960	01-01-2006	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Três Malhões	TRESMT03	<i>Quercus suber</i>	16,18		1960	01-01-1960	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Três Malhões	TRESMT04	<i>Ceratonia siliqua</i>	0,08		2006	01-11-2006	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Três Malhões	TRESMT05	Galeria ripícola	4,00				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Três Malhões	TRESMT06	Mato/Inculto	0,55					Matos e pastagens espontâneas	Sem função		
Três Malhões	TRESMT07	Aceiro	0,74					Improdutivos	Sem função		
Três Malhões	TRESMT08	Área social	0,02					Áreas sociais	Sem função		
Vale da Torre	VALETT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	41,92	1ª	2009	01-11-2009	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Vale da Torre	VALETT02	<i>Eucalyptus globulus</i>	7,96	1ª	2011	01-11-2011	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Vale da Torre	VALETT03	<i>Eucalyptus dunni</i>	1,12	1ª	2011	01-11-2011	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Vale da Torre	VALETT04	<i>E. globulus</i> (linha água)	0,44	4ª	1960	01-01-2011	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Vale da Torre	VALETT05	<i>Quercus suber</i>	9,56		1960	01-01-1960	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Vale da Torre	VALETT06	<i>Pinus pinaster</i>	8,57		1988	01-01-1988	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Pinheiro bravo
Vale da Torre	VALETT07	Galeria ripícola	7,14				Reg. natural	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Vale da Torre	VALETT08	<i>Arbutus unedo</i>	0,44				Reg. natural	Floresta	Conservação	Conservação de habitats classificados	Pano de gestão da biodiversidade
Vale da Torre	VALETT09	Mato/Inculto	6,08					Matos e pastagens espontâneas	Sem função		
Vale da Torre	VALETT10	Área social	0,05					Áreas sociais	Sem função		
Vale da Torre	VALETT11	Vestígio arqueológico	0,04					Áreas sociais	Conservação	Conservação de património arqueológico	Pano de gestão da biodiversidade
Vale Fontes	VALEFT01	<i>Eucalyptus globulus</i>	20,26	1ª	2006	01-11-2006	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Vale Fontes	VALEFT02	<i>Eucalyptus globulus</i>	111,13	1ª	2007	01-11-2007	Plantação	Floresta	Produção	Produção de madeira	Produção - Eucalipto 1ª rotação
Vale Fontes	VALEFT03	<i>E. globulus</i> (linha água)	19,36	4ª	1960	01-01-2006	Plantação	Floresta	Proteção	Protecção da rede hidrográfica	Pano de gestão da biodiversidade
Vale Fontes	VALEFT04	<i>Quercus suber</i>	0,80		2007	01-11-2007	Plantação	Floresta	Conservação	Conservação de recursos genéticos	Pano de gestão da biodiversidade
Vale Fontes	VALEFT05	Mato/Inculto	0,93					Matos e pastagens espontâneas	Sem função		
Vale Fontes	VALEFT06	Aceiro	0,38					Improdutivos	Sem função		
Total Geral			2597,42								

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIS NO SUL DO PAÍS

ANEXO III – Caracterização dos povoamentos atualmente existentes

UG	Talhão	Ocupação	Rotação	Area (ha)	Data plantação	Data inventário	Idade inventário	Nº parcelas	Nº plantas/ha	Nº varas/cepo	Hdom (m)	Hmédia (m)	DAP (cm)	Abasal (m2)	Volume (m3sc/ha)	AMA (m3sc/ha/year)	Cortiça (@/ha/ano)	Cortiça (@/ha/novénio)
Balsinhas	BALSIT01	E. globulus	1ª	16,08	01-11-2005	01-09-2013	8	4	886	1,01	20,38	18,37	16,80	18,32	124,45	13,00		
Balsinhas	BALSIT02	E. globulus	1ª	42,93	01-02-2005	01-09-2013	9	6	1224	1,04	19,90	17,14	13,46	17,13	107,82	12,21		
Balsinhas	BALSIT03	E. globulus	1ª	176,25	01-10-2005	01-09-2013	8	24	1024	1,03	17,86	15,33	12,89	12,93	73,80	9,04		
Balsinhas	BALSIT04	E. globulus	1ª	10,61	01-04-2006	01-09-2013	7	2	1000	1,03	18,55	15,83	11,60	10,91	60,68	7,91		
Balsinhas	BALSIT05	E. globulus	1ª	78,24	01-12-2008	01-09-2013	6	18	1027	1,01	14,29	12,45	10,76	9,35	42,64	7,46		
Balsinhas	BALSIT06	E. globulus	1ª	43,33	01-12-2008	01-09-2013	5	8	1057	1,00	11,65	9,84	8,65	6,13	21,56	4,53		
Balsinhas	BALSIT09	Quercus suber		19,02	01-01-1960	2013		1	230		6,60		17,24				7,67	69,12
Balsinhas	BALSIT11	Pinus pinaster		3,88	01-02-2008	2013		1	91			9,59	20,89	3,12	12,80	2,13		
Barradas	BARRAT01	E. globulus	1ª	19,09	01-10-2006	01-09-2013	7	5	754	1,03	14,71	12,18	11,28	7,01	31,47	4,39		
Barradas	BARRAT02	E. globulus	1ª	18,69	01-12-2007	01-09-2013	6	4	943	1,04	13,67	10,86	9,54	5,86	23,81	3,97		
Barradas	BARRAT05	Quercus suber		3,14	01-01-1960	2013		1	230		6,00		17,24				7,67	69,12
Barranco da Madeira	BAMADT02	E. globulus	1ª	7,77	01-12-2008	01-09-2013	5	4	921	1,02	12,22	10,08	9,89	6,44	24,01	4,80		
Barranco do Cão e da Galé	BACAO01	E. globulus	1ª	50,43	01-04-2007	01-09-2013	6	8	1107	1,12	17,90	14,64	11,38	10,54	58,90	8,84		
Besteiros	BESTT01	E. globulus	1ª	22,11	01-12-2008	01-09-2013	5	6	890	1,01	13,81	12,04	9,76	6,08	27,46	5,49		
Botelho	BOTELT03	Quercus suber		12,50	01-01-1960	2013		1	200		11,70		23,52					
Brejo Fundo	BREJOT01	E. globulus	1ª	6,33	01-11-2008	01-09-2013	5	3	905	1,00	11,51	9,37	8,17	3,59	12,08	2,38		
Cabanas	CABANT01	E. globulus	1ª	12,06	01-03-2009	01-09-2013	5	2	671	1,00	13,76	11,96	11,14	4,70	20,31	4,28		
Caeiro	CAEIRT01	E. globulus	1ª	8,93	01-11-2006	01-09-2013	7	2	586	1,02	17,36	14,80	14,45	9,95	54,07	7,63		
Caeiro	CAEIRT03	Quercus suber		1,22	01-01-1960	2013		1	171		9,23		24,09					
Cerca Velha	CERCAT02	Quercus suber		9,76	01-01-1960	2013		1	171		9,23		24,09					
Choça	CHOCAT01	E. globulus	1ª	35,84	01-03-2007	01-09-2013	7	5	863	1,06	19,26	16,25	12,77	10,63	64,31	9,53		
Choça	CHOCAT02	E. globulus	1ª	35,51	01-10-2007	01-09-2013	6	5	874	1,07	15,90	13,35	11,20	8,01	38,67	6,27		
Choça	CHOCAT03	E. globulus	1ª	18,32	01-11-2008	01-09-2013	5	3	790	1,04	13,63	11,25	9,33	4,54	20,43	4,02		
Cotofo	COTOF01	E. globulus	1ª	28,67	01-04-2006	01-09-2013	7	5	1051	1,13	16,14	13,46	11,26	8,98	44,32	5,78		
Eira da Palha	EIRAPT01	E. globulus	1ª	22,68	01-01-2008	01-09-2013	6	4	864	1,01	14,06	11,25	10,09	6,57	27,70	4,68		
Embarradouro de Cima	EMBART01	E. globulus	1ª	28,74	01-11-2005	01-09-2013	8	5	1217	1,03	18,03	15,08	12,32	14,32	79,34	9,81		
Fornalha	FORNAT01	E. globulus	1ª	18,85	01-10-2007	01-09-2013	6	6	962	1,06	16,90	13,60	11,63	8,90	46,37	7,52		
Fornalha	FORNAT02	E. globulus	1ª	4,08	01-01-2009	01-09-2013	5	2	900	1,00	12,28	9,63	8,67	4,81	17,37	3,53		
Foz do Zevinho	FOZZET02	Quercus suber		2,11	01-01-1960	2013		1	200		11,70		23,52					
Guena	GUENAT01	E. globulus	1ª	11,05	01-03-2005	01-09-2013	9	2	1043	1,01	18,15	12,87	11,65	9,93	51,92	6,23		
Guena	GUENAT02	E. globulus	1ª	5,84	01-03-2006	01-09-2013	8	2	1057	1,12	15,83	12,99	11,68	9,19	44,75	5,77		
Guena	GUENAT04	E. globulus	3ª	2,92	01-01-2004	01-09-2013	10	1	1200	1,45	15,73	10,84	10,49	8,56	34,12	3,62		
Herdade da Cascalheira	HERCAT03	Quercus suber		1,25	01-01-1960	2013		1	230		6,00		17,24				7,67	69,12
Lameiro	LAMEIT01	E. globulus	1ª	27,60	01-11-2007	01-09-2013	6	5	960	1,02	16,35	14,14	11,05	8,05	40,79	6,71		
Macheirinha	MACHET01	E. globulus	1ª	11,31	01-04-2007	01-09-2013	6	2	1271	1,17	17,63	13,93	11,33	12,00	62,85	9,43		
Macheirinha	MACHET03	Quercus suber		1,15	01-01-1960	2013		1	171		9,23		24,09					
Marianes	MARIAT01	E. globulus	1ª	52,96	01-02-2009	01-09-2013	5	11	914	1,00	12,54	10,23	8,67	4,42	17,04	3,56		
Marianes	MARIAT03	Quercus suber		0,97	01-01-1960	2013		1	230		6,00		17,24				7,67	69,12
Mariolia	MARIOT01	E. globulus	1ª	18,06	01-11-2005	01-09-2013	8	3	1114	1,03	19,16	16,76	13,76	16,94	102,84	12,72		
Mariolia	MARIOT02	E. globulus	1ª	17,78	01-12-2008	01-09-2013	5	5	886	1,01	13,34	11,37	9,84	6,61	27,19	5,44		
Moitas	MOITAT01	E. globulus	1ª	44,50	01-11-2006	01-09-2013	7	6	738	1,06	19,42	16,42	13,82	10,69	67,53	9,53		
Moitas	MOITAT03	Quercus suber		0,99	01-01-1960	2013		1	171		9,23		24,09					
Monte Novinho	MNTNVT01	E. globulus	1ª	45,16	01-03-2009	01-09-2013	5	11	1109	1,01	11,63	9,70	7,49	4,04	14,36	3,02		
Monte Novinho	MNTNVT04	Quercus suber		13,51	01-01-1960	2013		1	315		11,34		27,00				36,96	332,63
Mourão	MOURAT01	E. globulus	1ª	61,83	01-10-2006	01-09-2013	7	9	908	1,06	14,72	12,09	11,12	8,38	38,38	5,36		
Parras	PARRAT01	E. globulus	1ª	20,84	01-04-2006	01-09-2013	7	4	871	1,06	21,66	17,68	14,18	12,92	88,49	11,54		
Parras	PARRAT02	E. globulus	1ª	20,18	01-12-2004	01-09-2013	9	4	950	1,09	23,24	17,22	13,64	14,78	103,16	11,46		
Parras	PARRAT03	Quercus suber		4,96	01-01-1960	2013		1	171		9,23		24,09					
Pedra Branca	PEDRAT01	E. globulus	1ª	12,22	01-10-2008	01-09-2013	5	4	993	1,02	13,14	11,24	9,42	6,31	25,50	4,93		
Poldreiras	POLDRT01	E. globulus	1ª	7,40	01-04-2007	01-09-2013	6	2	914	1,00	15,09	12,01	10,69	7,07	31,29	4,69		
Pomar	POMART01	E. globulus	2ª	28,61	01-01-2005	01-09-2013	9	4	957	1,52	25,07	21,16	13,75	13,44	104,79	12,45		
Pomar	POMART02	E. globulus	1ª	42,21	01-04-2004	01-09-2013	9	4	764	1,03	23,76	19,06	14,13	11,86	86,05	9,39		

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIS NO SUL DO PAÍS

UG	Talhão	Ocupação	Rotação	Area (ha)	Data plantação	Data inventário	Idade inventário	Nº parcelas	Nº plantas/ha	Nº varas/cepo	Hdom (m)	Hmédia (m)	DAP (cm)	Abasal (m2)	Volume (m3sc/ha)	AMA (m3sc/ha/year)	Cortiça (@/ha/ano)	Cortiça (@/ha/novénio)
Pomar do Varela Sul	POMVST01	E. globulus	2ª	18,98	01-01-2005	01-09-2013	9	3	848	1,37	21,49	17,64	13,42	11,41	75,90	9,02		
Pomar do Varela Sul	POMVST02	E. globulus	1ª	43,40	01-10-2005	01-09-2013	8	6	933	1,01	20,73	17,16	12,35	11,48	72,05	8,82		
Romeiras	ROMEIT01	E. globulus	1ª	15,69	01-01-2009	01-09-2013	5	3	676	1,00	14,78	12,06	11,40	7,08	31,95	6,50		
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET01	E. globulus	1ª	3,64	01-12-2004	01-09-2013	9	2	1629	1,03	17,00	14,24	11,50	17,03	87,87	9,76		
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET02	E. globulus	1ª	40,03	01-03-2005	01-09-2013	9	6	910	1,14	19,19	15,07	12,85	12,50	77,57	8,78		
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET03	E. globulus	1ª	41,12	01-11-2005	01-09-2013	8	7	1024	1,14	19,96	15,94	13,19	13,05	80,21	9,92		
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET04	E. globulus	1ª	6,41	01-02-2006	01-09-2013	8	1	829	1,04	20,73	18,88	15,95	14,67	99,17	12,66		
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET06	Quercus suber		26,51	01-01-1960	2013		1	171		9,23		24,09					
Três Malhões	TRESMT01	E. globulus	1ª	27,30	01-11-2006	01-09-2013	7	4	850	1,01	19,87	17,74	13,81	12,82	82,93	11,71		
Três Malhões	TRESMT03	Quercus suber		16,18	01-01-1960	2013		1	171		9,23		24,09					
Vale Fontes	VALEFT01	E. globulus	1ª	20,26	01-11-2006	01-09-2013	7	3	1305	1,10	16,43	13,45	11,33	11,77	58,09	8,20		
Vale Fontes	VALEFT02	E. globulus	1ª	111,13	01-11-2007	01-09-2013	6	19	1081	1,08	15,14	12,36	10,20	7,71	35,45	5,79		
Vale Fontes	VALETT06	Pinus pinaster		8,57	01-02-1988	2013		1	2460			8,53	15,48	46,27	158,10	6,08		

ANEXO IV – Resultados das projeções de volume com modelos SOP e GLOBULUS 3.0

UG	Dados Inventário											Modelo SOP - Parâmetros Reduzido Potencial						Modelo SOP - Parâmetros Elevado Potencial					
	Talhão	Rotação	Área (ha)	Data plantação	Data exploração	Idade exploração	Idade inventário	Npl ₁ /ha	Hdom ₁ (m)	Abasal ₁ (m2)	Volume ₁ (m3/ha)	Npl2/ha	CQ	Hdom ₂ (m)	Abasal ₂ (m2)	Vol_cc2 (m3/ha)	Vol_sc2 (m3/ha)	Npl2/ha	CQ	Hdom ₂ (m)	Abasal ₂ (m2)	Vol_cc2 (m3/ha)	Vol_sc2 (m3/ha)
Balsinhas	BALSIT01	1ª	16,08	01-11-2005	01-11-2016	11,00	7,83	886	20,38	18,32	124,45	793	21,25	21,55	18,42	155,33	127,46	858	23,27	24,41	21,92	208,93	175,07
Balsinhas	BALSIT03	1ª	176,25	01-10-2005	01-10-2015	10,00	7,92	1024	17,86	12,93	73,80	952	19,31	19,31	14,19	108,35	87,10	1003	20,92	20,92	15,80	130,61	106,05
Balsinhas	BALSIT04	1ª	10,61	01-04-2006	01-04-2017	11,00	7,42	1000	18,55	10,91	60,68	882	20,11	20,56	13,79	113,05	91,07	965	22,25	23,45	15,80	148,02	121,10
Balsinhas	BALSIT05	1ª	78,24	01-12-2008	01-12-2019	11,00	4,75	1027	14,29	9,35	42,64	825	19,22	19,78	14,42	112,85	90,90	965	22,79	23,95	19,53	184,14	152,86
Balsinhas	BALSIT06	1ª	43,33	01-12-2008	01-12-2020	12,00	4,75	1057	11,65	6,13	21,56	820	17,71	19,07	12,52	95,25	76,10	983	20,62	23,10	17,13	156,86	128,80
Barradas	BARRAT01	1ª	19,09	01-10-2006	01-10-2017	11,00	6,92	754	14,71	7,01	31,47	654	17,71	18,44	9,97	74,50	58,91	724	19,61	20,96	12,19	103,15	82,71
Barradas	BARRAT02	1ª	18,69	01-12-2007	01-12-2019	12,00	5,75	943	13,67	5,86	23,81	758	18,03	19,33	11,26	87,74	69,84	886	20,61	23,10	14,35	133,33	108,39
Barranco da Madeira	BAMADT02	1ª	7,77	01-12-2008	01-12-2019	11,00	4,75	921	12,22	6,44	24,01	740	18,05	18,74	12,06	90,30	71,97	866	21,11	22,38	16,25	144,32	117,88
Barranco do Cão e da Galé	BACAOT01	1ª	50,43	01-04-2007	01-04-2017	10,00	6,42	1107	17,90	10,54	58,90	977	20,21	20,21	14,14	113,52	91,47	1068	23,11	23,11	16,18	148,95	121,90
Besteiros	BESTT01	1ª	22,11	01-12-2008	01-12-2020	12,00	4,75	890	13,81	6,08	27,46	691	18,96	20,06	12,41	99,86	79,96	828	22,41	24,68	16,88	166,48	137,23
Brejo Fundo	BREJOT01	1ª	6,33	01-11-2008	01-11-2019	11,00	4,83	905	11,51	3,59	12,08	729	17,54	18,28	9,74	72,23	57,05	851	20,34	21,65	12,24	107,34	86,25
Cabanas	CABANT01	1ª	12,06	01-03-2009	01-03-2020	11,00	4,50	671	13,76	4,70	20,31	535	19,13	19,70	10,12	81,24	64,46	629	22,80	23,96	14,35	138,86	113,16
Caeiro	CAEIRT01	1ª	8,93	01-11-2006	01-11-2017	11,00	6,83	586	17,36	9,95	54,07	506	19,63	20,14	12,19	98,69	78,97	562	22,06	23,28	15,35	143,06	116,79
Choça	CHOCAT01	1ª	35,84	01-03-2007	01-03-2018	11,00	6,50	863	19,26	10,63	64,31	737	21,01	21,34	14,19	120,97	97,80	825	24,09	25,16	17,03	171,42	141,59
Choça	CHOCAT02	1ª	35,51	01-10-2007	01-10-2019	12,00	5,92	874	15,90	8,01	38,67	707	19,29	20,31	12,71	103,57	83,07	823	22,22	24,51	16,41	160,98	132,40
Choça	CHOCAT03	1ª	18,32	01-11-2008	01-11-2020	12,00	4,83	790	13,63	4,54	20,43	615	18,79	19,92	10,64	86,07	68,45	736	22,12	24,43	14,52	143,34	117,03
Cotofo	COTOFT01	1ª	28,67	01-04-2006	01-04-2016	10,00	7,42	1051	16,14	8,98	44,32	961	18,36	18,36	11,50	84,49	67,15	1025	20,12	20,12	12,63	101,87	81,64
Eira da Palha	EIRAPT01	1ª	22,68	01-01-2008	01-01-2019	11,00	5,67	864	14,06	6,57	27,70	717	18,35	19,01	11,25	86,02	68,41	819	21,08	22,36	14,24	127,68	103,54
Fornalha	FORNAT01	1ª	18,85	01-10-2007	01-10-2018	11,00	5,92	962	16,90	8,90	46,37	805	19,89	20,37	13,48	109,61	88,16	914	23,03	24,18	16,49	159,26	130,90
Fornalha	FORNAT02	1ª	4,08	01-01-2009	01-01-2021	12,00	4,67	900	12,28	4,81	17,37	696	18,16	19,43	11,37	89,04	70,92	836	21,30	23,71	15,47	146,97	120,18
Guená	GUENAT02	1ª	5,84	01-03-2006	01-03-2017	11,00	7,50	1057	15,83	9,19	44,75	935	18,05	18,75	12,05	90,21	71,89	1021	19,70	21,05	13,88	116,72	94,18
Lameiro	LAMEIT01	1ª	27,60	01-11-2007	01-11-2018	11,00	5,83	960	16,35	8,05	40,79	801	19,62	20,13	12,93	104,13	83,54	912	22,71	23,88	15,76	150,71	123,43
Macheirinha	MACHET01	1ª	11,31	01-04-2007	01-04-2018	11,00	6,42	1271	17,63	12,00	62,85	1083	20,04	20,50	15,51	125,50	101,67	1215	22,89	24,05	18,88	179,28	148,55
Marianes	MARIAT01	1ª	52,96	01-02-2009	01-02-2022	13,00	4,58	914	12,54	4,42	17,04	681	18,39	20,11	11,61	94,18	75,20	841	21,67	25,06	16,14	162,46	133,71
Mariolia	MARIOT01	1ª	18,06	01-11-2005	01-11-2016	11,00	7,83	1114	19,16	16,94	102,84	997	20,34	20,76	17,34	141,00	115,01	1080	22,20	23,40	20,82	190,27	158,33
Mariolia	MARIOT02	1ª	17,78	01-12-2008	01-12-2019	11,00	4,75	886	13,34	6,61	27,19	712	18,70	19,32	12,30	95,06	75,94	832	22,04	23,25	16,44	152,15	124,69
Moitas	MOITAT01	1ª	44,50	01-11-2006	01-11-2017	11,00	6,83	738	19,42	10,69	67,53	638	20,97	21,31	13,59	116,06	93,63	708	23,77	24,87	16,34	162,97	134,15
Monte Novinho	MNTNVT01	1ª	45,16	01-03-2009	01-03-2020	11,00	4,50	1109	11,63	4,04	14,36	883	17,94	18,65	11,70	87,31	69,48	1039	21,06	22,34	14,23	127,50	103,38
Mourão	MOURAT01	1ª	61,83	01-10-2006	01-10-2016	10,00	6,92	908	14,72	8,38	38,38	815	17,72	17,72	10,99	77,96	61,76	880	19,62	19,62	12,73	99,77	79,88
Parras	PARRAT01	1ª	20,84	01-04-2006	01-04-2017	11,00	7,42	871	21,66	12,92	88,49	769	22,26	22,43	15,50	138,52	112,87	841	24,88	25,90	17,72	183,53	152,32
Pedra Branca	PEDRAT01	1ª	12,22	01-10-2008	01-10-2019	11,00	4,92	993	13,14	6,31	25,50	803	18,44	19,09	12,33	94,02	75,07	934	21,59	22,83	15,87	144,33	117,89
Poldreiras	POLDRT01	1ª	7,40	01-04-2007	01-04-2019	12,00	6,42	914	15,09	7,07	31,29	752	18,40	19,62	11,57	91,38	72,86	865	20,75	23,22	14,42	134,67	109,54
Pomar	POMART01	2ª	28,61	01-01-2005	01-01-2015	10,00	8,67	957	25,07	13,44	104,79	914	24,75	24,75	14,95	149,39	122,28	944	26,44	26,44	15,27	163,80	134,88
Pomar do Varela Sul	POMVST02	1ª	43,40	01-10-2005	01-10-2016	11,00	7,92	933	20,73	11,48	72,05	838	21,48	21,75	14,08	122,61	99,20	905	23,47	24,59	15,56	153,86	126,18
Romeiras	ROMEIT01	1ª	15,69	01-01-2009	01-01-2020	11,00	4,67	676	14,78	7,08	31,95	542	19,54	20,06	11,94	96,44	77,09	635	23,30	24,43	16,85	164,33	135,35
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET01	1ª	3,64	01-12-2004	01-01-2015	10,08	8,75	1629	17,00	17,03	87,87	1554	18,02	18,08	16,57	116,17	93,72	1607	18,89	19,01	18,81	137,81	112,25
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET03	1ª	41,12	01-11-2005	01-11-2016	11,00	7,83	1024	19,96	13,05	80,21	917	20,94	21,28	15,21	128,51	104,25	993	22,90	24,06	17,25	165,13	136,05
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET04	1ª	6,41	01-02-2006	01-02-2017	11,00	7,58	829	20,73	14,67	99,17	735	21,58	21,84	16,27	140,63	114,69	801	23,89	24,98	19,01	188,12	156,41
Três Malhões	TRESMT01	1ª	27,30	01-11-2006	01-11-2017	11,00	6,83	850	19,87	12,82	82,93	735	21,26	21,56	15,39	131,80	107,07	815	24,14	25,21	18,51	185,46	154,04
Vale Fontes	VALEFT01	1ª	20,26	01-11-2006	01-11-2017	11,00	6,83	1305	16,43	11,77	58,09	1128	19,00	19,58	14,70	113,63	91,57	1252	21,27	22,53	17,86	158,55	130,28
Vale Fontes	VALEFT02	1ª	111,13	01-11-2007	01-11-2018	11,00	5,83	1081	15,14	7,71	35,45	902	18,89	19,48	12,84	99,82	79,92	1027	21,72	22,95	15,52	142,25	116,09

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIIS NO SUL DO PAÍS

MODELO GLOBULUS 3.0															
UG	Talhão	Área (ha)	t - idade do povoamento	hdom – altura dominante (m)	Nst – nº de touças	N – nº de varas	G – área basal do povoamento (m2 ha-1)	Vu – volume sem casca e com cepo (m3 ha-1)	Vb - volume da casca (m3 ha-1)	Vs - volume do cepo (m3 ha-1)	V - volume com casca e com cepo (m3 ha-1)	Dg – diâmetro quadrático médio (cm)	Vudi - volume mercantil sem casca e sem cepo (m3 ha-1)	maiV – acréscimo médio anual	S – índice de qualidade da estação
Balsinhas	BALSIT02	42,93	10	20,00	1330	1330	19,50	132,80	28,80	2,60	161,60	13,70	127,40	12,74	20
Balsinhas	BALSIT03	176,25	10	20,40	786	786	15,40	107,30	23,40	2,10	130,70	15,80	103,80	10,38	20
Balsinhas	BALSIT05	78,24	10	19,30	871	871	13,00	85,20	18,70	1,70	104,00	13,80	81,80	8,18	19
Balsinhas	BALSIT08	21,33	10	16,00	1134	1134	12,30	67,30	15,60	1,50	83,00	11,80	63,70	6,37	16
Barradas	BARRAT01	19,09	10	17	715	715	9,50	55,50	12,80	1,20	68,30	13	53	5,30	17
Barradas	BARRAT02	18,69	10	17,80	878	878	9,30	56,20	12,60	1,20	68,80	11,60	53,10	5,31	18
Barranco da Madeira	BAMADT02	7,77	10	19	831	831	12,90	83,60	18,50	1,70	102,10	14	80,30	8,03	19
Barranco do Cão e da Galé	BACAOT01	50,43	10	20,60	1151	1151	13,60	95	20,20	1,80	115,30	12,30	90,40	9,04	21
Besteiros	BESTT01	22,11	10	20,30	891	891	12,40	85,30	18,40	1,60	103,70	13,30	81,70	8,17	20
Brejo Fundo	BREJOT01	6,33	10	16,80	760	760	7	40,20	9,10	0,90	49,30	10,80	37,70	3,77	17
Cabanas	CABANT01	12,06	10	20,60	626	626	10,80	75,90	16,50	1,50	92,40	14,80	73,20	7,32	21
Caeiro	CAEIRT01	8,93	10	19,80	561	561	14,10	96,20	21,50	1,90	117,70	17,90	93,40	9,34	20
Choça	CHOCAT01	35,84	10	22	820	820	16	120	25,40	2,20	145,40	15,80	116,10	11,61	22
Choça	CHOCAT02	35,51	10	20,20	845	845	13,80	95,40	20,70	1,80	116,10	14,40	91,80	9,18	20
Cotofo	COTOF01	28,67	10	18,80	957	957	11,40	72,40	15,90	1,50	88,40	12,30	68,80	6,88	19
Eira da Palha	EIRAPT01	22,68	10	18,70	813	813	11,20	71,70	15,90	1,50	87,60	13,30	68,60	6,86	19
Embarradouro de Cima	EMBART01	28,74	10	20,60	1167	1167	17,80	124,80	26,80	2,40	151,60	13,90	119,90	11,99	21
Fornalha	FORNAT01	18,85	10	19,70	433	433	8,30	56	12,50	1,10	68,50	15,60	54,20	5,42	20
Guená	GUENAT01	11,05	10	19,80	1015	1015	11,80	78,70	17	1,60	95,70	12,10	74,60	7,46	20
Lameiro	LAMEIT01	27,60	10	20,70	904	904	13,90	98	21	1,90	119	14	94,20	9,42	21
Macheirinha	MACHET01	11,31	10	20,90	1202	1202	17,70	125,50	26,80	2,40	152,20	13,70	120,50	12,05	21
Mariolia	MARIOT01	18,06	10	20,40	1048	1048	20,40	142,70	31	2,70	173,70	15,80	138	13,80	21
Mariolia	MARIOT02	17,78	10	17,90	814	814	11,70	71,90	16,20	1,50	88,20	13,50	68,90	6,89	18
Moitas	MOITAT01	44,50	10	22,30	756	756	15,30	116,70	24,60	2,10	141,30	16,10	113,10	11,31	22
Mourão	MOURAT01	61,83	10	18,30	1004	1004	13,30	82,40	18,40	1,70	100,80	13	78,70	7,87	18
Parras	PARRAT01	20,84	10	24,20	566	566	15	124,20	25,70	2,10	149,90	18,40	121	12,10	24
Parras	PARRAT02	20,18	10	21,10	949	949	17,30	124,60	26,70	2,30	151,20	15,20	120,40	12,04	21
Pedra Branca	PEDRAT01	12,22	10	19,80	830	830	14,20	95,70	21	1,90	116,70	14,80	92,30	9,23	20
Poldreiras	POLDRT01	7,40	10	18,60	772	772	11,20	71	15,80	1,50	86,80	13,60	68	6,80	19
Pomar	POMART02	42,21	10	22,90	808	808	12,50	97,40	20,20	1,70	117,50	14,10	93,70	9,37	23
Pomar do Varela Sul	POMVST02	43,40	10	21,80	949	949	14,80	109,10	23	2	132,10	14,10	104,90	10,49	22
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET02	40,03	10	19,60	914	914	18,60	124,40	27,50	2,40	151,90	16,10	120,40	12,04	20
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET03	41,12	10	21,40	1000	1000	15,70	113,90	24,20	2,10	138,10	14,10	109,60	10,96	21
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET04	6,41	10	22	799	799	19,20	144,10	30,80	2,60	174,80	17,50	140	14	22
Três Malhões	TRESMT01	27,30	10	21,60	738	738	16	117,80	25,20	2,20	143	16,60	114,20	11,42	22
Vale Fontes	VALEFT01	20,26	10	19,50	956	956	16,30	108,70	23,90	2,10	132,60	14,70	104,80	10,48	20
Vale Fontes	VALEFT02	111,13	10	19,60	806	806	12,90	86	18,90	1,70	104,90	14,20	82,70	8,27	20
Balsinhas	BALSIT02	42,93	12	21,80	1293	1293	22,30	163,50	34,70	3,00	198,30	14,80	157,80	13,15	20
Balsinhas	BALSIT03	176,25	12	22,20	767	767	17,80	134,10	28,70	2,40	162,70	17,20	130,30	10,86	20
Balsinhas	BALSIT05	78,24	12	21,00	849	849	15,20	108,20	23,30	2,00	131,50	15,10	104,50	8,71	19
Balsinhas	BALSIT08	21,33	12	17,80	1104	1104	14,50	87,90	19,90	1,80	107,80	13,00	84,00	7,00	16
Barradas	BARRAT01	19,09	12	18,90	697	697	11,40	73,60	16,50	1,50	90,10	14,40	70,90	5,91	17
Barradas	BARRAT02	18,69	12	19,70	856	856	11,20	74,60	16,30	1,50	90,90	12,90	71,30	5,94	18
Barranco da Madeira	BAMADT02	7,77	12	21	811	811	15,10	107,40	23,30	2	130,60	15,40	103,80	8,65	19
Barranco do Cão e da Galé	BACAOT01	50,43	12	22,50	1120	1120	15,90	120,50	25,10	2,10	145,60	13,50	115,60	9,63	21
Besteiros	BESTT01	22,11	12	22,20	869	869	14,60	109	23	1,90	132	14,60	105,20	8,77	20
Brejo Fundo	BREJOT01	6,33	12	18,70	741	741	8,60	54,60	12,10	1,10	66,70	12,20	51,90	4,33	17
Cabanas	CABANT01	12,06	12	22,50	611	611	12,80	97,90	20,80	1,80	118,70	16,40	95	7,92	21
Caeiro	CAEIRT01	8,93	12	21,40	548	548	16,40	119,60	26,20	2,20	145,90	19,50	116,60	9,72	20

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIS NO SUL DO PAÍS

MODELO GLOBULUS 3.0															
UG	Talhão	Área (ha)	t - idade do povoamento	hdom – altura dominante (m)	Nst – nº de touças	N – nº de varas	G – área basal do povoamento (m ² ha ⁻¹)	Vu – volume sem casca e com cepo (m ³ ha ⁻¹)	Vb - volume da casca (m ³ ha ⁻¹)	Vs - volume do cepo (m ³ ha ⁻¹)	V - volume com casca e com cepo (m ³ ha ⁻¹)	Dg – diâmetro quadrático médio (cm)	Vudi - volume mercantil sem casca e sem cepo (m ³ ha ⁻¹)	maiV – acréscimo médio anual	S – índice de qualidade da estação
Choça	CHOCAT01	35,84	12	23,80	799	799	18,40	147,80	30,80	2,50	178,50	17,10	143,60	11,97	22
Choça	CHOCAT02	35,51	12	22	824	824	16,10	119,90	25,50	2,20	145,40	15,80	116	9,67	20
Cotofo	COTOFT01	28,67	12	20,60	933	933	13,50	93,70	20,20	1,80	113,90	13,60	89,90	7,49	19
Eira da Palha	EIRAPT01	22,68	12	20,50	793	793	13,30	92,30	20,10	1,70	112,40	14,60	89,10	7,43	19
Embarradouro de Cima	EMBART01	28,74	12	22,50	1136	1136	20,50	155,90	32,80	2,80	188,60	15,20	150,70	12,56	21
Fornalha	FORNAT01	18,85	12	21,50	423	423	10	73,30	16	1,30	89,40	17,30	71,30	5,94	20
Guená	GUENAT01	11,05	12	21,60	989	989	13,90	101,30	21,40	1,90	122,70	13,40	97	8,08	20
Lameiro	LAMEIT01	27,60	12	22,60	881	881	16,20	123,90	26	2,20	150	15,30	119,80	9,98	21
Macheirinha	MACHET01	11,31	12	22,70	1170	1170	20,30	155,80	32,60	2,70	188,40	14,90	150,50	12,54	21
Mariolia	MARIOT01	18,06	12	22,30	1021	1021	23,20	175,20	37,30	3,10	212,50	17	170,20	14,18	21
Mariolia	MARIOT02	17,78	12	19,80	794	794	13,80	93	20,50	1,80	113,50	14,90	89,80	7,48	18
Moitas	MOITAT01	44,50	12	24,10	737	737	17,70	144,10	29,90	2,40	173,90	17,50	140,20	11,68	22
Mourão	MOURAT01	61,83	12	20,10	978	978	15,50	105,60	23,10	2	128,70	14,20	101,60	8,47	18
Parras	PARRAT01	20,84	12	26	553	553	17,30	153	31,20	2,50	184,20	20	149,60	12,47	24
Parras	PARRAT02	20,18	12	23	925	925	19,80	154,30	32,40	2,70	186,70	16,50	149,90	12,49	21
Pedra Branca	PEDRAT01	12,22	12	21,70	809	809	16,50	121,70	26,10	2,20	147,70	16,10	117,90	9,83	20
Poldreiras	POLDRT01	7,40	12	20,50	753	753	13,20	92	20,10	1,80	112,10	15	88,80	7,40	19
Pomar	POMART02	42,21	12	24,60	788	788	14,70	121,90	24,80	2,10	146,80	15,40	118,10	9,84	23
Pomar do Varela Sul	POMVST02	43,40	12	23,50	925	925	17,10	135,70	28,10	2,30	163,80	15,40	131,40	10,95	22
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET02	40,03	12	21,50	890	890	21,20	154,60	33,40	2,80	188,10	17,40	150,30	12,53	20
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET03	41,12	12	23,30	974	974	18,20	142,90	29,70	2,50	172,60	15,40	138,30	11,53	21
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET04	6,41	12	23,90	779	779	21,80	177,10	37,10	3	214,10	18,90	172,70	14,39	22
Três Malhões	TRESMT01	27,30	12	23,50	720	720	18,40	146,90	30,80	2,50	177,70	18,10	143	11,92	22
Vale Fontes	VALEFT01	20,26	12	21,50	931	931	18,80	137	29,50	2,50	166,50	16	132,70	11,06	20
Vale Fontes	VALEFT02	111,13	12	21,60	786	786	15,10	110,20	23,60	2	133,90	15,60	106,70	8,89	20
Balsinhas	BALSIT02	42,93	14	23,30	1258	1258	24,60	191,80	40,10	3,30	231,90	15,80	185,90	13,28	20
Balsinhas	BALSIT03	176,25	14	23,70	748	748	19,90	159,30	33,50	2,70	192,80	18,40	155,20	11,09	20
Balsinhas	BALSIT05	78,24	14	22,50	828	828	17,20	130,10	27,60	2,30	157,70	16,30	126,20	9,01	19
Balsinhas	BALSIT08	21,33	14	19,40	1075	1075	16,50	108,00	24,00	2,10	132,00	14,00	103,90	7,42	16
Barradas	BARRAT01	19,09	14	20,60	680	680	13,10	91,60	20,20	1,70	111,80	15,70	88,70	6,34	17
Barradas	BARRAT02	18,69	14	21,30	835	835	12,90	92,80	20	1,70	112,80	14	89,30	6,38	18
Barranco da Madeira	BAMADT02	7,77	14	22,60	791	791	17,10	130,40	27,70	2,30	158,10	16,60	126,60	9,04	19
Barranco do Cão e da Galé	BACAT01	50,43	14	24	1090	1090	18	144,60	29,70	2,50	174,30	14,50	139,60	9,97	21
Besteiros	BESTT01	22,11	14	23,80	847	847	16,50	131,70	27,40	2,20	159,10	15,80	127,70	9,12	20
Brejo Fundo	BREJOT01	6,33	14	20,40	723	723	10,10	69,20	15,10	1,30	84,40	13,30	66,40	4,74	17
Cabanas	CABANT01	12,06	14	24,10	596	596	14,70	119,30	25	2	144,30	17,70	116,10	8,29	21
Caeiro	CAEIRT01	8,93	14	22,80	535	535	18,30	141,80	30,60	2,50	172,40	20,90	138,50	9,89	20
Choça	CHOCAT01	35,84	14	25,20	780	780	20,50	173,60	35,70	2,90	209,30	18,30	169,20	12,09	22
Choça	CHOCAT02	35,51	14	23,50	803	803	18,10	143	30	2,50	173	17	139	9,93	20
Cotofo	COTOFT01	28,67	14	22,20	909	909	15,40	114,40	24,30	2	138,70	14,70	110,40	7,89	19
Eira da Palha	EIRAPT01	22,68	14	22	773	773	15,10	112,40	24	2	136,40	15,80	108,90	7,78	19
Embarradouro de Cima	EMBART01	28,74	14	24,20	1106	1106	22,80	185	38,20	3,10	223,20	16,20	179,50	12,82	21
Fornalha	FORNAT01	18,85	14	23,10	414	414	11,50	90,50	19,50	1,60	109,90	18,90	88,20	6,30	20
Guená	GUENAT01	11,05	14	23,20	963	963	15,90	123	25,60	2,20	148,70	14,50	118,60	8,47	20
Lameiro	LAMEIT01	27,60	14	24,20	859	859	18,30	148,60	30,70	2,50	179,30	16,50	144,30	10,31	21
Macheirinha	MACHET01	11,31	14	24,30	1139	1139	22,60	184,10	37,90	3,10	222	15,90	178,60	12,76	21
Mariolia	MARIOT01	18,06	14	23,90	994	994	25,50	205,30	43	3,50	248,20	18,10	200	14,29	21
Mariolia	MARIOT02	17,78	14	21,40	774	774	15,70	113,50	24,60	2,10	138,10	16,10	110	7,86	18
Moitas	MOITAT01	44,50	14	25,50	719	719	19,80	169,60	34,70	2,80	204,30	18,70	165,50	11,82	22
Mourão	MOURAT01	61,83	14	21,70	953	953	17,60	127,90	27,50	2,30	155,30	15,30	123,70	8,84	18

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIS NO SUL DO PAÍS

MODELO GLOBULUS 3.0															
UG	Talhão	Área (ha)	t - idade do povoamento	hdom – altura dominante (m)	Nst – nº de touças	N – nº de varas	G – área basal do povoamento (m2 ha-1)	Vu – volume sem casca e com cepo (m3 ha-1)	Vb - volume da casca (m3 ha-1)	Vs - volume do cepo (m3 ha-1)	V - volume com casca e com cepo (m3 ha-1)	Dg – diâmetro quadrático médio (cm)	Vudi - volume mercantil sem casca e sem cepo (m3 ha-1)	maiV – acréscimo médio anual	S – índice de qualidade da estação
Parras	PARRAT01	20,84	14	27,50	540	540	19,40	179,90	36,20	2,80	216,20	21,40	176,20	12,59	24
Parras	PARRAT02	20,18	14	24,60	901	901	22	182,10	37,60	3	219,80	17,60	177,40	12,67	21
Pedra Branca	PEDRAT01	12,22	14	23,40	789	789	18,60	146,50	30,90	2,50	177,30	17,30	142,50	10,18	20
Poldreiras	POLDRT01	7,40	14	22,10	734	734	15,10	112,40	24,10	2	136,60	16,20	109	7,79	19
Pomar	POMART02	42,21	14	26,10	768	768	16,60	145,10	29,20	2,30	174,30	16,60	141,10	10,08	23
Pomar do Varela Sul	POMVST02	43,40	14	25	901	901	19,20	160,70	32,80	2,60	193,60	16,50	156,10	11,15	22
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET02	40,03	14	23,10	868	868	23,50	183	38,90	3,20	221,90	18,60	178,40	12,74	20
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET03	41,12	14	25	949	949	20,40	170,30	34,80	2,80	205,10	16,50	165,50	11,82	21
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET04	6,41	14	25,50	760	760	24,10	207,70	42,80	3,40	250,50	20,10	203,10	14,51	22
Três Malhões	TRESMT01	27,30	14	25,10	702	702	20,60	174,40	36	2,90	210,40	19,30	170,20	12,16	22
Vale Fontes	VALEFT01	20,26	14	23,10	908	908	21,10	163,80	34,60	2,80	198,40	17,20	159,30	11,38	20
Vale Fontes	VALEFT02	111,13	14	23,20	767	767	17,10	133,60	28,20	2,30	161,80	16,80	129,80	9,27	20
Balsinhas	BALSIT02	42,93	16	24,50	1223	1223	26,70	217,90	45	3,60	262,80	16,70	211,70	13,23	20
Balsinhas	BALSIT03	176,25	16	25	730	730	21,80	183	38	3	221	19,50	178,70	11,17	20
Balsinhas	BALSIT05	78,24	16	23,80	807	807	19	150,80	31,60	2,60	182,40	17,30	146,70	9,17	19
Balsinhas	BALSIT08	21,33	16	20,70	1046	1046	18,30	127,30	27,80	2,40	155,10	14,90	123	7,69	16
Barradas	BARRAT01	19,09	16	22	664	664	14,70	109,20	23,70	1,90	132,90	16,80	106,10	6,63	17
Barradas	BARRAT02	18,69	16	22,80	814	814	14,50	110,60	23,40	2	134,10	15,10	107	6,69	18
Barranco da Madeira	BAMADT02	7,77	16	24	771	771	18,90	152,30	32	2,60	184,30	17,70	148,30	9,27	19
Barranco do Cão e da Galé	BACAO T01	50,43	16	25,40	1062	1062	19,90	167,30	33,90	2,70	201,30	15,40	162,20	10,14	21
Besteiros	BESTT01	22,11	16	25,10	825	825	18,30	153,40	31,50	2,50	184,90	16,80	149,20	9,33	20
Brejo Fundo	BREJOT01	6,33	16	21,80	705	705	11,50	83,80	18	1,50	101,90	14,40	80,90	5,06	17
Cabanas	CABANT01	12,06	16	25,50	582	582	16,30	139,90	28,90	2,30	168,80	18,90	136,50	8,53	21
Caeiro	CAEIRT01	8,93	16	24	522	522	20,10	162,50	34,70	2,70	197,20	22,10	159	9,94	20
Choça	CHOCAT01	35,84	16	26,40	760	760	22,40	197,60	40,10	3,10	237,70	19,40	193	12,06	22
Choça	CHOCAT02	35,51	16	24,70	783	783	19,90	164,80	34,10	2,70	198,90	18	160,50	10,03	20
Cotofo	COTOFT01	28,67	16	23,60	886	886	17,10	134,20	28,10	2,30	162,30	15,70	130,10	8,13	19
Eira da Palha	EIRAPT01	22,68	16	23,40	754	754	16,80	131,50	27,80	2,20	159,30	16,90	127,90	7,99	19
Embarradouro de Cima	EMBART01	28,74	16	25,60	1076	1076	24,90	212,10	43,30	3,40	255,40	17,20	206,50	12,91	21
Fornalha	FORNAT01	18,85	16	24,40	404	404	13	107,20	22,80	1,80	129,90	20,20	104,80	6,55	20
Guená	GUENAT01	11,05	16	24,50	938	938	17,60	143,70	29,60	2,40	173,30	15,50	139,20	8,70	20
Lameiro	LAMEIT01	27,60	16	25,50	837	837	20,20	171,80	35,10	2,80	206,90	17,50	167,30	10,46	21
Macheirinha	MACHET01	11,31	16	25,70	1108	1108	24,60	210,30	42,70	3,40	253	16,80	204,60	12,79	21
Mariolia	MARIOT01	18,06	16	25,20	969	969	27,60	233	48,10	3,80	281,10	19	227,50	14,22	21
Mariolia	MARIOT02	17,78	16	22,70	755	755	17,50	133,20	28,50	2,30	161,60	17,20	129,50	8,09	18
Moitas	MOITAT01	44,50	16	26,80	702	702	21,60	193,40	39,20	3	232,50	19,80	189	11,81	22
Mourão	MOURAT01	61,83	16	23	928	928	19,40	149,10	31,60	2,60	180,60	16,30	144,70	9,04	18
Parras	PARRAT01	20,84	16	28,80	528	528	21,20	205,10	40,80	3,10	245,90	22,60	201,10	12,57	24
Parras	PARRAT02	20,18	16	25,90	878	878	24	208	42,40	3,30	250,50	18,60	203,10	12,69	21
Pedra Branca	PEDRAT01	12,22	16	24,80	769	769	20,50	170	35,30	2,80	205,30	18,40	165,80	10,36	20
Poldreiras	POLDRT01	7,40	16	23,40	716	716	16,80	132,10	28	2,30	160,10	17,30	128,50	8,03	19
Pomar	POMART02	42,21	16	27,30	749	749	18,40	166,90	33,30	2,60	200,20	17,70	162,70	10,17	23
Pomar do Varela Sul	POMVST02	43,40	16	26,30	878	878	21	184	37,20	2,90	221,20	17,50	179,30	11,21	22
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET02	40,03	16	24,50	846	846	25,50	209,50	43,90	3,50	253,40	19,60	204,60	12,79	20
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET03	41,12	16	26,40	925	925	22,30	195,90	39,60	3,10	235,50	17,50	190,90	11,93	21
Romeiro e Desmoitadas	ROMDET04	6,41	16	26,90	741	741	26,20	236,20	48	3,70	284,20	21,20	231,20	14,45	22
Três Malhões	TRESMT01	27,30	16	26,50	685	685	22,50	200,10	40,80	3,20	241	20,50	195,80	12,24	22
Vale Fontes	VALEFT01	20,26	16	24,50	885	885	23	189	39,40	3,10	228,40	18,20	184,30	11,52	20
Vale Fontes	VALEFT02	111,13	16	24,60	748	748	18,90	155,90	32,40	2,60	188,30	17,90	151,80	9,49	20

ANEXO V – Contribuição do PGF para os objetivos do PROF

PROF ALGARVE		
Objetivos específicos	Justificação	
Obj.1 Diminuir o número de ignições de incêndios florestais.	✓	Controlo da carga de combustível em locais de maior risco através da silvicultura propriamente dita e também compartimentação dos maciços florestais
Obj.2 Diminuir a área queimada.	✓	Redução da continuidade horizontal da vegetação de forma a garantir que não subsistam grandes manchas contínuas de vegetação
Obj.3 Promover o redimensionamento das explorações florestais de forma a otimizar a sua gestão.	✓	A agregação dos diversos prédios rústicos contínuos em UG, permite criar alguma dimensão nas exploração. As futuras aquisições irão privilegiar os prédios confinantes.
Obj.4 Aumentar o conhecimento sobre a silvicultura das espécies florestais.	✓	Utilização de modelos de silvicultura adequados às potencialidades silvícolas da região e das espécies presentes
Obj.5 Monitorizar o desenvolvimento dos espaços florestais e o cumprimento do plano.	✓	Atualização da cartografia de ocupação dos espaços florestais. Realização periódica de inventários florestais para a caracterização dos recursos.
Sub-região homogénea Monchique	Justificação	
Obj. 1 Recuperar os espaços florestais, sobretudo os queimados, através da arborização com espécies de elevado potencial produtivo.	✓	Os eucaliptais são de origem de rearborezação, maioritariamente de ardidos
Obj. 2 Promover a produção de produtos não-lenhosos		
Obj. 3 Recuperar as áreas em situação de maior risco de erosão.	✓	Restauro de funções hidrológicas nas linhas de água. Compartimentação dos maiores maciços por cortes faseados
Obj. 4 Adequar a gestão dos espaços florestais aos objectivos de conservação dos habitats, da fauna e da flora.	✓	O contributo é significativo atendendo a que se propõem medidas para a conservação da totalidade dos habitats classificados.
Obj. 5 Favorecer e expandir os habitats com elevado valor ecológico e de suporte à fauna e flora protegida, em especial os habitats de suporte ao Lince-ibérico e à Águia de Bonelli.	✓	Na UG Barrada foi identificado um ninho da Águia de Bonelli pelo que foi delimitada uma zona de conservação de eucalipto a não a abater
Obj. 6 Adequar os espaços florestais à crescente procura de valores paisagísticos e de actividades de recreio, de forma equilibrada e em consonância com os objectivos de conservação da sub-região.		
Obj. 7 Aumentar o nível de gestão dos recursos apícolas e o conhecimento sobre a actividade apícola e integrar a actividade na cadeia de produção de produtos certificados.	✓	A EGLON não produz mel mas permite a utilização apícola de algumas propriedades
Obj.8 Ordenar a actividade cinegética, enquadrando-a com a recuperação das aldeias serranas e com os objectivos de conservação e da actividade de recreio, nos espaços florestais.		
Obj.9 Desenvolver a actividade silvopastoril.	✓	A EGLON não explora a silvopastorícia mas permite a utilização pastoril de algumas propriedades.
Obj.10 Desenvolver a prática da pesca nas águas interiores.		
Sub-região homogénea Meia Serra	Justificação	
Obj. 1 Ordenar a actividade cinegética.		
Obj. 2 Desenvolver a actividade silvopastoril.	✓	A EGLON não explora a silvopastorícia mas permite a utilização pastoril de algumas propriedades.
Obj. 3 Desenvolver a prática da pesca nas águas interiores.		
Obj. 4 Aumentar o nível de gestão dos recursos apícolas e integrar a actividade na cadeia de produção de produtos certificados.	✓	A EGLON não produz mel mas permite a utilização apícola de algumas propriedades
Obj. 5 Recuperar as áreas em situação de maior risco de erosão.	✓	Restauro de funções hidrológicas nas linhas de água. Compartimentação dos maiores maciços por cortes faseados
Obj. 6 Controlar e mitigar os processos associados à desertificação.	✓	Silvicultura das plantações integradas na paisagem, compartimentadas e estabelecendo mosaicos com áreas naturais. Limitação de área máxima de corte. Utilização preferencial de empresas com mão-de-obra especializada de origem local e regional.
Obj.7 Recuperar os espaços florestais, sobretudo os queimados, de acordo com o potencial produtivo da subregião.	✓	Os eucaliptais são de origem de rearborezação, maioritariamente de ardidos
Obj.8 Controlar o declínio dos sobreiros.	✓	Conservação e manutenção dos montados de sobre existentes.
Obj.9 Promover a produção de produtos não-lenhosos		
Obj.10 Favorecer e expandir os habitats com elevado valor ecológico e de suporte à fauna e flora protegida		
PROF ALENTEJO LITORAL		
Objetivos específicos	Justificação	
Obj. 1 Promoção do uso múltiplo e da fixação das populações.	✓	Utilização preferencial de empresas com mão-de-obra especializada de origem local e regional.
Obj. 2 Promoção do potencial produtivo dos povoamentos.	✓	Promoção do potencial produtivo dos povoamentos com uma intervenção dinâmica na sua adaptação, beneficiação e protecção.
Obj. 3 Expansão da área florestal por arborização dos espaços arbustivos ou abandonados		
Obj.4 Controlo do risco de incêndio.	✓	Controlo da carga de combustível em locais de maior risco através da silvicultura propriamente dita e também compartimentação dos maciços florestais
Obj. 5 Controlo do estado sanitário dos povoamentos.	✓	Promove-se o controlo de riscos bióticos através de medidas sanitárias de prevenção, para as principais pragas que afectam os povoamentos.
Obj. 6 Delineamento de um quadro de financiamento da floresta e adequação da política fiscal.		
Obj. 7 Fomento do associativismo.		
Sub-região homogénea Serra do Algarve	Justificação	
Obj. 1 Recuperar os espaços florestais, sobretudo os queimados, através da arborização com espécies de elevado potencial produtivo.	✓	Os eucaliptais são de origem de rearborezação, maioritariamente de ardidos
Obj. 2 Desenvolver a actividade silvopastoril.	✓	A EGLON não explora a silvopastorícia mas permite a utilização pastoril de algumas propriedades.
Obj. 3 Desenvolver a actividade apícola.	✓	A EGLON não produz mel mas permite a utilização apícola de algumas propriedades

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIIS NO SUL DO PAÍS

PROF ALENTEJO LITORAL		
Sub-região homogénea Serra do Algarve	Justificação	
Obj. 4 Aumentar a actividade associada à caça, enquadrando-a com a actividade silvopastoril e conservação.		
Obj. 5 Adequar a gestão dos espaços florestais às necessidades de conservação dos habitats, de fauna e da flora classificados.	✓	O contributo é significativo atendendo a que se propõem medidas para a conservação da totalidade dos habitats classificados.
Obj. 6 Controlar e mitigar os processos associados à desertificação.	✓	Silvicultura das plantações integradas na paisagem, compartimentadas e estabelecendo mosaicos com áreas naturais. Limitação de área máxima de corte. Utilização preferencial de empresas com mão-de-obra especializada de origem local e regional.
Obj. 7 Recuperar as áreas em situação de maior risco de erosão.	✓	Restauro de funções hidrológicas nas linhas de água. Compartimentação dos maiores maciços por cortes faseados
Obj. 8 Diminuir o número de ocorrências de fogos florestais e área queimada.	✓	Redução da continuidade horizontal da vegetação de forma a garantir que não subsistam grandes manchas contínuas de vegetação
Sub-região homogénea Colinas de Odemira	Justificação	
Obj. 1 Diversificar a ocupação dos espaços florestais arborizados com espécies que apresentem bons potenciais produtivos.		
Obj. 2 Sensibilizar os proprietários para o correcto aproveitamento de matos e resíduos florestais para fins energéticos.		
Obj. 3 Desenvolver a actividade silvopastoril.	✓	A EGLON não explora a silvopastorícia mas permite a utilização pastoril de algumas propriedades.
Obj. 4 Aumentar a actividade associada à caça		
Obj. 5 Recuperar as áreas em situação de maior risco de erosão.	✓	Restauro de funções hidrológicas nas linhas de água. Compartimentação dos maiores maciços por cortes faseados
Obj. 6 Diminuir o número de ocorrências de fogos florestais.	✓	Redução da continuidade horizontal da vegetação de forma a garantir que não subsistam grandes manchas contínuas de vegetação
PROF BAIXO ALENTEJO		
Objetivos específicos	Justificação	
Obj. 1 Diminuição de ocorrências e área queimada.	✓	Redução da continuidade horizontal da vegetação de forma a garantir que não subsistam grandes manchas contínuas de vegetação
Obj. 2 Promover o redimensionamento das explorações florestais de forma a otimizar a sua gestão.	✓	A agregação dos diversos prédios rústicos contínuos em UG, permite criar alguma dimensão nas exploração. As futuras aquisições irão privilegiar os prédios confinantes.
Obj. 3 Aumentar o conhecimento sobre a silvicultura das espécies florestais.	✓	Utilização de modelos de silvicultura adequados às potencialidades silvícolas da região e das espécies presentes
Obj. 4 Monitorizar o desenvolvimento dos espaços florestais e o cumprimento do plano.	✓	Atualização da cartografia de ocupação dos espaços florestais. Realização periódica de inventários florestais para a caracterização dos recursos.
Sub-região homogénea Almodôvar	Justificação	
Obj. 1 Recuperar os espaços florestais, sobretudo os queimados, através da arborização com espécies de elevado potencial produtivo.	✓	Os eucaliptais são de origem de re-arborização, maioritariamente de ardidos
Obj. 2 Promover a produção de produtos não-lenhosos		
Obj. 3 Desenvolver a actividade silvopastoril.	✓	A EGLON não explora a silvopastorícia mas permite a utilização pastoril de algumas propriedades.
Obj. 4 Desenvolver a actividade apícola.	✓	A EGLON não produz mel mas permite a utilização apícola de algumas propriedades
Obj. 5 Aumentar a actividade associada à caça, enquadrando-a com a actividade silvopastoril e conservação.		
Obj. 6 Adequar a gestão dos espaços florestais às necessidades de conservação dos habitats, de fauna e da flora classificados.	✓	O contributo é significativo atendendo a que se propõem medidas para a conservação da totalidade dos habitats classificados.
Obj. 7 Controlar e mitigar os processos associados à desertificação.	✓	Silvicultura das plantações integradas na paisagem, compartimentadas e estabelecendo mosaicos com áreas naturais. Limitação de área máxima de corte. Utilização preferencial de empresas com mão-de-obra especializada de origem local e regional.
Obj. 8 Recuperar as áreas em situação de maior risco de erosão.	✓	Restauro de funções hidrológicas nas linhas de água. Compartimentação dos maiores maciços por cortes faseados
Obj. 9 Recuperar os espaços florestais, sobretudo os mais debilitados em termos de fitossanidade, através da arborização com espécies de elevado potencial produtivo.		
Sub-região homogénea Margem Esquerda	Justificação	
Obj. 1 Controlar e mitigar os processos associados à desertificação.	✓	Silvicultura das plantações integradas na paisagem, compartimentadas e estabelecendo mosaicos com áreas naturais. Limitação de área máxima de corte. Utilização preferencial de empresas com mão-de-obra especializada de origem local e regional.
Obj. 2 Recuperar as áreas em situação de maior risco de erosão.	✓	Restauro de funções hidrológicas nas linhas de água. Compartimentação dos maiores maciços por cortes faseados
Obj. 3 Aumentar a actividade associada à caça.		
Obj. 4 Desenvolver a prática da pesca nas águas interiores integrada com os objectivos de conservação.		
Obj. 5 Desenvolver a actividade silvopastoril.	✓	A EGLON não explora a silvopastorícia mas permite a utilização pastoril de algumas propriedades.
Obj. 6 Adequar a gestão dos espaços florestais às necessidades de conservação dos habitats, de fauna e da flora classificados.	✓	O contributo é significativo atendendo a que se propõem medidas para a conservação da totalidade dos habitats classificados.
Obj. 7 Adequar os espaços florestais à crescente procura de actividades de recreio e de espaços com interesse paisagístico.		
Obj. 8 Recuperar os espaços florestais, sobretudo os mais debilitados em termos de fitossanidade, através da arborização com espécies de elevado potencial produtivo.		
Obj. 9 Aumentar o nível de gestão dos recursos apícolas e o conhecimento sobre a actividade apícola e integrar a actividade na cadeia de produção de produtos certificados.	✓	A EGLON não produz mel mas permite a utilização apícola de algumas propriedades

ANEXO VI – Fichas de caracterização das áreas de conservação e de proteção

MONTADO DE AZINHO	
Área de:	Conservação
Distribuição na UGF:	Pau e Corna
Valor(es) de Conservação:	<p>Presença de habitats naturais e seminaturais de interesse comunitário:</p> <ul style="list-style-type: none"> 6310 Montados de <i>Quercus</i> spp. de folha perene <p>Espécies ameaçadas ou endémicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> Potencial presença das seguintes espécies de anfíbios: Rã-de-focinho-pontagudo <i>Discoglossus galganoi</i> (endemismo ibérico) Potencial presença das seguintes espécies de aves: Águia de Bonelli <i>Hieraaetus fasciatus</i> (em perigo) Águia-real <i>Aquila chrysaetos</i> (em perigo), Narceja-comum <i>Gallinago gallinago</i> (criticamente em perigo) Potencial presença das seguintes espécies de mamíferos: Lince-ibérico <i>Lynx pardinus</i> (criticamente em perigo/endemismo ibérico), Gato-bravo <i>Felis silvestris</i> (vulnerável) Os quirópteros não foram inventariados, por isso, não são referenciados as espécies arborícolas passíveis de ocorrer na zona, contudo, devido ao número elevado de espécies com estatuto de ameaçado, será adotada uma posição conservadora na proteção deste grupo)
Data de identificação:	Fevereiro 2014
Descrição dos atributos de VC:	<p>Justificação classificação:</p> <p>O bosque de <i>Q. rotdundifolia</i> em Pau e Corna apresenta-se bem conservado, com um grau de alteração antrópica moderado e um grau pouco significativo de invasão por arbustos heliófilos.</p>
Principais ameaças:	<ul style="list-style-type: none"> Envelhecimento e desadensamento por ausência de regeneração, stress funcional; Pragas e doenças; Sobrepastoreio; Desinteresse por parte dos agentes económicos, consequente adensamento e reconversão em sobreiral ou azinhal. Arborização estreme ou em consociação com espécies estranhas ao montado (e.g. <i>Pinus sp. pl.</i>). Incêndios nos montados densos.
Orientações de gestão para a Área de Conservação (adaptadas do PSRN2000, do PROF's e avaliadas no terreno):	<ul style="list-style-type: none"> Promover e ordenar a regeneração natural, gerindo o adensamento de parcelas do montado. Ordenar o pastoreio. Manter/criar um mosaico de compartimentos de diferentes idades, oferecendo melhores condições de habitat para a fauna e flora, permitindo uma maior diversidade. Limpeza do sub-coberto arbustivo e herbáceo: a. Só se deve efetuar para reduzir significativamente o risco de incêndio. b. Promover a gestão de matos compatível com a manutenção dos seus valores florísticos devendo proceder-se a limpezas por manchas ou faixas. c. Deve ser dada preferência ao corta-mato ou motoroçadora, uma vez que elimina a parte aérea da vegetação concorrente, sem danificar o sistema radicular das árvores. Manter sobre o solo resíduos lenhosos grosseiros – segmentos de troncos e ramos – pois isso favorece a abundância e riqueza de insetos, répteis, anfíbios, aves insectívoras e pequenos mamíferos. Manter árvores longevas e mortas de pé pois podem beneficiar uma comunidade bastante diversificada de insetos, aves e pequenos mamíferos. Durante as intervenções florestais, em caso de deteção de um ninho ocupado deverá ser deixada uma zona de segurança livre de atividade, a fim de não perturbar a área de nidificação. Planear as intervenções florestais para os períodos menos críticos do ponto de vista da sobrevivência da fauna, como o da reprodução. Se possível, deixar certas zonas do povoamento livres de perturbação, a fim de respeitar as necessidades em tranquilidade dos animais. Recuperação de carvalhais degradados (arbustivos e/ou de baixo grau de cobertura do estrato arbóreo), nomeadamente através de: condução das árvores de regeneração natural (limpezas e podas); eliminação do pastoreio; redução do risco de incêndio.

FLORESTAS E/OU MONTADOS DE SOBRO	
Área de:	Conservação
Distribuição na UGF:	Balsinhas; Barradas; Barranco do Cão e da Galé; Barranco do Carvalho; Besteiros; Botelhão; Caeiro; Cerca Velha; Choça; Eira da Palha; Embarradouro de Cima; Estrecadas; Fornalha; Foz do Zevinho; Herdade da Cascalheira; Macheirinha; Marianes; Mariolia; Moitas; Monte Novinho; Mourão; Parras; Pau e Corna; Romeiro e Desmoitadas; Três Malhões; Vale da Torre; Vale Fontes
Valor(es) de Conservação:	<p>Presença de habitats naturais e seminaturais de interesse comunitário:</p> <ul style="list-style-type: none"> 9330 Florestas de <i>Quercus suber</i> 6310 Montados de <i>Quercus</i> spp. de folha perene 4030 Charnecas secas europeias. Subtipo 4030pt5 Urzais, urzais-estevais e tojais estevais baixo alentejano-monchiquenses e algarvios. <p>Espécies ameaçadas ou endémicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> Potencial presença das seguintes espécies de anfíbios: Rã-de-focinho-pontagudo <i>Discoglossus galganoi</i> (endemismo ibérico) Potencial presença das seguintes espécies de aves: Águia de Bonelli <i>Hieraaetus fasciatus</i> (em perigo) Águia-real <i>Aquila chrysaetos</i> (em perigo), Narceja-comum <i>Gallinago gallinago</i> (criticamente em perigo) Potencial presença das seguintes espécies de mamíferos: Lince-ibérico <i>Lynx pardinus</i> (criticamente em perigo/endemismo ibérico), Gato-bravo <i>Felis silvestris</i> (vulnerável), Morcego de peluche <i>Miniopterus schreibersi</i> (vulnerável), Morcego-de-ferradura-grande <i>Rhinolophus ferrumequinum</i> (vulnerável), Morcego-de-ferradura-pequeno <i>Rhinolophus hipposideros</i> (vulnerável), Morcego-rato-pequeno <i>Myotis blythii</i> (criticamente ameaçado), Rato da cabreira <i>Microtus cabrerai</i> (vulnerável/endemismo ibérico) Os quirópteros não foram inventariados, por isso, não são referenciados as espécies arborícolas passíveis de ocorrer na zona, contudo, devido ao número elevado de espécies com estatuto de ameaçado, será adotada uma posição conservadora na proteção deste grupo)
Data de identificação:	Fevereiro 2014

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIIS NO SUL DO PAÍS

Descrição dos atributos de VC:	Justificação classificação: Bosques de sobreiro em vários estados de evolução. Estas manchas funcionam como <i>stepping stones</i> promovendo a ligação entre as linhas de água, aumento a capacidade de dispersão de diversas espécies faunísticas, mas também promovem a heterogeneidade na paisagem, promovendo o aumento da biodiversidade.
Principais ameaças:	<ul style="list-style-type: none"> Alteração do uso do solo; Incêndios; Planeamento florestal desadequado, incluindo: aceiramento abusivo; desmatação" do sub-bosque para prevenção de incêndios, como medida de ordenamento cinegético, etc.; substituição por arborizações com espécies florestais de crescimento rápido; Características culturais atávicas (limpeza dos sobreirais como prova de cuidado); Escassez de informação sobre a naturalidade e o valor do habitat para a conservação.
Orientações de gestão para a Área de Conservação (adaptadas do PSRN2000, do PROF's e avaliadas no terreno):	<ul style="list-style-type: none"> Interditar alterações ao uso do solo na área de ocupação do habitat, e.g. expansão do uso agrícola, florestação com espécies de crescimento rápido e expansão urbana. Executar medidas orientadas para a prevenção e a redução de risco de incêndio. Reforçar a fiscalização sobre a deposição de resíduos na área de ocupação do habitat. Deve ser garantida a minimização dos fatores de ameaça mais diretos (cortes, devassa, perturbação do sub-bosque, destruição parcial ou total); Se o sobreiral estiver invadido por árvores exóticas ou espontâneas ecologicamente alheias a este habitat, estas devem ser removidas; Nas manchas em regeneração, o processo de estabelecimento da dominância de árvores deve ser facilitado pelo desbaste seletivo de varas muito densas e indivíduos muito juntos ou dominados, favorecendo os maiores; Deve ser preservada, na medida do possível, a orla natural de matagal alto (medronhal, carrascal, etc.) pois esta estrutura faz parte do sistema vegetacional do bosque, protegendo da ação microclimática da insolação e vento, assim como de herbívoros e da vegetação heliófila ou nitrófila agressiva, tendente a invadir o interior do bosque; Redução de risco de incêndio, nomeadamente através da limpeza de caminhos e de orlas arbustivas, redução do grau de cobertura da vegetação arbustiva subserial vizinha por métodos mecânicos, criação de pontos de água e abertura de aceiros.

MEDRONHAL	
Área de:	Conservação
Distribuição na UGF:	Nevoeira; Vale da Torre
Valor(es) de Conservação:	<p>Presença de habitats naturais e seminaturais de interesse comunitário:</p> <ul style="list-style-type: none"> 5330 Matos termomediterrânicos pré-desérticos. Subtipo 5330pt3 Medronhais 4030 Charnecas secas europeias. Subtipo 4030pt5 Urzais, urzais-estevais e tojais estevais baixo alentejano-monchiquenses e algarvios. <p>Espécies ameaçadas ou endémicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> Potencial presença das seguintes espécies de anfíbios: Rã-de-focinho-pontiagudo <i>Discoglossus galganoi</i> (endemismo ibérico) Potencial presença das seguintes espécies de aves: Águia de Bonelli <i>Hieraaetus fasciatus</i> (em perigo) Águia-real <i>Aquila chrysaetos</i> (em perigo), Narceja-comum <i>Gallinago gallinago</i> (criticamente em perigo) Potencial presença das seguintes espécies de mamíferos: Lince-ibérico <i>Lynx pardinus</i> (criticamente em perigo/endemismo ibérico), Gato-bravo <i>Felis silvestris</i> (vulnerável), Morcego de peluche <i>Miniopterus schreibersi</i> (vulnerável), Morcego-de-ferradura-grande <i>Rhinolophus ferrumequinum</i> (vulnerável), Morcego-de-ferradura-pequeno <i>Rhinolophus hipposideros</i> (vulnerável), Morcego-rato-pequeno <i>Myotis blythii</i> (criticamente ameaçado), Rato da cabreira <i>Microtus cabrerai</i> (vulnerável/endemismo ibérico) Os quirópteros não foram inventariados, por isso, não são referenciados as espécies arborícolas passíveis de ocorrer na zona, contudo, devido ao número elevado de espécies com estatuto de ameaçado, será adotada uma posição conservadora na proteção deste grupo)
Data de identificação:	Fevereiro 2014
Descrição dos atributos de VC:	Justificação classificação: Esta AC é caracterizada por matagais altos dominados por <i>Arbutus unedo</i> de características pré-florestais e por diferentes combinações de <i>Stauracanthus boivinii</i> e/ou de <i>Ulex argenteus subsp. Argenteus</i> , <i>Calluna vulgaris</i> , <i>Cistus ladanifer</i> , <i>Erica umbellata</i> , <i>Genista triacanthus</i> . Está também localizada ao longo das linhas de água, onde por vezes a vegetação é mais desenvolvida, podendo incluir muito medronho, alguns já com porte arbóreo.
Principais ameaças:	<ul style="list-style-type: none"> Desmatação orientada para proteção contra incêndios Pastoreio. Incêndios florestais.
Orientações de gestão para a Área de Conservação (adaptadas do PSRN2000, do PROF's e avaliadas no terreno):	<ul style="list-style-type: none"> Condicionar as operações de desmatação. Regular a atividade pastoril na vizinhança deste habitat; Executar medidas preventivas dos incêndios florestais: rede de vigilância; existência de rede viária nas matas para fácil acesso de bombeiros e sapadores; instalação de pontos de água; aceiramento de faixas corta-fogo nas imediações das manchas pré-climáticas; Fomentar a regeneração natural de medronheiro, quercíneas e outras espécies autóctones; A exploração dos medronhais para colheita de medronho é compatível com a conservação do habitat, se para tal não se proceder à desmatação total.

BOSQUE DE CASTANHEIRO	
Área de:	Conservação
Distribuição na UGF:	Barranco do Carvalho; Botelhão
Valor(es) de Conservação:	<p>Espécies ameaçadas ou endémicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> Potencial presença das seguintes espécies de anfíbios: Rã-de-focinho-pontiagudo <i>Discoglossus galganoi</i> (endemismo ibérico) Potencial presença das seguintes espécies de aves: Águia de Bonelli <i>Hieraaetus fasciatus</i> (em perigo) Águia-real <i>Aquila chrysaetos</i> (em perigo), Narceja-comum <i>Gallinago gallinago</i> (criticamente em perigo) Potencial presença das seguintes espécies de mamíferos: Lince-ibérico <i>Lynx pardinus</i> (criticamente em perigo/endemismo ibérico), Gato-bravo <i>Felis silvestris</i> (vulnerável), Morcego de peluche <i>Miniopterus schreibersi</i> (vulnerável), Morcego-de-ferradura-grande <i>Rhinolophus ferrumequinum</i> (vulnerável), Morcego-de-ferradura-pequeno

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIIS NO SUL DO PAÍS

	<i>Rhinolophus hipposideros</i> (vulnerável), Morcego-rato-pequeno <i>Myotis blythii</i> (criticamente ameaçado), Rato da cabreira <i>Microtus cabrerai</i> (vulnerável/endemismo ibérico) <ul style="list-style-type: none"> Os quirópteros não foram inventariados, por isso, não são referenciados as espécies arbóricolas passíveis de ocorrer na zona, contudo, devido ao número elevado de espécies com estatuto de ameaçado, será adotada uma posição conservadora na proteção deste grupo)
Data de identificação:	Fevereiro 2014
Descrição dos atributos de VC:	Justificação classificação: Esta AC é caracterizada por recentes plantações de <i>Castanea sativa</i> (2009 e 2012) que serão conduzidos com o objetivo de conservação. Por efeito da mobilização cíclica do solo o estrato arbustivo é praticamente inexistente e o estrato herbáceo é dominado por plantas nitrófilas e semi-nitrófilas.
Principais ameaças:	<ul style="list-style-type: none"> Doença da tinta. Cancro do castanheiro. Corte.
Orientações de gestão para a Área de Conservação:	<ul style="list-style-type: none"> Para a manutenção da área atual de ocupação: desenvolvimento de instrumentos financeiros de apoio à conservação deste habitat. Para a melhoria do grau de conservação da área de ocupação: combate à tinta e ao cancro do castanheiro.

BOSQUE DE ALFARROBEIRA	
Área de:	Conservação
Distribuição na UGF:	Güena; Três Malhões
Valor(es) de Conservação:	Espécies ameaçadas ou endêmicas: <ul style="list-style-type: none"> Potencial presença das seguintes espécies de anfíbios: Rã-de-focinho-pontagudo <i>Discoglossus galganoi</i> (endemismo ibérico) Potencial presença das seguintes espécies de aves: Águia de Bonelli <i>Hieraaetus fasciatus</i> (em perigo) Águia-real <i>Aquila chrysaetos</i> (em perigo), Narceja-comum <i>Gallinago gallinago</i> (criticamente em perigo) Potencial presença das seguintes espécies de mamíferos: Lince-ibérico <i>Lynx pardinus</i> (criticamente em perigo/endemismo ibérico), Gato-bravo <i>Felis silvestris</i> (vulnerável), Morcego de peluche <i>Miniopterus schreibersi</i> (vulnerável), Morcego-de-ferradura-grande <i>Rhinolophus ferrumequinum</i> (vulnerável), Morcego-de-ferradura-pequeno <i>Rhinolophus hipposideros</i> (vulnerável), Morcego-rato-pequeno <i>Myotis blythii</i> (criticamente ameaçado), Rato da cabreira <i>Microtus cabrerai</i> (vulnerável/endemismo ibérico) Os quirópteros não foram inventariados, por isso, não são referenciados as espécies arbóricolas passíveis de ocorrer na zona, contudo, devido ao número elevado de espécies com estatuto de ameaçado, será adotada uma posição conservadora na proteção deste grupo)
Data de identificação:	Fevereiro 2014
Descrição dos atributos de VC:	Justificação classificação: Esta AC é caracterizada por recentes plantações de <i>Ceratonia siliqua</i> (2006 e 2007) que serão conduzidos com o objetivo de conservação.
Principais ameaças:	<ul style="list-style-type: none"> Pressão urbano-turística, nomeadamente aterros e abertura ou alargamento de vias de comunicação. Desmatamentos (geralmente orientados para gestão da caça, proteção contra incêndios ou conversão em pomar). Despejo de lixo, entulho e outros resíduos. Incêndios.
Orientações de gestão para a Área de Conservação:	<ul style="list-style-type: none"> Condicionar alterações ao uso do solo na área de ocupação. Condicionar o corte de vegetação na área de ocupação. Reforçar a fiscalização sobre a deposição de resíduos na área de ocupação. Estabelecer uma rede de micro-reservas que incluam este habitat e as comunidades associadas ao complexo de vegetação respetivo. Estabelecer medidas contra incêndios específicas para a área de ocupação. Monitorizar o estatuto populacional (reprodutivo) nos núcleos pequenos.

FLORESTAS DE EUCALIPTO	
Área de:	Conservação e Proteção
Distribuição na UGF:	Barradas; Güena
Valor(es) de Conservação:	Espécies ameaçadas ou endêmicas: <ul style="list-style-type: none"> Potencial presença das seguintes espécies de anfíbios: Rã-de-focinho-pontagudo <i>Discoglossus galganoi</i> (endemismo ibérico) Potencial presença das seguintes espécies de aves: Águia de Bonelli <i>Hieraaetus fasciatus</i> (em perigo) Águia-real <i>Aquila chrysaetos</i> (em perigo), Narceja-comum <i>Gallinago gallinago</i> (criticamente em perigo) Potencial presença das seguintes espécies de mamíferos: Lince-ibérico <i>Lynx pardinus</i> (criticamente em perigo/endemismo ibérico), Gato-bravo <i>Felis silvestris</i> (vulnerável), Morcego de peluche <i>Miniopterus schreibersi</i> (vulnerável), Morcego-de-ferradura-grande <i>Rhinolophus ferrumequinum</i> (vulnerável), Morcego-de-ferradura-pequeno <i>Rhinolophus hipposideros</i> (vulnerável), Morcego-rato-pequeno <i>Myotis blythii</i> (criticamente ameaçado), Rato da cabreira <i>Microtus cabrerai</i> (vulnerável/endemismo ibérico) Os quirópteros não foram inventariados, por isso, não são referenciados as espécies arbóricolas passíveis de ocorrer na zona, contudo, devido ao número elevado de espécies com estatuto de ameaçado, será adotada uma posição conservadora na proteção deste grupo)
Data de identificação:	Fevereiro 2014
Descrição dos atributos de VC:	Justificação classificação: A floresta de eucalipto classificada como AC em Barradas foi plantada em 2006 e será mantida por forma a criar uma zona do povoamento livre de perturbação, a fim de respeitar as necessidades de tranquilidade do casal de Águia de Bonelli identificada próximo desta AC. Irá permitir igualmente o crescimento de árvores de grande porte que futuramente poderão favorecer a nidificação das aves que habitualmente as selecionam para esse efeito. A floresta de eucalipto classificada em Güena encontra-se em 2ª rotação, tendo ocorrido o último corte em 2006 e será conservada com o intuito de proteger a albufeira da Bravura, garantindo a não perturbação da zona com as operações de abate e evitando uma subida de temperatura devido a uma redução da sombra.
Principais	<ul style="list-style-type: none"> Pressão urbano-turística, nomeadamente aterros e abertura ou alargamento de vias de comunicação.

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIIS NO SUL DO PAÍS

ameaças:	<ul style="list-style-type: none"> • Perturbação ao ninho da Águia de Bonelli. • O emprego de adubos orgânicos e químicos azotados e fosfatados. • Despejo de lixo, entulho e outros resíduos. • Incêndios.
Orientações de gestão para a Área de Conservação:	<ul style="list-style-type: none"> • Planear as intervenções florestais para os períodos menos críticos do ponto de vista da sobrevivência da fauna, como o da reprodução. Se possível, deixar certos troços livres de perturbação, a fim de respeitar as necessidades em tranquilidade dos animais. • Condicionar alterações ao uso do solo na área de ocupação. • Reforçar a fiscalização sobre a deposição de resíduos na área de ocupação. • Definir medidas de salvaguarda com restrições espaço-temporais para minimizar os efeitos da perturbação dos valores a manter no caso de atividades que poderão causar algum tipo de dano. • Estabelecer medidas contra incêndios específicas para a área de ocupação.

BOSQUE DE CARVALHO DE MONCHIQUE	
Área de:	Conservação
Distribuição na UGF:	Barranco do Carvalho; Barranco do Castanheiro; Botelhão; Cerca Velha; Estrecadas
Valor(es) de Conservação:	<p>Espécies ameaçadas ou endémicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Potencial presença das seguintes espécies de anfíbios: Rã-de-focinho-pontagudo <i>Discoglossus galganoi</i> (endemismo ibérico) • Potencial presença das seguintes espécies de aves: Águia de Bonelli <i>Hieraaetus fasciatus</i> (em perigo) Águia-real <i>Aquila chrysaetos</i> (em perigo), Narceja-comum <i>Gallinago gallinago</i> (criticamente em perigo) • Potencial presença das seguintes espécies de mamíferos: Lince-ibérico <i>Lynx pardinus</i> (criticamente em perigo/endemismo ibérico), Gato-bravo <i>Felis silvestris</i> (vulnerável), Morcego de peluche <i>Miniopterus schreibersi</i> (vulnerável), Morcego-de-ferradura-grande <i>Rhinolophus ferrumequinum</i> (vulnerável), Morcego-de-ferradura-pequeno <i>Rhinolophus hipposideros</i> (vulnerável), Morcego-rato-pequeno <i>Myotis blythii</i> (criticamente ameaçado), Rato da cabreira <i>Microtus cabrerai</i> (vulnerável/endemismo ibérico) • Os quirópteros não foram inventariados, por isso, não são referenciados as espécies arborícolas passíveis de ocorrer na zona, contudo, devido ao número elevado de espécies com estatuto de ameaçado, será adotada uma posição conservadora na proteção deste grupo)
Data de identificação:	Fevereiro 2014
Descrição dos atributos de VC:	Justificação classificação: Esta AC é caracterizada por recentes plantações de <i>Quercus canariensis</i> (2009 a 2013) que serão conduzidos com o objetivo de conservação.
Principais ameaças:	<ul style="list-style-type: none"> • Alteração do uso do solo, por exemplo devido a: expansão urbana (construções, aterros, etc.); despejo de lixo, entulho e outros resíduos; estacionamento de gado. • Baixa valia económica associada à espécie em termos de produção de madeira e a existência de usos do solo mais rentáveis, como a agricultura ou a plantação de espécies florestais de crescimento rápido. • Planeamento florestal desadequado. • Fogo. • Sobre colheita de material lenhoso. • Trânsito pedonal e de veículos.
Orientações de gestão para a Área de Conservação:	<ul style="list-style-type: none"> • Interditar alterações ao uso do solo na área de ocupação. • Reforçar a fiscalização sobre a deposição de resíduos na área de ocupação. • Condicionar o trânsito de pessoas, veículos e animais domésticos na área de ocupação. • Divulgar a importância do habitat para a conservação.

MATOS MEDITERRÂNICOS	
Área de:	Conservação
Distribuição na UGF:	Barranco do Cão e da Galé; Brejo Fundo; Cerca Velha; Lameiro; Mariolia; Pomar do Varela Sul
Valor(es) de Conservação:	<p>Presença de habitats naturais e seminaturais de interesse comunitário:</p> <ul style="list-style-type: none"> • 4030 Charnecas secas europeias. Subtipo 4030pt5 Urzais, urzais-estevais e tojais estevais baixo alentejano-monchiquenses e algarvios. • 9240 Carvalhais ibéricos de <i>Quercus faginea</i> e <i>Quercus canariensis</i> • 9330 Florestas de <i>Quercus suber</i> <p>Espécies ameaçadas ou endémicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Potencial presença das seguintes espécies de anfíbios: Rã-de-focinho-pontagudo <i>Discoglossus galganoi</i> (endemismo ibérico) • Potencial presença das seguintes espécies de aves: Águia de Bonelli <i>Hieraaetus fasciatus</i> (em perigo) Águia-real <i>Aquila chrysaetos</i> (em perigo), Narceja-comum <i>Gallinago gallinago</i> (criticamente em perigo) • Potencial presença das seguintes espécies de mamíferos: Lince-ibérico <i>Lynx pardinus</i> (criticamente em perigo/endemismo ibérico), Gato-bravo <i>Felis silvestris</i> (vulnerável), Morcego de peluche <i>Miniopterus schreibersi</i> (vulnerável), Morcego-de-ferradura-grande <i>Rhinolophus ferrumequinum</i> (vulnerável), Morcego-de-ferradura-pequeno <i>Rhinolophus hipposideros</i> (vulnerável), Morcego-rato-pequeno <i>Myotis blythii</i> (criticamente ameaçado), Rato da cabreira <i>Microtus cabrerai</i> (vulnerável/endemismo ibérico) • Os quirópteros não foram inventariados, por isso, não são referenciados as espécies arborícolas passíveis de ocorrer na zona, contudo, devido ao número elevado de espécies com estatuto de ameaçado, será adotada uma posição conservadora na proteção deste grupo)
Data de identificação:	Fevereiro 2014
Descrição dos atributos de VC:	Justificação classificação: Urzais, urzais-estevais e tojais-estevais mesófilos ou de solos hidricamente compensados. Matos baixos, de elevado grau de cobertura, dominados por nanofanerófitos. Espécies mais frequentes pertencentes às famílias das ericáceas (gén. <i>Daboecia</i> , <i>Erica</i> e <i>Calluna</i>), cistáceas (gén. <i>Halimium</i> , <i>Helianthemum</i> , <i>Tuberaria</i> e, pontualmente, <i>Cistus</i>), leguminosas (gén. <i>Genista</i> , <i>Stauracanthus</i> , <i>Pterospartum</i> e <i>Ulex</i>). Constitui uma área de refúgio e alimentação para várias espécies, é importantes para a caça, apicultura e promove a heterogeneidade da paisagem fomentando uma maior biodiversidade faunística e florística.
Principais ameaças:	<ul style="list-style-type: none"> • Destruição física do habitat através da construção de infra-estruturas. • Invasão com <i>Acacia</i> sp. pl.

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIIS NO SUL DO PAÍS

	<ul style="list-style-type: none"> Progressão sucessional, resultante de uma redução da perturbação pelo fogo.
Orientações de gestão para a Área de Conservação (adaptadas do PSRN2000, do PROF's e avaliadas no terreno):	<ul style="list-style-type: none"> Controlar as invasoras; Condicionar a progressão sucessional com fogo controlado com ciclos de recorrência que evitem a acumulação excessiva de combustível; Promover a pastorícia extensiva de percurso, caso seja possível.


EUCALYPTUS GLOBULUS (LINHAS DE ÁGUA)	
Área de:	Conservação e Proteção
Distribuição na UGF:	Balsinhas; Barradas; Barranco da Madeira; Barranco do Cão e da Galé; Barranco do Castanheiro; Besteiros; Botelhão; Caeiro; Choça; Cotofo; Eira da Palha; Embarradouro de Cima; Estrecadas; Fornalha; Guena; Herdade da Cascalheira; Macheirinha; Marianes; Mariolia; Moitas; Monte Novinho; Mourão; Poldreiras; Pomar do Varela Sul; Romeiras; Romeiro e Desmoitadas; Três Malhões; Vale da Torre; Vale Fontes
Valor(es) de Conservação:	<p>Espécies ameaçadas ou endêmicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> Potencial presença das seguintes espécies de anfíbios: Rã-de-focinho-pontiagudo <i>Discoglossus galganoi</i> (endemismo ibérico) Potencial presença das seguintes espécies de aves: Águia de Bonelli <i>Hieraaetus fasciatus</i> (em perigo) Águia-real <i>Aquila chrysaetos</i> (em perigo), Narceja-comum <i>Gallinago gallinago</i> (criticamente em perigo) Potencial presença das seguintes espécies de mamíferos: Lince-ibérico <i>Lynx pardinus</i> (criticamente em perigo/endemismo ibérico), Gato-bravo <i>Felis silvestris</i> (vulnerável), Morcego de peluche <i>Miniopterus schreibersi</i> (vulnerável), Morcego-de-ferradura-grande <i>Rhinolophus ferrumequinum</i> (vulnerável), Morcego-de-ferradura-pequeno <i>Rhinolophus hipposideros</i> (vulnerável), Morcego-rato-pequeno <i>Myotis blythii</i> (criticamente ameaçado), Rato da cabreira <i>Microtus cabrerai</i> (vulnerável/endemismo ibérico) Os quirópteros não foram inventariados, por isso, não são referenciados as espécies arborícolas passíveis de ocorrer na zona, contudo, devido ao número elevado de espécies com estatuto de ameaçado, será adotada uma posição conservadora na proteção deste grupo)
Data de identificação:	Fevereiro 2014
Descrição dos atributos de VC:	<p>Justificação classificação:</p> <p>Esta AC diz respeito a uma grande densidade de galerias ripícolas dominadas por eucaliptos que foram sendo progressivamente e descontroladamente plantados pelos antigos proprietários. Estas áreas desempenham um importante papel de proteção da rede hidrográfica apesar de se encontrarem fragmentadas, pouco desenvolvidas e muitas vezes dominadas por espécies invasoras. Além disso, as galerias ripícolas têm a importante função de evitar cheias e erosão. Assim, é importante por um lado restabelecer caudais mais naturais e, por outro lado, promover e requalificação ou manutenção da vegetação.</p>
Principais ameaças:	<ul style="list-style-type: none"> A destruição da vegetação ripícola - nomeadamente associada a ações de limpeza, extração de inertes e aumento das áreas agricultadas. Limpeza mecânica de linhas de água. A poluição resultante de descargas de efluentes não tratados de origem urbana e de unidades de pecuária, a par com fontes de poluição difusa devidas à intensificação da utilização de pesticidas e fertilizantes na agricultura cria situações de elevada eutrofização do meio, com a consequente perda da qualidade da água, podendo levar a situações de elevada toxicidade, com maior repercussão nos períodos de estiagem. Pisoteio e pastoreio intensivo, ou em zonas localizadas de acesso à linha de água. Provocam a erosão e degradação das margens, destruindo a vegetação e contribuindo para a destruição das condições de habitat favoráveis à ocorrência dos peixes.
Orientações de gestão para a Área de Conservação	<ul style="list-style-type: none"> Remover espécies vegetais exóticas. Minimizar as intervenções e as mobilizações de solo nas imediações das mesmas. Proteger as margens das linhas de água e outras massas de água, promovendo a conservação e/ou recuperação da vegetação ripícola autóctone. Em caso de necessidade de ações ativas de restauro explorar a possibilidade de enraizamento no local de estacas das espécies com fácil propagação vegetativa. Orientar os trabalhos de consolidação das margens, limpeza do leito e corte de vegetação marginal na perspetiva da manutenção das condições ecológicas, da promoção da infiltração e da prevenção de incêndios. Deve manter-se o máximo de vegetação espontânea, procedendo, contudo, à limpeza manual dos silvados. Manter árvores longevas e mortas de pé pois podem beneficiar uma comunidade bastante diversificada de insetos, aves e pequenos mamíferos. Nas linhas de água permanentes, e do ponto de vista da proteção das margens, é importante que não haja intervalos na vegetação. Estes intervalos devem ser preenchidos com novas árvores ou corre-se o risco de desviar o curso da água. Reduzir o uso de fertilizantes, pesticidas ou outros químicos nas áreas adjacentes. Planear as intervenções florestais para os períodos menos críticos do ponto de vista da sobrevivência da fauna, como o da reprodução. Se possível, deixar certos troços livres de perturbação, a fim de respeitar as necessidades em tranquilidade dos animais. Salvaguardar de pastoreio áreas consideradas mais sensíveis, de forma a manter as características de habitat favoráveis à ocorrência dos peixes.


GALERIAS RIPÍCOLAS	
Área de:	Conservação e Proteção
Distribuição na UGF:	Balsinhas; Barradas; Barranco do Cão e da Galé; Barranco do Carvalho; Brejo Fundo; Cabanas; Caeiro; Choça; Eira da Palha; Fornalha; Foz do Zevinho; Herdade da Cascalheira; Lameiro; Macheirinha; Marianes; Mariolia; Moitas; Monte Novinho; Mourão; Parras; Pau e Corna; Pedra Branca; Pomar; Pomar do Varela Sul; Romeiro e Desmoitadas; Três Malhões; Vale da Torre
Valor(es) de Conservação:	<p>Presença de habitats naturais e seminaturais de interesse comunitário:</p> <ul style="list-style-type: none"> 4030 Charnecas secas europeias 9240 Carvalhais ibéricos de <i>Quercus faginea</i> e <i>Quercus canariensis</i> 9330 Florestas de <i>Quercus suber</i> 92A0pt5 Salgueirais arbustivos de <i>Salix salviifolia</i> subs. <i>Australis</i> 92B0 Florestas-galerias com <i>Rhododendron ponticum</i>, <i>Salix</i> e outras espécies <p>Espécies ameaçadas ou endêmicas:</p>


PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIIS NO SUL DO PAÍS

	<ul style="list-style-type: none"> • Potencial presença das seguintes espécies de peixes: Boga-de-boca-arqueada <i>Rutilus lemmingii</i> (em perigo/endemismo ibérico), Boga-portuguesa <i>Chondrostoma lusitanicum</i> (criticamente em perigo), Bordalo <i>Rutilus alburnoides</i> (vulnerável), Saramugo <i>Anaecypris hispanica</i> (criticamente em perigo) • Potencial presença das seguintes espécies de anfíbios: Rã-de-focinho-pontiagudo <i>Discoglossus galganoi</i> (endemismo ibérico) • Potencial presença das seguintes espécies de aves: Águia de Bonelli <i>Hieraaetus fasciatus</i> (em perigo) Águia-real <i>Aquila chrysaetos</i> (em perigo), Narceja-comum <i>Gallinago gallinago</i> (criticamente em perigo) • Potencial presença das seguintes espécies de mamíferos: Lince-ibérico <i>Lynx pardinus</i> (criticamente em perigo/endemismo ibérico), Gato-bravo <i>Felis silvestris</i> (vulnerável), Morcego de peluche <i>Miniopterus schreibersi</i> (vulnerável), Morcego-de-ferradura-grande <i>Rhinolophus ferrumequinum</i> (vulnerável), Morcego-de-ferradura-pequeno <i>Rhinolophus hipposideros</i> (vulnerável), Morcego-rato-pequeno <i>Myotis blythii</i> (criticamente ameaçado), Rato da cabreira <i>Microtus cabreræ</i> (vulnerável/endemismo ibérico)
Data de identificação:	Fevereiro 2014
Descrição dos atributos de VC:	Justificação classificação: As galerias ripícolas e a área adjacentes são áreas de importância para morcegos e peixes com estatuto de ameaçado e funcionam como corredor ecológico para diversos grupos faunísticos, como os anfíbios e quirópteros.
Principais ameaças:	<ul style="list-style-type: none"> • A destruição da vegetação ripícola - nomeadamente associada a ações de limpeza, extração de inertes e aumento das áreas agricultadas. • Corte de árvores dominantes; Limpeza mecânica de linhas de água. • A poluição resultante de descargas de efluentes não tratados de origem urbana e de unidades de pecuária, a par com fontes de poluição difusa devidas à intensificação da utilização de pesticidas e fertilizantes na agricultura cria situações de elevada eutrofização do meio, com a consequente perda da qualidade da água, podendo levar a situações de elevada toxicidade, com maior repercussão nos períodos de estiagem. • Pisoteio e pastoreio intensivo, ou em zonas localizadas de acesso à linha de água. Provocam a erosão e degradação das margens, destruindo a vegetação e contribuindo para a destruição das condições de habitat favoráveis à ocorrência dos peixes.
Orientações de gestão para a Área de Conservação (adaptadas do PSRN2000, do PROF's e avaliadas no terreno):	<ul style="list-style-type: none"> • Minimizar as intervenções e as mobilizações de solo nas imediações das mesmas. • Proteger as margens das linhas de água e outras massas de água, promovendo a conservação e/ou recuperação da vegetação ripícola autóctone. Em caso de necessidade de ações ativas de restauro explorar a possibilidade de enraizamento no local de estacas das espécies com fácil propagação vegetativa. • Orientar os trabalhos de consolidação das margens, limpeza do leito e corte de vegetação marginal na perspetiva da manutenção das condições ecológicas, da promoção da infiltração e da prevenção de incêndios. Deve manter-se o máximo de vegetação espontânea, procedendo, contudo, à limpeza manual dos silvados. • Remover espécies vegetais exóticas. • Manter árvores longevas e mortas de pé pois podem beneficiar uma comunidade bastante diversificada de insetos, aves e pequenos mamíferos. • Nas linhas de água permanentes, e do ponto de vista da proteção das margens, é importante que não haja intervalos na vegetação. Estes intervalos devem ser preenchidos com novas árvores ou corre-se o risco de desviar o curso da água. • Reduzir o uso de fertilizantes, pesticidas ou outros químicos nas áreas adjacentes. • Planear as intervenções florestais para os períodos menos críticos do ponto de vista da sobrevivência da fauna, como o da reprodução. Se possível, deixar certos troços livres de perturbação, a fim de respeitar as necessidades em tranquilidade dos animais. • Salvaguardar de pastoreio áreas consideradas mais sensíveis, de forma a manter as características de habitat favoráveis à ocorrência dos peixes.

ANEXO VII – Fichas de caracterização das espécies faunísticas com estatuto “Ameaçado”

<i>Felis silvestris</i> Gato-bravo		
Fenologia:	Residente	
Estatuto de conservação:	Vulnerável	
Habitat:	Ocupa habitats florestais, tais como matagais mediterrânicos, florestas e bosques caducifólios ou mistos e, marginalmente, florestas de coníferas, podendo também ser encontrado em habitats abertos.	
Distribuição na UGF:	Pode, potencialmente, utilizar toda a área.	
Ameaças:	<ul style="list-style-type: none"> • A mortalidade não natural causada por atropelamento e abate ilegal; • A destruição dos habitats e o aumento da perturbação humana em áreas favoráveis à sua presença estão relacionados com mudanças no uso do solo, com a implementação de infra-estruturas e com a ocorrência de fogos extensivos; • O declínio acentuado das populações de coelho-bravo <i>Oryctolagus cuniculus</i>, por ação combinada de epizootias poderá afetar as populações de gato-bravo. 	
Orientações de gestão:	<ul style="list-style-type: none"> • Conservação das áreas florestais; • Sensibilização dos caçadores à presença da espécie e importância da sua proteção. 	

<i>Lynx pardinus</i> Lince-ibérico		
Fenologia:	Residente. Endémica da Península Ibérica	
Estatuto de conservação:	Criticamente em perigo	
Habitat:	O lince-ibérico seleciona bosque, matagais e matos densos de características mediterrânicas, utilizando preferencialmente estruturas em mosaico, com biótopos fechados para abrigo e outros abertos para capturar presas. Uma área com lincos residentes caracteriza-se, em geral, por uma cobertura arbustiva superior a 40% e uma proporção de matagal entre 60 e 70% do habitat disponível. Os lincos parecem evitar habitats artificializados, nomeadamente plantações florestais e campos agrícolas extensos, mas estes habitats podem ser utilizados na fase de dispersão.	
Distribuição na UGF:	Pode, potencialmente, utilizar toda a área.	
Ameaças:	<ul style="list-style-type: none"> • A redução e a fragmentação da área de habitat favorável • A regressão das populações de coelho-bravo <i>Oryctolagus cuniculus</i> e a mortalidade não natural. • A implantação de infra-estruturas como as barragens e a rede viária, transformaram áreas de habitat favorável em zonas de reduzida adequabilidade para a espécie. • O lince-ibérico é vulnerável ao atropelamento, em particular durante movimentos dispersivos. • O abate ilegal por tiro e com recurso a armadilhas foi outra causa importante de mortalidade. • A espécie poderá ainda estar a ser afetada por patologias e problemas de fertilidade. 	
Orientações de gestão:	<ul style="list-style-type: none"> • Conservação das áreas florestais; • Sensibilização dos caçadores à presença da espécie e importância da sua proteção. 	

Morcegos Morcego de peluche (<i>Miniopterus schreibersi</i>) Morcego-de-ferradura-grande (<i>Rhinolophus ferrumequinum</i>) Morcego-de-ferradura-pequeno (<i>Rhinolophus hipposideros</i>) Morcego-rato-pequeno (<i>Myotis blythii</i>)		
Fenologia:	Espécie migradora	
Estatuto de conservação:	Vulnerável	
Habitat:	São espécies cavernícolas, podendo também ocupar edifícios. Caçam essencialmente em áreas florestadas, mas podem também utilizar zonas de pastagem e zonas ribeirinhas.	
Distribuição na UGF:	Algarve e Alentejo litoral.	
Ameaças:	<ul style="list-style-type: none"> • A destruição e perturbação dos abrigos é o principal fator de ameaça para esta espécie. • A destruição de florestas de folhosas autóctones, resulta na redução das áreas de alimentação disponíveis, provocando a redução dos efetivos por alteração da composição da comunidade de insetos, base da dieta desta espécie. • A poluição resultante da intensificação da utilização de produtos químicos na agricultura, pecuária e silvicultura, nomeadamente pesticidas e fertilizantes, pode provocar a redução da comunidade de insetos, diminuindo os recursos tróficos, e o envenenamento de adultos e juvenis. • A destruição das galerias ripícolas, bem como de outras estruturas arbóreas, em bordaduras de caminhos e em 	

	<p>parcelas agrícolas, poderá também resultar na alteração da composição e abundância da comunidade de insetos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A má imagem dos morcegos pelo Homem, associada a mitos e superstições, promoveu a perseguição direta a este grupo.
Orientações de gestão:	<ul style="list-style-type: none"> • Sempre que necessário, proceder ao corte de vegetação na entrada de abrigos bloqueados. • Consolidar, quando necessário, as galerias de minas importantes. • Impedir o encerramento de minas ou grutas com dispositivos inadequados (por exemplo, portas compactas ou gradeamentos). • Preservar a floresta autóctone naturalmente bem desenvolvida em detrimento de extensas monoculturas florestais. • Permitir o desenvolvimento de um sub-coberto diversificado (herbáceo e arbustivo), medida a compatibilizar com as ações necessárias à prevenção de incêndios florestais. • Proteger as margens das linhas de água, promovendo a conservação e/ou recuperação da vegetação ribeirinha autóctone, sem prejuízo das limpezas necessárias ao adequado escoamento. • Incentivar práticas agro-pastoris extensivas. Reduzir a utilização de agroquímicos na agropecuária e silvicultura, adotando técnicas alternativas, como a proteção integrada e outros métodos biológicos. • A criação de um mosaico de habitats, com bosquetes, sebes e matos, intercalados com zonas mais abertas de pastagens e zonas agrícolas, constitui uma paisagem mais favorável à ocorrência desta espécie. • Manter/melhorar a qualidade da água, de forma a garantir a preservação da diversidade de insetos dependentes do meio aquático, potenciais presas da espécie, e a disponibilidade de locais para a espécie beber.

Microtus cabrae
Rato da cabra





Fenologia:	Residente. Endêmica da Península Ibérica.
Estatuto de conservação:	Vulnerável
Habitat:	As colónias do rato de Cabrera ocorrem em formações de gramíneas perenes, juncais, comunidades nitrófilas, margens de ribeiras temporárias, solos alagados e, embora mais ocasionalmente, junto das orlas de ribeiras permanentes. Nos climas mediterrânicos sub-húmidos e subestepários, utiliza zonas com menor produtividade como terrenos de gramíneas altas mas secas, por vezes associadas a diversos tipos de carvalhos como <i>Quercus rotundifolia</i> , <i>Q. faginea</i> , <i>Q. ilex</i> e, por vezes, <i>Q. pyrenaica</i> .
Distribuição:	Algarve e Alentejo litoral.
Ameaças:	<ul style="list-style-type: none"> • Destruição e fragmentação do habitat por pastoreio excessivo; • Queima de pousios e juncais para a criação de pastagens; • Alterações do uso do solo por reconversão em regadio ou florestação; • Drenagem de zonas húmidas; • A construção de estradas; • Limpeza de galerias ripícolas; • A competição com o rato-de-água <i>Arvicola sapidus</i> poderá impedir a ocupação e estabelecimento do rato de Cabrera em algumas áreas.
Orientações de gestão:	---


Hieraetus fasciatus
Águia de Bonelli





Fenologia:	Residente.
Estatuto de conservação:	Em perigo.
Habitat:	No sul e nomeadamente nas serras do sudoeste, existe uma população que ocupa habitats florestais ou de matagal arborizado e que nidifica maioritariamente em árvores grandes sobreiros e eucaliptos. A nidificação em árvore repete-se, aliás, com bastante frequência nas planícies alentejanas e na parte sul da bacia do Tejo, por norma em cursos de água onde a espécie tem à sua disposição tanto escarpas como eucaliptos e pinheiros-bravos grandes para nidificar, rodeados por cerealicultura extensiva, pastagens, pousios, matos e montados.
Distribuição na UGF:	Pode, potencialmente, utilizar toda a área.
Ameaças:	<ul style="list-style-type: none"> • Alteração ou degradação de habitat, provocadas, por um lado, por arborizações localmente desadequadas que restringem o habitat de caça e alteram o habitat de ou, por outro, pelos incêndios florestais e pelo corte ou a morte de sobreiros e de grandes sobreiros e eucaliptos, que constituem um importante substrato de nidificação da espécie no sul do país; • A perturbação dos locais de nidificação, a perseguição através do abate direto, a escassez de recursos tróficos e a elevada mortalidade provocada por eletrocussão em linhas de transporte de energia elétrica; • A morbilidade e a mortalidade juvenil motivada por doenças, em particular a Tricomoníase, que resulta do consumo de pombos domésticos infetados, motivam preocupação e têm especial incidência nas serras do sudoeste;
Orientações de gestão:	<ul style="list-style-type: none"> • Gestão do habitat, tendo em vista a conservação dos territórios e o aumento dos recursos tróficos; • Vigilância e condicionamento de atividades e projetos que possam destruir ou degradar o habitat nas imediações dos ninhos ou causar perturbação; • Correção de troços de linhas de transporte de energia elétrica e de parques eólicos em áreas sensíveis; • Desenvolvimento de campanhas de sensibilização junto a proprietários e gestores agro-florestais e cinegéticos, bem como da restante população.

<p><i>Aquila chrysaetos</i> Águia-real</p> 	
Fenologia:	Residente.
Estatuto de conservação:	Em perigo.
Habitat:	Esta ave possui vastos territórios, ocupando uma ampla variedade de habitats, preferencialmente em áreas pouco humanizadas, com encostas declivosas e agrestes, em geral com escarpas rochosas, situadas em zonas montanhosas e vales de grandes rios. Evita zonas húmidas, assim como florestas densas, preferindo áreas abertas com vegetação baixa ou dispersa. Utiliza rochedos, árvores e outros pontos de observação como poleiros. Nidifica em afloramentos rochosos e escarpas. Procura alimento em zonas abertas, matagais, terrenos incultos, terrenos agro-pastoris, montados e zonas com escassa vegetação em encostas de pendente suave mas com orografia dobrada, normalmente associados ao aproveitamento extensivo de gado.
Distribuição na UGF:	Pode, potencialmente, utilizar toda a área.
Ameaças:	<ul style="list-style-type: none"> • O envenenamento e a perseguição direta, nomeadamente, através do abate, pilhagem ou mesmo da destruição de ninhos, a degradação da qualidade do habitat e a perturbação dos locais de nidificação. • A colisão e, principalmente, a eletrocussão em linhas de transporte de energia elétrica constituem também um fator importante de mortalidade não natural. • O abandono e alteração de diversas práticas agropecuárias tradicionais, caso da cerealicultura e pastoreio extensivo, bem como uma exploração cinegética desregulada, conduzem a uma diminuição das populações de presas. • A alteração e fragmentação de habitat motivada por rearboreizações com pinheiro e eucalipto, a construção de infraestruturas (barragens, estradas, caminhos) e a atividade de extração de inertes, constituem um fator importante de degradação do habitat de nidificação e de alimentação. • A depleção da sua presa preferencial o coelho-bravo <i>Oryctolagus cuniculus</i>, que é motivada principalmente pela incidência da mixomatose e da virose hemorrágica.
Orientações de gestão:	<ul style="list-style-type: none"> • Ampliar as sanções legais para os prevaricadores em matéria de perseguição/abate de espécies protegidas e aumentar eficácia dos meios e esforços de fiscalização e vigilância nas áreas de nidificação durante os períodos mais sensíveis. • Implementar uma estratégia contra o uso de venenos no meio rural. • Proibir ou condicionar a instalação de traçados elétricos, parques edíficos, estradas, albufeiras e outras infraestruturas nas zonas importantes para espécie (nidificação, hibernação/dispersão). Corrigir e sinalizar traçados e apoios da rede de distribuição de eletricidade que sejam considerados perigosos. • Elaborar e implementar planos de gestão nas ZPE's mais importantes para a espécie e promover a manutenção e valorização do mosaico agro-florestal nas áreas classificadas em que ocorre através de aplicação de programas de Medidas Agro-Ambientais nos principais núcleos; • Aumentar a disponibilidade alimentar associada às explorações agropecuárias através da criação e gestão de campos de alimentação de aves necrófagas; • Estabelecer programas de recuperação das populações de coelho-bravo através da implementação de técnicas de repovoamento e reforço dos efetivos com controlo sanitário, e de uma correta gestão cinegética;

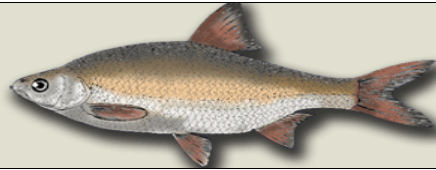
<p><i>Gallinago gallinago</i> Narceja-comum</p> 	
Fenologia:	Nidificante, que se desconhece se é residente ou migrador.
Estatuto de conservação:	Criticamente em perigo.
Habitat:	Os habitats utilizados para nidificação são caracterizados por solos com elevado conteúdo de matéria orgânica, rico em invertebrados e com cobertura herbácea. Por essa razão prefere zonas húmidas de altitude, nomeadamente matos higrófilos e lameiros abandonados (lameiros).
Distribuição na UGF:	Pode, potencialmente, utilizar toda a área.
Ameaças:	<ul style="list-style-type: none"> • A espécie é ameaçada principalmente por fatores intrínsecos, nomeadamente a sua densidade baixa e distribuição restrita. • A sua dependência de habitats de nidificação específicos torna esta população muito vulnerável à perda ou degradação de habitat (por ação do Homem), nomeadamente a alteração do regime de gestão dos locais de nidificação confirmados (e.g. drenagem).
Orientações de gestão:	Como esta população está muito dependente dos esforços de conservação em Espanha, a proteção das restantes zonas de nidificação na Galiza são essenciais para a viabilidade da população portuguesa, nomeadamente a expansão do Parque Natural Baixa Limia-Serra do Xurés (Espanha) (Martí & del Moral 2003). Neste contexto são necessários dois tipos de medidas: a estimativa do efetivo populacional e da sua distribuição, bem como a manutenção e conservação do habitat de nidificação.


<i>Emys orbicularis</i> Cágado-de-carapaça-estriada		
Fenologia:	Espécie residente, autóctone.	
Estatuto de conservação:	Em perigo.	
Habitat:	Em Portugal esta espécie foi encontrada em habitats dulciaquícolas ou de baixa salinidade, de águas paradas ou de corrente lenta, permanentes ou temporários, tais como charcos, albufeiras, represas, rios e ribeiras. Prefere locais com uma boa cobertura de vegetação aquática mas pequena cobertura da vegetação das margens.	
Distribuição na UGF:	Algarve e Alentejo litoral.	
Ameaças:	<ul style="list-style-type: none"> • A alteração e destruição de zonas palustres, as capturas intencionais e a introdução de espécies exóticas. • A drenagem e aterro de zonas húmidas para aproveitamento agrícola, florestal e/ou urbanístico. • A destruição da vegetação ripícola. • A regularização de sistemas hídricos e a sobre-exploração dos recursos hídricos, nomeadamente através de captações de água para rega. • A extração de materiais inertes em zonas húmidas, com destruição da vegetação ripícola. • O pisoteio e pastoreio não controlado. • A poluição resultante de descargas de efluentes não tratados de origem industrial, urbana e de unidades de pecuária • As capturas ilegais para animais de estimação, fabrico de objetos ornamentais e alimentação 	
Orientações de gestão:	<ul style="list-style-type: none"> • Conservação/recuperação das zonas húmidas. • Regular o uso de açudes e charcas. • Proteger as margens das linhas de água e outras massas de água, promovendo a conservação e/ou recuperação da vegetação ripícola autóctone. • Remover espécies vegetais exóticas. • Restringir o uso de agroquímicos, adotando técnicas alternativas como a proteção integrada e outros métodos biológicos. • Salvaguardar de pastoreio áreas consideradas mais sensíveis, de forma a manter as características de habitat favoráveis à ocorrência da espécie. 	

<i>Rutilus lemmingii</i> Boga-de-boca-arqueada		
Fenologia:	Espécie residente, endemismo ibérico.	
Estatuto de conservação:	Em perigo.	
Habitat:	A espécie vive nos troços médios e baixos dos rios, em locais de corrente moderada e com abundante vegetação aquática. A espécie nunca foi detetada em albufeiras.	
Distribuição na UGF:	Rio Chança (UG Pau e Corna).	
Ameaças:	<ul style="list-style-type: none"> • A introdução ou a expansão de espécies animais não autóctones de valor comercial ou desportivo (lúcio, achigã e perca-sol); • A construção de barragens e açudes; • A poluição resultante de descargas de efluentes não tratados de origem industrial ou urbana; • A sobre-exploração dos recursos hídricos, nomeadamente através de captações de água para rega; • A destruição da vegetação ribeirinha. 	
Orientações de gestão:	<ul style="list-style-type: none"> • Controlar introduções furtivas de espécies animais não autóctones; • Condicionar a construção de novas barragens e açudes; • Manter ou melhorar (consoante as áreas em causa) a qualidade da água a um nível favorável à conservação da espécie. 	

<i>Chondrostoma lusitanicum</i> Boga-portuguesa		
Fenologia:	Residente. Endémica do Continente (bacias costeiras do centro e sul).	
Estatuto de conservação:	Criticamente em perigo.	
Habitat:	Ocorre preferencialmente em pequenos cursos de água. Não existem estudos que permitam identificar as suas preferências quanto ao habitat. Não existem registos da espécie em albufeiras.	
Distribuição na UGF:	Rio Chança (UG Pau e Corna), Ribeira de Odelouca (UG Pomar e Pomar do Varela Sul), Ribeira de Alfambras (Balsinhas), Ribeira de Odiáxere (UG Guena)	
Ameaças:	<ul style="list-style-type: none"> • Esta espécie tem regredido devido à degradação do habitat, provocada sobretudo pela implementação de infraestruturas hidráulicas, regularização dos caudais, captação de água, extração de inertes e degradação da qualidade da água e ainda devido à introdução de espécies não-indígenas, a qual poderá ter efeitos a nível da competição, predação ou como via de disseminação de agentes patogénicos. O facto de esta espécie apresentar uma distribuição circunscrita a pequenas sub-bacias aumenta a sua vulnerabilidade face aos fatores de ameaça. 	
Orientações de gestão:	<ul style="list-style-type: none"> • Esta espécie está abrangida pela legislação nacional e internacional de conservação. Vários locais foram designados para a lista nacional de sítios ao abrigo da Directiva Habitats devido à sua presença, entre outros valores, mas 	

	carecem ainda de medidas de ordenamento e gestão dirigidas à espécie.
--	---

<i>Rutilus alburnoides</i> Bordalo		
Fenologia:	Residente/Endemismo ibérico.	
Estatuto de conservação:	Vulnerável.	
Habitat:	A espécie encontra-se em cursos de água de características muito diversas, ocorrendo preferencialmente em rios e ribeiros permanentes ou intermitentes, de reduzida largura e profundidade, com macrófitas emergentes, ocorrendo também numa baixa percentagem de albufeiras.	
Distribuição na UGF:	Rio Chança (UG Pau e Corna).	
Ameaças:	<ul style="list-style-type: none"> • A poluição resultante de descargas de efluentes não tratados de origem industrial ou urbana • A sobre-exploração dos recursos hídricos - nomeadamente através de captações de água para rega • A regularização dos sistemas hídricos • A extracção de materiais inertes, com alterações da morfologia do leito do rio • A destruição da vegetação ribeirinha • A introdução ou expansão de espécies animais não autóctones de valor comercial ou desportivo (lúcio, achigã e perca-sol) • A construção de barragens e açudes 	
Orientações de gestão:	<ul style="list-style-type: none"> • Manter ou melhorar (consoante as áreas em causa) a qualidade da água a um nível favorável à conservação da espécie • Condicionar a captação de água e a regularização dos sistemas hídricos • Assegurar o caudal dos cursos de água adequado às necessidades ecológicas da espécie • Proteger as margens das linhas de água, promovendo a conservação e/ou recuperação da vegetação ribeirinha autóctone • Controlar introduções furtivas de espécies animais não autóctones 	

<i>Anaecypris hispanica</i> Saramugo		
Fenologia:	Espécie residente, endémica da Bacia do Guadiana.	
Estatuto de conservação:	Criticamente em perigo.	
Habitat:	Prefere pequenos cursos de água abaixo dos 350 m de altitude, estreitos (< 20 m de largura) e com reduzida profundidade (<60 cm), com substrato de cascalheira média-grossa e vegetação aquática imersa e ripária, mas pode ser encontrada em zonas com pouca vegetação aquática. Nas épocas de estiagem e em anos secos pode permanecer em pegos por períodos relativamente longos. Em Portugal, a espécie nunca foi detetada em albufeiras.	
Distribuição na UGF:	Rio Chança (UG Pau e Corna).	
Ameaças:	<ul style="list-style-type: none"> • A poluição resultante de descargas de efluentes não tratados de origem industrial ou urbana • A sobre-exploração dos recursos hídricos - nomeadamente através de captações de água para rega • A regularização dos sistemas hídricos • A extracção de materiais inertes, com alterações da morfologia do leito do rio • A destruição da vegetação ribeirinha • A introdução ou expansão de espécies animais não autóctones de valor comercial ou desportivo (lúcio, achigã e perca-sol) • A construção de barragens e açudes 	
Orientações de gestão:	<ul style="list-style-type: none"> • Manter ou melhorar (consoante as áreas em causa) a qualidade da água a um nível favorável à conservação da espécie • Condicionar a captação de água e a regularização dos sistemas hídricos • Assegurar o caudal dos cursos de água adequado às necessidades ecológicas da espécie • Proteger as margens das linhas de água, promovendo a conservação e/ou recuperação da vegetação ribeirinha autóctone • Controlar introduções furtivas de espécies animais não autóctones 	

ANEXO VIII – Calendarização e especificação das operações nas áreas de conservação

Habitat	Atividade	Orientações	Área habitat (ha)	UG	Talhão	Área talhão (ha)	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027			
E. globulus (linha água)	Remoção espécies vegetais exóticas e Plantação de vegetação ripícola autóctone	Eliminação dos eucaliptos por meio de abate manual e aplicação imediata no cepo por meio de pincelagem de um herbicida de acção sistémica, com substância activa “glifosato* 360”, a uma concentração de 75% (300 toíças/ha x 50 ml/toiça x 75% = 11,25 L/ha de herbicida). Em alternativa fazer a aplicação na rebentação com um máximo de 15 cm – aplicar um herbicida de acção sistémica (glifosato 360), com a calda a uma concentração de 8%, pulverizando directamente sobre a rebentação utilizando uma campânula para evitar perdas para o solo e permitir a cobertura de toda superfície foliar (300 toíças/ha x 100 ml/toiça x 8% = 2,4 L/ha de herbicida). Respeitar as regras de segurança indicadas no rótulo do produto. Não aplicar em dias chuvosos e ventosos. Evitar danos sobre a vegetação ripícola autóctone. Plantação de espécies ripícolas autóctones e típicas das margens dos cursos de água (amieiro, salgueiro, freixo, choupo-branco, loendro, tamargueira, entre outros) em pequenas manchas ou bolsas sem vegetação e com solo favorável para o estabelecimento e crescimento das plantas. * A molécula de glifosato, por ser um derivado da glicina (um aminoácido essencial presente nas plantas), não é percebido como um potencial agente agressor levando a que, normalmente, seja pouco eliminado pelas raízes. Desta forma, é um herbicida não seletivo, sistémico, pós-emergente, com rápida absorção foliar e translocação, tanto pelo xilema quanto pelo floema. Assim sendo, quando o glifosato é aplicado, uma parte do produto é absorvido pelas plantas e outra parte é depositada no solo. A parte do produto que é retida nos tecidos vegetais contribui para reduzir a sua disponibilidade no ambiente, e este produto somente irá atingir no solo quando a matéria seca dessas plantas for decomposta pelos organismos heterotróficos do solo. A degradação do glifosato no solo é muito rápida e é realizada por uma grande variedade de microrganismos que usam o produto como fonte de energia. Uma característica importante e também uma vantagem do glifosato é a sua capacidade de ser adsorvido nas partículas de solo e aí permanecer, inactivo, até à sua completa degradação. Porém, na maioria dos casos, o glifosato não é metabolizado pela planta e, quando aplicado directamente no solo, apresenta baixa actividade devido à sua rápida degradação.	143,39	Balsinhas	BALSIT08	21,33										X							
				Barradas	BARRAT03	3,63		X															
				Barranco da Madeira	BAMADT03	1,12									X								
				Barranco do Cão e da Galé	BACAOT02	6,48									X								
				Barranco do Castanheiro	BACAST02	6,16												X					
				Besteiros	BESTT02	2,80												X					
				Botelhão	BOTELT02	11,99											X						
				Caeiro	CAEIRT02	0,44		X															
				Choça	CHOCAT04	5,34			X														
				Cotofo	COTOFT02	4,37												X					
				Eira da Palha	EIRAPT02	0,61										X							
				Embarradouro de Cima	EMBART02	5,11			X														
				Estrecadas	ESTRET02	0,51										X							
				Fornalha	FORNAT03	2,10			X														
				Guená	GUENAT03	1,38		X															
				Herdade da Cascalheira	HERCAT02	5,63							X										
				Macheirinha	MACHET02	0,34										X							
				Marianes	MARIAT02	4,83											X						
				Mariolia	MARIOT03	1,67		X															
				Moitas	MOITAT02	5,29		X															
				Monte Novinho	MNTNVT03	13,79							X										
				Mourão	MOURAT02	6,00								X									
				Pedra Branca	PEDRAT02	0,61											X						
				Poldreiras	POLDRT02	0,53											X						
				Pomar do Varela Sul	POMVST04	1,51											X						
				Romeiras	ROMEIT02	2,47								X									
				Romeiro e Desmoitadas	ROMDET05	6,39									X								
				Três Malhões	TRESMT02	1,18											X						
				Vale da Torre	VALETT04	0,44												X					
				Vale Fontes	VALEFT03	19,36	X																
	Gestão manual de combustível	Nos cursos de água permanentes realizar operação de Agosto a Outubro; Efetuar limpeza motomanual somente nas FGC identificadas e onde se revele necessário a redução da carga de combustível, eliminando preferencialmente espécies indesejáveis e invasivas, designadamente silvados; Não danificar a regeneração natural de espécies autóctones.		16,26	Balsinhas	BALSIT08	3,78	X					X					X			X		
					Barranco do Castanheiro	BACAST02	4,49				X			X			X					X	
					Botelhão	BOTELT02	0,85			X			X			X		X		X			
					Herdade da Cascalheira	HERCAT02	2,46			X				X			X				X		
					Monte Novinho	MNTNVT03	0,71			X			X				X				X		
					Pomar do Varela Sul	POMVST04	0,66		X				X			X				X			X
					Vale da Torre	VALETT04	0,31			X							X			X			X
					Vale Fontes	VALEFT03	3,00							X				X		X			

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIIS NO SUL DO PAÍS

Habitat	Atividade	Orientações	Área habitat (ha)	UG	Talhão	Área talhão (ha)	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027
Galeria ripícola	Plantação de vegetação ripícola autóctone	Plantação de espécies ripícolas autóctones e típicas das margens dos cursos de água (amieiro, salgueiro, freixo, choupo-branco, loendro, tamargueira, entre outros) em pequenas manchas ou bolsas sem vegetação e com solo favorável para o estabelecimento e crescimento das plantas.	189,62	Balsinhas	BALSIT12	46,71										X				
				Barradas	BARRAT06	2,78		X												
				Barranco do Cão e da Galé	BACAOT05	4,09						X								
				Barranco do Carvalho	BACART05	0,40		X												
				Brejo Fundo	BREJOT03	1,43								X						
				Cabanas	CABANT02	1,25								X						
				Caeiro	CAEIRT04	1,60		X												
				Choça	CHOCAT06	20,77			X											
				Eira da Palha	EIRAPT04	2,14							X							
				Fornalha	FORNAT05	3,66			X											
				Foz do Zevinho	FOZZET03	0,61			X											
				Herdade da Cascalheira	HERCAT05	6,90					X									
				Lameiro	LAMEIT03	4,57					X									
				Macheirinha	MACHET04	0,65							X							
				Marianes	MARIAT05	2,13							X							
				Mariolia	MARIOT06	0,41		X												
				Moitas	MOITAT04	1,14		X												
				Monte Novinho	MNTNVT05	4,89				X										
				Mourão	MOURAT04	5,03					X									
				Parras	PARRAT05	1,48	X													
				Pau e Corna	PAUCOT06	47,10									X					
				Pedra Branca	PEDRAT03	1,84							X							
				Pomar	POMART03	3,73							X							
				Pomar do Varela Sul	POMVST06	4,70							X							
				Romeiro e Desmoitadas	ROMDET07	8,48					X									
				Três Malhões	TRESMT05	4,00							X							
				Vale da Torre	VALETT07	7,14								X						
	Gestão de combustível	Nos cursos de água permanentes realizar operação de Agosto a Outubro; Efetuar limpeza motomanual somente nas FGC identificadas e onde se revele necessário a redução da carga de combustível, eliminando preferencialmente espécies indesejáveis e invasivas, designadamente silvados; Não danificar a regeneração natural de espécies autóctones.	26,33	Balsinhas	BALSIT12	6,21	X					X					X			X
				Herdade da Cascalheira	HERCAT05	2,06			X						X			X		
				Marianes	MARIAT05	0,90			X							X			X	
				Monte Novinho	MNTNVT05	0,78			X						X			X		
				Pau e Corna	PAUCOT06	8,10			X							X			X	
				Pomar	POMART03	3,68			X			X			X					
				Romeiro e Desmoitadas	ROMDET07	3,09				X			X			X				X
				Vale da Torre	VALETT07	1,50			X					X			X			X

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIIS NO SUL DO PAÍS

Habitat	Atividade	Orientações	Área habitat (ha)	UG	Talhão	Área talhão (ha)	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027
Bosque de castanheiro	Gestão de combustível	Reduzir/modificar a carga/estrutura dos estratos de combustível no sob-coberto da FGC identificada. O tratamento mecânico com estilhaçamento através de corta-matos ou destroçadores é a técnica preferida quando o revestimento e altura do estrato arbustivo são altos. A grade de discos ligeira é adequada como intervenção de manutenção se não houver limitações de outro tipo. Idem para o fogo controlado. No caso da existência de regeneração natural que se pretenda preservar optar por equipamento motomanual.	0,29	Barranco do Carvalho	BACART04	0,29			X					X			X			X
Floresta de eucalipto	Seleção de varas	Conduzir povoamento de eucalipto de 3ª rotação à perpetuidade, deixando apenas uma vara por cepo (eliminação motomanual das restantes varas), reduzindo desta forma o risco de incêndio e favorecendo o estabelecimento de árvores de maior porte.	2,92	Guená	GUENAT04	2,92	X													
	Desmoita	Eliminação por meio de equipamento manual ou motomanual dos rebentos de toça de eucalipto.	2,92	Guená	GUENAT04	2,92		X	X											
	Gestão de combustível	As épocas de preparação do ninho, postura, incubação, eclosão, crescimento e voo da águia de Bonelli, estende-se de Novembro a Junho pelo que as intervenções humanas deverão realizar-se no período menos crítico da reprodução, ou seja entre Julho e Outubro. Reduzir/modificar a carga/estrutura dos estratos de combustível no sob-coberto da FGC identificada privilegiando o equipamento motomanual.	4,36	Barradas	BARRAT04	1,45		X					X			X			X	
		Reduzir/modificar a carga/estrutura dos estratos de combustível no sob-coberto da FGC identificada. O tratamento mecânico com estilhaçamento através de corta-matos ou destroçadores é a técnica preferida quando o revestimento e altura do estrato arbustivo são altos. A grade de discos ligeira é adequada como intervenção de manutenção se não houver limitações de outro tipo. Idem para o fogo controlado. No caso da existência de regeneração natural que se pretenda preservar optar por equipamento motomanual.		Guená	GUENAT04	2,91		X			X		X				X			
Bosque de carvalho de monchique	Gestão de combustível	Reduzir/modificar a carga/estrutura dos estratos de combustível no sob-coberto da FGC identificada. O tratamento mecânico com estilhaçamento através de corta-matos ou destroçadores é a técnica preferida quando o revestimento e altura do estrato arbustivo são altos. A grade de discos ligeira é adequada como intervenção de manutenção se não houver limitações de outro tipo. Idem para o fogo controlado. No caso da existência de regeneração natural que se pretenda preservar optar por equipamento motomanual.	1,70	Barranco do Carvalho	BACART03	0,24			X				X				X			X
				Cerca Velha	CERCAT03	1,30				X						X			X	
				Estrecadas	ESTRET04	0,16			X			X					X			X
Montado de azinho	Poda de manutenção	De acordo com a legislação de proteção do montado de sobre e azinho, a realização de podas de formação, manutenção ou sanitárias carecem de autorização do ICNF. Esta prática só poderá ser efectuada na época compreendida entre 1 de Novembro e 31 de Março e só é permitida quando sirva para manter ou restabelecer a sanidade e o equilíbrio vegetativo das árvores, sem afectar a sua capacidade produtiva e normal desenvolvimento. Na poda de manutenção: não se devem cortar as pernas e braças, formando feridas de grandes dimensões e de impossível cicatrização; devem ser cortados só os ramos ladrões inseridos a prumo nas pernas; devem ser feitos cortes bem rentes e lisos; nunca suprimir mais de 50% da copa; não se deve contrariar a forma natural da árvore.	0,38	Pau e Corna	PAUCOT03	0,38		X										X		

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIIS NO SUL DO PAÍS

Habitat	Atividade	Orientações	Área habitat (ha)	UG	Talhão	Área talhão (ha)	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027		
Florestas e/ou montados de sobreiro	Extração de cortiça	A operação de descortiçamento só pode fazer realizada entre os meses de Maio e Setembro, que correspondem ao seu período de maior crescimento. O primeiro descortiçamento (chamado desbóia) ocorre em sobreiros cujo perímetro do tronco, sobre a casca, medido a 1,30m do solo (pap) exceda os 70 cm e até uma altura máxima de duas vezes esse perímetro. Os descortiçamentos posteriores sucedem-se com um intervalo de pelo menos 9 anos. Assim, do segundo descortiçamento (em sobreiros com cerca de 36 anos), resulta a cortiça secundária. Neste segundo descortiçamento a altura máxima será de 2,5 vezes o pap. A partir do terceiro descortiçamento obtém-se a cortiça amadia ou de reprodução. A altura de descortiçamento na 3ª tiragem e subsequentes é 3 vezes o pap.	125,17	Balsinhas	BALSIT09	19,02							X									
				Barradas	BARRAT05	3,14					X											
				Botelhão	BOTELT03	12,50							X									
				Caeiro	CAEIRT03	1,22						X										
				Cerca Velha	CERCAT02	9,76						X										
				Eira da Palha	EIRAPT03	0,35			X										X			
				Estrecadas	ESTRET03	1,86									X							
				Foz do Zevinho	FOZZET02	2,11							X									
				Macheirinha	MACHET03	1,15							X									
				Marianes	MARIAT03	0,97							X									
				Moitas	MOITAT03	0,99			X			X								X		
				Monte Novinho	MNTNVT04	13,51		X				X							X			
				Mourão	MOURAT03	1,37							X									
				Parras	PARRAT03	4,96			X				X							X		
				Romeiro e Desmoitadas	ROMDET06	26,51			X				X							X		
				Três Malhões	TRESMT03	16,18									X							
				Vale da Torre	VALETT05	9,56										X						
	Gestão de combustível	Reduzir/modificar a carga/estrutura dos estratos de combustível no sob-coberto da FGC identificada. O tratamento mecânico com estilhaçamento através de corta-matos ou destroçadores é a técnica preferida quando o revestimento e altura do estrato arbustivo são altos. A grade de discos ligeira é adequada como intervenção de manutenção se não houver limitações de outro tipo. Idem para o fogo controlado. No caso da existência de regeneração natural que se pretenda preservar optar por equipamento motomanual.	52,37	Balsinhas	BALSIT09	2,45	X					X					X			X		
				Balsinhas	BALSIT10	13,36	X					X						X			X	
				Barranco do Carvalho	BACART02	0,12			X						X				X			X
				Embarradouro de Cima	EMBART03	1,55					X				X					X		
				Estrecadas	ESTRET03	0,20			X				X						X			X
				Fornalha	FORNAT04	0,52							X				X			X		
				Herdade da Cascalheira	HERCAT03	1,25			X							X				X		
				Herdade da Cascalheira	HERCAT04	0,84			X							X				X		
				Marianes	MARIAT04	2,29			X									X			X	
				Mariolia	MARIOT04	0,79				X				X				X				X
				Moitas	MOITAT03	0,99						X				X				X		
				Parras	PARRAT04	0,21						X				X				X		
				Pau e Corna	PAUCOT04	11,28			X									X			X	
				Romeiro e Desmoitadas	ROMDET06	13,42					X				X			X				X
				Vale da Torre	VALETT05	2,72			X							X				X		
				Vale Fontes	VALETT04	0,39									X			X			X	

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIIS NO SUL DO PAÍS

Habitat	Atividade	Orientações	Área habitat (ha)	UG	Talhão	Área talhão (ha)	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027
Florestas e/ou montados de sobre	Poda de manutenção ou formação	De acordo com a legislação de proteção do montado de sobre e azinho, a realização de podas de formação, manutenção ou sanitárias carecem de autorização do ICNF. A realização de podas está limitada ao período de 1 de novembro a 31 de março e nos sobreiros já descortçados, não pode ser feita nos 2 anos anteriores e posteriores ao descortçamento. Na poda de formação: na 1.ª intervenção, apenas se devem fazer cortes com vista à formação do fuste (novos ramos); na 2.ª intervenção, pode fazer-se a selecção de pernas e braça (uma braça é uma medida antiga que equivale a 2,2 metros). Na poda de manutenção: não se devem cortar as pernas e braças, formando feridas de grandes dimensões e de impossível cicatrização; devem ser cortados só os ramos ladrões inseridos a prumo nas pernas; devem ser feitos cortes bem rentes e lisos; nunca suprimir mais de 50% da copa; não se deve contrariar a forma natural da árvore.	162,42	Balsinhas	BALSIT09	19,02				X									X	
				Balsinhas	BALSIT10	13,41			X										X	
				Barradas	BARRAT05	3,14				X									X	
				Barranco do Cão e da Galé	BACAT03	0,52			X										X	
				Barranco do Carvalho	BACAT02	0,39			X									X		
				Besteiros	BESTT03	0,20				X										X
				Besteiros	BESTT04	0,74				X										X
				Botelhão	BOTELT03	12,50						X								
				Botelhão	BOTELT04	0,78				X										X
				Caeiro	CAEIRT03	1,22			X									X		
				Cerca Velha	CERCAT02	9,76				X									X	
				Choça	CHOCAT05	0,35							X							
				Eira da Palha	EIRAPT03	0,35								X						
				Embaradouro de Cima	EMBART03	1,55								X						
				Estrecadas	ESTRET03	1,86						X								
				Fornalha	FORNAT04	0,52								X						
				Foz do Zevinho	FOZZET02	2,11				X									X	
				Herdade da Cascalheira	HERCAT03	1,25					X									
				Herdade da Cascalheira	HERCAT04	0,85								X						
				Macheirinha	MACHET03	1,15				X									X	
				Marianes	MARIAT03	0,97				X									X	
				Marianes	MARIAT04	3,51								X						
				Mariolia	MARIOT04	0,80							X							
				Moitas	MOITAT03	0,99									X					
				Monte Novinho	MNTNVT04	13,51		X				X								
				Mourão	MOURAT03	1,37				X									X	
				Parras	PARRAT03	4,96			X				X							
				Parras	PARRAT04	0,30			X										X	
				Pau e Corna	PAUCOT04	11,29								X						
				Romeiro e Desmoitadas	ROMDET06	26,51							X					X		
				Três Malhões	TRESMT03	16,18				X									X	
				Vale da Torre	VALETT05	9,56						X								
				Vale Fontes	VALETT04	0,80						X								
Matos mediterrânicos	Gestão de combustível	Reduzir/modificar a carga/estrutura dos estratos de combustível no sob-coberto somente na FGC identificada. O tratamento mecânico com estilhaçamento através de corta-matos ou destroçadores é a técnica preferida quando o revestimento e altura do estrato arbustivo são altos. A grade de discos ligeira é adequada como intervenção de manutenção se não houver limitações de outro tipo. Idem para o fogo controlado. No caso da existência de regeneração natural que se pretenda preservar optar por equipamento motomaneu.	0,95	Lameiro	LAMEIT02	0,95							X			X		X		

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIIS NO SUL DO PAÍS

ANEXO IX – Calendarização de todas as intervenções florestais

UG	Talhão	Ocupação	Ano plantação	Função	Operação	Tipo de operação	Área (ha)	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027
Balsinhas	BALSIT01	Eucalyptus globulus	2005	Produção	Corte final	Exploração florestal	16,08			X										X	
					Fertilização	Manutenção	16,08				X			X		X					
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	5,43				X			X			X				X
					Seleção de varas	Manutenção	16,08				X	X									X
Balsinhas	BALSIT02	Eucalyptus globulus	2005	Produção	Corte final	Exploração florestal	42,93	X										X			
					Fertilização	Manutenção	42,93			X		X		X						X	
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	6,88		X			X			X				X		
					Seleção de varas	Manutenção	42,93		X	X									X	X	
Balsinhas	BALSIT03	Eucalyptus globulus	2005	Produção	Corte final	Exploração florestal	176,25		X										X		
					Fertilização	Manutenção	176,25				X		X		X						X
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	89,37			X			X			X				X	
					Seleção de varas	Manutenção	176,25			X	X									X	X
Balsinhas	BALSIT04	Eucalyptus globulus	2006	Produção	Corte final	Exploração florestal	10,61				X										X
					Fertilização	Manutenção	10,61	X					X		X		X				
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	1,56					X			X			X			
					Seleção de varas	Manutenção	10,61					X	X								
Balsinhas	BALSIT05	Eucalyptus globulus	2008	Produção	Corte final	Exploração florestal	78,24						X								
					Fertilização	Manutenção	78,24		X						X		X		X		
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	46,71		X					X			X			X	
					Seleção de varas	Manutenção	78,24							X	X						
Balsinhas	BALSIT06	Eucalyptus globulus	2008	Produção	Corte final	Exploração florestal	43,33							X							
					Fertilização	Manutenção	43,33		X							X		X		X	
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	6,35		X						X			X			X
					Seleção de varas	Manutenção	43,33								X	X					
Balsinhas	BALSIT07	Eucalyptus globulus	2009	Produção	Corte final	Exploração florestal	31,54								X						
					Fertilização	Manutenção	31,54	X		X							X		X		X
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	5,93			X						X			X		
					Seleção de varas	Manutenção	31,54									X	X				
Balsinhas	BALSIT08	E. globulus (linha água)		Proteção	Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	21,33										X				
					Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	3,78	X					X					X			X
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	21,33										X				
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	21,33										X				
Balsinhas	BALSIT09	Quercus suber	1960	Conservação	Extração de cortiça	Exploração florestal	19,02							X							
					Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	2,45	X					X					X			X
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	19,02				X									X	
					Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	13,36	X					X					X			X
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	13,41			X										X	
Balsinhas	BALSIT11	Pinus pinaster	2008	Produção	Desbaste	Exploração florestal	3,88											X			
Balsinhas	BALSIT12	Galeria ripícola		Proteção	Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	6,21	X					X					X			X
Balsinhas	BALSIT13	Matos		Sem função	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	46,71										X				
Balsinhas	BALSIT14	Ponto de água		Sem função	Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	1,54	X					X					X			X
Balsinhas	BALSIT14	Ponto de água		Sem função	Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,12	X					X					X			X
Barradas	BARRAT01	Eucalyptus globulus	2006	Produção	Corte final	Exploração florestal	19,09				X										X
					Fertilização	Manutenção	19,09	X					X		X		X				
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	19,05					X			X			X			
					Seleção de varas	Manutenção	19,09					X	X								
Barradas	BARRAT02	Eucalyptus globulus	2007	Produção	Corte final	Exploração florestal	18,69						X								
					Fertilização	Manutenção	18,69	X							X		X		X		
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	18,55							X			X			X	
					Seleção de varas	Manutenção	18,69							X	X						

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIIS NO SUL DO PAÍS

UG	Talhão	Ocupação	Ano plantação	Função	Operação	Tipo de operação	Área (ha)	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027
Barradas	BARRAT03	E. globulus (linha água)		Proteção	Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	3,63		X												
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	3,63		X												
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	3,63		X												
Barradas	BARRAT04	E. globulus (conservação)	2006	Conservação	Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	1,45		X					X			X				X
Barradas	BARRAT05	Quercus suber	1960	Conservação	Extração de cortiça	Exploração florestal	3,14							X							
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	3,14				X									X	
Barradas	BARRAT06	Galeria ripícola		Proteção	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	2,78		X												
					Corte final	Exploração florestal	0,56		X										X		
Barranco da Madeira	BAMADT01	Eucalyptus globulus	1960	Produção	Fertilização	Manutenção	0,56				X		X		X						X
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,56			X			X			X				X	
					Seleção de varas	Manutenção	0,56			X	X									X	X
Barranco da Madeira	BAMADT02	Eucalyptus globulus	2008	Produção	Corte final	Exploração florestal	7,77						X								
					Fertilização	Manutenção	7,77		X						X		X		X		
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	7,74		X					X			X			X	
Barranco da Madeira	BAMADT03	E. globulus (linha água)		Proteção	Seleção de varas	Manutenção	7,77							X	X						
					Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	1,12							X							
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	1,12							X							
Barranco do Cão e da Galé	BACAO01	Eucalyptus globulus	2007	Produção	Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	1,12							X							
					Corte final	Exploração florestal	50,43				X										X
					Fertilização	Manutenção	50,43	X					X		X		X				
Barranco do Cão e da Galé	BACAO02	E. globulus (linha água)		Proteção	Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	50,30	X				X			X			X			
					Seleção de varas	Manutenção	50,43					X	X								
					Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	6,48							X							
Barranco do Cão e da Galé	BACAO03	Quercus suber	2007	Conservação	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	6,48							X							
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	6,48							X							
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	0,52			X										X	
Barranco do Cão e da Galé	BACAO05	Galeria ripícola		Proteção	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	4,09						X								
Barranco do Carvalho	BACART01	Eucalyptus globulus	2009	Produção	Corte final	Exploração florestal	8,73							X							
					Fertilização	Manutenção	8,73	X		X						X		X		X	
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	8,71			X					X			X			X
Barranco do Carvalho	BACART02	Quercus suber	1960	Conservação	Seleção de varas	Manutenção	8,73								X	X					
					Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,12			X								X			X
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	0,39			X									X		
Barranco do Carvalho	BACART03	Quercus canariensis	2009	Conservação	Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,24			X								X			X
Barranco do Carvalho	BACART04	Castanea sativa	2009	Conservação	Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,29			X								X			X
Barranco do Carvalho	BACART05	Galeria ripícola		Proteção	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	0,40		X												
Barranco do Carvalho	BACART06	Matos		Sem função	Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,14			X						X			X		X
Barranco do Castanheiro	BACAST01	Eucalyptus globulus	2012	Produção	Corte final	Exploração florestal	11,38										X				
					Fertilização	Manutenção	11,38	X		X		X							X		X
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	11,36			X			X					X			X
Barranco do Castanheiro	BACAST02	E. globulus (linha água)		Proteção	Poda de correção	Manutenção	11,38	X													
					Seleção de varas	Manutenção	11,38											X	X		
					Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	6,16									X					
Barranco do Castanheiro	BACAST02	E. globulus (linha água)		Proteção	Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	4,49			X			X			X					X
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	6,16									X					
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	6,16									X					
Besteiros	BESTT01	Eucalyptus globulus	2008	Produção	Corte final	Exploração florestal	22,11							X							
					Fertilização	Manutenção	22,11		X							X		X		X	
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	21,83		X							X		X			X
Besteiros	BESTT02	E. globulus (linha água)		Proteção	Seleção de varas	Manutenção	22,11								X	X					
					Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	2,80									X					
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	2,80									X					
Besteiros	BESTT03	Quercus suber	1960	Conservação	Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	2,80									X					
Besteiros	BESTT04	Quercus suber	2009	Conservação	Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	0,20				X										X
							0,74				X										X

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIIS NO SUL DO PAÍS

UG	Talhão	Ocupação	Ano plantação	Função	Operação	Tipo de operação	Área (ha)	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027
Botelhão	BOTELT01	Eucalyptus globulus	2012	Produção	Corte final	Exploração florestal	75,28										X				
					Fertilização	Manutenção	75,28	X		X		X							X		X
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	71,50			X		X						X			X
					Poda de correção	Manutenção	72,57	X													
					Seleção de varas	Manutenção	75,28											X	X		
Botelhão	BOTELT02	E. globulus (linha água)		Proteção	Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	11,99								X						
					Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,85			X		X			X		X				X
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	11,99								X						
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	11,99								X						
Botelhão	BOTELT03	Quercus suber	1960	Conservação	Extração de cortiça	Exploração florestal	12,50									X					
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	12,50						X								
Botelhão	BOTELT04	Quercus suber	2013	Conservação	Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	0,78				X										X
Brejo Fundo	BREJOT01	Eucalyptus globulus	2008	Produção	Corte final	Exploração florestal	6,33						X								
					Fertilização	Manutenção	6,33		X						X		X		X		
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	6,31		X				X				X			X	
					Seleção de varas	Manutenção	6,33							X	X						
Brejo Fundo	BREJOT03	Galeria ripícola		Proteção	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	1,43								X						
Cabanas	CABANT01	Eucalyptus globulus	2009	Produção	Corte final	Exploração florestal	12,06							X							
					Fertilização	Manutenção	12,06		X							X		X		X	
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	12,04			X					X			X			X
					Seleção de varas	Manutenção	12,06								X	X					
Cabanas	CABANT02	Galeria ripícola		Proteção	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	1,25								X						
Caeiro	CAEIRT01	Eucalyptus globulus	2006	Produção	Corte final	Exploração florestal	8,93				X										X
					Fertilização	Manutenção	8,93	X					X		X		X				
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	8,91					X			X			X			
					Seleção de varas	Manutenção	8,93					X	X								
Caeiro	CAEIRT02	E. globulus (linha água)	(em branco)	Proteção	Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	0,44		X												
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	0,44		X												
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	0,44		X												
Caeiro	CAEIRT03	Quercus suber	1960	Conservação	Extração de cortiça	Exploração florestal	1,22						X								
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	1,22												X		
Caeiro	CAEIRT04	Galeria ripícola		Proteção	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	1,60		X												
Cerca Velha	CERCAT01	Eucalyptus globulus	2010	Produção	Corte final	Exploração florestal	30,07									X					
					Fertilização	Manutenção	30,07	X		X								X		X	
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	30,03	X			X						X			X	
					Seleção de varas	Manutenção	30,07										X	X			
Cerca Velha	CERCAT02	Quercus suber	1960	Conservação	Extração de cortiça	Exploração florestal	9,76							X							
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	9,76				X									X	
Cerca Velha	CERCAT03	Quercus canariensis	2011	Conservação	Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	1,30				X						X			X	
Choça	CHOCAT01	Eucalyptus globulus	2007	Produção	Corte final	Exploração florestal	35,84					X									
					Fertilização	Manutenção	35,84	X						X		X		X			
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	35,78						X			X			X		
					Seleção de varas	Manutenção	35,84						X	X							
Choça	CHOCAT02	Eucalyptus globulus	2007	Produção	Corte final	Exploração florestal	35,51						X								
					Fertilização	Manutenção	35,51	X							X		X		X		
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	35,45							X			X			X	
					Seleção de varas	Manutenção	35,51							X	X						
Choça	CHOCAT03	Eucalyptus globulus	2008	Produção	Corte final	Exploração florestal	18,32							X							
					Fertilização	Manutenção	18,32		X							X		X		X	
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	18,30		X						X		X				X
					Seleção de varas	Manutenção	18,32								X	X					
Choça	CHOCAT04	E. globulus (linha água)		Proteção	Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	5,34			X											
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	5,34			X											
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	5,34			X											
Choça	CHOCAT05	Quercus suber	2008	Conservação	Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	0,35								X						

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIIS NO SUL DO PAÍS

UG	Talhão	Ocupação	Ano plantação	Função	Operação	Tipo de operação	Área (ha)	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027
Chocha	CHOCAT06	Galeria ripícola		Proteção	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	20,77			X											
					Corte final	Exploração florestal	28,67			X										X	
Cotofo	COTOFT01	Eucalyptus globulus	2006	Produção	Fertilização	Manutenção	28,67	X				X		X		X					
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	28,60				X			X			X				X
					Seleção de varas	Manutenção	28,67				X	X									X
Cotofo	COTOFT02	E. globulus (linha água)		Proteção	Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	4,37									X					
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	4,37									X					
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	4,37									X					
Eira da Palha	EIRAPT01	Eucalyptus globulus	2008	Produção	Corte final	Exploração florestal	22,68						X								
					Fertilização	Manutenção	22,68	X							X		X		X		
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	22,63		X					X			X			X	
					Seleção de varas	Manutenção	22,68							X	X						
Eira da Palha	EIRAPT02	E. globulus (linha água)		Proteção	Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	0,61							X							
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	0,61							X							
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	0,61							X							
Eira da Palha	EIRAPT03	Quercus suber	1960	Conservação	Extração de cortiça	Exploração florestal	0,35			X									X		
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	0,35									X					
Eira da Palha	EIRAPT04	Galeria ripícola		Proteção	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	2,14							X							
Embarradouro de Cima	EMBART01	Eucalyptus globulus	2005	Produção	Corte final	Exploração florestal	28,74	X										X			
					Fertilização	Manutenção	28,74			X		X		X						X	
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	28,47		X			X			X				X		
					Seleção de varas	Manutenção	28,74		X	X									X	X	
Embarradouro de Cima	EMBART02	E. globulus (linha água)		Proteção	Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	5,11			X											
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	5,11			X											
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	5,11			X											
Embarradouro de Cima	EMBART03	Quercus suber	2008	Conservação	Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	1,55					X			X				X		
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	1,55								X						
Estrecadas	ESTRET01	Eucalyptus globulus	2012	Produção	Corte final	Exploração florestal	3,61										X				
					Fertilização	Manutenção	3,61	X		X		X							X		X
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	3,59			X			X					X			X
					Poda de correção	Manutenção	3,61	X													
					Seleção de varas	Manutenção	3,61											X	X		
Estrecadas	ESTRET02	E. globulus (linha água)		Proteção	Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	0,51							X							
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	0,51							X							
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	0,51							X							
Estrecadas	ESTRET03	Quercus suber	1960	Conservação	Extração de cortiça	Exploração florestal	1,86										X				
					Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,20			X			X					X			X
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	1,86						X								
Estrecadas	ESTRET04	Quercus canariensis	2013	Conservação	Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,16			X			X					X			X
Fornalha	FORNAT01	Eucalyptus globulus	2007	Produção	Corte final	Exploração florestal	18,85					X									
					Fertilização	Manutenção	18,85	X						X		X		X			
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	18,45						X			X			X		
					Seleção de varas	Manutenção	18,85						X	X							
Fornalha	FORNAT02	Eucalyptus globulus	2009	Produção	Corte final	Exploração florestal	4,08			X					X						
					Fertilização	Manutenção	4,08										X		X		X
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	4,06			X						X			X		
					Seleção de varas	Manutenção	4,08									X	X				
Fornalha	FORNAT03	E. globulus (linha água)		Proteção	Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	2,10			X											
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	2,10			X											
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	2,10			X											
Fornalha	FORNAT04	Quercus suber	2009	Conservação	Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,52						X			X			X		
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	0,52								X						
Fornalha	FORNAT05	Galeria ripícola		Proteção	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	3,66			X											
Fornalha	FORNAT06	Aceiro		Sem função	Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	1,79						X			X			X		

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIS NO SUL DO PAÍS

UG	Talhão	Ocupação	Ano plantação	Função	Operação	Tipo de operação	Área (ha)	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027
Foz do Zevinho	FOZZET01	Eucalyptus globulus	2010	Produção	Corte final	Exploração florestal	6,41								X						
					Fertilização	Manutenção	6,41	X		X							X		X		X
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	6,39				X					X			X		
					Seleção de varas	Manutenção	6,41									X	X				
Foz do Zevinho	FOZZET02	Quercus suber	1960	Conservação	Extração de cortiça	Exploração florestal	2,11							X							
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	2,11				X									X	
Foz do Zevinho	FOZZET03	Galeria ripícola		Proteção	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	0,61			X											
					Corte final	Exploração florestal	11,05	X										X			
Guená	GUENAT01	Eucalyptus globulus	2005	Produção	Fertilização	Manutenção	11,05			X		X		X						X	
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	11,02		X			X			X				X		
					Seleção de varas	Manutenção	11,05		X	X									X	X	
					Corte final	Exploração florestal	5,84				X										X
Guená	GUENAT02	Eucalyptus globulus	2006	Produção	Fertilização	Manutenção	5,84	X					X		X		X				
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	5,47					X			X			X			
					Seleção de varas	Manutenção	5,84					X	X					X			
					Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	1,38		X												
Guená	GUENAT03	E. globulus (linha água)		Proteção	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	1,38		X												
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	1,38		X												
Guená	GUENAT04	E. globulus (proteção)	1970	Proteção	Corte final	Exploração florestal	2,92	X													
					Desmolda	Manutenção valores naturais	2,92		X	X											
					Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	2,91		X			X			X				X		
					Corte final	Exploração florestal	55,44								X						
Herdade da Cascalheira	HERCAT01	Eucalyptus globulus	2009	Produção	Fertilização	Manutenção	55,44	X		X							X		X		X
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	28,41			X						X			X		
					Seleção de varas	Manutenção	55,44									X	X				
					Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	5,63					X									
Herdade da Cascalheira	HERCAT02	E. globulus (linha água)		Proteção	Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	2,46			X			X			X			X		
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	5,63					X									
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	5,63					X									
					Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	1,25			X						X			X		
Herdade da Cascalheira	HERCAT03	Quercus suber	1960	Conservação	Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	1,25					X									
					Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,84			X						X			X		
Herdade da Cascalheira	HERCAT04	Quercus suber	2009	Conservação	Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	0,85								X						
					Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	2,06			X						X			X		
Herdade da Cascalheira	HERCAT05	Galeria ripícola		Proteção	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	6,90					X									
					Corte final	Exploração florestal	27,60					X									
					Fertilização	Manutenção	27,60	X						X		X			X		
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	27,55						X			X			X		
Lameiro	LAMEIT01	Eucalyptus globulus	2007	Produção	Seleção de varas	Manutenção	27,60						X	X							
					Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,95						X			X			X		
Lameiro	LAMEIT02	Matos		Conservação	Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,95						X			X			X		
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	4,57					X									
Macheirinha	MACHET01	Eucalyptus globulus	2007	Produção	Corte final	Exploração florestal	11,31					X									
					Fertilização	Manutenção	11,31	X						X		X		X			
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	11,30						X			X			X		
					Seleção de varas	Manutenção	11,31						X	X							
Macheirinha	MACHET02	E. globulus (linha água)		Proteção	Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	0,34							X							
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	0,34							X							
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	0,34							X							
					Extração de cortiça	Exploração florestal	1,15							X							
Macheirinha	MACHET03	Quercus suber	1960	Conservação	Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	1,15				X									X	
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	0,65							X							
					Corte final	Exploração florestal	52,96									X					
					Fertilização	Manutenção	52,96	X		X									X		X
Marianes	MARIAT01	Eucalyptus globulus	2009	Produção	Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	23,23	X		X							X			X	
					Seleção de varas	Manutenção	52,96										X	X			

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIIS NO SUL DO PAÍS

UG	Talhão	Ocupação	Ano plantação	Função	Operação	Tipo de operação	Área (ha)	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027
Marianes	MARIAT02	E. globulus (linha água)		Proteção	Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	4,83							X							
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	4,83							X							
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	4,83							X							
Marianes	MARIAT03	Quercus suber	1960	Conservação	Extração de cortiça	Exploração florestal	0,97							X							
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	0,97				X									X	
Marianes	MARIAT04	Quercus suber	2009	Conservação	Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	2,29			X							X			X	
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	3,51								X						
Marianes	MARIAT05	Galeria ripícola		Proteção	Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,90			X							X			X	
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	2,13							X							
Mariolia	MARIOT01	Eucalyptus globulus	2005	Produção	Corte final	Exploração florestal	18,06			X										X	
					Fertilização	Manutenção	18,06	X				X		X		X					
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	18,03				X			X			X				X
					Seleção de varas	Manutenção	18,06				X	X									X
Mariolia	MARIOT02	Eucalyptus globulus	2008	Produção	Corte final	Exploração florestal	17,78						X								
					Fertilização	Manutenção	17,78		X						X		X		X		
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	17,76		X					X			X			X	
					Seleção de varas	Manutenção	17,78							X	X						
Mariolia	MARIOT03	E. globulus (linha água)		Proteção	Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	1,67		X												
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	1,67		X												
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	1,67		X												
Mariolia	MARIOT04	Quercus suber	2008	Conservação	Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,79				X						X				X
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	0,80							X							
Mariolia	MARIOT06	Galeria ripícola		Proteção	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	0,41		X												
Moitas	MOITAT01	Eucalyptus globulus	2006	Produção	Corte final	Exploração florestal	44,50				X										X
					Fertilização	Manutenção	44,50	X					X		X		X				
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	44,41					X			X			X			
					Seleção de varas	Manutenção	44,50					X	X								
Moitas	MOITAT02	E. globulus (linha água)		Proteção	Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	5,29		X												
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	5,29		X												
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	5,29		X												
Moitas	MOITAT03	Quercus suber	1960	Conservação	Extração de cortiça	Exploração florestal	0,99			X			X						X		
					Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,99					X			X			X			
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	0,99									X					
Moitas	MOITAT04	Galeria ripícola		Proteção	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	1,14		X												
Monte Novinho	MNTNVT01	Eucalyptus globulus	2009	Produção	Corte final	Exploração florestal	45,16							X							
					Fertilização	Manutenção	45,16	X		X						X		X		X	
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	17,93			X					X			X			X
					Seleção de varas	Manutenção	45,16								X	X					
Monte Novinho	MNTNVT02	Eucalyptus globulus	2009	Produção	Corte final	Exploração florestal	52,34								X						
					Fertilização	Manutenção	52,34	X		X							X		X		X
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	29,20			X						X			X		
					Seleção de varas	Manutenção	52,34									X	X				
Monte Novinho	MNTNVT03	E. globulus (linha água)		Proteção	Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	13,79				X										
					Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,71			X		X				X			X		
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	13,79				X										
Monte Novinho	MNTNVT04	Quercus suber	1960	Conservação	Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	13,79				X										
					Extração de cortiça	Exploração florestal	13,51		X				X					X			
Monte Novinho	MNTNVT05	Galeria ripícola		Proteção	Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	13,51		X				X								
					Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,78			X						X			X		
Mourão	MOURAT01	Eucalyptus globulus	2006	Produção	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	4,89				X										
					Corte final	Exploração florestal	61,83			X										X	
					Fertilização	Manutenção	61,83	X				X		X		X					
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	61,72				X			X			X				X
					Seleção de varas	Manutenção	61,83				X	X									X

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIS NO SUL DO PAÍS

UG	Talhão	Ocupação	Ano plantação	Função	Operação	Tipo de operação	Área (ha)	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027
Mourão	MOURAT02	E. globulus (linha água)		Proteção	Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	6,00					X									
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	6,00					X									
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	6,00					X									
Mourão	MOURAT03	Quercus suber	1960	Conservação	Extração de cortiça	Exploração florestal	1,37							X							
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	1,37				X									X	
Mourão	MOURAT04	Galeria ripícola		Proteção	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	5,03					X									
Nevoeira	NEVOET01	Eucalyptus globulus	2014	Produção	Adubação à instalação	Instalação	23,13	X													
					Corte final	Exploração florestal	23,13										X				
					Fertilização	Manutenção	23,13		X		X		X						X		X
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	23,07					X			X			X			X
					Plantação	Instalação	23,13	X													
					Poda de correção	Manutenção	23,13			X											
					Preparação de terreno	Instalação	23,13	X													
					Seleção de varas	Manutenção	23,13											X	X		
					Corte final	Exploração florestal	20,84				X										X
Parras	PARRAT01	Eucalyptus globulus	2006	Produção	Fertilização	Manutenção	20,84	X					X		X		X				
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	20,81					X			X			X			
					Seleção de varas	Manutenção	20,84					X	X								
					Corte final	Exploração florestal	20,18	X										X			
Parras	PARRAT02	Eucalyptus globulus	2004	Produção	Fertilização	Manutenção	20,18			X		X		X							X
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	20,15		X			X			X				X		
					Seleção de varas	Manutenção	20,18		X	X									X	X	
					Corte final	Exploração florestal	4,96			X				X					X		
Parras	PARRAT03	Quercus suber	1960	Conservação	Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	4,96			X				X							
					Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,21					X			X			X			
Parras	PARRAT04	Quercus suber	2006	Conservação	Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	0,30			X										X	
Parras	PARRAT05	Galeria ripícola		Proteção	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	1,48	X													
Parras	PARRAT07	Matos		Sem função	Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,42					X			X			X			
Pau e Corna	PAUCOT01	Eucalyptus globulus	2009	Produção	Corte final	Exploração florestal	51,92								X						
					Fertilização	Manutenção	51,92	X		X							X		X		X
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	16,77			X						X			X		
					Seleção de varas	Manutenção	51,92									X	X				
Pau e Corna	PAUCOT02	Eucalyptus globulus	2009	Produção	Corte final	Exploração florestal	128,42								X						
					Fertilização	Manutenção	128,42	X		X								X		X	
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	87,45			X							X			X	
					Seleção de varas	Manutenção	128,42										X	X			
Pau e Corna	PAUCOT03	Quercus rotundifolia	1960	Conservação	Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	0,38		X										X		
Pau e Corna	PAUCOT04	Quercus suber	2008	Conservação	Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	11,28			X							X				X
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	11,29								X						
Pau e Corna	PAUCOT05	Aceiro		Sem função	Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	4,63			X							X			X	
Pau e Corna	PAUCOT06	Galeria ripícola		Proteção	Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	8,10			X								X		X	
Pedra Branca	PEDRAT01	Eucalyptus globulus	2008	Produção	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	47,10								X						
					Corte final	Exploração florestal	12,22						X								
					Fertilização	Manutenção	12,22		X						X			X		X	
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	11,77		X					X			X			X	
Pedra Branca	PEDRAT02	E. globulus (linha água)		Proteção	Seleção de varas	Manutenção	12,22							X	X						
					Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	0,61							X							
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	0,61							X							
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	0,61							X							
Pedra Branca	PEDRAT03	Galeria ripícola		Proteção	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	1,84							X							
Poldreiras	POLDRT01	Eucalyptus globulus	2007	Produção	Corte final	Exploração florestal	7,40						X								
					Fertilização	Manutenção	7,40	X											X		
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	7,34							X			X			X	
					Seleção de varas	Manutenção	7,40							X	X						

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIS NO SUL DO PAÍS

UG	Talhão	Ocupação	Ano plantação	Função	Operação	Tipo de operação	Área (ha)	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027
Poldreiras	POLDRT02	E. globulus (linha água)		Proteção	Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	0,53							X							
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	0,53							X							
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	0,53							X							
Pomar	POMART01	Eucalyptus globulus	1993	Produção	Adubação à instalação	Instalação	28,61													X	
					Corte final	Exploração florestal	28,61		X										X		
					Fertilização	Manutenção	28,61				X		X		X						X
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	16,19			X			X		X						
					Plantação	Instalação	28,61													X	
					Preparação de terreno	Instalação	28,61												X		
					Seleção de varas	Manutenção	28,61			X	X										
Pomar	POMART02	Eucalyptus globulus	2004	Produção	Corte final	Exploração florestal	42,21	X										X			
					Fertilização	Manutenção	42,21			X		X		X						X	
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	18,96		X			X			X				X		
					Seleção de varas	Manutenção	42,21		X	X									X	X	
Pomar	POMART03	Galeria ripícola		Proteção	Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	3,68			X			X			X					
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	3,73							X							
Pomar	POMART04	Olea europea		Sem função	Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,22			X			X			X					
Pomar do Varela Sul	POMVST01	Eucalyptus globulus	1993	Produção	Adubação à instalação	Instalação	18,98												X		
					Corte final	Exploração florestal	18,98	X										X			
					Fertilização	Manutenção	18,98			X		X		X						X	
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	18,10		X			X			X						
					Plantação	Instalação	18,98												X		
					Poda de correção	Manutenção	18,98														X
					Preparação de terreno	Instalação	18,98											X			
Pomar do Varela Sul	POMVST02	Eucalyptus globulus	2005	Produção	Seleção de varas	Manutenção	18,98		X	X											
					Corte final	Exploração florestal	43,40			X										X	
					Fertilização	Manutenção	43,40	X				X		X		X					
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	15,65				X			X			X				X
Pomar do Varela Sul	POMVST03	Eucalyptus globulus	2011	Produção	Seleção de varas	Manutenção	43,40				X	X									X
					Corte final	Exploração florestal	22,58										X				
					Fertilização	Manutenção	22,58		X		X								X		X
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	16,77		X			X						X			X
Pomar do Varela Sul	POMVST04	E. globulus (linha água)		Proteção	Seleção de varas	Manutenção	22,58											X	X		
					Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	1,51							X							
					Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,66		X			X		X				X			X
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	1,51							X							
Pomar do Varela Sul	POMVST06	Galeria ripícola		Proteção	Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	1,51							X							
Pomar do Varela Sul	POMVST07	Matos		Sem função	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	4,70							X							
Romeiras	ROMEIT01	Eucalyptus globulus	2009	Produção	Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,42		X			X						X			X
					Corte final	Exploração florestal	15,69							X							
					Fertilização	Manutenção	15,69		X							X		X		X	
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	15,66			2								X			X
Romeiras	ROMEIT02	E. globulus (linha água)		Proteção	Seleção de varas	Manutenção	15,69								X	X					
					Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	2,47					X									
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	2,47					X									
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	2,47					X									
Romeira e Desmoitadas	ROMDET01	Eucalyptus globulus	2004	Produção	Corte final	Exploração florestal	3,64		X										X		
					Fertilização	Manutenção	3,64				X		X		X						X
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	3,60			X			X			X				X	
					Seleção de varas	Manutenção	3,64			X	X									X	X
Romeira e Desmoitadas	ROMDET02	Eucalyptus globulus	2005	Produção	Corte final	Exploração florestal	40,03	X										X			
					Fertilização	Manutenção	40,03			X		X		X						X	
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	11,08		X			X			X				X		
					Seleção de varas	Manutenção	40,03		X	X									X	X	

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIIS NO SUL DO PAÍS

UG	Talhão	Ocupação	Ano plantação	Função	Operação	Tipo de operação	Área (ha)	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027
Romeira e Desmoitadas	ROMDET03	Eucalyptus globulus	2005	Produção	Corte final	Exploração florestal	41,12			X										X	
					Fertilização	Manutenção	41,12	X				X		X		X					
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	24,17				X			X			X				X
					Seleção de varas	Manutenção	41,12				X	X									X
Romeira e Desmoitadas	ROMDET04	Eucalyptus globulus	2006	Produção	Corte final	Exploração florestal	6,41				X										X
					Fertilização	Manutenção	6,41	X					X		X		X				
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	6,40					X			X			X			
					Seleção de varas	Manutenção	6,41					X	X								
Romeira e Desmoitadas	ROMDET05	E. globulus (linha água)		Proteção	Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	6,39						X								
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	6,39						X								
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	6,39						X								
Romeira e Desmoitadas	ROMDET06	Quercus suber	1960	Conservação	Extração de cortiça	Exploração florestal	26,51			X				X					X		
					Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	13,42				X			X			X				X
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	26,51						X					X			
Romeira e Desmoitadas	ROMDET07	Galeria ripícola		Proteção	Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	3,09				X			X			X				X
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	8,48					X									
Romeira e Desmoitadas	ROMDET08	Matos			Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,87				X			X			X				X
Três Malhões	TRESMT01	Eucalyptus globulus	2006	Produção	Corte final	Exploração florestal	27,30				X										X
					Fertilização	Manutenção	27,30	X					X		X		X				
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	26,52					X			X			X			
					Seleção de varas	Manutenção	27,30					X	X								
Três Malhões	TRESMT02	E. globulus (linha água)		Proteção	Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	1,18							X							
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	1,18							X							
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	1,18							X							
Três Malhões	TRESMT03	Quercus suber	1960	Conservação	Extração de cortiça	Exploração florestal	16,18							X							
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	16,18				X								X		
Três Malhões	TRESMT05	Galeria ripícola		Proteção	Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	4,00							X							
					Corte final	Exploração florestal	41,92							X							
Vale da Torre	VALETT01	Eucalyptus globulus	2009	Produção	Fertilização	Manutenção	41,92	X		X						X		X		X	
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	24,74			X					X			X			X
					Seleção de varas	Manutenção	41,92								X	X					
Vale da Torre	VALETT02	Eucalyptus globulus	2011	Produção	Corte final	Exploração florestal	7,96										X				
					Fertilização	Manutenção	7,96		X		X								X		X
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	7,85		X			X						X			X
					Seleção de varas	Manutenção	7,96											X	X		
Vale da Torre	VALETT03	Eucalyptus dunni	2011	Produção	Corte final	Exploração florestal	1,12										X				
					Fertilização	Manutenção	1,12		X		X								X		X
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	1,12		X			X						X			X
					Seleção de varas	Manutenção	1,12											X	X		
Vale da Torre	VALETT04	E. globulus (linha água)		Proteção	Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	0,44								X						
					Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,31			X					X			X			X
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	0,44								X						
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	0,44								X						
Vale da Torre	VALETT05	Quercus suber	1960	Conservação	Extração de cortiça	Exploração florestal	9,56									X					
					Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	2,72			X					X			X			X
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	9,56						X								
Vale da Torre	VALETT06	Pinus pinaster	1988	Produção	Desbaste	Exploração florestal	8,57			X								X			
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	1,38			X					X			X			X
Vale da Torre	VALETT07	Galeria ripícola		Proteção	Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	1,50			X					X			X			X
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	7,14								X						
Vale da Torre	VALETT09	Matos		Sem função	Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	3,40			X								X			X
Vale Fontes	VALETT01	Eucalyptus globulus	2006	Produção	Corte final	Exploração florestal	20,26				X										X
					Fertilização	Manutenção	20,26	X					X		X		X				
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	20,22					X			X			X			
					Seleção de varas	Manutenção	20,26					X	X								

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL PARA POVOAMENTOS DE EUCALIPTO CLONAIIS NO SUL DO PAÍS

UG	Talhão	Ocupação	Ano plantação	Função	Operação	Tipo de operação	Área (ha)	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027
Vale Fontes	VALEFT02	Eucalyptus globulus	2007	Produção	Corte final	Exploração florestal	111,13					X									
					Fertilização	Manutenção	111,13	X						X		X		X			
					Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	44,41						X			X			X		
					Seleção de varas	Manutenção	111,13						X	X							
Vale Fontes	VALEFT03	E. globulus (linha água)		Proteção	Aplicação de herbicida no cepo	Manutenção valores naturais	19,36	X													
					Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	3,00					X			X			X			
					Plantação espécies ripícolas	Manutenção valores naturais	19,36	X													
					Remoção de espécies exóticas	Exploração florestal	19,36	X													
Vale Fontes	VALEFT04	Quercus suber	2007	Conservação	Gestão manual de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,39						X			X			X		
					Poda de manutenção	Manutenção valores naturais	0,80						X								
Vale Fontes	VALEFT05	Matos		Sem função	Gestão mecânica de combustível	Gestão estratégica de combustível	0,71						X			X			X		
Total		Caminhos florestais			Manutenção rede viária	Manutenção rede viária	138 km	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X